

Egitania
s c i e n c i a

ANO 8; NOV.-MAI.; ISSN: 1646-8848

14



número 14

2 0 1 4

Egitania s c i e n c i a

A Revista EGITANIA SCIENCIA, propriedade do Instituto Politécnico da Guarda, é uma publicação periódica que materializa a permanente preocupação de apoiar, primordialmente, a atividade de investigação. Fomentar a investigação nos domínios da didática, pedagogia, cultura e técnica é o principal objetivo desta revista de divulgação científica.

The academic journal Egitania Sciencia, property of the Instituto Politécnico da Guarda (IPG), is a periodic publication that represents a constant commitment to support research activity. Its foremost objective is to give incentive to research in the areas of didactics & pedagogy, culture and technology.

La Revista EGITANIA SCIENCIA, es propiedad del Instituto Politécnico da Guarda, es una publicación periódica que expresa la permanente preocupación de dar apoyo, primordialmente, a la actividad de investigación. Fomentar la investigación en los domínios de la didáctica, pedagogía, cultura y técnica son los principales objetivos de la revista de divulgación científica.

Título

Egitania Sciencia

Direção

Teresa Paiva

Conselho Editorial

Mário Ascensão Passos (HAAGA-HELIA - Universidade de Ciências Aplicadas, Finlândia); Aytekim Isman (Universidade de Sakarya, Turquia); Constantino Rei (Instituto Politécnico da Guarda, Portugal); Ernesto Barceló (Instituto Colombiano de Neuropedagogia, Colômbia); Fernando Neves (Instituto Politécnico da Guarda, Portugal); Gonçalo Fernandes (Instituto Politécnico da Guarda, Portugal); Helder Sequeira (Instituto Politécnico da Guarda, Portugal); João Pedro de Almeida Couto (Universidade dos Açores, Portugal); Jorge Mendes (Instituto Politécnico da Guarda, Portugal); Marianna Sigala (Universidade de Aegean, Grécia); Phillip Rothwell (Universidade de Rutgers, E.U.A.); Pedro Tadeu (Instituto Politécnico da Guarda, Portugal); Peter Nijkamp (Universidade Free, Holanda); Teresa Paiva (Instituto Politécnico da Guarda, Portugal); Vítor Rojo (Universidade de Sevilha, Espanha); Vítor Santos (Universidade Nova de Lisboa, Portugal).

Comissão Científica

Disponível na página da revista, (*available in the webpage*).

Revisão Científica

Alcina Nunes (Instituto Politécnico de Bragança); Álvaro Rocha (Universidade de Coimbra); Amândio Pereira Baía (Instituto Politécnico da Guarda); Ana Fonseca (Instituto Politécnico da Guarda); Ana Paula Almeida (Profissional Agrícola Fernando Barros Leal); Ana Poças (Instituto Politécnico da Guarda); Carla Luís (Universidade da Beira Interior); Carlos Reis (Instituto Politécnico da Guarda); Elisabete Fernanda Mendes Duarte (Instituto Politécnico de Leiria); João José Serra Machado (Instituto Politécnico de Castelo Branco); José Adriano (Instituto Politécnico de Bragança); José Pires Manso (Universidade da Beira Interior); Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso (Instituto Politécnico de Portalegre); Manuela Ferreira (Instituto Politécnico de Viseu); Maria Angelina Sanches (Instituto Politécnico de Bragança); Maria del Carmen Martinez Serrano (Universidade de Jaén); Maria José Martins (Instituto Politécnico de Portalegre); Paulo Sanches (Instituto Politécnico de Coimbra); Zenita C. Guenther (Universidade Federal de Lavras).

Editores: Manuela Natário; Pedro Tadeu; Helder Sequeira

Revisão de provas: Ana Fonseca, Carmen Cardona, Cristina Rita Chaves

Propriedade: Instituto Politécnico da Guarda, Av. Dr. Francisco Sá Carneiro nº 50 | 6300-559 Guarda /Portugal

Contactos: Telf. 271 220 191 * Fax 271 222 690, Email: udigeral@ipg.pt; egitaneasciencia@ipg.pt

Endereço Web: <http://www.egitaneasciencia.ipg.pt>

Composição Gráfica: IPG

Versão digital /versão impressa, em papel reciclado, pelos Setor de Artes Gráficas do IPG

INSTITUIÇÃO INTERVENTIVA

Ao longo dos últimos anos, o Instituto Politécnico da Guarda tem promovido um considerável número de ações e atividades, com maior ou menor abrangência geográfica, que têm demonstrado a dinâmica, a preocupação com a qualidade, o alargamento das propostas formativas.

Essas iniciativas têm confirmado que, apesar das dificuldades resultantes do atual contexto económico-social, é possível, é desejável, é fundamental a realização de um trabalho com rigor, seriedade e qualidade no interior do país.

E não esqueçamos que o interior de Portugal apresenta assimetrias, a vários níveis, com o litoral; sobretudo ao nível da distribuição da população, da localização dos principais centros urbanos, do número de entidades empregadoras e da atividade económica em sentido lato. Estes indicadores, no seu conjunto, configuram uma realidade dual e profundamente assimétrica no país, com características estruturais.

Os estudos de natureza científica demonstram que as instituições de ensino superior representam um valor muito substancial para o país na globalidade e para cada região em particular, tanto do ponto de vista da qualificação que ministram, como também, e sobretudo, do ponto de vista dos efeitos positivos que geram para os territórios em que operam e que gravitam em torno da sua área de ação, num conjunto articulado de dimensões, onde se inclui a económica, a social, a demográfica e a cultural, em prol da desejada coesão territorial e social.

Daí o nosso empenho, permanente, em afirmarmos cada vez mais o papel do Instituto Politécnico da Guarda, que passa igualmente pela edição de publicações científicas, como é o caso desta Revista.

E aqui está mais uma proposta, no contexto desta publicação do IPG, certos de que o seu conteúdo merecerá uma leitura atenta da vossa parte.

Prof. Doutor Constantino Rei

Presidente do IPG

ÍNDICE

Nº 14, ANO 8; novembro – maio; 2014; ISSN: 1646-8848

- [9] ANA TERESA PEREIRA: A AUDÁCIA DE SER DIFERENTE
ANA TERESA PEREIRA: DARING TO BE DISTINCT
ANA TERESA PEREIRA: LA AUDACIA DE SER DIFERENTE
Anabela Sardo
- [30] DESAFIOS METAMODERNOS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
DESAFÍOS METAMODERNOS DE LA FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN
METAMODERN CHALLENGES FOR PHILOSOPHY OF EDUCATION
Carlos Sousa Reis e Maria das Dores Formosinho
- [45] TALENTO E DESEMPENHO ECONÓMICO NOS PAÍSES EUROPEUS: UMA
APLICAÇÃO DE EQUAÇÕES ESTRUTURAIS
TALENT AND ECONOMIC PERFORMANCE IN EUROPEAN COUNTRIES: A STRUCTURAL
EQUATION APPLICATION
TALENTO Y DESEMPEÑO ECONÓMICO EN LOS PAÍSES DE EUROPA: UNA APLICACIÓN
DE ECUACIONES ESTRUCTURALES
Ana Rita Cruz
- [72] REVERSÃO À MÉDIA NOS MERCADOS BOLSISTAS INTERNACIONAIS: DA
CRISE DAS EMPRESAS TECNOLÓGICAS À CRISE FINANCEIRA GLOBAL
MEAN REVERSION IN INTERNATIONAL STOCK MARKETS: FROM DOT-COM CRISIS TO
GLOBAL FINANCIAL CRISIS
REVERSIÓN A LA MEDIA EN LOS MERCADOS DE VALORES INTERNACIONALES: DE LA
CRISIS DE LAS EMPRESAS TECNOLÓGICAS A LA CRISIS FINANCIERA MUNDIAL
Vitor Manuel de Sousa Gabriel e José Ramos Pires Manso
- [88] O PAPEL DO OURO NA COBERTURA DO RISCO DA TAXA DE CÂMBIO
EURO-DÓLAR
GOLD AS A HEDGE AGAINST THE EURO-DOLLAR EXCHANGE RATE
EL PAPEL DEL ORO EN LA COBERTURA DEL RIESGO DE CAMBIO EURO-DÓLAR
Júlio Lobão e Juliana Teixeira
- [102] EMPREENDEDORISMO E ENSINO SUPERIOR POLITÉCNICO: CONTORNOS
DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA POLIEMPREENDE
ENTREPRENEURSHIP AND POLYTECHNIC HIGH EDUCATION: POLIEMPREENDE
PROGRAM EXECUTION
EMPREENDEDORISMO Y LA ENSEÑANZA SUPERIOR POLITÉCNICA: CONTORNOS DE
LA IMPLEMENTACIÓN DEL PROGRAMA POLIEMPREENDE
Luís Nuno Figueiredo e Sousa
- [128] RECOMENDAÇÕES DIETÉTICAS NA DIABETES: RIGOR DA INFORMAÇÃO E
QUALIDADE DOS SITES PORTUGUESES
DIETARY RECOMMENDATIONS IN DIABETES: INFORMATION ACCURACY AND QUALITY
OF PORTUGUESE WEBSITES
RECOMENDACIONES DIETÉTICAS EN LA DIABETES: EL RIGOR DE LA INFORMACIÓN Y
CALIDAD DE LOS SITIOS WEB PORTUGUESES
António José Gonçalves Fernandes, Jandira Paula Mandinga Menezes, Sara Patrícia Ferreira
de Sá, Vanessa Duarte Vidal, Véronique de Jesus Alves da Silva e Vera Alexandra Ferro
Lebres
- [145] POSTERGAMENTO E TRANSVASAMENTO NAS TRADUÇÕES ITALIANAS DE
A RELÍQUIA DE EÇA DE QUEIRÓS: EM CAUSA UMA ESTÉTICA DA IRONIA
NEGLECTION AND TRANSFERENCE IN THE ITALIAN TRANSLATIONS OF THE RELIC BY
EÇA DE QUEIRÓS: INTO QUESTION AN AESTHETIC OF IRONY
POSTERGAMENTO Y TRANSFERENCIA EN TRADUCCIONES AL ITALIANO DE LA
RELIQUIA DE EÇA DE QUEIRÓS: REFIERE UNA IRONÍA ESTÉTICA
Duarte Pinheiro

- [157] COMPETÊNCIA PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA - AUTOPERCEÇÃO DOS PROFESSORES DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE VISEU
PHYSICAL EDUCATION' PROFESSIONAL COMPETENCE - THE SELF-PERCEPTION ON ELEMENTARY AND SECONDARY LEVEL TEACHERS FROM THE DISTRICT OF VISEU
COMPETENCIA PROFESIONAL EN EDUCACIÓN FÍSICA – LA AUTOPERCEPCIÓN DE LOS PROFESORES DE EDUCACIÓN BÁSICA Y SECUNDARIA EN EL MUNICIPIO DE VISEU
Luiz Cláudio Almeida Queiroga e Carlos Manuel Francisco
- [173] DISCOURSES THAT MATTER: WOLE SOYINKA'S THEATRE AS A FORM OF REPRESENTING AND READING THE WORLD
DISCURSOS DE REFERÊNCIA: REPRESENTAÇÃO E LEITURA DO MUNDO ATRAVÉS DO TEATRO DE WOLE SOYINKA
DISCURSOS DE REFERENCIA: REPRESENTACIÓN Y LECTURA DEL MUNDO A TRAVÉS DEL TEATRO DE WOLE SOYINKA
Rosa Branca Figueiredo

ANA TERESA PEREIRA: A AUDÁCIA DE SER DIFERENTE

ANA TERESA PEREIRA: DARING TO BE DISTINCT

ANA TERESA PEREIRA: LA AUDACIA DE SER DIFERENTE

Anabela Sardo (asardo@ipg.pt)*

RESUMO:

O artigo que cuidámos escrever tem como objetivo basilar fazer uma abordagem genérica que permita seduzir o leitor que desconhece a obra da escritora portuguesa contemporânea nascida na Ilha da Madeira, Ana Teresa Pereira, desvendando-lhe algumas informações fundamentais sobre a mesma.

O que faremos é partir, essencialmente, do que a escritora diz de si própria nas entrevistas que vai dando, do que vai escrevendo e da análise dos seus próprios textos ficcionais ou ensaísticos, mencionando a obra publicada até 2012 e procurando caracterizar o seu universo peculiar e labiríntico.

Podemos afirmar que Ana Teresa Pereira tem vindo a construir, dentro da ficção portuguesa, uma obra sólida e coerente que conta com a publicação de mais de trinta títulos entre 1989 e 2012.

Palavras-chave: Ana Teresa Pereira, biografia, bibliografia, universo peculiar e labiríntico.

ABSTRACT:

This paper aims at making a fundamental approach that allows to seduce the reader, who is unaware of the work of the contemporary Portuguese writer born in Madeira Island, Ana Teresa Pereira, by unveiling some central information about herself.

This research is based, essentially, on what the writer says about herself in interviews that she has given, her writings and the analysis from her own fictional texts or essays, citing the work published until 2012 and looking forward to characterize its peculiar and labyrinthine universe.

One can assert that Ana Teresa Pereira has been building, within the Portuguese fiction, a strong and coherent work with the publication of over thirty titles between 1989 and 2012.

Keywords: Ana Teresa Pereira, biography, bibliography, peculiar and labyrinthine universe.

RESUMEN:

El artículo que consideramos escribir tiene como objetivo fundamental hacer un abordaje genérico que permita seducir al lector el cual desconoce la obra de la escritora portuguesa contemporánea nacida en la isla de Madeira, Ana Teresa Pereira, descubriéndole algunas informaciones esenciales sobre la misma.

Vamos a partir, esencialmente, de lo que la escritora dice de si misma en las entrevistas que da, de lo que escribe y del análisis de sus propios textos ficcionales o ensayísticos, mencionando la obra publicada hasta 2012 e intentando caracterizar su peculiar y laberíntico universo.

Podemos afirmar que Ana Teresa Pereira ha ido construyendo, dentro de la ficción portuguesa, una obra sólida y coherente que cuenta con la publicación de más de treinta títulos entre 1989 y 2012.

Palabras- clave: Ana Teresa Pereira, biografía, bibliografía, universo peculiar y laberíntico.

* Anabela Oliveira da Naia Sardo é doutora em Literatura Portuguesa, Mestre em Estudos Portugueses e, pela Universidade de Aveiro. Professora Adjunta da Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Instituto Politécnico da Guarda, exerce as funções de Diretora desta Escola desde 2009.

Submitted: 23th November 2012
Accepted: 31th May 2013

INTRODUÇÃO

O artigo que cuidámos escrever tem como objetivo basilar fazer uma abordagem genérica à obra da escritora portuguesa contemporânea Ana Teresa Pereira, nascida na Ilha da Madeira, que ganhou, em 2012, o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE).

O que faremos é partir, essencialmente, do que a escritora diz de si própria nas entrevistas que vai dando, do que vai escrevendo e da análise dos seus próprios textos ficcionais e/ou ensaísticos, mencionando a obra publicada até 2012 e procurando caracterizar o seu universo peculiar e labiríntico.

A OBRA E OS PRÉMIOS

Podemos afirmar que Ana Teresa Pereira tem vindo a construir, dentro da ficção portuguesa, uma obra sólida e coerente que conta com a publicação, entre 1989 e 2011, dos títulos que enumeramos a seguir:

- 1 - *Matar a Imagem* (1989);
- 2 - *As Personagens* (1990);
- 3 - *A Última História* (1991);
- 4 - *A Casa dos Pássaros* (1991);
- 5 - *A Casa da Areia* (1991);
- 6 - *A Casa dos Penhascos* (1991);
- 7 - *A Casa das Sombras* (1991);
- 8 - *A Casa do Nevoeiro* (1992);
- 9 - *A Cidade Fantasma* (1993);
- 10 - *Num Lugar Solitário* (1996);
- 11 - *Fairy Tales* (1996);
- 12 - *A Coisa que Eu Sou* (1997);
- 13 - *A Noite Mais Escura da Alma* (1997/98);
- 14 - *As Rosas Mortas* (1998);
- 15 - *O Rosto de Deus* (1999);
- 16 - *Se Eu Morrer Antes de Acordar* (2000);
- 17 - *Até que a Morte nos Separe* (2000);
- 18 - *O Vale dos Malditos* (2000);
- 19 - *A Dança dos Fantasmas* (2001);
- 20 - *A Linguagem dos Pássaros* (2001);
- 21 - *Intimações de Morte* (2002);
- 22 - *O Ponto de Vista dos Demónios* (2002);

- 23 - *Contos* (2003);
- 24 - *Se Nos Encontrarmos de Novo* (2004);
- 25 - *O Mar de Gelo* (2005);
- 26 - *O Sentido da Neve* (2005);
- 27 - *A Neve* (2006);
- 28 - *Histórias Policiais* (2006);
- 29 - *Quando Atravessares o Rio* (2007);
- 30 - *O Fim de Lizzie* (2008);
- 31 - *O Verão Selvagem dos Teus Olhos* (2008);
- 32 - *As Duas Casas* (2009);
- 33 - *O Fim de Lizzie e Outras Histórias* (2009);
- 34 - *Inverness* (2010);
- 35 - *A Outra* (2010);
- 36 - *A Pantera* (2011);
- 37 - *Los Monstruos; Os Monstros; Les Monstres* – edição trilingue (2011);
- 38 - *O Lago* (2011).

A obra tem sido reconhecida através da atribuição de prémios e menções honrosas. A escritora madeirense recebe, em 1989, o Prémio Caminho da Literatura Policial com o seu primeiro livro *Matar a Imagem*. Em 1990, com a publicação de *As Personagens*, é distinguida com a menção honrosa do Prémio Revelação de Ficção Associação Portuguesa de Escritores (APE)/PLB. Catorze anos mais tarde, em 2004, ganha o Prémio PEN Clube Português de Ficção (Ex-aequo)¹ com *Se nos Encontrarmos de Novo* e, em 2007, o Prémio Máxima de Literatura com *A Neve*. Este livro tinha recebido, em 2006, conforme se pode ler na página da ficha técnica do mesmo, o Prémio Edmundo Bettencourt, atribuído pela Câmara Municipal do Funchal. Em 2010, é novamente distinguida (de entre cento e quarenta e dois concorrentes), pelo júri do mesmo prémio, com o conto *A Outra*, apresentado sob o pseudónimo de Lara Croft. O júri justificou a escolha pela “beleza da história contada, o uso marcadamente literário e pessoal da linguagem, o domínio seguro e original da técnica narrativa, o ritmo narrativo acompanhado de força imagética e dimensão lúdica”. (Informação disponível em <http://www.publico.pt/Cultura/ana-teresa-pereira-vence-premio-edmundo-bettencourt-1439721>, consulta a 22/10/2011). Também neste mesmo ano, o livro *O Verão Selvagem dos Teus Olhos*

¹ Ana Teresa Pereira e José Tolentino de Mendonça foram contemplados, em 2005, com os prémios literários atribuídos pelo PEN Clube Português, nos géneros da ficção e do ensaio, respetivamente.

fica entre os dez finalistas do Prémio Literário Casino da Póvoa², que seria atribuído a Maria Velho da Costa com o livro *Myra*.

Em outubro de 2012, Ana Teresa Pereira vence o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE) com o livro *O Lago*, publicado em finais de 2011. A escritora foi uma das cinco finalistas do galardão de entre as cento e três obras admitidas ao concurso que é apoiado pela Secretaria de Estado da Cultura, pela Fundação Calouste Gulbenkian, pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, pelo Instituto Camões e pela Sociedade Portuguesa de Autores. Os outros quatro finalistas foram grandes nomes da literatura portuguesa contemporânea, a saber, Maria Teresa Horta, com *As Luzes de Leonor*, Mário Cláudio, com *Tiago Veiga – Uma Biografia*, Nuno Júdice, com *O Complexo de Sagitário* e Teolinda Gersão com *Cidade de Ulisses*.

É de realçar a importância da atribuição deste prémio que, ao longo dos anos, já distinguiu, entre outros, nomes como Vergílio Ferreira, António Lobo Antunes, Agostina Bessa-Luís, Francisco José Viegas e José Saramago.

José Manuel Gonçalves, membro e porta-voz do júri, declarou que *O Lago*

não é uma ruptura com a obra da escritora, mas revela uma certa novidade formal e até algum experimentalismo o que agradou ao júri. (...) O que gostámos naquele romance foi de uma certa novidade

² O Prémio Literário Casino da Póvoa, um galardão internacional, instituído em 2004, premeia autores dos vários países de língua portuguesa e de línguas hispânicas, com obras em 1ª. Edição, editadas em Portugal, excluindo-se as obras póstumas e ainda aquelas da autoria de galardoados com o Prémio Literário Casino da Póvoa nos últimos seis anos

Foram vencedores, em edições anteriores a 2010, os seguintes escritores:

- Lídia Jorge, *O Vento Assobiando nas Gruas* (2004);
- António Franco Alexandre, *Duende* (2005);
- Carlos Ruíz Záfon, *A Sombra do Vento* (2006);
- Ana Luísa Amaral, *A Génese do Amor* (2007);
- Ruy Duarte de Carvalho, *desmedida, luanda - s. paulo – s. francisco e volta* (2008);
- Gastão Cruz, *A Moeda do Tempo*, (2009);
- Maria Velho da Costa, *Myra* (2010),
- Pedro Tamen, *O Livro do Sapateiro*, (2011). (Informação disponível em <http://www.cm-pvarzim.pt/povoa-cultural/pelouro-cultural/areas-de-accao/povoa-cultural/pelouro-cultural/areas-de-accao/correntes-d-escritas/correntes-descritas-2010/premio-literario-casino-da-povoa>, consulta em 22/10/2011; e em <http://www.cm-pvarzim.pt/groups/staff/conteudo/noticias/correntes-d2019escritas-anuncia-premio-literario-para-2012>, consulta a 30 de janeiro de 2012).

formal e de um certo experimentalismo, que não é novo na sua obra do ponto de vista estrutural e formal [sic] (informação disponível em <http://rr.sapo.pt/printArticle.aspx?did=82519>, consulta a 25/10/2012)

No suplemento *Quociente de Inteligência*, do *Diário de Notícias* de 14 de janeiro, João Céu e Silva escreve sobre *O Lago* e refere que este livro “terá sido um dos últimos livros a ir para as livrarias na Época de Natal () e poucos leitores terão tido hipótese de descobrir [a novela] entre as últimas novidades de 2011” (Informação disponível em <http://relogiodaguaeditores.blogspot.pt/2012/01/relogio-dagua-no-diario-de-noticias-de.ht...>, consulta a 25/10/2012). Nesse mesmo artigo, Céu e Silva termina parafraseando a obra de Ana Teresa Pereira *Se Nos Encontrarmos de Novo*: “Talvez seja possível apreciar uma escritora por causa de um livro” (Informação disponível em <http://relogiodaguaeditores.blogspot.pt/2012/01/relogio-dagua-no-diario-de-noticias-de.ht...>, consulta a 25/10/2012). Esta asserção confirmou-se com a atribuição do prémio APE. Contudo, a propósito de Ana Teresa Pereira, podemos afirmar que a avaliação da qualidade e singularidade desta escritora se faz pelo conjunto de toda a obra publicada, exatamente pela audácia de ser diferente.

Para além dos contos, novelas e romances, que tem publicado desde 1998, Ana Teresa Pereira vai colaborando com diversos jornais e revistas (*Público*, *Expresso*, *Diário de Notícias - Funchal*, *Isleña*, *Margem 2*), de que destacamos as “crónicas” no suplemento *Mil Folhas*, coluna “A Quatro Mãos”, do jornal *Público*, que nos permitem concluir que o universo temático e imagético das mesmas e de outros textos é precisamente o mesmo das suas obras ficcionais. Entre 2000 e 2004, Ana Teresa Pereira assinou a coluna supramencionada com João Barrento, José Tolentino de Mendonça e Hélder Macedo. Alguns dos textos aí escritos foram agrupadas e publicados nos livros *O Ponto de Vista dos Demónios* (2002) e *O Sentido da Neve* (2005).

Sobre a obra de Ana Teresa Pereira, foram escritos artigos de opinião, de crítica literária, breves ensaios e resenhas, bem como textos de maior dimensão. O primeiro texto crítico editado foi o livro de Rui Magalhães, professor da Universidade de Aveiro, um ensaio sobre a obra pereiriana, intitulado *O labirinto do medo. Ana Teresa Pereira*³, “uma análise hermenêutica muito cuidada (). Um ensaio dividido em sete labirintos: da escrita, do real, dos sujeitos, das ficções, do tempo, das interpretações e do medo” (*JL*, 1999: 27-28); a nossa dissertação

³ Rui Magalhães (1999), *O labirinto do medo. Ana Teresa Pereira*. 1ª Edição, Braga: Angelus Novus Editora.

de mestrado, *A Temática do Amor na Obra de Ana Teresa Pereira*, em 2001; as dissertações de mestrado de Rosélia Maria Ornelas Quintal Fonseca, *A personagem Tom. Unidade e pluralidade em Ana Teresa Pereira*⁴; a de Teresa de Jesus Salgado Patrícia Cortes Amaro, *A construção de si: Ana Teresa Pereira e a escrita como edificação de um universo literário e cultural*⁵; a de Pedro Luís da Cruz Corga de Barros, *Os Lugares da Ruína em Ana Teresa Pereira*⁶ e a de Patrícia Ferreira Freitas, *Do Escritor como Predador: Mistério e (Re)visões na obra de Ana Teresa Pereira*⁷. Mencione-se, ainda, a tese de doutoramento de Duarte Manuel Pinheiro, *Além-sombras: Ana Teresa Pereira*⁸, editada em livro, com título homólogo, em 2011.

Deve, ainda, referir-se o facto de, em 2000, o grupo de teatro do ISPA (Instituto Superior de Psicologia Aplicada) ter levado a cena a peça *Paralelamente ao lado da realidade*, escrita por Manuela Silva a partir de contos de Ana Teresa Pereira (“A Sombra”; “Assassino”, “Vagabundo”, “A Rua sem Nome” e “Os Homens Inventados”), reproduzindo o universo da escritora num cenário depurado, apenas centrado nas personagens, histórias dentro de histórias, personagens que se transformam em narradores e narradores que voltam a ser personagens, como anuncia um texto de Joana Gorjão Henriques: “histórias em labirinto” (2000: 36).

Um dos livros da escritora foi traduzido para italiano. Trata-se de *Se Eu Morrer Antes de Acordar – Se morissi prima di svegliarme*⁹. Em 2011, saiu uma edição intitulada *Los Monstruos; Os Monstros; Les Monstres*¹⁰. A obra, trilingue, tem tradução para espanhol de Ricardo Pérez Piñero e para francês de Nicole Siganos. Esta edição faz parte de um projeto de Arte e Literatura contemporâneas, apoiado pelo Governo das Canárias, para divulgação de trinta e seis autores de onze territórios

⁴ Rosélia Maria Ornelas Quintal Fonseca (2003), *A personagem Tom. Unidade e pluralidade em Ana Teresa Pereira*. Funchal: Universidade Católica Portuguesa.

⁵ Teresa de Jesus Salgado Patrícia Cortes Amaro (2008), *A construção de si: Ana Teresa Pereira e a escrita como edificação de um universo literário e cultural*. Tese de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.

⁶ Pedro Luís da Cruz Corga de Barros (2010), *Os lugares da ruína em Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado, Aveiro: Universidade de Aveiro.

⁷ Patrícia Ferreira Mota Freitas (2011), *Do Escritor como Predador: Mistério e (Re)visões na obra de Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado, Porto: Universidade do Porto.

⁸ Duarte Manuel Pinheiro (2010), *Além-sombras: Ana Teresa Pereira*. Tese de Doutoramento, Porto: Universidade Fernando Pessoa.

⁹ Tradução de Luciano Mallozzi, Pollena Trocchia: NonSoloParole EDIZIONE, 2006.

¹⁰ Imágenes de Eduardo de Freitas, Ed. Horizonte Insulares.

insulares. Para além de exposições coletivas de artistas plásticos¹¹, o projeto “Horizontes Insulares” englobava também a Literatura, sob a responsabilidade do escritor e catedrático de Literatura da Universidade de La Laguna, Doutor Nilo Palenzuela. A representação da Ilha da Madeira coube à escritora Ana Teresa Pereira, cujo texto faz parte de um conjunto de doze obras, representando a proveniência de cada autor.¹² Este projeto cultural, artístico e literário reuniu, pela primeira vez, e pôs em contacto, um conjunto de criadores contemporâneos oriundos de múltiplas e diversas geografias insulares, como se afirma em <http://macgaleria.blogspot.com/2011/02/exposicao-colectiva-horizontes.html> (consulta a 8 de dezembro de 2011):

espaços com características e estruturas geográficas, históricas, políticas, sociais, económicas e culturais, nalguns casos similares, noutros muito diferentes, convertendo-os por tais razões num vasto meta-arquipélago, definido justamente por múltiplos horizontes insulares.

Por outro lado, pretendia-se, ainda,

fazer fluir e gerar vasos comunicantes, a partir de territórios criativos, como são a literatura e a arte

¹¹ Recorde-se que, de 28 de janeiro a 12 de março de 2011, esteve patente no Museu de Arte Contemporânea do Funchal uma exposição coletiva, proposta pelo Governo de Canárias, sob o título *Horizontes Insulares*, com trabalhos de doze artistas plásticos, a saber, Teresa Arozena, Ricardo Barbeito, Maria José Cavaco, Joëlle Ferly, Tchalê Figueira, Gregório González, Thierry Hoarau, Belkis Ramírez, Sandra Ramos, Roseman Robinot, Shirley Rufin e Júlio Suárez, provenientes das Ilhas Canárias, Madeira, Açores, Guadalupe, Cabo Verde, Reunião, República Dominicana, Cuba, Guiana Francesa, Martinica e Porto Rico. Foram apresentadas obras produzidas em diversas áreas como o desenho, pintura, fotografia, vídeo, animação, entre outras.

Esta mostra teve, como suporte informativo, a edição de um excelente catálogo – livro, com cerca de 366 páginas, produzido totalmente pelo Governo de Canárias, incluindo textos de vários especialistas, sendo o texto dedicado à ilha da Madeira – “Caminhos da Contemporaneidade Artística na Madeira”, da autoria da Doutora Isabel Santa Clara, professora no Centro de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira. A exposição em referência foi comissariada pelo Dr. Orlando Britto Jinorio.

(Informação disponível em <http://macgaleria.blogspot.com/2011/02/exposicao-colectiva-horizontes.html>, consulta a 8 de dezembro de 2011).

¹² Os outros escritores selecionados foram Jean François Samlong, Verónica Garcia, Anelio Rodriguez Concepcion, Vera Duarte, Carlos Alberto Machado, Lyne Marie Stanley, Nicole Cage Florentiny, Ernest Pepin, Maira Santos Febres, Alexis Gomez Rosa e Reina María Rodriguez.

contemporânea, propiciando () um contacto cultural entre estas geografias, cujas três línguas fundamentais de expressão e comunicação são a espanhola, a portuguesa e a francesa. (<http://macgaleria.blogspot.com/2011/02/exposicao-colectiva-horizontes.html>, consulta a 8 de dezembro de 2011)

A AUDÁCIA DE SER DIFERENTE: O RECONHECIMENTO DA CRÍTICA

De acordo com o que afirma Fernando Pinto do Amaral, num artigo publicado na página do Instituto Camões (informação disponível em <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/contportcult/literature.html>, consulta a 07/02/2008: 1), talvez um dos mais importantes aspetos das transformações que a Literatura Portuguesa tem experimentado, nos últimos vinte e cinco anos, tenha sido o declínio da ideia de vanguarda e o desaparecimento dos grupos literários e movimentos que marcaram o século XX até aos anos sessenta e setenta. Nesta perspetiva, os autores contemporâneos não se apresentam, hoje, como os arautos de uma mensagem coletiva, mas, simplesmente, sustentando um ponto de vista pessoal que exprime e dá forma a um universo singular.

Nesse mesmo breve artigo, o crítico literário aponta os principais poetas e prosadores portugueses, desde Sophia de Mello Breyner Andresen e Eugénio de Andrade, que começaram a escrever nos anos quarenta do século XX, até aos escritores mais contemporâneos, que caracteriza numa pincelada, como Rosa Lobato Faria, Helena Marques, Rita Ferro, Domingos Amaral, Rui Zink e Miguel Esteves Cardoso. Refere, finalmente, aqueles que deram, segundo a sua opinião, nova vida à literatura nos anos noventa do século passado. É o caso de Pedro Paixão, “with his fragmented and anti-rhetorical style”; Inês Pedrosa “who seems to possess a road map of contemporary feelings”; e, entre outros, Ana Teresa Pereira “who lives within a universe of portents.” (Informação disponível em <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/contportcult/literature.html>, consulta a 07/02/2008: 3).

Esta ideia de uma escritora “que vive dentro de um universo de portentos” é partilhada por Rui Magalhães no seu livro *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*. Neste texto, afirma-se que para

se compreender os livros de Ana Teresa Pereira é necessário ir além deles mesmos, ir além da representação que, em cada momento, somos

tentados a construir. Ler Ana Teresa Pereira é descer da falsa luz da imagem até à escuridão absoluta onde mesmo o confronto com os nossos próprios fantasmas é ainda uma forma de representação, de desistência, de não compreensão. (Magalhães, 1999: 9)

Também para o professor e filósofo, os “textos de Ana Teresa Pereira são fragmentos de um filme impossível que contasse eternamente a mesma história” (Magalhães, 1999: 137).

A vontade de ir para além da palavra, das coisas para o invisível, desvela-se na obsessão pelos anjos. Os anjos (de Balzac, de Klee, de Rilke, da *Bíblia*, do *Livro de Henoc*, entre outros), que aparecem ao longo da obra pereiriana, levam-nos, segundo a própria autora, a uma “hermenêutica nova”, a um conhecimento diverso do que se anima em relação ao visível, “levam-nos à porta atrás da última porta”. Para além disso, como revelou numa entrevista dada em 1997, a escrita não lhe interessa como processo racional, mas como aventura no desconhecido, “um afundar-se, perder-se...” (Rocha, 1997). Nesta perspetiva, os anjos parecem ter a ver com todos esses aspetos, assim como com a ambivalência na unidade.

Fátima Maldonado, num artigo intitulado “ O desejo não resulta, a literatura de quiosque, paredes meias com a erudição” (2001: s.p.), refere-se ao universo literário, em que se move Ana Teresa Pereira, como um mundo de “reflexos que se interpenetram e desdobram e repartem até se estilhaçar o estranho que os conteve. Deste modo tudo se adensa, muito mais complexo do que ao primeiro relance poderia supor alguém desprevenido” (Maldonado, 2001: 41).

Também José Guardado Moreira, num breve texto intitulado “A casa dos espelhos”, se refere ao território muito próprio de Ana Teresa Pereira, como sendo um universo

com temas fortes muito seus, e uma capacidade inédita de revitalizar géneros ou subgéneros (). O jogo da escrita, o prazer dos reflexos para sempre sublimados, o permanente reenviar para uma referência literária ou cinematográfica constituem-se nela como materiais de feitura de um mundo aparentemente encerrado em alguns tópicos reconhecíveis, mas que se desdobram constantemente como imagens de imagens, num número infinito de variações () tudo se conjuga para dotar os seus livros de uma atmosfera única ().” (2001: s.p.)

Rosélia Fonseca inicia a sua dissertação de mestrado com uma asserção que corrobora a opinião de Rui Magalhães e vem ao encontro do que temos vindo a procurar demonstrar:

a leitura dos livros de Ana Teresa Pereira permite a descoberta de um universo literário que se afasta dos cânones tradicionais e, dentro da moderna literatura, envereda por um mundo interior, onde a diegese é menos importante do que a personagem, onde o ser reclama um mundo, o lado de dentro. (Fonseca, 2003: 7)

Duarte Pinheiro, no preâmbulo da sua tese de doutoramento, *Além-sombras: Ana Teresa Pereira*, reconhece que

entrar no universo labiríntico de Ana Teresa Pereira é entrar na casa dos espelhos. Tudo o que o constitui chega até nós, leitores, reflectido. () As histórias sucedem-se indistintas, como se fossem todas versões de uma só, numa perspectiva autobiográfica, podíamos dizer que são monólogos provenientes do interior da autora para o interior da mesma, num egocentrismo aberto e, ao mesmo tempo, antagonicamente fechado. (Pinheiro, 2010: 2)

Na obra pereiriana, como também reforça e nós concordamos plenamente, evidenciam-se “estruturas narrativas muito semelhantes” (Pinheiro, 2010: 2) que só a leitura dos livros no seu conjunto, num itinerário de análise comum, permite a compreensão.

Pedro de Barros refere-se à obra da escritora, nascida na Ilha da Madeira, como “um universo bastante peculiar que ocupa um lugar único no panorama literário português contemporâneo, construído a partir de imagens que se repetem exaustivamente, imagens de uma beleza terrível e fantástica”. (Barros, 2010: 5) Acrescenta, ainda, que a leitura de Ana Teresa Pereira desperta “sentimentos de carácter ruinoso” (Barros, 2010: 9) porque, ao nos embrenharmos

nesse seu universo singular e procedermos à análise cuidada de todas essas imagens que perpassam as obras da autora, verificamos que o próprio processo de descodificação e de interpretação dos textos de Ana Teresa Pereira se assemelha ao ato de vasculhar por entre as ruínas de séculos de uma casa abandonada, onde cada vestígio encontrado se repete incessantemente, suscetível de ser confundido com um outro apenas uns passos mais adiante. Quando postos nos seus lugares (ou onde imaginamos serem

os seus lugares), esses vestígios, essas pedras nos escombros em ruínas, constituirão a casa de palavras de Ana Teresa Pereira, o seu universo fantástico e misterioso, de plena valorização da ruína como espaço/tempo de exploração de múltiplos lugares do medo. (Barros, 2010: 5)

Concordando inteiramente com o que acaba de ser referido, e porque, efetivamente, o universo em causa é fantástico e enigmático - ainda que se explorem esses “múltiplos lugares do medo” (Barros, 2010: 5), e talvez também por isso mesmo - parece-nos que existe, na obra em análise, uma palavra adequada para definir a escrita pereiriana: “encantamento”. Este vocábulo surge várias vezes no seu livro *O Rosto de Deus*¹³ e é utilizada para descrever a sensação que provoca a escrita de Tom¹⁴, a personagem recorrente nas histórias, sobre as outras personagens. Ao mesmo tempo, condensa, na perfeição, o efeito da escrita da autora sobre os seus leitores: o “importante era o encantamento, ver, sentir...” (Pereira, 1999: 48).

Este enlevo face à obra pereiriana advém dos muitos e diversos aspetos que temos mencionado, alguns dos quais muito bem sintetizados na conclusão da dissertação de mestrado de Patrícia Ferreira Freitas que, na senda da opinião de outros estudiosos da obra, afirma que Ana Teresa Pereira se “tem vindo a afirmar como um caso cada vez mais particular dentro da literatura portuguesa, por razões de diversa ordem, mas todas elas igualmente complexas” (Freitas, 2011: 67).

Sumariamos esses tópicos recorrentes e fulcrais, partindo do texto de Patrícia Freitas (2011: 67):

1. As suas ficções estabelecem “relações diversas com outros textos (...) numa rede tão intrincada de citações e apropriações predatórias, que constitui um verdadeiro desafio a qualquer tentativa de descrição estrutural”;
2. A profusão “de referências literárias e artísticas que nada têm a ver com a cultura tradicional portuguesa (...)”;
3. A utilização de vocábulos ingleses “incorporados no discurso – sem distinção de itálico (...) – é sintomática de uma literatura globalizante e universal” que “desafia a própria noção de uma literatura ‘nacional’”;

¹³ Confirme-se, em *O Rosto de Deus*, nas páginas 48 e 99, por exemplo.

¹⁴ Sobre Tom, essa *personagem* enigmática e omnipresente na obra, leia-se a dissertação de Rosélia Fonseca, *A personagem Tom. Unidade e pluralidade em Ana Teresa Pereira*.

4. “Para além da interacção permanente com outras obras, a produção da autora estabelece também um diálogo problematizante com vários géneros, diluindo fronteiras e fundindo tradição erudita com tipologias associadas à cultura popular ou de massas”;
5. A “predominância de vestígios do policial e do fantástico”, tendo em conta porém que “a subversão de motivos típicos do policial contribuiu também para o emergir de uma condição fantástica dos seus textos”;
6. O facto de o policial se ter constituído como ponto de partida da obra “favoreceu até a afirmação de algumas das características mais marcantes da ficção pereiriana, como a circularidade, que desenha o regresso recorrente aos mesmos temas, motivos, personagens e espaços, de livro para livro (...) na multiplicação das versões de uma mesma história (...)”.

E, concluindo a sua dissertação, Patrícia Freitas expõe ainda uma das características que consideramos basilares na construção literária de Ana Teresa Pereira e à qual nos havíamos já referido na nossa dissertação de mestrado, em 2001:

Se a obra pereiriana começa por ancorar a história num enquadramento ainda (tenuemente) realista (...), vai-se progressivamente desligando e libertando do real (ou de efeitos de real), problematizando os tradicionais mecanismos de representação do mundo, e do próprio mundo, enquanto realidade única, empírica e material. (Freitas, 2011: 68)

Recordando o que refere Patrícia Freitas em relação às últimas narrativas pereirianas, pelo menos referindo-se àquelas que a escritora publicou até 2011, como *A Outra* e *A Pantera*, consideramos poder alargar esse entendimento em relação a toda a obra, ou seja, que o universo predominante das narrativas, na sua globalidade, é “o das imagens (de toda a espécie) e o de territórios interiores do ser humano: a memória, a imaginação, em suma, a mente” (Freitas, 2011: 68).

Nesta tentativa de esboçar um retrato da “escritora no seu labirinto” (leia-se, sua vida e produção literária), podemos convocar o auxílio dos seus próprios textos, através de excertos de livros que tão bem resumem a obra. Veja-se, a título de exemplo, um extrato de *O Rosto de Deus*:

(...) livros de contos. Tinham poucas páginas, eram enigmáticos e escuros como poços, cada vez que os lia tinha a sensação de cair mais fundo.

Era como se fossem feitos de nevoeiro que se abria de vez em quando... deixando ver algo de inesperado que desaparecia de novo e talvez não se pudesse reencontrar. Mesmo a escrita era estranha, parágrafos breves, frases curtas, como se o que importasse não fossem as frases mas as palavras, como se cada palavra tivesse atrás de si uma infinidade de sentidos, ou talvez um só, mas inalcançável, como se fossem palavras... Como se fossem palavras sagradas. (Pereira, 1999: 102)

CONCLUSÃO

É, pois, um fascínio absoluto que transporta o leitor ao longo das páginas dos livros de Ana Teresa Pereira, cuja leitura labiríntica se revela, por vezes, intrincada porque algumas passagens se sucedem a uma velocidade estonteante, na inquietação de prosseguir o enredo, despertando antagónicas impressões e acordando sensações primordiais que vagamente se recordam.

Ana Teresa Pereira faz-nos viajar até ao princípio do mundo, aos primórdios da existência, ao âmago da complexidade da alma humana, dos desejos e aspirações fundamentais, dos medos. A obra, como um todo, é caracterizada pela unidade e coerência, apresentando-se uma, quase indivisível, marcada por fases concordantes entre si.

Os temas centrais são a própria vida, a morte e o amor. Tudo o que é e o que não é, próximo da essência das coisas. Delimitam esses temas o mistério e a procura do conhecimento do profundo. Mas outros, que intrinsecamente se ligam aos apontados, são igualmente basilares, como evidencia Duarte Pinheiro, no segundo capítulo do seu trabalho, considerando-os como sendo os mais recorrentes e discutidos pela própria autora: a identidade e a solidão. Podemos ler, nas páginas 32-33:

[ressaltam] dois temas fundamentais nas narrativas de Ana Teresa Pereira que demonstram uma unidade tenaz (): o tema da identidade, inerente àquele do duplo, e o tema da solidão. () Solidão e identidade estão interligados ideologicamente, existem indissociavelmente, dependem um do outro, a mesma

dependência que se verifica entre o espaço e o narrador.” (Pinheiro, 2010)

E, acrescentamos, existe a mesma conexão das narrativas entre si, dentro de cada livro, e dos livros uns em relação aos outros.

Deste modo, o relacionamento com os livros da autora nem sempre é fácil, porque é “como se fossem feitos de nevoeiro” (Pereira, 1999: 102), que se abre de vez em quando “deixando ver algo de inesperado” (Pereira, 1999: 102), que pode desaparecer e talvez não se consiga reencontrar mais. Por outro lado, e como refere no excerto supracitado de *O Rosto de Deus*, apesar de a sua escrita ser composta por parágrafos breves e frases curtas, a estranheza nasce do facto de nos apercebermos que o mais importante são as palavras que, controversamente, parecem apontar para uma infinidade de sentidos e, ao mesmo tempo, para um sentido único inatingível “como se fossem palavras sagradas.” (Pereira, 1999: 102)

A dificuldade de compreensão e interpretação agudiza-se, como muito bem afirma Duarte Pinheiro, porque “Ana Teresa Pereira delimita (...) através do narrador e da perspectiva narrativa, o campo de visão e de interpretação do leitor, duplamente condicionado pelo próprio campo de visão da personagem, também ele delimitado (...)” (Pinheiro, 2010: 106). Esta circunstância crítica de compreensão e interpretação adensa-se pela recorrência das histórias, que vivem dentro umas das outras, se alimentam mesmo umas das outras dentro do universo pereiriano (ou de outras no âmbito da literatura universal) numa peculiar circularidade e plasticidade. As personagens entrecruzam-se, misturam-se, transitam de livro para livro com nomes que se confundem, vêm ao de cima, depois desaparecem para, mais tarde, voltarem a emergir de novo. E é a partir deste movimento que vão sendo apresentadas. Por esse motivo, para falar de um livro de Ana Teresa Pereira, temos que passar, necessariamente, pelos outros, mas nunca teremos a certeza do que realmente está a acontecer, uma vez que “nas narrativas de Ana Teresa Pereira, tudo se trata de um vislumbre, quer sejamos leitores ou personagens.” (Pinheiro, 2010: 107)

A complexidade interpretativa dos textos pereirianos é reforçada com a publicação do livro *O Lago* que revela, uma vez mais, que o universo ficcional de Ana Teresa Pereira é um dos territórios mais deslumbrantes, do que entre nós se entende por escrita ficcional, mas, ao mesmo tempo, um dos mais inacessíveis, devido a uma série de características que os marcam, como a circularidade referencial, a obsessiva reinvenção de personagens e espaços, a perspetiva narrativa e a personalidade de uma autora que se considera uma ‘mistura de mulher, de bicho e de nevoeiro’.

BIBLIOGRAFIA

- Amaro, Teresa de Jesus Salgado Patrícia Cortes (2008), *A construção de si: Ana Teresa Pereira e a escrita como edificação de um universo literário e cultural*. Universidade Nova de Lisboa.
- Barbas, Helena,
 (1998), "Uma biografia literária". *Expresso, Cartaz* n.º 1346, 14 de agosto: 23.
 (2002). "Caminhar sobre as águas, Uma brilhante revisitação às obsessões de Ana Teresa Pereira". *Expresso, Cartaz* n.º 1534, 23 de março: 44.
 (2005), "As lágrimas das coisas". *Expresso, Actual* n.º 1681, 25 de janeiro: 49.
 (2005), "Os gestos de amor". *Expresso, Actual* n.º 1730, 23 de dezembro: 44.
- Barros, Pedro Luís da Cruz Corga de (2010), *Os lugares da ruína em Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado, Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Botelho, Fernanda (1990), "Onde Mora Xerazade?". *Colóquio/Letras*, Livros sobre a Mesa, n.º 115-116, maio – agosto: 175.
- Catalão, Rui
 (2010), "Esta inquietante estranheza". *Público, Ipsilon*, 2 de julho: 41.
 (2010), "Sou capaz de qualquer coisa pelos meus livros". *Público, Ipsilon*, 02 de julho: 36-37. (Também disponível em <http://ipsilon.publico.pt/livros/entrevista.aspx?id=260267>, consulta a 18/07/2010).
- Coelho, Alexandra Lucas, "
 (1999a) Eu estive aqui antes". *Público, Leituras*, 17 de julho: 3.
 (1999b) "Normalmente sou vampiresca". *Público, Leituras*, 17 de julho: 1-3.
- Coelho, Eduardo Prado,
 (1999) "Intimidações de Morte". *Público, Leituras*, 17 de julho: 8.
 (2002) "A Ficção de um Absoluto", *Público*, 5 de janeiro: 10.
 (2005) "O que morrerá comigo quando eu morrer". *Público, Mil Folhas*, 10 de setembro. (Também disponível em <http://anateresapereira.wordpress.com/criticas-a-livros/o-que-morrera-comigo-quando-eu-morrer/>, consulta 15/07/2009 e a 19/10/2012)
 (2006) "Onde tu estás é sempre o fim do mundo". *Público, Mil Folhas*, 21 de janeiro.
- Costa, Sara Figueiredo,
 "O vale dos malditos." (Disponível em <http://www.webface.net.novis.pt/livros/fev/ovaledosmalditos.html>, consulta em 21/08/2011).
 (2004), "Seleção de contos de uma das autoras mais interessantes d literatura portuguesa". *Canal de Livros*. Agosto. (disponível em www.canaldelivros.com, consulta em 21/08/2011).
- Figueiredo, Fernando (2002), "O Rosto de Deus de Ana Teresa Pereira". *Diário da Madeira*, 30 de abril.
- Fonseca, Rosélia Maria Ornelas Quintal (2003), *A personagem Tom. Unidade e pluralidade em Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado, Funchal: Extensão da Universidade Católica Portuguesa.
- Freire, Rita Silva (2012), "Prémio APE para Ana Teresa Pereira". *Sol*, 24/10. (Informação disponível em http://sol.sapo.pt/Common/print.aspx?content_id=61639, consulta a 25/10/2012).
- Freitas, Manuel de

- (2005), "O fogo e o gelo". *Expresso, Actual* 1780, 23 de julho: 53.
- (2007), "Branco Deserto Imenso". *Expresso, Actual* 1790, 17 de janeiro: 48.
- (2007), "A criação de um mundo. O deserto da paixão segundo Ana Teresa Pereira". *Expresso, Actual* 1810, 07 de julho: 38.
- (2009), "O verão selvagem dos teus olhos". *Expresso, Actual* 1896, 28 de fevereiro: 33-34.
- (2009), "As Duas Casas. Conto: um reencontro com o inimitável talento narrativo de Ana Teresa Pereira". *Expresso, Actual* 1911, 13 de setembro, pp. 34-35.
- (2010), "Inverness". *Expresso, Actual* 1969, 24 de julho: 39. (Também disponível em <http://anateresapereira.wordpress.com/criticas-a-livros/invernessmf/>, consulta a 20/09/2011).
- (2012), "O Lago". *Expresso, Atual*, 28 de janeiro. (Também disponível em http://www.arlindo-correia.com/ana_teresa_pereira_1.html, consulta a 17/02/2012).
- Freitas, Patrícia Ferreira Mota (2011), *Do Escritor como Predador: Mistério e (Re)visões na obra de Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado, Porto: Universidade do Porto.
- Gouveia, Odília (2006), "Ana Teresa Pereira vence o prémio Eduardo Bettencourt". *Jornal da Madeira*, 02 de maio.
- Halpern, Manuel (2000), "A Imagem no Escuro". *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 12 de janeiro: 12.
- Henriques, Joana Garção (2000), "O outro lado de mim". *Jornal da Madeira, Cultura*, 20/05
- Horta, Maria Teresa
 (1991a), "Um crime com elaboração poética". *Diário de Notícias*, 28 de julho.
 (1991b), "'A Última História'. Um policial diferente". *Diário de Notícias*, caderno 2), 28 de julho: 8.
 (1998), "Crime sem história policial". *Diário de Notícias*, 26 de setembro.
- Louro, Regina (1991), "Ana Teresa Pereira. Retrato da Escritora no Seu Labirinto". *Público*, 11 de agosto: 34-36.
- Luza, Vera,
 (2001), "Dois novos títulos de Ana Teresa Pereira". *Jornal da Madeira*, 04 de janeiro.
 (2002), "Ana Teresa Pereira com novos livros". *Jornal da Madeira*, 18 de dezembro.
 (2006), "A escrita é uma aventura apaixonante". *Jornal da Madeira, Revista Olhar*, 06 de maio.
 (2007), "Ana Teresa Pereira confessa-se", *Jornal da Madeira, Revista Olhar*, 30 de junho.
 (2008), "O verão selvagem dos teus olhos". *Jornal da Madeira*, 26 de novembro.
 (2009), "Ana Teresa Pereira publica novo livro". *Jornal da Madeira*, 05 de maio.
 (2009), "Novo livro de Ana Teresa Pereira". *Jornal da Madeira, Revista Olhar*, 18 de dezembro.
- Maço, Tomás (1993), "Eu Escrevo Contos de Fadas". *Jornal da Madeira*, 22 de maio: III.
- Magalhães, Rui
 (1992), "O Jardim das Sombras Inquietas". *Vértice* n.º 50, Setembro-Outubro: 100-106.
 (1995), "Símbolo, Sistema e Interpretação. Uma leitura de Ana Teresa Pereira". Separata da *Revista da Universidade de Aveiro/Letras*, n.º 12: 61-81.
 (1996), "Para além do possível: o poder criador da palavra em António

- Ramos Rosa e Ana Teresa Pereira". *Diagonais das Letras Portuguesas Contemporâneas*, Aveiro, Actas do 2º Encontro de Estudos Portugueses, Outubro, outubro: 113-124.
- (1999c), "As Faces do Centro". *Coloquio Letras*, nº 153/154, Julho-Dezembro:304-309. (Publicado originalmente com o título "As Faces do Centro. Sobre Ana Teresa Pereira, *O Rosto de Deus*". *Ciberkiosk*, n.º 5, julho de 1999a. Disponível em http://sweet.ua.pt/~f660/docs/ATP_Rosto.pdf: 1-9.
- (1999b) *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*. Braga: Ed. Angelus Novus.
- (2000) "Sobre Ana Teresa Pereira, *Se Eu Morrer Antes de Acordar*". *Ciberkiosk*. (Disponível em http://sweet.ua.pt/~f660/docs/ATP_SMAA.pdf., pp. 1-10, consulta em 15/05/2005).
- (2001), "Os Fantasmas da Origem". *Ciberkiosk*. (Disponível em http://www.uc.pt/ciberkiosk/livros/magalhaes_pereira.html, consulta em 15/05/2005).
- "As Palavras de Tom". *Ciberkiosk*. (Disponível em <http://www.uc.pt/ciberkiosk/livros/apt/html>, consulta em 21/09/2007).
- Maldonado, Fátima (2001), "O desejo não resulta. A literatura de quiosque paredes-meias com a erudição". *Expresso Revista Cartaz* n.º 1473, 20 de janeiro: 41.
- Mexia, Pedro (1998), "O Anjo Exterminador". *Diário de Notícias*, Suplemento DNA, 21 de novembro: 42-43.
- Mira, Gonçalo (2011), "Anjos e demónios na companhia de Ana Teresa Pereira". *Público, Ípsilon*, 26 de agosto.
- Nóbrega, Tolentino (2012), "Ana teresa Pereira vence Grande Prémio de Romance da APE". *Público*, Cultura. (Disponível em <http://www.publico.pt/Cultura/ana-teresa-pereira-vence-grande-premio-de-romance-da-a...>; consulta a 25/10/2012)
- Moreira, José Guardado, (2001) " Casa dos Espelhos". *Ler Livros & Leitores*, n.º 50, Primavera: 108.
- Neves, Pedro Teixeira
(2002), "O Universo Mágico de Ana Teresa Pereira". *Agenda Cultural*, Fevereiro. (Também disponível em <http://anateresapereira.wordpress.com/criticas-a-livros/o-universo-magico-de-ana-teresa-pereira/>, consulta a 29/11/2011).
- (2009), "*O Verão Selvagem dos Teus Olhos*, Ana Teresa Pereira". PNETliteratura, 27 de janeiro. (Também disponível em <http://anateresapereira.wordpress.com/criticas-a-livros/%C2%ABo-verao-selvagem-dos-teus-olhos%C2%BB-ana-teresa-pereira/>, consulta a 20/12/2010).
- (2010), "*Inverness* de Ana Teresa Pereira". (disponível em <http://www.pneliteratura.pt/cronica.asp?id=2207>, consulta a 29/11/2011).
- Nunes, Maria Leonor (2008), "O outro lado do espelho", *JL Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13 a 26 de Agosto: 10-11.
- Pinheiro, Duarte
(2008), "Quando atravessares o rio: a surdez das pegadas". *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* da Universidade Fernando Pessoa, n.º 5: 344-346.
- (2009), "O fantástico em Ana Teresa Pereira". *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* da Universidade Fernando Pessoa, n.º 6: 10-16. ISSN 1646-0502.6.
- (2009), "A linguagem dos pássaros: o turbamento de Villalilla". *Actas do VI Congresso Nacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada/ X Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas*. (Disponível em http://ceh.ilch.uminho.pt/outras_publicacoes_online.htm, consulta a 10/12/2011).

- (2010) "O fim de Lizzie e outras histórias". *Diário de Notícias*, revista NS, 03 de abril: 56-57.
- (2010) *Além-Sombras: Ana Teresa Pereira*. Tese de Doutoramento, Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- (2011) "Da outra margem do lago". *Semanário Grande Porto*, 08 de julho: 47.
- (2011) *Além-Sombras: Ana Teresa Pereira*. Fonte da Palavra
- Pires, Jorge P. (2002), "Os Mundos Paralelos". *ler Livros & Leitores*, n.º 54, Primavera: 102-108.
- Pitta, Eduardo, "Às vezes basta um rosto". *Público, Ípsilon*, 13 de julho: 44.
- Ramos, Ana (2012), "*O Lago* venceu a edição 2011 do Grande Prémio de Romance e Novela da associação Portuguesa de Escritores". *Diário de Notícias*. (Informação disponível em http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=2845122&secção=Livros, consulta em 25/10/2012).
- Rochas, Luís (1997), "Escritora de Demónios e Anjos". *Jornal da Madeira*, 19 de janeiro: 9-12.
- Rogério, Carina (1999), "Era uma vez uma história de amor, diferente das outras...". *Contacto*, 05 de fevereiro.
- S.A. (2012), "A Ousadia de ser diferente". *Renascença Música e Informação* di-a-dia, 24/10. (Informação disponível em <http://rr.sapo.pt/printArticle.aspx?did=82519>, consulta em 25/10/2012)
- Santos, Marisa (2007), "*A Neve*". *Jornal da Madeira*, 04 de março.
- Sardo, Anabela,
 (2001a) *A temática do amor na obra de Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado, Aveiro: Universidade de Aveiro.
 (2001b), "Ana Teresa Pereira: histórias de amor e solidão". Artigo acerca do livro de Ana Teresa Pereira *Até que a Morte nos Separe*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2000, publicado na revista *Ciberkiosk, Livros, Artes, Espetáculos, Sociedade*, junho (Disponível em <http://www.ciberkiosk.pt/livros/index.html>),
 (2001c); "A Sedução do diabólico". Artigo acerca do livro de Ana Teresa Pereira *Se Eu Morrer Antes de Acordar*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2000, publicado na revista *Ciberkiosk, Livros, Artes, Espetáculos, Sociedade*, 3 de agosto (Disponível em <http://www.uc.pt/ciberkiosk/livros/atp.html>),
 (2001d), "O Rosto de Ana Teresa Pereira". In *Revista da Universidade de Aveiro – Letras*, n.º 18: 29-54.
 (2002), "Quando a ficção vive na e da ficção". Ensaio acerca da obra de Ana Teresa Pereira, publicado na revista *Ciberkiosk, 2002, Livros, Artes, Espetáculos, Sociedade*, 19 de maio. Disponível em (<http://www.ciberkiosk.pt/ensaios/sardo.html>),
 (2005), "Ana Teresa Pereira: uma 'geografia interior' de sombras e cores". *Românica, Revista de Literatura, Cores*, n.º 14, Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Edições Colibri: 89-105.
 (2010), "A obra de Ana Teresa Pereira: "velhas histórias, contos de fadas ou pesadelos?". Atas/Anais, abril 2010, 13º Coloquio da lusofonia – 5º encontro Açoriano, Florianópolis, Brasil
 (2010), "Os anjos e outras temáticas recorrentes na obra de Ana Teresa Pereira". ATAS FINAIS, outubro 2010, IX Colóquio da lusofonia, Bragança, Portugal
 (2011), "Intimidades e ambientes literários e artísticos na obra de Ana Teresa Pereira". Atas Edição Associação dos Colóquios da Lusofonia e IPMacau, abril, 15º Coloquio da lusofonia – Macau: quatro sec. De

- Lusofonia: passado presente e futuro, Macau, China
(2011), "A ilha, 'território privilegiado onde as leis são abolidas, onde o tempo se detém', em *Matar a Imagem* de Ana Teresa Pereira". Atas finais da Associação dos Colóquios da lusofonia outubro 2011, 16º Colóquios da lusofonia - 7º encontro açoriano da lusofonia, Santa Maria, Açores
(2012), "Afeições e Obsessões em O Ponto de Vista dos Demónios de Ana Teresa Pereira". Atas finais da Associação dos Colóquios da Lusofonia, outubro de 2012, 16º Coloquio da lusofonia, Ourense, Espanha
- Sepluveda, Torcato
(1991), "Literatura sob vigilância". *Público*, 06 de julho.
(1992), "Ana Teresa Pereira". *Público*, 25 de setembro.
- Silva, João Céu e,
(2003), "Intimações de morte com olhar 'very british'". *Diário de Notícias*, 08 de fevereiro: 46.
(2004), "Muito simplesmente contos de..." *Diário de Notícias*, 24 de abril: 50.
(2006), "O sentido da neve". *Diário de Notícias*, 5 de fevereiro: 35.
(2007), "Uma ilha como ponto de partida para uma dezena de protagonistas". *Diário de Notícias*, 22 de abril: 51.
- Silva, José Mário,
(2010). "Uma visão de O Fim de Lizzie". 10 de janeiro. (Disponível em <http://anateresapereira.wordpress.com/criticas-a-livros/uma-visao-de-o-fim-de-lizzie/>, consulta a 10 de maio de 2012)
(2011), "A Outra: o ponto de vista do fantasma". *Expresso, Actual*, 21 de janeiro. (Disponível em <http://www.ueiyou.expresso.pt/a-outra-o-ponyo-de-vista-do-fantasma=f627998>, consulta em 13/12/2011).
(2011), "A Pantera". *Expresso – Actual n.º 2018*, 02 de julho: 15.
- Pereira, Ana Teresa
(1989) *Matar a Imagem*. Lisboa, Editorial Caminho: SA, Coleção Caminho Policial
(1990) *As Personagens*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, Coleção O Campo da Palavra
(1991d) *A Casa da Areia*, Coleção Labirinto, Lisboa: Editorial Caminho
(1991a) *A Casa dos Pássaros*, Coleção Labirinto, Lisboa: Editorial Caminho
(1991c) *A Casa das Sombras*, Coleção Labirinto, Lisboa: Editorial Caminho
(1991b) *A Casa dos Penhascos*, Coleção Labirinto, Lisboa: Editorial Caminho
(1991) *A Última História*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, Coleção Caminho Policial
(1992e) *A Casa do Nevoeiro*, Coleção Labirinto, Lisboa: Editorial Caminho
(1993) *A Cidade Fantasma*. Lisboa: Editorial Caminho, SA Coleção Caminho Policial
(1996a) *Num Lugar Solitário*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, Coleção Caminho Policial
(1996b) *Fairy Tales*. Black Son Editores
(1997a) *A Noite Mais Escura da Alma*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, Coleção O Campo da Palavra
(1997b) *A Coisa Que Eu Sou*. Lisboa: Relógio d' Água Editores
(1998a) *As Rosas Mortas*. Lisboa: Relógio d' Água Editores
(1998b) *A Noite Mais Escura da Alma*. Lisboa: Círculo de Leitores
(1999) *O Rosto de Deus*. Lisboa: Relógio d' Água Editores
(2000a) *Se Eu Morrer Antes de Acordar*. Lisboa: Relógio d' Água Editores
(2000) *Até que a morte nos separe*. (Inédito).
(2000b) *Até Que a Morte Nos Separe*. Lisboa: Relógio d' Água Editores
(2000c) *O Vale dos Malditos*. Black Son Editores
(2001a) *A Dança dos Fantasmas*. Lisboa: Relógio d' Água Editores
(2001b) *A Linguagem dos Pássaros*. Lisboa: Relógio d' Água Editores

- (2002a) O Ponto de Vista dos Demónios. Lisboa: Relógio d' Água Editores
 (2002b) Intimações de Morte. Lisboa: Relógio d' Água Editores
 (2003) Contos. Lisboa: Relógio d'Água Editores
 (2004) Se Nos Encontrarmos de Novo. Lisboa: Relógio d'Água Editores
 (2005a) O Mar de Gelo. Lisboa: Relógio d' Água Editores
 (2005b) O Sentido da Neve. Lisboa: Relógio d' Água Editores
 (2006a) Histórias Policiais. Lisboa: Relógio d'Água Editores
 (2006b) A Neve. Lisboa: Relógio d' Água Editores, (108 pp.). Depósito Legal n.º : 249475/06
 (2007) Quando Atravessares o Rio. Lisboa: Relógio d' Água Editores
 (2008a) O Fim de Lizzie. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, Lisboa: Relógio D'Água Editores
 (2008b) O Verão Selvagem dos Teus Olhos. Lisboa: Relógio D'Água Editores
 (2009a) As Duas Casas. Lisboa: Relógio D'Água Editores
 (2009b) O Fim de Lizzie e Outras Histórias. . Lisboa: Relógio D'Água Editores
 (2010a) Inverness. Lisboa: Relógio D'Água Editores
 (2010b) A Outra. Lisboa: Relógio D'Água Editores
 (2011a) A Pantera. Lisboa: Relógio D'Água
 (2011b) O Lago. Lisboa: Relógio D'Água
 (2011c) Los Monstruos; Os Monstros; Les Monstres. Edição trilingue, Canárias: Horizontes Insulares
- Xavier, Leonor, " Histórias submersas". *Máxima*, Ano 20, N.º 232, janeiro de 2008: 28-30.

DESAFIOS METAMODERNOS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

DESAFÍOS METAMODERNOS DE LA FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN
METAMODERN CHALLENGES FOR PHILOSOPHY OF EDUCATION

Carlos Sousa Reis (creis@ipg.pt)*

Maria das Dores Formosinho (mformosinhosanches@gmail.com) **

RESUMO

Neste artigo discute-se o projeto da Modernidade, na sua relação com os pressupostos antropofilosóficos que o sustentavam, articulando-o com o conceito de *Bildung*, correlativo da ideia de formação humana por meio da educação. Procura-se de seguida mostrar como a Pós-modernidade operou uma desconstrução deste paradigma, confrontando-se com aporias e limitações que exigem uma reconstrução dos referentes educacionais, de forma a instituir uma nova Razão Pedagógica.

Palavras-chave: Educação, filosofia, modernidade, pós-modernidade, metamodernidade

ABSTRACT

This article discusses the educational project of Modernity, in its relation with the anthropological and philosophical assumptions that supported it, by articulating, in particular, the concept of *Bildung*, through which was projected the idea of human development supported by education. We also try to show how Postmodernism has focused "deconstructively" on the modern paradigm. But has brought about aporias and limitations that require a reconstruction of the educational parameters or, in other words, a new Pedagogical Reason.

Keywords: Education, philosophy, modernity, post-modernity, metamodernity

RESUMEN

En este artículo se discute el proyecto educativo de la modernidad, en su relación con los supuestos antropológicos y filosóficos que lo apoyaban mediante la articulación, en particular, con el concepto de *Bildung*, a través del cual sobresale la idea de desarrollo humano mediante la educación. Se busca entonces mostrar como el posmodernismo ha encetado una desconstrucción del paradigma moderno, se confrontando con aporías y limitaciones que requieren una reconstrucción de los referentes educacionales, con el fin de introducir una nueva Razón Pedagógica.

Palabras clave: Educación, filosofía, modernidad, posmodernidad, metamodernidade

* Doutor em Ciências da Educação. Professor Adjunto e Diretor na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda.** Doutora Psicologia na Especialidade de Educação. Professora Catedrática na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Submitted: 26th October 2012
Accepted: 16th March 2013

1. INTRODUÇÃO

A Modernidade poderá caracterizar-se como um movimento de rejeição do contexto em que o indivíduo aparecia dominado pela tradição e o sentido se encontrava monopolizado por uma autoridade. A rejeição moderna do pré-modernismo foi levada a cabo em nome da razão e da ciência, como instrumentos da emancipação humana, reclamada com base no reconhecimento das categorias antropológicas da liberdade e da autonomia individual. O eixo articulante da mutação cultural operada foi a atribuição ao indivíduo da prerrogativa de se constituir como fonte primordial do sentido e da verdade. No campo epistemológico, a garantia desta atribuição parecia ter sido encontrada com o cogito cartesiano, substancialista, solipsista e só, supostamente, transcendente, criando-se em seu torno um conjunto de ilusões insularizadoras e desnaturalizadoras, que tipificaram o humanismo tradicional (Carvalho, 1994).

No novo enquadramento, a forma de conceber a história infletiu no sentido antropocentrista, passando, então, a confiar-se nos poderes da razão humana para ir promovendo a sua própria emancipação, mediante os instrumentos que pudesse conceder a si mesma. Um processo otimista de irresistível e irreversível progresso aperfeiçoador e de libertação dos mais aviltantes constrangimentos como a dependência (material e espiritual), a injustiça, a violência, a indigência, a fome e a ignorância.

Em si mesmo, o projeto emancipador da Ilustração apontava para valores que tenderam a projetar-se como valores universais: a liberdade, a igualdade, a solidariedade e a tolerância. Valores que ainda hoje se podem sustentar como um desiderato das sociedades. À educação haveria de confiar-se então uma ingente responsabilidade, pois o uso autónomo da razão, que seria a chave para a libertação de todas as limitações, reclamava-a de modo intrínseco. E daí que se lhe atribua o estatuto de direito universal, porquanto se lhe reconhece uma função antropológica constitutiva, que se corporizaria no *Bildung*, concebido como processo pelo qual o humano adquiriria a competência racional distintiva da sua humanidade.

Entendido neste sentido, o conceito envolve a referência a um modelo e a um processo configurador, correspondente ao desenvolvimento que, de dentro para fora, há-de realizar num ser orgânico a forma almejada (Cabanas, 2002). Trata-se de dinamizar a enteléquia humana, potenciando todas as suas forças e capacidades, de modo a que estas possam desenvolver-se no seu próprio "télós", segundo um jogo harmónico e proporcionado.

Com o *Bildung* aponta-se à emergência da pessoa, cuja dignidade, racionalidade e condição moral de liberdade lhe permitem conceber-se como um fim em si mesma. Acabaria, no entanto, por ser contra este paradigma que a pós-modernidade viria a acometer desconstrutivamente. Seja rejeitando a ideia de um sujeito racional soberano e autónomo, seja rejeitando a metanarrativa do progresso, seja rejeitando o *Bildung* enquanto matriz normativa do programa educacional.

2. A DESCONSTRUÇÃO PÓS-MODERNA DO PROJETO EDUCATIVO DA MODERNIDADE

Segundo Eagleton (1998, 7), “Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivo de explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, bem como em relação às idiossincrasias e à coerência das identidades.”

Lembremos também, para a genealogia desta mutação infraestrutural, os contributos dos “mestres da suspeita”, segundo a expressão de Foucault (1987), e toda a série de críticas dessacralizadoras, desmistificadoras e desconstrutoras que, se por um lado deram continuidade ao trabalho emancipador moderno, por outro conduziram ao soçobro dos veios axiais do próprio projeto da modernidade. Mas não se pode esquecer que já antes estava em curso um trabalho de sapa de erosão dos seus pilares. A desconstrução conducente ao desmoronar das metanarrativas, registado por Jean-François Lyotard (1989), tinha começado antes e foi preparando a pós-modernidade por diferentes vias. Foi neste sentido que o filósofo francês tipificou a pós-modernidade como uma condição emergente nas sociedades tecnologicamente mais desenvolvidas, marcadas pelo consumismo, a capitalização global, o ecletismo, o desencanto, o “anything goes” e a hegemonia da performatividade, em que se afirma o critério técnico-científico da otimização entre custos e benefícios. É neste ambiente que se desenvolve a crítica à modernidade, muito em especial a todo tipo de certezas, sejam elas metafísicas, religiosas ou políticas. Trata-se de uma mudança

ideológica que comporta o fim da própria ideologia, a liquidação das crenças, dos ideais e do poder da razão e da moral: o niilismo.

A educação não escapou a este terramoto, registando o fim da crença na sua própria capacidade para cumprir com o desígnio de perfectibilização dos sujeitos humanos, muito em proveito da procura do encaixe imediatista no mercado de trabalho, isto é, em perfeito alinhamento com a hegemonia performativista. O que expõe a deriva perversa do “fim da ideologia”: o eventual ganho em afastamento das lógicas absolutizadoras parece esvair-se na entrega acrítica ao sistema, na generalização da apatia e no triunfo do relativismo, do individualismo rampante, do egoísmo, no quadro da entrega à procura do bem-estar e do divertimento, nos termos do desenvolvimento de mecanismos de uma certa regulação do vazio existencial correlativo.

É o tempo da Razão Cínica, segundo Sloterdijk (1987), em que vai medrando uma falsa consciência ilustrada: ilustrada ou esclarecida porque liberta das justificações tradicionais absolutizadoras; falsa porque inautêntica, pois continua, de facto, a entregar-se aos velhos modelos. Aliás, quando não recai nas velhas lógicas remete-se à vassalagem ao sistema, como acontece ao próprio pós-modernismo demasiadas vezes (Eagleton, 1998).

Segundo Cooper (2003), o relativismo pós-moderno não significa só que o conhecimento é relativo às suas condições contingentes de possibilidade e pode ser de dois tipos: subjetivista, quando relativiza a verdade ao sujeito; linguístico, quando a relativiza ao contexto da linguagem utilizada. Neste quadro, as noções de verdade e conhecimento universal objetivo estão destinadas a ser evacuadas pela sua suposta inutilidade e, sobretudo, pelo facto de constituírem verdadeiros obstáculos epistemológicos. O que representa, no campo da educação, o abatimento de todo horizonte normativo, a recusa dos modelos e dos fins. Na verdade, o movimento pós-moderno em educação apresenta-se ambíguo, abrangendo uma pluralidade de aspetos: desde a conceção de educação, passando pela organização e a administração escolar, os métodos de ensino ou a natureza de certas disciplinas (Cooper, 2003). O pós-modernismo tem insistido sobretudo na necessidade de defender a diferença e a diversidade, mostrando uma forte hostilidade pelos processos de cariz universalizador, totalizador ou centralizador. Serão estes matizes que teremos de saber incorporar se quisermos prosseguir o intento de reconstruir a Razão Pedagógica.

Quanto à incredulidade nas metanarrativas, depois de afastado o projeto da teontologia tradicional, ela incide transversalmente sobre toda a grande narrativa: a da dialética do Espírito; a das hermenêuticas do significado; a da emancipação do sujeito racional ou trabalhador; ou,

ainda, a da criação da riqueza. Diferentes relatos, usados com o mesmo propósito: a legitimação dos discursos totalitários, isto é, absolutizadores e normativos, quase sempre autodenominados de “ciências”. A partir da cisão da Razão Unificadora parece inaceitável a prevalência de qualquer narrativa fundadora, abrindo-se o mundo à pluralidade das narrativas, todas em pé de igualdade. O pós-modernismo desconfia do estabelecimento de hierarquias, pois suspeita que nelas se escondam relações de poder, mas o nivelamento absoluto (!) pode levar-nos a situações absurdas. Por exemplo, no campo da cultura, o pós-modernismo tende a confundir hierarquia com elitismo (Eagleton, 1998).

A hostilidade da pós-modernidade pela pressuposição de um nível de profundidade dos discursos desenvolveu-se no campo artístico onde emergiu a recusa de qualquer ambição por revelar a verdadeira natureza de um suposto real subjacente: o artista pós-moderno não aspira a ser o “senhor” do sentido escondido, nem à mestria da sua revelação, o que significaria admitir que existe “um” sentido, ou seja, significaria ceder à tentação absolutizadora e normativista; o artista pós-moderno devota-se às superfícies e ao “pastiche” (Keep, McLaughlin & Parmar, 2011). Neste contexto, a funda(menta)ção da autenticidade é revogada em benefício do relativismo da colagem. No campo da arte e da vida quotidiana vemos emergir um padrão que se afasta dos modelos universais, abraçando a complexidade e a multidimensionalidade, e em que se assume a dissolução das distinções hierarquizadoras.

Mas o pós-modernismo não só rejeita o indivíduo autónomo e soberano como opta pela ênfase nas experiências anárquicas, coletivas e anónimas, através das quais melhor se podem realizar a diversidade, a colagem e o inefável. Com isto, assistimos à dissolução das distinções clássicas entre sujeito e objeto, o eu e o outro, rejeitando-se todas as tentativas de definir, reificar ou re-apresentar o sujeito humano.

A hostilidade da pós-modernidade face à preocupação com a profundidade resultou de uma descoberta da importância dos contextos, ou jogos de linguagem, para definir o sentido e o significado na sua imanência, daí que tão pouco fosse de admitir as ambições decorrentes da intenção universalizadora para estabelecer regras gerais do juízo ou normas morais “sub specie aeternitatis”. O postulado do plano subjacente ao discurso é desativado pelo facto de o sentido se encontrar tecido no agenciamento do jogo de linguagem em que se efetiva – pertence a uma superfície e não a qualquer tipo de profundidade –, o que dá abertura à ideia da incomensurabilidade dos discursos e culturas, bem como à dos diferendos insolúveis. De modo concomitante, a ideia do sujeito racional autónomo subjacente aos

discursos e práticas, autor e agente, elemento unificador do seu sentido, deixa de ser uma referência aceitável, dando passo à ideia de um ser fragmentado, difuso e em contínua mutação. O que significa que no plano da educação acaba por esfumar-se a identidade definidora da personalidade que, na referência coerente a uma constelação de valores se expressa num carácter (Boavida, 2005), ou seja, o próprio elemento axial que articularia o *Bildung*.

Indubitavelmente Nietzsche e Foucault relativizaram as crenças com as suas genealogias, Heidegger relativizou os edifícios do conhecimento com a sua hermenêutica e Derrida, finalmente, abateu a suposta transcendentalidade do significado com a sua desconstrução: “quando abordagens tão destrutivas se conjugam, é evidente que não existe ‘Conhecimento’, apenas ‘conhecimentos’, não existe ‘Razão’, apenas ‘razões’, e que estes diversos conhecimentos e razões são ‘construídos’ e não descobertos. São construídos nas e através das práticas e discursos que apresentam a indelével marca de fatores afinal tão ‘demasiado humanos’, como a luta pelo poder” (Cooper, 2003, 210). Finalmente, isto significa que também deve sair de cena o sujeito racional capaz de transcender tais práticas com vista à obtenção de um lampejo objetivo das verdades e das normas.

O reconhecimento da falência da Ilustração moderna está longe porém de ter produzido uma verdadeira alternativa crítica, pois, quando não se fica pela anomia alienante de qualquer tipo de intervenção, apenas tem dado passo a reações que oscilam entre a recaída nostálgica no apego às certezas perdidas e a obsessão cínica pelos mais pragmáticos interesses egotistas. Destruída a possibilidade de discursos ancorados e assumida que ficava a existência de diferendos irresolúveis, resta à pós-modernidade a celebração da diferença, no quadro de um pensamento assumidamente fraco, dado a exercícios lúdicos e à ironia. O maior ganho talvez tenha sido o desenvolvimento do respeito pelo local e as minorias, procurando conseguir com que se ouçam as vozes das diferenças fora do regime do discurso dominante, nela incluída a mania performativa.

Jean-François Lyotard propôs que se dê testemunho dos diferendos das vozes da diferença e se encontrem os idiomas adequados à sua expressão, sugerindo que a arte e o sentimento poderiam ser os melhores meios para abrir o enigma humano aos interlocutores (Dillon & Standish, 2000). Não só é a arte o melhor meio para abrir a expressão do diferendo, que não pôde encontrar os termos para se expressar no jogo de linguagem dominante, como será pela arte que se poderá despertar as boas consciências insensíveis ao seu grito surdo. A seu ver requer-se hoje um trabalho meticuloso e paciente de nada mais do que “apenas educação” (Dillon & Standish, 2000). O

que nos leva a questionar se não há aqui um retorno à convocatória moderna da educação com vista ao projeto de emancipação individual e coletiva. O que nos deixa aberta a porta para reconstruir, “mutatis mutandis”, uma nova concepção de *Bildung*. Mas em si mesmo, o movimento pós-moderno em educação apresenta-se ambíguo, abrangendo uma pluralidade de aspetos: desde a concepção de educação, passando pela organização e a administração escolar, os métodos de ensino ou a natureza de certas disciplinas (Cooper, 2003). O pós-modernismo tem insistido sobretudo na necessidade de defender a diferença e a diversidade, mostrando uma forte hostilidade pelos processos de cariz universalizador, totalizador ou centralizador. Serão estes matizes que teremos de saber incorporar se quisermos prosseguir o intento de reconstruir da Razão Pedagógica.

3. A FILOSOFIA DOS LIMITES E OS LIMITES DO PÓS-MODERNISMO: PARA UMA RECONSTRUÇÃO DOS PARADIGMAS EDUCACIONAIS

3.1. Desafios im/possíveis da pós-modernidade

A recusa do absoluto pelos pós-modernos significa o reconhecimento dos limites das nossas linguagens e das razões e das práticas que as constituem e nelas se constituem, mas que ao mesmo tempo aponta para os próprios limites da orientação pós-moderna. Em todos os quadrantes se abateram referentes, sem que se tenham repostos os efetivos e, entretanto, progrediu o deserto, começando a faltar o oxigénio espiritual: assistimos já ao triunfo do hiperconsumismo (Lipovetski, 2007). Alastra o império do efémero na época do vazio, pululam os paradigmas vácuos assentes na fama que tomou o lugar do prestígio, o relativismo anda de mão dadas com a superficialidade, recuaram as éticas para o nível do indolor e da circunstância, e da cultura resta o divertimento fundido com a procura do prosaico bem-estar, conformado com o sistema. No oceano do fim das ideologias, além de naufragos pouco mais se encontra do que “velozes sem rumo e poderosos sem causa” (Boavida & Formosinho, 1997).

Não admira por isso que, após um período de equívocos e passos em falso, de regressos forçados ao passado e fugas para diante, de mais radicalização niilista, se tenha começado a procurar uma reconstrução, desde logo reconsiderando a real valia das abordagens pós-modernas. O questionamento do pós-modernismo pôs a descoberto uma série de fragilidades, que Cooper (2003) elencou de forma precisa. Os pós-modernos espantaram pelo efeito

provocador e bombástico das suas propostas, mas estas enfermam em muitos casos de sérias limitações: o facto de enveredarem por simples paródias da filosofia “tradicional”¹⁵; a fraqueza argumentativa que se descobre por trás da opaca linguagem de efeito sensacionalista, para não referenciar o carácter auto-estupidificante de algumas abordagens.

Uma mitigação do pós-modernismo parece recomendar mais rigor, acuidade na referência histórica, argumentação mais sólida, maior qualidade nas formulações, de modo a que se veja claramente os seus reais contributos e se evite o resvalamento para o paradoxo e o absurdo. Uma posição moderada poderia ater-se ao critério de uma racionalidade dialógica, remetendo para critérios intersubjetivos abertos à revisão e em que, precisamente, faz sentido admitir para o campo da educação a referência aos valores democráticos e emancipatórios, ainda que, também neste caso, se reconheçam os limites da nossa compreensão do seu sentido e operatividade prática.

De forma ilustrativa, Cooper (2003) identificou os principais tipos de respostas dos pós-modernos para o campo educacional, que se podem aglutinar em torno do denominador comum da recusa dos enquadramentos absolutizadores e da afirmação do direito à diferença.

Um grupo muito radical chega a avançar no sentido do fim da crença na educação, muito em particular para realizar o projeto da emancipação. Em certos casos antevê-se mesmo o fim da educação, com o regresso à universidade da vida, em que a busca da emancipação se realizaria pela experiência direta de diferentes formas de viver.

Uma orientação mais otimista propõe uma reestruturação da educação de modo a refletir ao nível curricular a explosão da tradicional confiança na verdade e na objetividade, reconhecendo-se a natureza construída de todo corpo de conhecimentos. Para o plano organizacional prevê-se a descentralização, de modo a poderem afirmar-se as comunidades educativas específicas, definindo o seu próprio estilo, padrões de exigência e estrutura curricular.

Alguns chegam mesmo a avançar a rejeição da iniciação dos jovens nos corpos de conhecimentos estabelecidos, que reputam de totalitários e terroristas, recomendando um ambiente escolar de dissensão e resistência ao conhecimento e normas transmitidas. Esta abordagem, prescindindo de padrões de julgamento, pretende apoiar as decisões na simples adesão estética, um critério muito fraco quando se trata de questões epistemológicas e, eventualmente, éticas.

¹⁵ Alguns (Buckingham, 2003) assumem explicitamente a paródia como instrumento para lidar com as relações de poder e dizer o indizível, isto é, dar lugar à voz da subversão.

Finalmente, uma outra corrente pós-moderna apresenta uma aparente moderação: não rejeita a necessidade de critérios de consensualização acerca da verdade, os conhecimentos e as normas morais, apenas insiste na hostilidade à profundidade e ao “fundacionalismo” da verdade. Impugnam, no entanto, o entendimento do fim da educação como iniciação a formas de conhecimento, supostamente, ancoradas e objetivas ou como correspondendo ao desenvolvimento do indivíduo racional autónomo, subjacente às críticas, aos discursos e às práticas.

As correntes pós-modernas, em geral, tão pouco aceitam a obsessão pela performatividade ou a perspectiva de um discurso científico livre de compromissos ideológicos e normativos. Alguns assumem-se como ironistas, livres de produzir descrições irrestritas de si e do mundo, e sem assumirem ambição alguma para impugnam qualquer tipo de discursos ou práticas públicas que, embora infundamentadas, sirvam a estabilidade do ambiente democrático das nossas sociedades. Neste caso remetem o uso da sua ironia ao domínio privado, deixando as abordagens pós-modernas para o contexto académico, facto que mostra bem a compactuação com o sistema a que chegaram. Por isso, para onde quer que se olhe, a paisagem pós-moderna não parece fornecer referentes para se estruturar convictamente a educação. Em certos casos, sugerem perplexidades e paradoxos que geram, no mínimo, incredulidade e estupefação e, no limite, bloqueios, anomia, sentimento de deriva e de desespero. É este estado de coisas que tem dado força a uma preocupação crescente com a necessidade de proceder a uma reconstrução da Razão Pedagógica (González, 2010). Um ensejo que se vislumbra mesmo entre os pós-modernos, quando confrontados, no limite, com o niilismo das suas posições.

3.2. Relativismo, multiculturalidade e valores humanos

Um dos desafios mais difíceis da pós-modernidade diz respeito ao relativismo que, articulado com a afirmação da diferença, motivou o advento do multiculturalismo. O debate sobre o multiculturalismo implica uma análise axiológica que deve começar por enfrentar o facto de, como nota Strawn (2007), o relativismo ser hoje dominante na Academia. Pelo menos os antropólogos, os sociólogos e os filósofos experimentam grandes dificuldades em levar a cabo o seu trabalho fora de abordagens relativistas. Contudo, o direito à diferença, globalmente considerado para uma cultura, não deveria colidir com os direitos fundamentais dos seus membros.

Algumas tendências pós-modernas, prevalentes nos setores das ciências sociais e humanas, acreditam que a verdade é múltipla e

depende do ponto de vista do sujeito ou do contexto em que é formulado, uma vez que não existe uma racionalidade que possa garantir validade universal, apenas racionalidades multiformes em diferentes culturas. Seguindo a análise de Silva (2005), podemos distinguir dois tipos de críticas do relativismo: i) o primeiro é de âmbito geral: os relativistas clamam que não existe nenhuma verdade não relativa, embora paradoxalmente assumam a sua perspectiva sobre os “jogos de linguagem” como não-relativa; ii) o segundo tipo de críticas diz respeito às consequências absurdas do relativismo, como nos casos de se considerar, por exemplo, que a total equivalência entre práticas culturais, mesmo quando se trata da mutilação genital feminina, cujos relatórios médicos da World Health Organization (2010) mostram à evidência os efeitos nefastos sobre a saúde e a natureza da experiência sexual feminina. Ora, se o multiculturalismo deve ser assumido como base para o direito à diferença, não nos autoriza necessariamente a cair no relativismo e muito menos a defender uma idiosincrasia cultural à custa dos direitos individuais, da dignidade humana, da liberdade, da igualdade de condição e de justiça. Na expressiva formulação de Béji (2006), temos de evitar que o étnico liquide o ético, porque como pertinentemente refere Amin Maalouf (2000, 88): “há valores que concernem à espécie humana sem exceção. Tais valores merecem ser colocados antes de tudo mais.”

Quando passamos para o plano das nossas escolas precisamos também de questionar o sentido e a validade do relativismo, que hoje se apresenta sob a forma dos avatares do “indiferentismo” e do “tolerantismo” (González, 2010). O “indiferentismo” tende à desativação de todos os instrumentos coativos – como o das avaliações e do espírito de rigor – que tem levado a iludir as funções sociais da escola, do ensino e dos diplomas. A tendência para tudo tolerar, que aparece hoje como um novo absoluto, enferma do absurdo de nos fazer aceitar até aquelas perspectivas habitadas pela dominação e o trato vexatório. Ora, no quadro da modernidade, a tolerância entendia-se, precisamente, como limitada pelos valores da dignidade e da justiça, limites que a pós-modernidade veio dissolver com a absolutização da tolerância.

Tal como propôs Herrerías (2009b), devemos chegar a uma conceção meta moderna que transcenda tanto o moderno universalismo da univocidade como o pós-moderno universalismo da equivocidade, se quisermos obter um novo horizonte para a verdade. Para lá das metas narrativas da imposição e do relativismo inoperante, precisamos de aprofundar a via do diálogo genuíno e inquiridor entre todos nós. O novo horizonte da verdade é o do “encontro dialógico”, para prosseguir uma demanda, eticamente fundada, acerca do que

poderia ser uma sociedade mais justa, mais digna, mais livre e mais equitativa.

3.3. Da desmobilização do sujeito crítico à sua recuperação crítica

Um dos mais graves problemas da leitura pós-modernista, começa quando se recusa todo o objetivo à educação ou a definição da educação como avançando para a concretização de um objetivo. Usher e Edwards dizem que, “com efeito, o autodefinido objetivo da educação não pode ser realizado na escolaridade. Não há nenhum fim para a incompletude e nenhum fim da completude. A escolarização nem pode ter um ‘fim’ (objetivo ou propósito) nem pode ela própria ser um ‘fim’ (términus)” (Usher & Edwards, 1997, 131). Se, certamente, o desejo que nos anima nunca está completo, nem a educação se clausura alguma vez, também é verdade que a educação atinge um dos seus objetivos quando coloca o sujeito na senda dessa dinâmica de procurar respostas à sua incompletude, atribuindo-lhe competências de produzir sentido para a sua existência, ou seja, saídas para a sua inesgotável ânsia de ser. Neste sentido, a educação tem um fim (términus) e tem, aliás, múltiplos e polimorfos fins e finalidades, que podem ser redefinidos de modo renovado, mas que reclamam opções. O pós-modernismo, no entanto, parece, por vezes, querer esquivar o optar.

Os autores citados criticam a “novela da autoformação”, construída pela Ilustração para definir a educação como processo conducente à autonomia aceitando certos constrangimentos sociais. A seu ver, o verdadeiro sentido da educação está em o educando perceber que “a sua autonomia é indeterminada já que não pode nunca alcançar um fim (, ou seja,) que é um sujeito de desejo, de um desejo que nunca pode ser satisfeito” (Usher & Edwards, 1997, 134-135). Sem dúvida somos esta ânsia e, sem dúvida, a nossa autonomia está sempre limitada –por isso se projeta continuamente–, mas somos também sujeitos de razão, que concebem a sua realização no próprio quadro limitado das opções e dos valores. Aliás, não podemos esquivar a condição de, a cada momento, ser o nosso eu, porventura descentrado de qualquer narrativa monológica, com os seus desejos, a sua razão e os seus valores que constitui o centro a partir do qual perspectivamos as alternativas para nos realizarmos, numa contínua emancipação do que nos limita e enclausura. A cada passo é a coerência que nos permite escolher e substancializa a nossa autonomia; não lutamos contra a coerência, mas com ela.

Todavia, na senda da desconstrução nietzscheana, Bingham apareceu a defender uma pedagogia da *self-reformulation*, a que aparece associado o pressuposto algo absurdo do projeto da não-

identidade (Fennel, 2005). A pedagogia da *self-reformulation* ensina a humildade e a abertura experiencial, porém parece fazê-lo para entregar o sujeito à desconstrução de tudo o que possa considerar-se um *self* estável. O seu propósito é o comprometimento com uma não-identidade do *self* ou uma identidade vacilante num contexto de total planura democrática na interação. “Em nome da liberação humana, a pedagogia da *self-reformulation* providencia as mesmas oportunidades para todos os estudantes. Sob o princípio de que um *self* estável e uma identidade fixa são danosos, os educandos devem acostumar-se a um fluxo em que não pode haver lugar para o que é superior” (Fennel, 2005, 106). A nosso ver, aceitar a abertura a outras formas de ser não pode conduzir-nos à defesa do abandono de toda a identidade que sirva de auto referente estável. Semelhante radicalização da existência significa perder a própria existência, não ganhá-la, pois eliminaríamos toda a narratividade em torno dela. Mais uma vez, o que a erradicação dos referentes parece legar-nos é a relativização fragmentadora onde nos perdermos. Aliás, em contextos em que se desmobilizou o sujeito crítico que poderia fazer frente ao hiperconsumismo, é patente que o individualismo hedonista e o relativismo apenas nos condenam aos planos superficiais e espúrios (Lipovetsky, 2007).

Não deixa de ser curioso o modo como os pós-modernos, ao mesmo tempo que ensaiam uma justa crítica ao conceito mercantilista, consumista e performativista que se instalou na educação, procuram descartar o enquadramento teleológico, por este albergar geralmente a falácia essencialista, mas acabam, no entanto, por recuperar, de algum modo, o desiderato do sujeito crítico. Standish (2003), por exemplo, mostrou como é importante, hoje, transcendermos os esquemas teleológicos enclausuradores da performatividade e do essencialismo de vistas curtas: “o pensamento teleológico torna-se grotesco quando concebe os seres humanos e as suas políticas como perfeíveis –em termos de fins que são em princípio realizáveis” (Ibid., 227). A crítica é importante e acertada quando se pensa nos atuais contextos da educação funcionalizada a performances técnicas e economicistas, ou nas derivas totalitárias do século XX; mas no que diz respeito ao paradigma da modernidade parece esquecer que o conceito moderno de ser humano educado é assintótico: pessoalmente, jamais podemos assumir-nos educativamente acabados, como jamais podemos atribuir à emancipação coletiva uma data de consumação.

O nosso autor pretende esquivar o esquema da perfeitibilidade teleológica, voltando-se para o conceito Emersoniano de perfeccionismo, que aponta para uma conceção flexível e aberta, mas que “sugere a aspiração para o melhor de nós mesmos” (Standish, 2003, 228). Trata-se de cada um encontrar o seu caminho e não entrar

no caminho definido por outros. Contudo, também neste aspeto, seria bom lembrar que o conceito moderno de emancipação pressupõe o pensar por si libertando-se de todas as tutelas, como tão contundentemente mostrou Kant. Porém, a abordagem referida parece querer, dispensar a soberania do sujeito racional e pretende antes ater-se à perspectiva de que qualquer ideia que tenhamos de nós próprios, como entidade una, é essencialmente ilusória, pois a alma é “uma imensidão não possuída e que não pode ser possuída” (Emerson, ap. Standish, 2003, 229). De modo que imaginar que podemos constituir-nos pessoalmente adquirindo progressivamente competências apenas nos pode cegar para o facto de a nossa vida ser uma aprendizagem por acercamento infinito à verdade e de que não há nenhum fim para ela, pois cada fim é um novo princípio, cada limiar de profundidade abre sempre outro. O que leva Standish a dizer que “Há uma espécie de blasfémia na abordagem direta dessas profundidades. Há idolatria na busca estreita de fins fixos” (Ibid., 229) Acabando por se decantar por uma proposta que parte do reconhecimento da nossa “incompletude essencial”. Proposta que, a nosso ver, deve ser completamente abraçada pela reconstrução educacional que queremos aqui apontar.

4. CONCLUSÃO

A pós-modernidade tem promovido o desenvolvimento de releituras da antinomia fundamental da educação entre essência e existência, mas por vezes tende a uma radicalização existencial. Pela nossa parte, entendemos que a resolução desta antinomia só pode ser provisória e aberta, de tal forma que a vida e o ideal se unam de modo criador e dinâmico (Suchodolski 1988; Reis, 2008). O que nos deixa entrever que a tensão se mantém, é preservada, não se anula.

Mas será que a relativização pós-moderna obriga à desmobilização completa do sujeito ativo e crítico, tanto genérica como educacionalmente falando? A resposta de Buckingham, a respeito da cada vez mais indispensável educação para os media, é muito clara: “a educação não pode dar-se ao luxo de abandonar o projeto modernista do criticismo cultural” (Buckingham, 2003, 325). Na sua opinião, por muito que sejam indispensáveis as formas parodiais, irónicas e lúdicas, por meio das quais o inefável do desejo pode encontrar a sua voz e os discursos totalitários podem ser transgredidos e erodidos, não só é equívoco supor que a ludicidade e a racionalidade se excluem, como temos cada vez mais motivos para encorajar a reflexão e a crítica.

Buscamos um novo paradigma, que deve passar pelo duplo enraizamento natural e relacional da pessoa humana e seja capaz de

superar o seu entendimento substancialista, racionalista, monológico e desnaturalizador, por meio de uma conceção que entende a sua complexidade dialógica bio-psico-socio-cultural (Reis, 2009). Devemos encontrar as vias de uma nova ilustração, uma meta modernidade que supere as monologias e os reducionismos e se abra ao jogo da igualdade e da diferença das nossas identidades gramaticalizadas e de uma razão participada (Herrerías, 2009b). O que nos remete para o esforço de reconstrução de uma Razão Pedagógica crítica, dialógica e intersubjetiva.

BIBLIOGRAFIA

- Béji, H. (2006). A cultura do inumano. In J. Bindé (Dir.), *Para onde vão os valores* (pp. 57-64). Lisboa: Instituto Piaget.
- Boavida, J. & Formosinho, M. D. (1997). Velozes sem rumo e poderosos sem causa? *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano 31 (1,2 e 3), 59-87.
- Boavida, J. (2005). O que será um bom carácter? In C.M.C. Vieira, A.M. Seixas, A.P.M. Matos, M.P. Lima, M.M. Vilar & M.R. Pinheiro (Eds.), *Ensaíos sobre o comportamento humano – Do diagnóstico à intervenção: Contributos nacionais e internacionais* (pp. 7-35). Coimbra: Almedina.
- Buckingham, D. (2003). Media education and the end of the critical consumer. *Harvard Educational Review*, 73 (3), 307-327.
- Cabanas, J. M. Q. (2002). *Teoria da educação - Concepção antinómica da educação*. Porto: Edições ASA.
- Carvalho, A. D. (1994). *Olhares e percursos*. Santa Maria da Feira: Fundação Terras de Santa Maria da Feira.
- Cooper, D. E. (2003). Postmodernism. In R. Curren (Ed.), *A companion to the philosophy of education* (pp.206-217). Oxford: Blackwell Publishing.
- Dhillon, P. A. & Standish, P. (2000). *Lyotard: Just education*. London: Routledge.
- Eagleton, T. (1998). *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Fennel, J. (2005). Nietzsche contra "self-reformulation". *Studies in Philosophy and Education*, (24), 85-111.
- Foucault, M. (1987). *Nietzsche, Freud & Marx. Theatrum philosophicum*. 4ª ed. São Paulo: Princípio.
- González, V. (2010). Hacia una reconstrucion de la Razón pedagógica. *Teoría de la Educación*, 22, 2, 19-42.
- Herrerías, G. L. (2009a). *Nueva carta sobre el humanismo*. Madrid: Asociación Española de Educación Ambiental.
- Herrería, G. L. (2009b). Diferentes sujetos, diferente educación: Del humano sustancia racional al gramatical ético. In A. del Dujo, J. Boavida & V. Bento (Coords.), *Educação: Reconfiguração e limites das suas fronteiras* (pp. 59-93). Guarda: Centro de Estudos Ibéricos.
- Kant, I. (1784/1985). Que és la Ilustración? In E. Imaz (Comp.), *Emmanuel Kant: Filosofia de la historia* (pp. 25-38). Madrid: Fondo de Cultura Económica.
- Keep, C., McLaughlin, T. e Parmar, R. (2011). *Defining Postmodernism*. Obtido em 19 de dezembro de 2012 de <http://elab.eserver.org/hfi0242.html>
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal – Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.
- Lyotard, J.-F. (1989). *A condição pós-moderna*. 2.ª Ed. Lisboa: Gradiva.
- Maalouf, A. (2000). *On identity*. London: Harvill Press.

- Pring, R. (2003). La educación como “práctica educativa”. In M. Amilburu (Ed.), *Claves de la filosofía de la educación* (pp.29-48). Madrid: Dykinson.
- Reis, C. F. S. (2008). Educação e cultura mediática: análise de implicações deseducativas. Dissertação apresentada à Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação, na especialidade de Filosofia da Educação.
- Reis, C. F. S. (2009). A educação face ao (des)aparecimento do sujeito. In A. Dujó, J. Boavida & V. Bento (coords.), *Educação: Reconfiguração das suas fronteiras*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos.
- Silva, M. (2005). As consequências absurdas do relativismo. *Filosofia e educação: Uma escola para o século XXI*. Obtido em Dezembro de 2009 de <http://www.filedu.com/mmartinssilvaconsequenciasdorelativismo.html>
- Sloterdijk, P. (1987). *Critique of cynical reason*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Standish, P. (2003). The nature and purposes of education. In R. Curren (Ed.), *A companion to the philosophy of education* (pp. 221-231). Oxford: Blackwell Publishing.
- Strawn, J. (2007). An Intellectual Defense of Female Genital Mutilation? *The Cabal*, 10 de Dezembro de 2007. Obtido em Agosto de 2010 de http://www.jewcy.com/cabal/intellectual_defense_fgm
- Suchodolski, B. (1984). *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Usher, R. & Edwards, R. (1997). *Postmodernism and education*. London and New York: Routledge.
- World Health Organization (2010). Female genital mutilation. *Fact sheet* n.º 241, Fevereiro de 2010. Obtido em Agosto de 2010 de <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs241/en/index.html>

TALENTO E DESEMPENHO ECONÓMICO NOS PAÍSES EUROPEUS: UMA APLICAÇÃO DE EQUAÇÕES ESTRUTURAIS

TALENT AND ECONOMIC PERFORMANCE IN EUROPEAN COUNTRIES:
A STRUCTURAL EQUATION APPLICATION

TALENTO Y DESEMPEÑO ECONÓMICO EN LOS PAÍSES DE EUROPA:
UNA APLICACIÓN DE ECUACIONES ESTRUCTURALES

Ana Rita Cruz (ana.rita.cruz@iscte.pt)*

RESUMO:

A ligação entre o capital humano e o desenvolvimento dos territórios é um tema que tem raízes profundas nas ciências sociais, em particular na teoria económica. O presente artigo pretende analisar o impacto que os três T propostos por Richard Florida - o talento, a tecnologia e a tolerância -, têm no desempenho económico. Tendo por base os vinte e sete estados-membros da União Europeia é seguida a abordagem de *Partial Least Squares* para estimar um modelo de equações estruturais explicativo da teoria dos três T. Os resultados confirmam a significância estatística das relações teóricas estudadas e sublinham o papel do talento como motor central em todo o processo económico.

Palavras Chave: Criatividade, Tolerância, Talento, Tecnologia, Equações Estruturais.

ABSTRACT:

The linkages between human capital and territorial development is a topic that has deep roots in the social sciences, particularly in economics. This article aims to analyze the impact that the three Ts proposed by Richard Florida, the talent, technology and tolerance, have on economic performance. Based on data for the European Union twenty-seven member states, the approach follows a Partial Least Squares method to estimate a structural equation model explaining the theory of the three Ts. The results confirm statistically the significance of the theoretical relationships studied and emphasize the role of talent as a central engine in the whole economic process.

Keywords: Creativity, Tolerance, Talent, Technology, Structural Equations.

RESUMEN:

La relación entre el capital humano y el desarrollo de los territorios es un tema que tiene profundas raíces en las ciencias sociales, en particular en la economía. Este artículo tiene como objetivo analizar el impacto de las tres T de la teoría de Richard Florida, el talento, la tecnología y la tolerancia, en el desempeño económico. En base del análisis están los veintisiete estados miembros de la Unión Europea y el método de *Partial Least Squares* para estimar un modelo de ecuaciones estructurales que explican la teoría de las tres T. Los resultados confirman la significancia estadística de las relaciones teóricas estudiadas y subrayan el papel del talento como motor central en todo el proceso económico.

Palabras clave: Creatividad, Tolerancia, Talento, Tecnología, Ecuaciones Estructurales.

* Socióloga. Mestre em Gestão e Desenvolvimento de Destinos Turísticos. Membro associado do DINÂMIA'CET - Centro para a Mudança Socioeconómica e Estudos Territoriais do ISCTE-IUL e estudante de doutoramento em Estudos de Turismo na Faculdade de Economia da Universidade do Algarve. Beneficia do apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia através de uma bolsa individual de doutoramento com a referência SFRH/BD/75893/2011.

Submitted: 27 th December 2012

Accepted: 29 th July 2013

1. INTRODUÇÃO

O desempenho económico dos países é uma preocupação central dos governos, das empresas e dos cidadãos. A relevância do desempenho económico é justificada pela relação deste fenómeno com a qualidade de vida, o acesso a mais e melhores bens e serviços e à estabilidade na sociedade.

A dinâmica económica dos territórios foi, desde os pensadores clássicos da Economia, associada à dotação de fatores como o trabalho e o capital, e de uma forma mais genérica à existência de recursos naturais que conferiam aos territórios uma capacidade competitiva adicional no comércio internacional. Já nos anos 50 do século XX as teorias sobre a contabilidade do crescimento vieram sublinhar o papel que também a tecnologia tinha na evolução económica dos países. A década de 1990 fica marcada pela estabilização da ideia da relevância do capital humano para o crescimento das economias nacionais. O capital humano associava-se à existência de recursos humanos qualificados que poderiam estimular a presença de inovação nas empresas, ou seja a criação de novos processos e produtos lançados para o mercado. O capital humano seria aumentado por via da educação formal da população ativa.

Na viragem do século emergem uma série de investigações que colocam a criatividade no centro do processo económico. A criatividade associa-se ao capital humano mas transcende a dimensão formal dos recursos humanos. No centro da criatividade como indutor do desenvolvimento económico está o talento da população. O talento depende da educação mas também de outras características que envolvem indivíduos com educação formal não obrigatoriamente superior que aplicam novas ideias e difundem conhecimento, como é o caso dos artistas. Esta ideia foi celebrizada por Florida (2002) mostrando que a 'classe criativa', que se afirma pelo seu talento, está no centro da capacidade dos territórios serem competitivos. Em paralelo, é a presença de talento, que estimula a emergência de tecnologia e de tolerância. Esta visão, conhecida como a teoria dos três T do desenvolvimento económico, apesar de criticada devido à sua circularidade, introduz na discussão temas largamente ignorados pelas visões tradicionais, em particular a importância central dos lugares boémios, da tolerância e da diversidade na capacidade económica.

Partindo destas ideias, o presente artigo explora a relação entre o talento, a tecnologia e a tolerância e o desempenho económico. É estimado um modelo de equações estruturais para aferir os impactos diretos e indiretos do talento na economia. O artigo estrutura-se em torno de quatro partes. A primeira introduz as teorias de crescimento

económico, a relevância do capital humano e a teoria dos três T. A segunda exemplifica esta visão com um estudo comparativo entre os EUA e países europeus elaborado por Florida & Tinagli (2004). A terceira parte introduz a abordagem dos modelos de equações estruturais, dando particular atenção ao método *Partial Least Squares*, utilizado na investigação empírica. Na quarta secção é apresentada a investigação empírica, os dados analisados, a construção do modelo teórico, a estimação e a avaliação estatística da adequabilidade do modelo. O artigo conclui com algumas implicações para as políticas associadas à atracção e retenção da classe criativa.

2. TALENTO E O IMPACTO NO DESEMPENHO ECONÓMICO DOS PAÍSES

2.1. Teorias de Crescimento Económico e Capital Humano

A literatura sobre desenvolvimento económico é bastante heterogéna. Na ciência económica atual os contributos de Solow (1956) são considerados essenciais ao sublinhar o efeito da tecnologia sobre o crescimento económico. O modelo de Solow trata a tecnologia como uma variável exógena capaz de fazer os países alterarem radicalmente a capacidade produtiva dos fatores capital e trabalho. Nessa mesma década, Ullman (1958) observou o papel do capital humano no seu trabalho sobre desenvolvimento regional. Os trabalhos de Schultz (1961) ofereceram as primeiras estimativas da contribuição do capital humano para o desenvolvimento. Também Denison (1962) corroborou a importância de se incluir o capital humano como parte integrante da explicação do crescimento. O papel das cidades e regiões na transferência e difusão do conhecimento também foi enfatizado nesta década (Jacobs, 1961).

O interesse pelo tema do capital humano voltou a ressurgir na segunda metade dos anos 80 do século XX, com o estímulo de se compreenderem as causas de diferentes produtividades e taxas de crescimento. Romer (1986) alargou a visão tradicional do crescimento ao estruturar um modelo de crescimento endógeno ligando a tecnologia, o capital humano e o conhecimento ao crescimento económico. Também Lucas (1988) contribuiu para este debate identificando o papel das externalidades do capital humano no desenvolvimento. Com base em Jacobs e no trabalho de Romer, Lucas destacou o efeito de aglomeração de capital humano, reconhecendo o papel das grandes cidades, que localizam capital humano e informação, criam *spillovers* de conhecimento, e tornam-se motores do

crescimento. As cidades reduzem o custo de transferência de conhecimento.

Uma ampla gama de estudos empíricos tem documentado o papel do capital humano no crescimento. Entre outros, Barro (1991) e Simon (1998) confirmam a relação entre capital humano e crescimento em termos nacionais. Por seu lado, Glaeser (2000) forneceu evidência empírica sobre a correlação entre capital humano e crescimento ao nível regional. Empresas localizadas em áreas de elevada concentração de capital humano obtêm vantagens competitivas. Outros estudos (Berry & Glaeser, 2005) realçaram que o capital humano tem vindo a concentrar-se em países, regiões e cidades mais atrativa.

O debate atual gira em torno de duas questões. A primeira refere-se à melhor forma de medir e contar o capital humano. Tradicionalmente, o capital humano é medido com recurso a indicadores relacionados com a educação e formação dos trabalhadores. A medida convencional do capital humano é a escolaridade, contabilizando a parcela da população com um habilitação superior. No entanto, a profissão também fornece uma medida robusta das competências utilizadas, ou seja, como o talento é absorvido e usado pela economia. A educação oferece o nível subjacente de capacidade, mas tal capacidade tem de ser convertida em trabalho produtivo. Assim, a profissão é o mecanismo através do qual a educação é convertida em produtividade do trabalho. Por estas razões, alguns investigadores argumentam que a ocupação profissional é uma medida melhor e mais direta do capital humano (Mellander & Florida, 2006).

A segunda questão-chave no debate atual relaciona-se com os fatores que afetam a distribuição geográfica do capital humano e da classe criativa. Esses tipos de talento estão associados ao desenvolvimento económico e têm uma geografia variável. A maioria dos economistas conceptualiza o capital humano como um *stock*, que pertence a um lugar da mesma forma que um recurso natural. Mas na realidade o capital humano é um fluxo, um fator altamente móvel que pode ou não mudar de localização. Então uma questão que emerge relaciona-se com quais os fatores que atraem esse fluxo e determinam os níveis divergentes do capital humano e da classe criativa nos territórios.

Segundo Florida, Mellander & Stolarick (2007) três tipos de respostas têm sido dadas a esta questão. A primeira resposta, refere que um lugar com uma vantagem inicial tende a desenvolver e ampliar essa vantagem. Por exemplo, a presença de universidades tem sido apontada como um fator-chave neste conjunto de vantagens iniciais, assim, tanto na produção como na distribuição de capital humano. No

entanto, a distribuição de capital humano não é necessariamente coincidente com a distribuição das universidades. Enquanto algumas regiões com universidades têm grandes concentrações de talento, outras operam principalmente na produção de capital humano, servindo como exportadores de pessoas educadas para outras regiões (Florida, Gates, Knudsen & Stolarick, 2006). Florida (2005) argumenta que por vezes não existe uma conexão geográfica da educação com a inovação porque o lugar não consegue reter o talento. Este é um resultado do aumento da mobilidade de recursos humanos altamente qualificados.

Uma segunda abordagem argumenta que a distribuição de talento é afetada pela localização de determinadas características. Os consumidores e serviços, tais como restaurantes, teatros e museus tendem a ser caracterizados pela proximidade geográfica entre o produtor e o consumidor. O estilo de vida, na forma de entretenimento, vida noturna, cultura, entre outros aspetos, funciona como atrator de populações educadas. Florida (2002) introduz uma medida de localização observando as preferências dos produtores de arte e cultura, para estruturar um índice de ambiente boémio como explicação da atracção do capital humano.

O terceiro tipo de resposta refere-se aos fatores que influenciam o fluxo de talento entre as regiões e argumenta que a tolerância e a abertura à diversidade afetam o nível e a distribuição geográfica do capital humano. Os contributos de Jacobs (1961) foram pioneiros desta visão ao discutir que a diversidade de empresas mas também dos indivíduos é essencial para a dinâmica do território. Investigações mais recentes sobre o papel da diversidade demográfica no crescimento económico (e.g., Ottaviano & Peri, 2005) mostram como a diversidade entre os indivíduos e a tolerância face à imigração se correlacionam com aumentos regionais da produtividade. Os imigrantes acrescentam valor aos locais não apenas porque executam tarefas diferentes, mas também porque são portadores de competências distintas para o desempenho da mesma tarefa. Por outro lado, as atitudes tolerantes em relação a homossexuais também estão associadas a resultados favoráveis na atividade económica global e internacional (Noland, 2005). Na mesma linha, Florida & Gates (2001) encontraram uma associação positiva entre as concentrações de famílias homossexuais e o desenvolvimento regional. Florida (2002) sublinha que a tolerância, em particular as menores barreiras à entrada dos indivíduos, está associada a concentrações geográficas de talento, que por consequência, implicam maiores taxas de inovação e de desenvolvimento regional. Quanto mais aberto é um lugar a novas ideias e novas pessoas, maior é o talento que consegue atrair e reter.

2.2. O Desenvolvimento Económico e os Três T

Existe atualmente um debate considerável sobre a relevância destas medidas, abordagens e descobertas. Alguns consideram que a relação entre *Gay Tolerance* e o desenvolvimento regional tem apenas sentido em regiões de população elevada (e.g., Clark, 2003). Num debate entre Glaeser (2004) e Florida (2004), o primeiro sugere que as relações entre capital humano, *Gay Tolerance* e nível boémio não são evidentes e que os efeitos do capital humano dominam os efeitos destas outras medidas de tolerância quando se olha para as diferenças em termos de dimensão populacional. Florida (2004) defende-se afirmando que as análises baseadas em modelação econométrica *standard* são desadequadas, porque têm dificuldade em capturar as interações entre fatores que atuam no desenvolvimento regional. Assim, Florida sugere um modelo geral de desenvolvimento de acordo com os três T do desenvolvimento económico: talento, tecnologia e tolerância. Esta visão argumenta que cada T por si só é necessário mas não suficiente na geração de desenvolvimento regional. Os três T devem agir em conjunto, com um desempenho equilibrado, para resultarem em níveis mais elevados de desenvolvimento.

A visão dos três T não propõe uma relação mecanicista entre a tolerância regional, medida como concentração de artistas e/ou de homossexuais, e o desenvolvimento regional. Defende que a tolerância e a abertura à diversidade tornam os recursos locais mais produtivos e eficientes agindo através de quatro mecanismos principais (Florida *et al.*, 2007). Em primeiro, lugares boémios e residentes homossexuais refletem baixas barreiras à entrada de capital humano. Esses locais terão vantagens para atrair uma ampla gama de talento sem restrições raciais, étnicas, de género ou de sexualidade, aumentando a eficiência de acumulação de capital humano. Page (2007) fornece a base para uma análise económica geral da tolerância. Este autor sublinha que não só a diversidade cognitiva conduz a uma melhor tomada de decisão, mas que é associada à diversidade de identidade, de pessoas e grupos, que permitem novas perspetivas. A diversidade em sentido lato, está associada a maiores taxas de inovação e crescimento. Em segundo lugar, a diversidade da população estimula os mecanismos subjacentes à eficiência da difusão do conhecimento e externalidades do capital humano que Lucas (1988) identificou como o principal motor de crescimento económico. Vários estudos recentes destacam o papel das redes artísticas como canais para a propagação de novas ideias e transferência de conhecimento entre empresas e indústrias. Stolarick e Florida (2006) demonstram que maiores concentrações de artistas e homossexuais refletem os mecanismos regionais que aceleram as

externalidades do capital humano e a difusão do conhecimento. O terceiro mecanismo para tornar os recursos locais mais produtivos relaciona-se com o facto das populações artísticas e homossexuais refletirem valores que se baseiam na abertura, meritocracia, tolerância ao risco e orientação para a expressão individual. Em quarto, os lugares com maior população artística e homossexual sinalizam mecanismos subjacentes que aumentam a produtividade da atividade empresarial. Por causa de sua condição de grupos historicamente marginalizados, instituições económicas tradicionais têm sido menos abertas e recetivas à população boémia obrigando-a assim a mobilizar recursos de forma independente para formar novas organizações e empresas. Florida *et al.* (2007) sugerem que as regiões para onde esses grupos têm migrado e se enraizaram possuem mecanismos que estão mais sintonizados com o empreendedorismo e a criação de novas empresas. Esses quatro fatores, quando considerados em conjunto, melhoram a eficiência e a produtividade regionais de capital humano e da inovação.

3. UMA APLICAÇÃO DOS TRÊS T AOS PAÍSES EUROPEUS

De um modo geral, os vários modelos de desenvolvimento económico sugerem que este provém das empresas, do emprego e da tecnologia. Apesar de constituírem um bom ponto de partida, estes modelos estão incompletos ao terem apenas em conta as dimensões relativas ao talento e à tecnologia negligenciando o papel da tolerância. Na visão preconizada pelos três T, a tecnologia mantém-se um elemento central, como nos modelos iniciais de crescimento económico baseados nas propostas de Solow (1956). No entanto, o talento é aceite como elemento-chave do crescimento económico e sublinha ainda a relevância de um terceiro elemento, a tolerância, que afecta, como debatido na secção anterior, a capacidade dos países, regiões ou cidades de mobilizar competências, atrair e reter o talento criativo ao permitir a abertura à diversidade de indivíduos e ideias.

O trabalho de Florida e seus colaboradores tem focado com maior atenção o caso da América do Norte, em particular dos Estados Unidos da América (EUA), para mostrar a inter-relação destas dimensões. Uma das exceções foi apresentada em Florida e Tinagli (2004), onde se apresentam índices de talento, tecnologia e tolerância, que compõem um índice de criatividade global, incluindo catorze países da Europa e EUA. O índice para cada T foi composto por três sub-índices: o índice de talento (inclui classe criativa, capital humano e talento científico), o índice de tecnologia (inclui inovação, inovação na

alta tecnologia e Investigação e Desenvolvimento) e o índice de tolerância (atitudes, valores e expressão pessoal).

Os resultados dos três sub-índices (que variam entre 0 e 15) para os quinze países analisados mostram que ao nível do talento, os países europeus que ocupam as primeiras posições são a Finlândia, Holanda, Bélgica, Reino Unido e Suécia, e que pelo contrário, os cinco países com pior classificação são Portugal, Itália, Áustria, Grécia e Dinamarca, sendo que os EUA ultrapassam o desempenho de todos os países europeus. No índice de tecnologia verificam-se algumas alterações relativamente ao cenário anterior, sendo os primeiros cinco países a Suécia, Finlândia, Alemanha, Dinamarca e Holanda e os últimos cinco países a Grécia, Portugal, Espanha, Itália e Irlanda. Também neste caso os EUA possuem a melhor *performance*. No entanto, no índice de tolerância, a par de Portugal, os EUA são o país com pior classificação do conjunto analisado. A Suécia, a Dinamarca, a Holanda, a Finlândia e a Alemanha são os países que apresentam níveis mais elevados de tolerância.

A agregação destes três sub-índices origina um índice de criatividade global (que varia entre 0 e 1), onde se pode observar que os EUA são o país que ocupa a segunda posição, apesar da sua classificação superior no talento e na tecnologia (Figura 1). Estes resultados sublinham a importância do papel da tolerância nos modelos de crescimento económico que focam a criatividade. O fraco desempenho dos EUA no índice de tolerância foi o suficiente para não ocupar o lugar cimeiro no índice global de criatividade e ceder o mesmo à Suécia. Os países europeus menos criativos são Portugal, Grécia, Itália e Espanha, países do sul europeu.

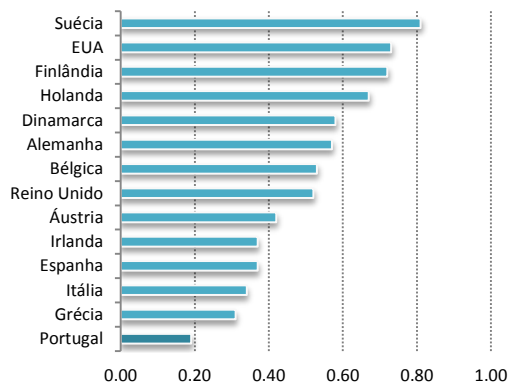


Figura 1: Índices de Criatividade na Europa
Fonte: Adaptado de Florida e Tinagli (2004: 32)

Sendo a criatividade um indicador que acompanha os níveis de desenvolvimento e crescimento económico e social não é uma surpresa o facto dos países mais criativos da Europa se situarem a norte e os menos criativos a sul. Esta constatação é coerente com vários tipos de análises com enfoque no desempenho económico ou na dinâmica inovadora.

As principais conclusões de Florida e Tinagli dizem respeito a quatro pontos essenciais:

(i) a classe criativa (índice de talento) perfaz um total de 25% da força de trabalho de sete dos catorze países europeus analisados. Contudo, existem ainda valores muito fracos neste indicador em países como Itália e Portugal, onde este total é menor que 15% revelando a dificuldade que estes países sentem na transição para uma economia do conhecimento baseada numa estrutura ocupacional criativa.

(ii) a Suécia é o país mais criativo da Europa ultrapassando até os EUA, mas a Finlândia e a Holanda também têm desempenhos consideráveis. Por outro lado, os países que parecem menos adaptados à 'era criativa' são Itália, Espanha, Portugal, Áustria e Grécia, que terão de fazer um esforço suplementar para melhorar o seu desempenho.

(iii) a competitividade na 'era criativa' permanece, contudo, em aberto. O elemento-chave da competitividade global já não reside apenas no comércio de bens e serviços ou nos fluxos de investimento e de capital mas também nos fluxos populacionais. Os vencedores na economia criativa serão aqueles que mostrarem maior capacidade para atrair, reter e desenvolver talento e ampliar as suas competências e recursos criativos.

(iv) este estudo é apenas um primeiro passo e mostra que é ainda necessário fazer algum trabalho nos índices dos três T, especialmente, na dimensão da tolerância dada a dificuldade em encontrar dados que mensurem estas questões.

4. SISTEMAS DE EQUAÇÕES ESTRUTURAIS COMO ABORDAGEM ÀS DINÂMICAS DOS TRÊS T

4.1. Equações Estruturais

Os modelos de equações estruturais beneficiam de contributos que no último século foram dados nas técnicas relacionadas com a *path analysis*, modelos de medida e modelos econométricos de equações simultâneas. Os modelos de equações estruturais podem ser interpretados como uma extensão da análise de regressão e da

análise fatorial, expressando a inter-relação entre as variáveis através de um conjunto de relacionamentos lineares, com base nas suas variâncias e co-variâncias. Por outras palavras, uma equação estrutural substitui um número elevado de variáveis observáveis por um mais limitado conjunto de construtos reduzindo o problema de multicolinearidade.

O principal mérito deste tipo de análise é permitir um teste empírico das relações teóricas entre variáveis latentes, designados de construtos, elaborados a partir de indicadores estatísticos. O modelo de hipóteses neste tipo de estudo foi projetado para medir as relações causais entre os construtos não observados que são criados como forma de relacionar dados reais com argumentação teórica. O procedimento baseado em *structural equation models* (SEM) é uma solução robusta para esta finalidade (MacCallum, 1995).

A elaboração de modelos de equações estruturais é útil para analisar relações entre as variáveis no modelo. A SEM permite avaliar se determinado modelo conceptual proposto *a priori*, que contém indicadores observados e construções hipotéticas, explica de forma adequada os processos em análise através do seu ajustamento aos dados empíricos recolhidos e expressos através de indicadores. A SEM também fornece a capacidade de medir ou especificar as relações causais entre os conjuntos de dimensões não observadas, as variáveis latentes (Hoyle, 1995).

Atualmente a utilização de *Partial Least Squares* (PLS) é comum. A regressão PLS é especialmente indicada quando existem mais variáveis do que observações, e quando há multicolinearidade entre indicadores utilizados nos construtos, algo que enfraquece as técnicas tradicionais de análise de regressão. O algoritmo PLS utiliza um método de modelação baseado numa rede causal de variáveis latentes. Esta técnica é uma forma de sistema de equações estruturais, que se distingue dos métodos clássicos por se focar em componentes e não na covariância (Vinzi, Chin, Hesenler & Wang, 2010).

4.2. UTILIZAÇÃO DE SEM PARA A ANÁLISE DOS TRÊS T

Uma abordagem baseada em SEM pode ser relevante para compreender as múltiplas conexões entre dimensões para a criatividade e desempenho económico. Esta foi a ideia de Florida, Mellander & Stolarick (2007) ao examinarem o papel do capital humano, a classe criativa e a tolerância no desenvolvimento regional utilizando sistemas de equações estruturais.

Estes autores testaram os efeitos diretos e indiretos do capital humano, classe criativa, e ocupações individuais sobre os salários regionais e rendimento (Figura 2). Estruturaram para o caso norte-americano uma abordagem baseada em três fases. Na primeira fase, fatores como a tolerância, existência de universidade e localização de serviços ao consumidor influenciam a presença de talento, medido como capital humano e classe criativa. Na segunda etapa, a concentração de talento por sua vez afeta a tecnologia. Na terceira fase, talento e tolerância combinam-se para gerar efeitos nos salários regionais e no rendimento. A estrutura deste modelo permitiu aos autores isolar os efeitos diretos e indiretos destes fatores no desenvolvimento. Para tal estimaram três modelos que focam diferentes tipos de indivíduos, reunidos em três grupos distintos: indivíduos com capital humano elevado, membros da classe criativa e ainda um grupo de 'super-criativos'. Florida *et al.* (2007) acreditam que a abordagem SEM contribuiu para um avanço face aos estudos anteriores, ao permitir examinar os papéis de tecnologia, talento, tolerância e outros fatores uns sobre os outros, bem como sobre o desenvolvimento regional num contexto sistémico.

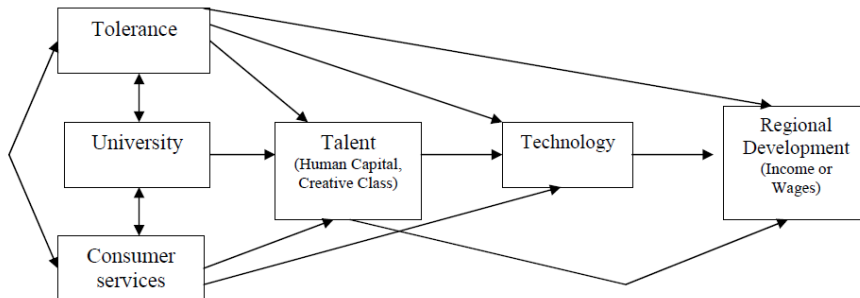


Figura 2: O modelo teórico das relações entre tolerância, tecnologia e talento no desenvolvimento
Fonte: Florida *et al.* (2007: 12)

De um modo geral, os resultados desta investigação sugerem que a estrutura das relações entre o talento, tecnologia e tolerância no desenvolvimento regional é complexa e que não pode ser entendida como um conjunto linear de relações diretas. O capital humano torna-se importante como expressão da classe criativa. Os resultados também indicam que os efeitos da tolerância no desenvolvimento regional devem ser tidos em consideração. Este tipo de modelo ilustra de forma consistente o papel significativo da tolerância na tecnologia, no talento, e sobre salários regionais e rendimento.

5. UM MODELO DOS TRÊS T NA EUROPA

5.1. Modelo Teórico e Dados Empíricos

Nesta secção procura-se encontrar um modelo explicativo das relações entre os três T e o desempenho económico nos vinte e sete estados-membros da União Europeia. O modelo de equações estruturais a estimar foca um conjunto de relações teóricas que esta investigação procura averiguar.

Deste modo, o modelo teórico (Figura 5) tem como ideia de base a importância que o talento, a que se associam as noções de capital humano e de classe criativa, tem no desempenho económico de um determinado território. No entanto, além desta relação direta parte-se do pressuposto de que a dinâmica gerada pela presença de talento tem um impacto direto nos outros dois T, a tecnologia e a tolerância. Por esta via indireta cria-se um conjunto adicional de impactos indiretos do talento no desempenho económico. Optou-se por definir o construto relacionado com a capacidade económica como “desempenho económico” em vez de “crescimento económico” ou “desenvolvimento económico”. O crescimento é um fenómeno mais simples do que o construto operacionalizado, relacionado apenas com a variação positiva do Produto da economia, enquanto o desenvolvimento é uma noção mais complexa, que inclui aspetos relacionados com a qualidade de vida e a dinâmica das instituições que não estão aqui contemplados. O modelo teórico vai testar as seguintes hipóteses:

H1: O talento tem um impacto positivo no desempenho económico

H2: A tolerância tem um impacto positivo no desempenho económico

H3: A tecnologia tem um impacto positivo no desempenho económico

H4: O talento tem um impacto positivo no T da tolerância

H5: O talento tem um impacto positivo no T da tecnologia

Com base nas relações entre os construtos e as hipóteses a testar construiu-se o modelo estrutural que enquadra cinco equações:

- Desempenho Económico = f (Talento)
- Desempenho Económico = f (Tolerância)
- Desempenho Económico = f (Tecnologia)
- Tolerância = f (Talento)
- Tecnologia = f (Talento)

Para a verificação empírica do modelo teórico foi necessário recolher informação estatística para a construção de indicadores relacionados com os construtos. Recorrendo a informação disponibilizada maioritariamente pelo EUROSTAT (European Commission, 2009) mas também a outros estudos para completar informação sobre a dimensão da tolerância (Zick, Küpper & Hövermann 2011; PEW, 2007) sistematizou-se um conjunto de indicadores que pretendem testar as relações entre as variáveis latentes. Na Tabela 1 apresenta-se a lista de indicadores para cada construto. A estatística descritiva das variáveis originais está sintetizada em anexo (Tabela A1).

Tabela 1: Lista de Indicadores para cada Construto

INDICADOR	Descrição	Unidade	Ano de Referência
Desempenho Económico			
EMP	Taxa de Emprego	(%)	2007
PIB	PIBpc a Preços correntes	(EUR)	2007
CRESC	Crescimento do PIB da economia a preços correntes	(EUR)	1998-2007
PROD	Produtividade laboral (PIB/trabalhador)	(EUR)	2007
Tolerância			
RHCT_EST	Recursos Humanos Estrangeiros em C&T	(% do total)	2006
IMIG	Atitudes anti-imigrantes	(1-5 sendo 1 o mais discriminatório)	2010
GAY	Tolerância Gay	(1-10 sendo 10 o mais tolerante)	2007
Tecnologia			
ID	Despesa em I&D	(% do PIB)	2006
PAT	Pedidos de Patentes à EPO e USPTO	(por milhão de habitantes)	2005
NET	Acesso à Internet	(% de agregados familiares)	2007
INOV	Empresas inovadoras	(% do total de empresas)	2006
Talento			
APREND	Aprendizagem ao Longo da Vida	(% da população entre 25-64 anos a participar em programas educativos ou formativos)	2007
CRIAT	Licenciados em áreas criativas	(Milhares de licenciados)	2006
RHCT	Pessoal em I&D	(% do total da força de trabalho)	2006
TERC	População com Educação Terciária	(% do total)	2006

5.2. Estimação do Modelo

Utilizando o software SmartPLS versão 2.0 (Ringle, Wende & Will, 2005) foi possível estimar o modelo estrutural e o modelo de medida para estas variáveis. O modelo foi estimado com o conjunto de relações e indicadores referidos anteriormente.¹⁶ É um modelo

¹⁶ É importante referir que a presente análise tem um número de casos limitado (N=27), o que em casos de amostragem é apontado como sendo uma dimensão curta para este tipo de análise. Normalmente define-se que a dimensão da amostral em PLS deve ser superior a dez vezes o número

recursivo onde existe apenas causalidade unidirecional. A fim de analisar a dinâmica de um conjunto de variáveis de forma adequada, a literatura recomenda que os modelos de equações estruturais utilizem dados estandardizados. Deste modo, todas as variáveis foram estandardizadas previamente ao processo de estimação.

O modelo estimado baseou-se nos pressupostos indicados mas durante o processo de estimação surgiram três questões que limitaram a aplicação do modelo:

- O sinal do indicador CRESC era negativo e o seu poder explicativo do desempenho económico era baixo, causando graves problemas à consistência deste construto. O indicador foi deste modo eliminado do modelo.

- EMP é um indicador que não pertencia ao desempenho económico como inicialmente pensado, mas era um indicador relevante do construto talento. Assim, o indicador foi movido para o construto talento.

- A limitada capacidade explicativa de TERC afetava a consistência interna do construto talento, e principalmente contrariava a ideia generalizada na literatura e outros estudos empíricos da importância que os recursos humanos qualificados têm. O indicador foi deste modo eliminado do modelo.

- A pouca capacidade explicativa de CRIAT, que afetava a consistência interna do construto talento. O indicador foi deste modo eliminado do modelo.

Após a estimação foi possível verificar as relações no modelo. Na Figura 3, entre construtos apresentam-se os efeitos diretos, dentro de cada construto o coeficiente de determinação respetivo, e entre construtos e indicadores os *loadings*. Ficam assim evidenciados os impactos positivos dos três T no desempenho económico e do talento na tecnologia e na tolerância.

A análise da qualidade dos construtos gerados no modelo estrutural com base nos indicadores incluídos (em anexo Tabela A2)¹⁷ permite notar que o construto tolerância é aquele que apresenta menor qualidade, seja pela Alfa de Crönbach ou pelo nível de comunalidades. Neste T o coeficiente de determinação (R-quadrado) do modelo também é baixo, o que indica que a tolerância é explicada também por outros fatores que transcendem a simples existência de talento.

máximo de caminhos e ao número máximo de indicadores por variável latente. Sendo o nosso conjunto de dados, um grupo de países as conclusões que se retiram aplicam-se somente a estes casos e devem ser interpretados com cautela adicional.

¹⁷ Verificar também no anexo a aplicação das técnicas de *bootstrapping* e *blidfolding* à adequabilidade do modelo estimado.

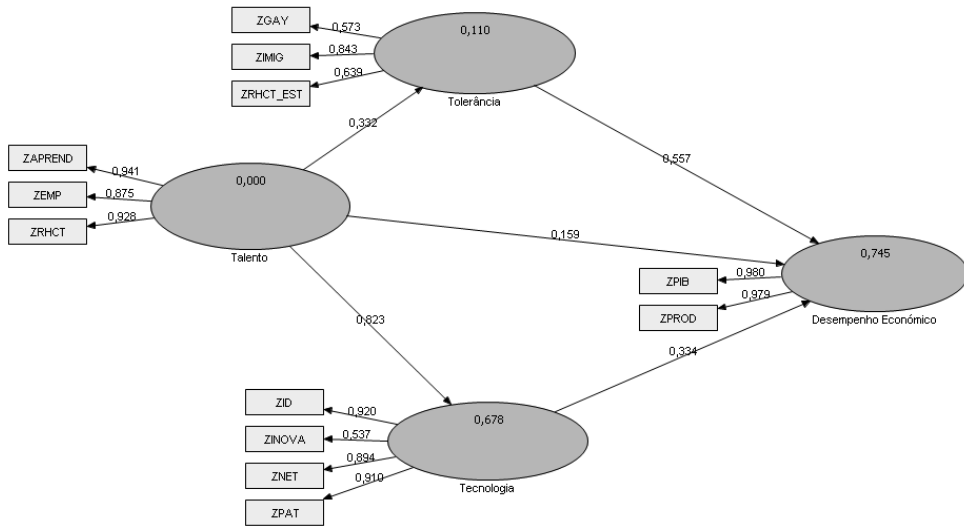


Figura 3: Modelo Estrutural - Construtos e Indicadores

A análise das correlações entre construtos (Tabela A3 em anexo) revela que todas as correlações são positivas e os 3 Ts correlacionam-se de forma forte com o desempenho económico. O talento e a tecnologia correlacionam-se de forma muito intensa mas tal não acontece na relação da tolerância com os outros dois Ts. A tolerância é dos 3 Ts o que se associa de forma mais intensa ao desempenho económico.

A Tabela 2 indica os efeitos totais e os *path coefficients* com base na estrutura do modelo. A tolerância tem um impacto mais forte que a tecnologia no desempenho económico. Mas é talento o T que tem um maior efeito total no desempenho económico dos 3 Ts porque ao seu efeito direto ainda devem ser adicionados os efeitos indiretos que tem ao afetar a tecnologia e a tolerância. Ficaram assim confirmadas pelo modelo as cinco hipóteses de partida.

Tabela 2: Efeitos Totais e Path Coefficients (entre parênteses)

	Desempenho Económico	Talento	Tecnologia	Tolerância
Desempenho Económico				
Talento	0,619124 (0,222658)		0,823225 (0,692719)	0,331947 (0,443291)
Tecnologia	0,334485 (0,556916)			
Tolerância	0,556845 (0,584206)			

CONCLUSÃO

O desempenho económico de um país é sem dúvida um processo complexo que resulta das interações de múltiplos fenómenos. Atualmente é comum aceitar que são as qualidades dos indivíduos que estão no centro da capacidade dos territórios se afirmarem.

A ideia da classe criativa teve o mérito de trazer dimensões negligenciadas para a discussão política e a análise científica. Hoje é reconhecido que uma política de criatividade para ser bem-sucedida terá de basear-se nos recursos endógenos do território, em particular na classe criativa existente. É o talento que promove um contexto institucional, onde se valorizam formas coletivas de interação que estimulam a diversidade e as novas ideias. Um ambiente tolerante é sem dúvida um ambiente mais aberto à inovação e deste modo ao desenvolvimento económico num mundo marcado pela elevada competição onde os vencedores são os que sabem valorizar e concretizar as boas ideias.

A teoria dos três T tem efetivamente uma elevada circularidade. Em tom jocoso, leia-se o debate entre Glaeser (2004) e Florida (2004), as críticas questionam se é o talento que influencia a tolerância, a tolerância o talento ou a tecnologia o talento, e destes qual influencia o desenvolvimento. A resposta não é fácil e provavelmente nem é possível. O desempenho económico de um país deriva de uma variedade de fatores que se sobrepõem, se estimulam e, por vezes, se anulam. Desta discussão resulta a pertinência teórica que uma análise empírica como a SEM tem para um objeto complexo de inter-relações múltiplas. Se o investigador partir de uma boa teoria, se tiver acesso a dados de qualidade e em quantidade, e se cumprir os pressupostos do método, chegará a conclusões relevantes.

No caso do presente artigo, confirmada a adequabilidade geral do modelo, fica realçado o papel central que o talento tem no desempenho económico. É curioso destacar também a maior relevância que o construto da tolerância adquire no presente estudo no desempenho económico que a tecnologia, normalmente a dimensão central de enfoque dos países que se querem afirmar competitivamente. Bastará a este propósito lembrar a variedade de planos e de medidas que têm surgido nos últimos anos em Portugal e na União Europeia de estímulo à incorporação e avanço tecnológico. O talento assume-se também com um grande poder explicativo da tecnologia, ou seja, são os recursos humanos, a classe criativa, que gera um ambiente propício a uma dinâmica tecnológica superior.

Pese embora a análise efetuada demonstre a sua pertinência, esta apresenta também alguns limites que poderão ser ultrapassados em análises futuras. Em primeiro lugar, dada a natureza do exercício optou-se por um modelo estrutural relativamente simples quando a realidade será mais complexa e a inclusão de outros tipos de relações e alguns construtos adicionais poderia estar justificada. Por outro lado, existem restrições fortes à utilização da escala nacional como a ideal para este tipo de análise e intervenção, quando hoje se aceita que é a dimensão regional e por vezes urbana que melhor se adapta a este tipo de reflexão sobre a criatividade. Por último, vale a pena referir os défices de indicadores. Mesmo à escala nacional torna-se quase impossível analisar a um nível agregado as dinâmicas existentes. Se no caso de indicadores económicos, de talento e de tecnologia, os institutos nacionais de estatística e mesmo o Eurostat, conseguem fornecer um leque interessante de informação, em relação à tolerância, apesar de importante neste processo, como ficou espelhado nos resultados do modelo estrutural, não existem dados comparáveis que permitam analisar de forma robusta esta dimensão. Exige-se num mundo caracterizado pela mudança, diversidade e migração, que os decisores políticos estimulem este tipo de recolha para que a ciência cumpra o seu papel de informar a decisão.

BIBLIOGRAFIA

- Barro, R. J. (1991) Economic Growth in a Cross Section of Countries, *Quarterly Journal of Economics*, 106(2), pp. 407-443.
- Berry, C. R., Glaser, E. L. (2005) The Divergence of Human Capital Levels Across Cities, NBER Working Paper No. 11617.
- Clark T. N. (2003) Urban Amenities: Lakes, Opera and Juice Bars Do They Drive Development? In: *The City as an Entertainment Machine. Research in Urban Policy*, Volume 9, Oxford, Elsevier, pp. 103-140.
- Denison, E. (1962) Education, Economic Growth and Gaps in Information, *Journal of Political Economy*, 70, pp. 124-128.
- European Commission (2009) *Europe in Figures: Eurostat Yearbook 2009*, Luxembourg, Office for Official Publications of the European Communities.
- Florida, R. (2002) *The Rise of the Creative Class*, New York, Basic Books.
- Florida, R. (2005) *Cities and the Creative Class*, New York, Routledge.
- Florida, R. (2004) Response to Edward Glaeser's review of *The Rise of the Creative Class*, disponível <http://www.creativeclass.org/acrobat/ResponsetoGlaeser.pdf>.
- Florida, R., GATES, G. (2001) Technology and Tolerance – The Importance of Diversity to High-Technology Growth, *Urban Institute*, June 01.
- Florida R., MELLANDER, C., STOLARICK, K. (2007) Inside the Black Box of Regional Development - human capital, the creative class and tolerance, Working Paper Series in Economics and Institutions of Innovation 88, Royal Institute of Technology, CESIS - Centre of Excellence for Science and Innovation Studies.
- Florida, R., Gates, G., Knudsen, B., Stolarick, K. (2006) *The University and the Creative Economy*,

- <http://www.creativeclass.org/rfcgdb/articles/University%20For%20City%20and%20Community%204.pdf>.
- Florida, R., Tinagli, I. (2004) Europe in the creative age, Demos, Londres, http://www.creativeclass.com/rfcgdb/articles/Europe_in_the_Creative_Age_2004.pdf.
- Glaeser, E. L. (2004) Book Review of Richard Florida's "The Rise of the Creative Class", http://post.economics.harvard.edu/faculty/glaeser/papers/Review_Florida.pdf
- Glaeser, E. L. (2000) The new economics of urban and regional growth, In Gordon, C., Meric, G., Feldman, M. (Ed.) The Oxford handbook of economic geography, 83-98, Oxford, Oxford University Press.
- Hoyle, R. H. (1995) The structural equation modeling approach: Basic concepts and fundamental issues, In Hoyle, R. H. (Editor) Structural equation modeling: Concepts, issues, and applications, Thousand Oaks, CA, Sage, pp. 1-15.
- Jacobs, J. (1961) The Death and Life of Great American Cities, New York, Random House.
- Lucas, R. (1988) On the Mechanics of Economic Development, Journal of Monetary Economics, 22, pp. 3-42.
- Maccallum, R. C. (1995) Model specification: Procedures, strategies, and related issues. In Structural equation modeling: Concepts, issues, and applications, , In HOYLE, R. H. (Editor) Thousand Oaks, CA, Sage, pp. 16-29.
- Mellander, C., Florida, R. (2006) Human Capital or the Creative Class – Explaining Regional Development in Sweden, KTH/CESIS Working Paper Series in Economics and Institutions of Innovation.
- Noland, M. (2005) Popular Attitudes, Globalization and Risk, International Finance, 8(2), pp. 199-229.
- Ottaviano, G. I. P., PERI, G. (2005) Cities and Culture, Journal of Urban Economics, 58, pp. 304-337.
- Page, S. (2007) The Difference: How the Power of Diversity Creates Better Groups, Firms, Schools, and Societies, Princeton: Princeton University Press.
- Pew (2007) Trends in Political Values and Core Attitudes: 1987-2007, Pew Research Center for The People & The Press, Washington.
- Ringle, C. M., Wende, S., Will, A. (2005) SmartPLS, Release 2.0 (beta), Hamburgo, disponível <http://www.smartpls.de>.
- Romer, P. M. (1986) Increasing returns and long-run growth, Journal of Political Economy, 90, pp. 1002-37.
- Shapiro, J. M. (2006) Smart Cities: Quality of Life, Productivity, and the Growth Effects of Human Capital, The Review of Economics and Statistics, 88(2), pp. 324-335.
- Schultz, T. (1960) Capital Formation by Education, Journal of Political Economy, 69, pp. 571-583.
- Simon. C. (1998) Human capital and metropolitan employment growth, Journal of Urban Economics, 43, pp. 223-43.
- Solow, R. (1956) A Contribution to the Theory of Economic Growth, Quarterly Journal of Economics, 70, pp. 65-94.
- Stolarik K., Florida R. (2006) Creativity, connections and innovation: a study of linkages in the Montréal Region, Environment and Planning A, 38:10, pp. 1799–1817.
- Ullman, E. L. (1958) Regional development and the geography of concentration, Papers and proceedings of the Regional Science Association, 4, pp. 179-98.
- Vinzi, V., Chin, W.W., Hesenler, J., Wang, H. (eds) (2010) Handbook of Partial Least Squares, Springer, Berlin.
- Zick, A., Küpper, B., Hövermann, A. (2011) Intolerance, Prejudice and Discrimination - A European Report, Nora Langenbacher, Berlin.

A autora beneficia do apoio financeiro da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal (SFRH/BD/75893/2011). A autora agradece ainda o apoio de Hugo Pinto (Universidade de Coimbra) na estimação do modelo empírico e nas revisões do artigo.

ANEXO

Tabela A1: Estatística Descritiva dos Indicadores

Indicadores	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
EMP	55,70	85,10	67,02	6,93
PIB	3800,00	75200,00	25568,97	17037,27
PROD	35,70	180,30	96,74	32,80
CRESC	0,24	2,31	1,01	0,59
RHCT_EST	0,00	0,82	0,076	0,150
IMIG	1,00	5,00	3,069	1,07
GAY	4,00	9,00	6,276	1,71
ID	0,42	3,73	1,47	0,91
PAT	0,52	269,32	71,98	79,06
NET	19,00	84,00	53,90	18,36
INOVA	16,16	62,64	37,40	12,24
APREND	1,30	32,00	10,90	8,90
CRIAT	2,68	643,60	134,09	186,96
RHCT	0,42	3,49	1,52	0,76
TERC	3,50	32,00	20,45	5,60

Tabela A2: Visão Geral de Medidas de Qualidade dos Construtos

	AVE	Composite Reliability	R-Quadrado	Cronbach's Alpha	Raiz Quadrada de AVE	Comunalidade	Redundância
Desempenho Económico	0,958932	0,979035	0,745364	0,957180	0,979251	0,958932	0,164149
Talento	0,837395	0,939152		0,903850	0,915093	0,837395	
Tecnologia	0,690524	0,895723	0,677700	0,846794	0,830978	0,690524	0,445472
Tolerância	0,482254	0,731048	0,110189	0,452917	0,694445	0,482254	0,055405

Tabela A3: Correlações entre Construtos

	Desempenho Económico	Talento	Tecnologia	Tolerância
Desempenho Económico	1,000000			
Talento	0,619124	1,000000		
Tecnologia	0,692346	0,823225	1,000000	
Tolerância	0,745972	0,331947	0,407709	1,000000

Tabela A4: Efeitos Totais, Desvios-padrão, Erros-padrão e valores t (entre parênteses)

Equações Estruturais	Amostra original (O)	Amostra media (M)	Desvio-padrão (STDEV)	Erro-padrão (STERR)	T-statistics (O/STERR)
Talento -> Desempenho	0,619124	0,626879	0,043141	0,043141	14,351332

Económico					
Talento -> Tecnologia	0,823225	0,826577	0,024573	0,024573	33,501785
Talento -> Tolerância	0,331947	0,343072	0,077536	0,077536	4,281202
Tecnologia -> Desempenho Económico	0,334485	0,341719	0,076238	0,076238	4,387381
Tolerância -> Desempenho Económico	0,556845	0,552385	0,057021	0,057021	9,765636

Tabela A5: Cross-loadings

	Desempenho Económico	Talento	Tecnologia	Tolerância
ZAPREND	0,472390	0,940965	0,752358	0,253752
ZEMP	0,455105	0,874933	0,653274	0,230903
ZGAY	0,363284	0,184062	0,292727	0,573009
ZID	0,536663	0,830531	0,919828	0,205654
ZIMIG	0,564517	0,393298	0,372902	0,842531
ZINOVA	0,172509	0,309980	0,536747	0,150245
ZNET	0,728810	0,838818	0,893903	0,490985
ZPAT	0,681338	0,592068	0,910414	0,426651
ZPIB	0,979797	0,692272	0,701892	0,708443
ZPROD	0,978704	0,518020	0,653448	0,753137
ZRHCT	0,723037	0,928041	0,829142	0,396591
ZRHCT_EST	0,596531	0,083938	0,184800	0,639190

Bootstrapping

Com a técnica de *bootstrapping* foram geradas cinco mil observações para verificar a adequabilidade do modelo. A Figura A1 indica as estatísticas t do modelo estrutural e do modelo de medida. Todas as estatísticas t são significativas o que sinaliza a relevância estatística dos indicadores e dos construtos utilizados.

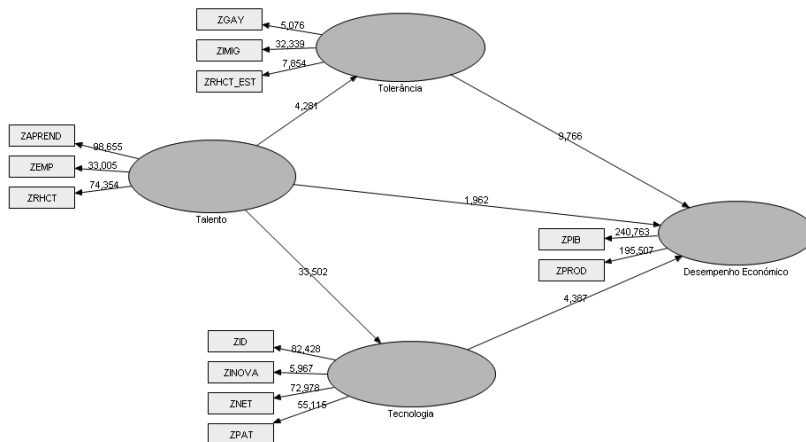


Figura A1: Modelo Estrutural - Bootstrapping

Tabela A5: Inner Model T-Statistic

	Desempenho Econômico	Talento	Tecnologia	Tolerância
Desempenho Econômico				
Talento	1,961868		33,501785	4,281202
Tecnologia	4,387381			
Tolerância	9,765636			

Tabela A6: Outer Model T-Statistic

	Desempenho Econômico	Talento	Tecnologia	Tolerância
ZAPREND		98,655405		
ZEMP		33,005286		
ZGAY				5,076382
ZID			82,427548	
ZIMIG				32,338743
ZINOVA			5,967423	
ZNET			72,977762	
ZPAT			55,114949	
ZPIB	240,762829			
ZPROD	195,506580			
ZRHCT		74,354423		
ZRHCT_EST				7,854063

Blindfolding

Esta técnica permite comparar o modelo estimado com um modelo estimado em que partes da amostra são omitidas de modo a compreender se as relações estimadas se mantêm válidas nestas circunstâncias (Figura A2).

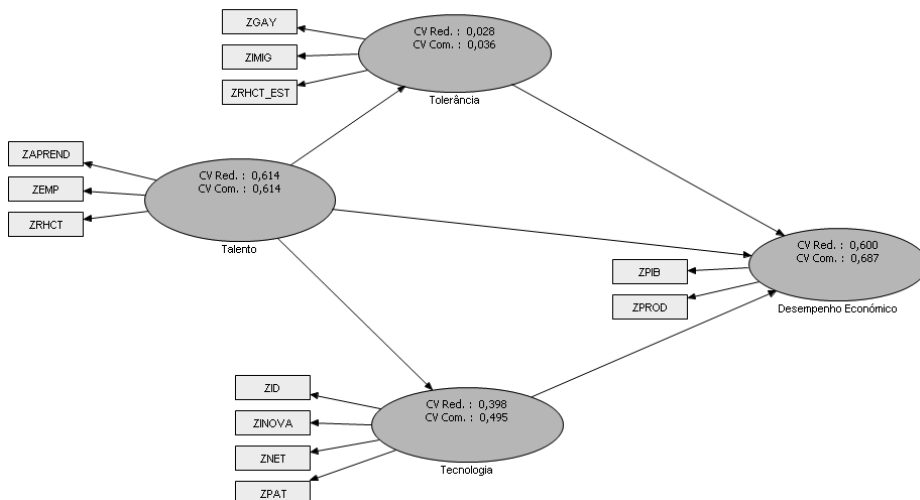


Figura A2: Modelo Estrutural - Blindfolding

A análise da medida de redundância Q2 (1-SSE/SSO), na Tabela A6, mostra que todos os construtos são explicados pelo modelo embora o desempenho económico e a tecnologia sejam os construtos nos quais este tem maior poder explicativo ($Q2 > 0,35$). No que se refere à tolerância o modelo tem uma capacidade explicativa relativamente mais baixa ($0,02 < Q2 < 0,05$).

Tabela A6: Validação Cruzada da Redundância entre Construtos

Total	SSO	SSE	1-SSE/SSO
Desempenho Económico	58,000000	23,208761	0,599849
Tecnologia	116,000000	69,856892	0,397785
Tolerância	87,000000	84,594770	0,027646

Tabela A1: Estatística Descritiva dos Indicadores

Indicadores	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
EMP	55,70	85,10	67,02	6,93
PIB	3800,00	75200,00	25568,97	17037,27
PROD	35,70	180,30	96,74	32,80
CRESC	0,24	2,31	1,01	0,59
RHCT_EST	0,00	0,82	0,076	0,150
IMIG	1,00	5,00	3,069	1,07
GAY	4,00	9,00	6,276	1,71
ID	0,42	3,73	1,47	0,91
PAT	0,52	269,32	71,98	79,06
NET	19,00	84,00	53,90	18,36
INOVA	16,16	62,64	37,40	12,24
APREND	1,30	32,00	10,90	8,90
CRIAT	2,68	643,60	134,09	186,96
RHCT	0,42	3,49	1,52	0,76
TERC	3,50	32,00	20,45	5,60

Tabela A2: Visão Geral de Medidas de Qualidade dos Construtos

	AVE	Composite Reliability	R-Quadrado	Cronbach's Alpha	Raiz Quadrada de AVE	Comunalidade	Redundância
Desempenho Económico	0,958932	0,979035	0,745364	0,957180	0,979251	0,958932	0,164149
Talento	0,837395	0,939152		0,903850	0,915093	0,837395	
Tecnologia	0,690524	0,895723	0,677700	0,846794	0,830978	0,690524	0,445472
Tolerância	0,482254	0,731048	0,110189	0,452917	0,694445	0,482254	0,055405

Tabela A3: Correlações entre Construtos

	Desempenho Económico	Talento	Tecnologia	Tolerância
Desempenho Económico	1,000000			
Talento	0,619124	1,000000		
Tecnologia	0,692346	0,823225	1,000000	
Tolerância	0,745972	0,331947	0,407709	1,000000

Tabela A4: Efeitos Totais, Desvios-padrão, Erros-padrão e valores t (entre parênteses)

Equações Estruturais	Amostra original (O)	Amostra media (M)	Desvio-padrão (STDEV)	Erro-padrão (STERR)	T-statistics (O/STERR)
Talento -> Desempenho Económico	0,619124	0,626879	0,043141	0,043141	14,351332
Talento -> Tecnologia	0,823225	0,826577	0,024573	0,024573	33,501785
Talento -> Tolerância	0,331947	0,343072	0,077536	0,077536	4,281202
Tecnologia -> Desempenho Económico	0,334485	0,341719	0,076238	0,076238	4,387381
Tolerância -> Desempenho Económico	0,556845	0,552385	0,057021	0,057021	9,765636

Tabela A5: Cross-loadings

	Desempenho Económico	Talento	Tecnologia	Tolerância
ZAPREND	0,472390	0,940965	0,752358	0,253752
ZEMP	0,455105	0,874933	0,653274	0,230903
ZGAY	0,363284	0,184062	0,292727	0,573009
ZID	0,536663	0,830531	0,919828	0,205654
ZIMIG	0,564517	0,393298	0,372902	0,842531
ZINOVA	0,172509	0,309980	0,536747	0,150245
ZNET	0,728810	0,838818	0,893903	0,490985
ZPAT	0,681338	0,592068	0,910414	0,426651
ZPIB	0,979797	0,692272	0,701892	0,708443
ZPROD	0,978704	0,518020	0,653448	0,753137
ZRHCT	0,723037	0,928041	0,829142	0,396591
ZRHCT_EST	0,596531	0,083938	0,184800	0,639190

Bootstrapping

Com a técnica de *bootstrapping* foram geradas cinco mil observações para verificar a adequabilidade do modelo. A Figura A1 indica as estatísticas t do modelo estrutural e do modelo de medida.

Todas as estatísticas t são significativas o que sinaliza a relevância estatística dos indicadores e dos construtos utilizados.

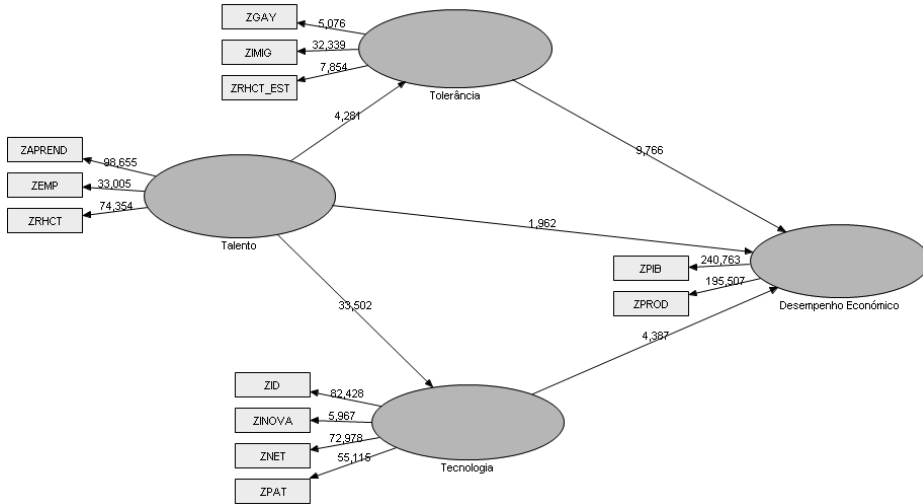


Figura A1: Modelo Estrutural - Bootstrapping

Tabela A5: Inner Model T-Statistic

	Desempenho Econômico	Talento	Tecnologia	Tolerância
Desempenho Econômico				
Talento	1,961868		33,501785	4,281202
Tecnologia	4,387381			
Tolerância	9,765636			

Tabela A6: Outer Model T-Statistic

	Desempenho Econômico	Talento	Tecnologia	Tolerância
ZAPREND		98,655405		
ZEMP		33,005286		
ZGAY				5,076382
ZID			82,427548	
ZIMIG				32,338743
ZINOVA			5,967423	
ZNET			72,977762	
ZPAT			55,114949	
ZPIB	240,762829			
ZPROD	195,506580			
ZRHCT		74,354423		
ZRHCT_EST				7,854063

Blindfolding

Esta técnica permite comparar o modelo estimado com um modelo estimado em que partes da amostra são omitidas de modo a compreender se as relações estimadas se mantêm válidas nestas circunstâncias (Figura A2).

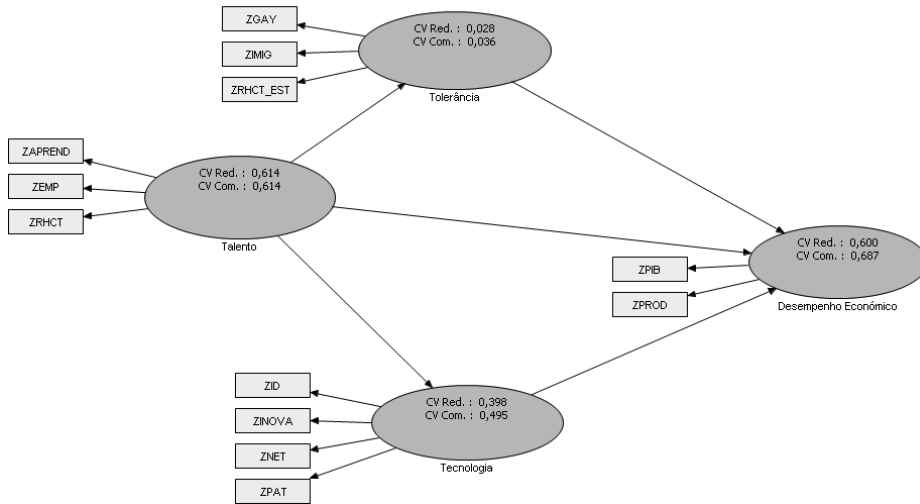


Figura A2: Modelo Estrutural - Blindfolding

A análise da medida de redundância Q2 (1-SSE/SSO), na Tabela A6, mostra que todos os construtos são explicados pelo modelo embora o desempenho económico e a tecnologia sejam os construtos nos quais este tem maior poder explicativo ($Q2 > 0,35$). No que se refere à tolerância o modelo tem uma capacidade explicativa relativamente mais baixa ($0,02 < Q2 < 0,05$).

Tabela A6: Validação Cruzada da Redundância entre Construtos

Total	SSO	SSE	1-SSE/SSO
Desempenho Económico	58,000000	23,208761	0,599849
Tecnologia	116,000000	69,856892	0,397785
Tolerância	87,000000	84,594770	0,027646

REVERSÃO À MÉDIA NOS MERCADOS BOLSISTAS INTERNACIONAIS: DA CRISE DAS EMPRESAS TECNOLÓGICAS À CRISE FINANCEIRA GLOBAL

MEAN REVERSION IN INTERNATIONAL STOCK MARKETS: FROM DOT-COM CRISIS TO GLOBAL FINANCIAL CRISIS

REVERSIÓN A LA MEDIA EN LOS MERCADOS DE VALORES INTERNACIONALES: DE LA CRISIS DE LAS EMPRESAS TECNOLÓGICAS A LA CRISIS FINANCIERA MUNDIAL

Vítor Manuel de Sousa Gabriel (vigab@ipq.pt)*

José Ramos Pires Manso (pmanso@ubi.pt)**

RESUMO:

Neste estudo é analisado o processo de reversão à média nos mercados bolsistas internacionais. Recorrendo às propostas de Wright (2000) e de Belaire-Franch e Opong (2005), aplicadas a um conjunto composto por doze mercados, representativos de mais de 62% da capitalização bolsista mundial, no período compreendido entre 4/01/1999 e 30/06/2011, foi identificada uma clara evidência de reversão à média em todos os mercados bolsistas e em todos os períodos amostrais considerados na análise. Os resultados obtidos têm grande interesse para investidores e para gestores de carteiras na definição de estratégias de afetação de recursos de investimento. **Palavras chave:** Crise financeira global, mercados bolsistas internacionais, testes do rácio de variâncias, reversão à média.

ABSTRACT:

This study analyzes the process of mean reversion in international stock markets. Resorting to the approach of Wright (2000) and Belaire-Franch and Opong (2005), twelve European and non-European markets were selected, representing over 62% of the global capitalization, and the period from 4th October 1999 to 30th June 2011 was chosen. A clear evidence of mean reversion in stock markets was identified during all sampling periods. The results showed great interest to investors and portfolio managers, to defining strategies for investment resources allocation.

Keywords: Global financial crisis, world stock markets, variance ratio tests, mean reversion.

RESUMEN:

Este estudio analiza el proceso de reversión a la media en los mercados de valores internacionales. Recurriendo a la propuesta de Wright (2000) y Belaire-Franch y Opong (2005), a un conjunto compuesto por doce mercados, que que representa más del 62% de la capitalización bursátil mundial, en el período entre 01/04/1999 y 31/ 06/2011, se identificó una clara evidencia de reversión a la media en los mercados de valores y en general en todos los períodos de muestreo considerados en el análisis. Los resultados tienen un gran interés para los inversores y gestores de carteras, ayudando en la definición de estrategias de asignación de recursos de inversión.

Palabras clave: Crisis financiera global, mercados de valores internacionales, estadístico de razón de varianzas, reversión a la media.

* UDI – Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior, PEst-OE/EGE/UI4056/2011 – Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), Ministério da Educação e Ciência, Instituto Politécnico da Guarda (Portugal).* * NECE – Núcleo de Estudos em Ciências Empresariais, Programa de Financiamento Plurianual das Unidades de I&D da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ministério da Educação e da Ciência, Universidade da Beira Interior (Portugal).

Submitted 28th May 2013

Accepted 30th September 2013

1. INTRODUÇÃO

O comportamento dos mercados bolsistas tem recebido a atenção de múltiplas investigações acadêmicas. Diversos trabalhos têm abordado a questão da eficiência dos mercados, analisando a hipótese de previsibilidade das rendibilidades, através da análise de padrões de reversão à média dos preços bolsistas, inspirados nos trabalhos seminais de Poterba e Summers (1988) e Fama e French (1988), que documentaram a reversão à média nas rendibilidades dos mercados bolsistas, em horizontes temporais superiores a um ano. As conclusões obtidas nestes trabalhos, motivaram outros estudos para analisar as implicações na hipótese de eficiência dos mercados, de acordo com a qual o preço atual dos ativos reflete toda a informação disponível, num determinado momento, e o preço se ajusta rapidamente, à medida que novas e imprevistas informações vão chegando ao mercado.

A hipótese de reversão à média, também designada por correlação em série negativa, tem sido interpretada como um mecanismo de correção eficiente em mercados desenvolvidos e um sinal de bolha especulativa nos mercados financeiros emergentes (Summers, 1986; Fama e French, 1988).

Os estudos empíricos desenvolvidos, no contexto internacional, acerca a hipótese de reversão à média têm produzido resultados heterogêneos. Por exemplo, Richards (1997) encontrou evidência de reversão à média no longo prazo, ao estudar um conjunto composto por dezasseis mercados. O mesmo aconteceu com Balvers *et al.* (2000), ao analisar índices representativos dos países da OCDE e de Hong-Kong e Singapura. Por seu lado, Chaudhuri e Wu (2003) estudaram os mercados bolsistas de dezassete países emergentes, tendo detetado processos de reversão à média em onze desses países. Em sentido oposto, outros estudos conduziram a resultados divergentes. Por exemplo, Kawakatsu e Morey (1999) estudaram trinta e um mercados bolsistas emergentes e não encontraram evidência de reversão à média. De acordo com Harvey (1995), os mercados do sudeste asiático são mais previsíveis do que os mercados desenvolvidos.

Neste trabalho analisamos a hipótese de as rendibilidades dos mercados bolsistas serem governadas por um processo de reversão à média, considerando para tal o período temporal compreendido entre a crise das empresas tecnológicas e a atual crise financeira global, e recorrendo às propostas de Wright (2000) e de Belaire-Franch e Opong (2005). O período amostral é subdividido em três sub-períodos, de modo a identificar possíveis diferenças resultantes do ambiente de subida ou de descida de mercado, mas igualmente para se perceber

do impacto da emergência da crise financeira global, recorrendo a um conjunto alargado de mercados desenvolvidos e emergentes, com o objetivo de detetar eventuais diferenças de comportamento.

O presente estudo está estruturado do seguinte modo: a parte 2 apresenta a informação acerca dos dados e da metodologia escolhida; a parte 3 apresenta os resultados empíricos, enquanto na parte 4 são expostas as principais conclusões.

2. DADOS E METODOLOGIA

2.1 Dados

No sentido de estudar o processo de reversão à média, foram selecionados índices representativos dos mercados internacionais, concretamente índices europeus, não europeus, desenvolvidos e emergentes, de acordo com a classificação atribuída pela Morgan Stanley Capital International. Em 2010, o conjunto formado por estes índices representava 62% da capitalização bolsista mundial. O conjunto de mercados desenvolvidos incluiu mercados europeus e não europeus. Do contexto europeu, foram escolhidos os mercados da Alemanha (DAX 30), da França (CAC 40), da Inglaterra (FTSE 100), da Espanha (IBEX 35), da Irlanda (ISEQ Overall), da Grécia (ATG) e de Portugal (PSI 20). No conjunto de mercados desenvolvidos não europeus foram considerados os mercados dos EUA (Dow Jones), do Japão (Nikkei 225) e de Hong-Kong (Hang-Seng). Relativamente aos mercados emergentes, foram selecionados o Brasil (Bovespa) e a Índia (Sensex).

Os dados utilizados neste estudo foram obtidos junto da Econostats e cobrem o período compreendido entre 4 de outubro de 1999 e 30 de junho de 2011, que por sua vez foi subdividido em três sub-períodos. Para analisar a crise Dot-Com, foi considerado o período de 4/10/1999 a 31/03/2003. Relativamente ao mais recente episódio de crise financeira, designado no âmbito do presente trabalho por Crise Financeira Global, e que foi desencadeado nos EUA, com a crise do crédito *subprime*, considerou-se que este teve o seu início no dia 1/08/2007, apontado como o momento em que os mercados financeiros internacionais foram surpreendidos pela crise *subprime*, em consequência da acentuada subida dos CDS's (Horta *et al.*, 2008; Toussaint, 2008; e Naoui *et al.*, 2010). Para além dos períodos de crise, foi ainda considerado um terceiro período, que corresponde a uma situação de uma certa estabilidade de mercado, de 1/04/2003 a 31/07/2007, ou seja, ao horizonte temporal compreendido entre os dois episódios de crise financeira.

As séries dos valores de fecho dos índices foram transformadas em séries de rendibilidades logarítmicas, instantâneas ou compostas continuamente, r_t , através da seguinte expressão:

$$r_t = \ln P_t - \ln P_{t-1} \quad (1)$$

Em que r_t é a taxa de rendibilidade, no dia t , e P_t e P_{t-1} são os valores de fecho das séries ajustadas, nos momentos t e $t-1$, respetivamente.

2.2 Metodologia

Os testes do rácio de variâncias são uma alternativa para testar a hipótese de persistência nas séries financeiras. Sob a hipótese nula do teste, a variância das rendibilidades aleatórias é uma função linear do período de tempo. Para uma série particionada em intervalos de tempo iguais e caracterizados por um processo *random walk*, a variância das rendibilidades de q períodos ($r_t - r_{t-q}$), deverá corresponder à variância da rendibilidade de um único período multiplicada por q (número inteiro positivo).

$$Var[r_t - r_{t-q}] = q \times Var[r_t - r_{t-1}] \quad (2)$$

O rácio de variâncias, dado pela relação entre a variância de q períodos e de um só período, deverá ser igual a 1:

$$VR(q) = \frac{\frac{1}{q} Var[r_t - r_{t-q}]}{Var[r_t - r_{t-1}]} = \frac{\sigma^2(q)}{\sigma^2(1)} = 1 \quad (3)$$

Assim, no teste do rácio de variâncias, sob a hipótese nula $VR(q)=1$, a série segue um processo do tipo *random walk*. Quando a hipótese de aleatoriedade é rejeitada e $VR(q)>1$, a série evidencia correlação em série positiva. Quando a hipótese nula é rejeitada e $VR(q)<1$, a série evidencia correlação em série negativa.

Lo e MacKinlay (1988) desenvolveram técnicas de distribuição assintótica, de modo a testar a hipótese nula de aleatoriedade das rendibilidades, pressupondo a ocorrência de choques aleatórios IID, descritos pela distribuição gaussiana. O teste de variâncias desenvolvido por Lo e MacKinlay (1988) considera propriedades assintóticas, no modo como expressam as estatísticas de teste. Para obviar esta restrição, Wright (2000) desenvolveu uma versão não paramétrica do teste de variâncias, para testar a hipótese *random walk* em séries de taxas de câmbio. De acordo com este autor, esta versão apresenta vantagens face à versão paramétrica. Por um lado, ao não exigir uma aproximação assintótica, a questão da dimensão da

amostra esbata-se. Por outro lado, os testes não paramétricos evidenciam uma performance superior na deteção de correlação em série, especialmente quando as séries não exibem normalidade.

Wright (2000) desenvolveu dois tipos de testes, aplicáveis em função do pressuposto assumido quanto à distribuição dos dados, designadamente o teste de posição (*rankings*), para séries IID, e o teste de sinais, para séries heterocedásticas.

O teste de variância por *rankings* baseia-se na ordenação da série de rendibilidades. Considere-se $r(r_t)$ como a posição da rendibilidade, r_t , entre r_1, r_2, \dots, r_T :

$$r'_{1t} = \frac{\left(r(r_t) - \frac{T+1}{2} \right)}{\sqrt{\frac{(T-1)(T+1)}{12}}} \quad (4)$$

$$r'_{2t} = \Phi^{-1} \left(\frac{r(r_t)}{T+1} \right) \quad (5)$$

Em que Φ^{-1} traduz a distribuição normal padronizada inversa cumulativa, r'_{1t} é uma transformação linear padronizada da posição das rendibilidades e r'_{2t} é uma transformação normal inversa padronizada.

As estatísticas dos rácios de variância $R_1(q)$ e $R_2(q)$ são definidas como:

$$R_1(q) = \left(\frac{\frac{1}{Tq} \sum_{t=q+1}^T (r'_{1t} + r'_{1t-1} + \dots + r'_{1t-q})^2}{\frac{1}{T} \sum_{t=q+1}^T (r'_{1t})^2} - 1 \right) \times \left(\frac{2(2q-1)(q-1)}{3qT} \right)^{-1/2} \quad (6)$$

$$R_2(q) = \left(\frac{\frac{1}{Tq} \sum_{t=q+1}^T (r'_{2t} + r'_{2t-1} + \dots + r'_{2t-q})^2}{\frac{1}{T} \sum_{t=q+1}^T (r'_{2t})^2} - 1 \right) \times \left(\frac{2(2q-1)(q-1)}{3qT} \right)^{-1/2} \quad (7)$$

Os valores críticos de rejeição da hipótese de *random walk* das rendibilidades são gerados por um processo de simulação, em que os valores das estatísticas r'_{1t} e r'_{2t} são substituídos pelos valores simulados r'^*_{1t} e r'^*_{2t} . Recorrendo a técnicas de *bootstrap*, que envolvem a geração sucessiva e aleatória de dados, de modo a simular propriedades estatísticas da verdadeira distribuição relativa à amostra, a

distribuição exata de $R_1(q)$ e $R_2(q)$ pode ser aproximada a um determinado nível de confiança.

O segundo teste proposto por Wright (2000), designado por rácio de variâncias por sinais, considera o sinal das rendibilidades, r_t , para calcular o rácio de variância, recorrendo à estatística de teste seguinte:

$$S_1(q) = \left(\frac{\frac{1}{Tq} \sum_{t=q+1}^T (s_t + s_{t-1} + \dots + s_{t-q})^2}{\frac{1}{T} \sum_{t=q+1}^T (s_t)^2} - 1 \right) \times \left(\frac{2(2q-1)(q-1)}{3qT} \right)^{-1/2} \quad (8)$$

Onde

$$S_t = 2\nu(r_t, 0) \quad (9)$$

$$\nu(x_t, p) = \begin{cases} 0,5 & \text{se } x_t > p \\ -0,5 & \text{se } x_t \leq p \end{cases} \quad (10)$$

A distribuição de $S_1(q)$ pode ser aproximada através de $S_1^*(q)$, recorrendo a técnicas de *bootstrap*, tal como aconteceu no rácio de variâncias por *rankings*. $S_1^*(q)$ é obtida a partir da sequência $\{S_t^*\}_{t=1}^T$, com cada um dos seus elementos a poder registar os valores 1 ou -1, com a mesma probabilidade.

Belaire-Franch e Opong (2005) desenvolveram um teste conjunto para o rácio de variâncias por *rankings* e sinais, inspirados na metodologia de Chow e Denning (1993). A estatística do teste conjunto (com $i = 1, \dots, m$) é dada por:

$$CD_{R_1}(q) = \max |R_1(q_i)| \quad (11)$$

$$CD_{R_2}(q) = \max |R_2(q_i)| \quad (12)$$

$$CD_{S_1}(q) = \max |S_1(q_i)| \quad (13)$$

A hipótese nula de *random walk* é rejeitada quando pelo menos um dos coeficientes seja estatisticamente diferente de zero.

$$CD_{R_1}^*(q) = \max |R_1^*(q_i)| \quad (14)$$

$$CD^*_{R_2}(q) = \max |R^*_2(q_i)| \quad (15)$$

$$CD^*_{S_1}(q) = \max |S^*_1(q_i)| \quad (16)$$

As estatísticas $R^*_1(q_i)$, $R^*_2(q_i)$ e $S^*_1(q_i)$ apresentam a mesma distribuição amostral e os seus valores críticos são obtidos por simulação, à semelhança do que acontece com as estatísticas propostas no teste de Wright (2000). A hipótese nula de *random walk* é rejeitada quando as estatísticas são superiores aos valores críticos tabelados, usando a simulação de Monte Carlo.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS EMPÍRICOS

As principais estatísticas descritivas das taxas de rendibilidade dos doze índices, bem como o teste de aderência de Jarque-Bera, referentes aos três subperíodos amostrais, são apresentados na tabela 1.

A análise das estatísticas descritivas permite a conclusão de que apenas no subperíodo Tranquilo todos os índices apresentaram rendibilidade média diária positiva. Nos restantes subperíodos, apenas o BOV, no primeiro, e o BOV e o SENSEX, no terceiro, apresentaram rendibilidade média positiva.

Por outro lado, todas as séries de rendibilidades evidenciaram sinais de desvio face à hipótese de normalidade, atendendo aos coeficientes de assimetria e de curtose. No caso de uma distribuição normal, o coeficiente de assimetria toma o valor zero e o coeficiente de curtose o valor três. As séries analisadas são leptocúrticas e apresentam abas assimétricas. A característica de assimetria negativa é verificada em oito índices, com realce para os índices ISEQ (-0,652) e NIKKEI (-0,644).

Para se confirmar da adequação do ajustamento da distribuição normal às distribuições empíricas das doze séries, nos três subperíodos analisados, foi também aplicado o teste de aderência de Jarque-Bera, cujos valores de probabilidade podem ser vistos na tabela 1 – Estatísticas descritivas das séries nos três subperíodos.

		ATG	BOV	CAC	DAX	DJ	FTSE	HAN	IBEX	ISEQ	NIKK	PSI	SENS
Dot-Com	Média	-	0,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Median	-	-	-	-	-	-	-	0,00	0,00	-	-	0,00
	Máximo	0,08	0,06	0,07	0,07	0,06	0,05	0,05	0,05	0,04	0,05	0,04	0,09
	Mínimo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Desvio-	0,01	0,02	0,01	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01
	Assimetr	0,19	-	0,07	0,08	0,11	-	-	0,12	-	-	-	-
	Curtose	6,86	5,74	4,15	4,04	4,33	4,37	5,18	3,32	4,54	3,98	5,06	7,29
	Jarque-	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00
Tranquilo	Média	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	Median	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	Máximo	0,04	0,05	0,03	0,02	0,02	0,02	0,03	0,02	0,04	0,03	0,03	0,07
	Mínimo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Desvio-	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01	0,00	0,01
	Assimetr	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,13	-
	Curtose	6,14	4,02	4,03	3,70	4,24	4,99	4,59	4,59	9,48	4,51	5,98	12,1
	Jarque-	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00
Crise Finan. Global	Média	-	0,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,00
	Median	-	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	-	0,00
	Máximo	0,08	0,13	0,10	0,10	0,10	0,09	0,13	0,13	0,09	0,09	0,10	0,15
	Mínimo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Desvio-	0,02	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01	0,02	0,01	0,02	0,01	0,01	0,01
	Assimetr	-	0,09	0,14	0,21	0,04	-	0,16	0,12	-	-	-	0,21
	Curtose	5,02	9,23	8,65	9,57	10,2	8,71	8,98	9,82	7,23	9,17	11,0	9,49
	Jarque-	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00	(0,00

Nos diversos períodos amostrais, todas as séries de rendibilidades evidenciaram sinais de desvio face à hipótese de normalidade, já que o teste de Jarque-Bera permite rejeitar a hipótese nula da normalidade (H_0) a favor da alternativa (H_1 , não normalidade), para o nível de significância de 1%.

Para analisar a persistência nas rendibilidades dos índices e verificar a hipótese de reversão à média, recorreremos às estatísticas do rácio de variâncias, de acordo com a proposta e aos rácios de variância por *rankings* e sinais, propostos por Wright (2000). De acordo com este autor, a versão não paramétrica do teste de variâncias produz resultados mais robustos, por ser menos suscetível a distorções provocadas pela dimensão da amostra, e por não ser afetada pela violação do pressuposto de normalidade das distribuições.

Sob a hipótese nula de *random walk*, os rácios de variância devem ser iguais à unidade. Assim, de modo a testar a hipótese de passeio aleatório, foram estimados os testes $R_1(q)$, $R_2(q)$ e $S_1(q)$. Os resultados são apresentados para intervalos de desfaseamento, q , de 2, 4, 8 e 16 dias. Os testes de variância por *rankings* $R_1(q)$ e $R_2(q)$ assentam no pressuposto de homocedasticidade, enquanto o teste de sinais $S_1(q)$ pressupõe a presença de heterocedasticidade nas séries de rendibilidades.

Nas tabelas 2, 3, 4 e 5, em anexo, são apresentados os resultados da versão não paramétrica do teste de variâncias, conforme a metodologia de Wright (2000), que inclui os testes de Rácios de Variância de *Rankings* e Sinais, mas também as estatísticas de Belaire-Franch e Opong (2005), no período completo e nos três subperíodos amostrais. Em ambos os casos, as estatísticas foram calculadas para defasamentos de 2, 4, 8 e 16 dias. Os valores apresentados em parêntesis são relativos aos *p-values*. Os valores imediatamente abaixo dos *p-values* referem-se às estimativas do rácio de variância.

Tendo em conta os resultados do teste de variância por *rankings* de Wright (2000), a hipótese de passeio aleatório é rejeitada para todas as séries, no período completo e nos três sub-períodos. Estes resultados são consistentes com o teste conjunto de Belaire-Franch e Opong (2005). Por sua vez, o teste de sinais também corrobora a rejeição da hipótese de passeio aleatório, em todas as séries e em todos os períodos amostrais, de modo consistente com os resultados do teste conjunto de Belaire-Franch e Opong (2005).

Os resultados apoiam, portanto, a conclusão de que a hipótese de passeio aleatório não é suportada pelos índices, nos diversos períodos amostrais. Os valores dos rácios de variâncias são, em todos os casos, inferiores à unidade, o que implica que as rendibilidades estão Auto correlacionadas no tempo e existe reversão à média, em todos os índices e em todos os períodos, não tendo sido identificadas diferenças entre os mercados europeus e os mercados não europeus, entre os mercados desenvolvidos e os mercados emergentes, ou mesmo entre os três subperíodos analisados. Os resultados obtidos permitem a rejeição da hipótese de passeio aleatório e da hipótese de eficiência informacional dos mercados financeiros, sendo consistentes com os obtidos noutros estudos, nomeadamente os de Richards (1997), Worthington e Higgs (2004) e, parcialmente, com os de Chaudhuri e Wu (2003).

O processo de reversão à média, a governar as rendibilidades das séries, pode ser explicado através do que De Bondt e Thaler (1985) designam por hipótese de sobre reação, a qual resulta de movimentos extremos nos preços das ações, que são seguidos por movimentos em sentido contrário, para corrigir a sobre reação inicial. Nestas condições, os mercados tendem a reagir excessivamente à informação, acabando por corrigir nos dias seguintes, quer se trate de uma boa notícia, quer se trate de uma má notícia. A elevada sensibilidade dos preços à chegada de nova informação ter-se-á devido ao clima de pessimismo e de incerteza vivido pelos investidores, durante o período amostral estudado.

Os resultados sugerem ainda que os preços não refletem totalmente a informação disponível e que as alterações nos preços não são IID. Esta situação acarreta implicações para os investidores, uma vez que algumas rendibilidades podem ser expectáveis, criando oportunidades de arbitragem e de proveitos anormais, contrariamente ao suposto pelas hipóteses de passeio aleatório e de eficiência informacional.

4. CONCLUSÃO

A análise do processo de reversão à média nas rendibilidades dos mercados bolsistas tem-se concentrado principalmente nos mercados desenvolvidos. Neste estudo foram analisados duas áreas de interesse. Em primeiro lugar, foram estudados não apenas mercados desenvolvidos, europeus e não europeus, mas também mercados emergentes, com o objetivo de perceber da existência de diferenças de previsibilidade entre eles. Em segundo lugar, ao se optar por subdividir o período amostral em três subperíodos, foi possível estudar diferenças de previsibilidade tendo em conta o comportamento dos mercados, de queda ou de subida, bem como a influência da actual crise financeira.

Recorrendo às propostas de Wright (2000) e de Belaire-Franch e Opong (2005), concluiu-se pela rejeição da hipótese de passeio aleatório relativamente aos doze índices, no período completo e nos três subperíodos, bem como pela presença de um processo de reversão à média, que governou as séries de rendibilidades, porventura explicado pela hipótese de sobrereação, resultante da ocorrência de movimentos extremos nos mercados bolsistas.

BIBLIOGRAFIA

- Balvers, R., Wu, Y., e Gilligand, E., (2000), "Mean Reversion Across National Stock Markets and Parametric Contrarian Investment Strategies", *Journal of Finance*, Vol. 55 No. 2.
- Belaire-Franch, G. e Opong, K., (2005), "Some evidence of random walk behavior of Euro exchange rates using ranks and signs", *Journal of Banking and Finance*, 29, pp. 1631–1643.
- Chaudhuri, K. e Wu, Y., (2003), "Random walk versus breaking trend in stock prices: evidence from emerging markets", *Journal of Banking and Finance*, 27, 575-592.
- Fama, E. e French, K., (1988), "Permanent and Temporary Components of Stock Prices", *The Journal of Political Economy*, Vol. 96, Nº. 2, pp. 246-273.
- Chow, K. e Denning, K., (1993), "A simple multiple variance ratio test", *Journal of Econometrics*, Vol. 58, Nº. 3, pp. 385-401.
- De Bondt, W. e Thaler, R., (1985), "Does the stock market overreact?", *Journal of Finance*, 40, 793–905.

- Harvey, C., (1995), "Predictable risk and returns in emerging markets", *Review of Financial Studies*, 8, 773–816.
- Horta, P., Mendes, C. e Vieira, I., (2008), "Contagion effects of the US Subprime Crisis on Developed Countries", CEFAGE-UE Working Paper 2008/08.
- Kawakatsu, K. e Morey, M. (1999), "An empirical examination of financial Liberalization and the efficiency of the emerging market stock prices", *Journal of Financial Research*, 22, 358-411.
- Lo, A. e MacKinlay, A., (1988), "Stock market prices do not follow random walks: Evidence from a simple specification test", *Review of Financial Studies*, Vol. 1, Nº .1, pp. 41-66.
- Naoui, K., Khemiri, S. e Liouane, N., (2010), "Crises and Financial Contagion: The Subprime Crisis", *Journal of Business Studies Quarterly*, Vol. 2, No. 1, pp. 15-28.
- Richards, A., (1997), "Winner-Loser Reversals in National Stock Market Indexes: Can They Be Explained?", *Journal of Finance*, 52, pp.2129-21.
- Summers, L., (1986), "Does the Stock Market Rationally Reflect Fundamental Values?", *The Journal of Finance*, Vol. 41, Nº . 3, Papers and Proceedings of the Forty-Fourth Annual Meeting of the America Finance Association, New York, December 28-30, pp. 591-601.
- Toussaint, E., (2008), "The US Subprime Crisis Goes Global", In Counterpunch, Weekend Edition, January 12/13.
- Worthington, A. e Higgs, H., (2004), "Random Walks and Market Efficiency in European Equity Markets", *Global Journal of Finance and Economics*, 1(1), 59-78.
- Wright, J., (2000), "Alternative Variance-Ratio Tests Using Ranks and Signs", *Journal of Business and Economic Statistics*, Vol. 18, Nº . 1, pp. 1-9.

ANEXO

Tabela 2 – Estatísticas dos Rácios de Variâncias de Rankings e Sinais no período completo

	Wright												BFC		
	q=2			q=4			q=8			q=16			CD-	CD-	CD-
	R1	R2	S1	R1	R2	S1	R1	R2	S1	R1	R2	S1			
ATG	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21,	22,	15,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,60	0,59	0,72	0,31	0,27	0,53	0,20	0,16	0,47	0,14	0,09	0,4			
BOV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	24,	25,	17,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,54	0,52	0,68	0,29	0,26	0,51	0,16	0,13	0,42	0,10	0,07	0,3			
CAC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25,	26,	18,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,53	0,51	0,66	0,28	0,24	0,50	0,17	0,13	0,45	0,12	0,08	0,4			
DAX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25,	26,	17,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,52	0,50	0,67	0,27	0,24	0,49	0,17	0,13	0,42	0,11	0,08	0,3			
DJ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25,	27,	17,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,52	0,50	0,67	0,28	0,25	0,51	0,18	0,13	0,45	0,12	0,08	0,4			
FTSE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25,	26,	17,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,53	0,51	0,68	0,27	0,23	0,47	0,18	0,13	0,41	0,12	0,08	0,3			
HAN G	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	23,	25,	16,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,56	0,53	0,69	0,31	0,28	0,52	0,18	0,15	0,43	0,14	0,10	0,3			
IBEX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	24,	25,	17,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,55	0,53	0,67	0,28	0,25	0,49	0,17	0,13	0,41	0,11	0,08	0,3			
ISEQ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	24,	24,	18,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,55	0,54	0,66	0,30	0,27	0,48	0,18	0,15	0,38	0,12	0,09	0,3			
NIKK EI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25,	26,	16,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,53	0,51	0,70	0,30	0,26	0,55	0,19	0,14	0,50	0,13	0,08	0,4			
PSI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	22,	23,	15,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,58	0,57	0,72	0,31	0,27	0,54	0,20	0,15	0,48	0,15	0,10	0,4			
SENS EX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21,	23,	15,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,60	0,57	0,72	0,33	0,29	0,53	0,21	0,16	0,47	0,15	0,10	0,4			

Tabela 3 – Estatísticas dos Rácios de Variâncias de Rankings e Sinais no subperíodo Dot-Com

	Wright												BFC		
	q=2			q=4			q=8			q=16			CD-	CD-	CD-
	R1	R2	S1	R1	R2	S1	R1	R2	S1	R1	R2	S1			
ATG	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10,4	10,	6,7
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,66	0,65	0,77	0,33	0,30	0,5	0,2	0,1	0,5	0,1	0,0	0,5			
BOV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,0	13,	9,1
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,55	0,54	0,69	0,28	0,26	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,3			
CAC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,3	13,	9,0
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,54	0,53	0,69	0,27	0,25	0,4	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,4			
DAX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,7	14,	8,6
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,53	0,50	0,70	0,26	0,24	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,3			
DJ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14,6	14,	10,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,50	0,49	0,64	0,26	0,24	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,4			
FTSE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,0	13,	9,1
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,55	0,53	0,68	0,26	0,23	0,4	0,1	0,1	0,3	0,1	0,0	0,3			
HAN G	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,	8,9
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,56	0,54	0,69	0,30	0,26	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,3			
IBEX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,4	14,	9,3
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,54	0,52	0,68	0,26	0,24	0,5	0,1	0,1	0,4	0,0	0,0	0,3			
ISEQ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12,9	13,	9,9
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,56	0,55	0,66	0,29	0,27	0,4	0,1	0,1	0,3	0,1	0,0	0,3			
NIKK EI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,3	14,	8,2
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,54	0,51	0,72	0,29	0,26	0,5	0,1	0,1	0,4	0,0	0,0	0,3			
PSI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10,8	11,	6,3
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,63	0,61	0,79	0,31	0,27	0,5	0,1	0,1	0,5	0,1	0,0	0,6			
SENS EX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11,9	13,	8,3
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,59	0,55	0,71	0,32	0,28	0,4	0,2	0,1	0,4	0,1	0,1	0,4			

Tabela 4 – Estatísticas dos Rácios de Variâncias de Rankings e Sinais no sub-período Tranquilo

	Wright												BFC		
	q=2			q=4			q=8			q=16			CD-	CD-	CD-
	R1	R2	S1	R1	R2	S1	R1	R2	S1	R1	R2	S1			
ATG	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,	14,	9,69
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,58	0,54	0,70	0,30	0,27	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,4			
BOV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15,	15,	10,4
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,54	0,52	0,68	0,29	0,26	0,5	0,1	0,1	0,4	0,0	0,0	0,4			
CAC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	16,	17,	11,1
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,50	0,47	0,66	0,26	0,24	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,4			
DAX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	16,	17,	10,6
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,50	0,47	0,67	0,28	0,25	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,4			
DJ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15,	16,	9,88
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,53	0,50	0,70	0,27	0,24	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,4			
FTSE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	16,	17,	10,6
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,50	0,46	0,68	0,26	0,23	0,4	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,3			
HAN G	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14,	15,	9,94
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,56	0,54	0,70	0,30	0,27	0,5	0,1	0,1	0,4	0,0	0,0	0,4			
IBEX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	16,	17,	11,4
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,50	0,47	0,65	0,27	0,24	0,4	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,3			
ISEQ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15,	16,	10,
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,54	0,51	0,70	0,29	0,27	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,3			
NIKK EI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15,	15,	10,6
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,54	0,52	0,68	0,30	0,26	0,5	0,2	0,1	0,5	0,1	0,0	0,5			
PSI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15,	16,	9,94
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,53	0,51	0,70	0,28	0,24	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,4			
SENS EX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,	14,	9,94
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,60	0,57	0,70	0,32	0,29	0,5	0,2	0,1	0,4	0,1	0,1	0,3			

Tabela 5 – Estatísticas dos Rádios de Variâncias de Rankings e Sinais no subperíodo Crise Financeira Global

	Wright												BFC		
	q=2			q=4			q=8			q=16			CD-	CD-	CD-
	R1	R2	S1	R1	R2	S1	R1	R2	S1	R1	R2	S1			
ATG	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,2	13,2	9,98
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,58	0,58	0,68	0,28	0,25	0,4	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,3			
BOV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14,7	15,2	10,4
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,53	0,51	0,66	0,29	0,26	0,5	0,1	0,1	0,3	0,1	0,0	0,3			
CAC	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14,8	15,2	11,0
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,52	0,51	0,64	0,27	0,24	0,4	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,4			
DAX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14,8	15,2	11,4
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,52	0,51	0,63	0,27	0,24	0,4	0,1	0,1	0,3	0,1	0,0	0,2			
DJ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15,0	15,6	10,4
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,52	0,50	0,67	0,29	0,25	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,3			
FTSE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14,8	15,3	10,3
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,52	0,51	0,67	0,27	0,23	0,4	0,1	0,1	0,4	0,1	0,0	0,3			
HAN G	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14,2	15,2	10,3
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,54	0,51	0,67	0,30	0,27	0,4	0,1	0,1	0,3	0,1	0,1	0,3			
IBEX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,4	13,9	10,3
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,57	0,55	0,67	0,29	0,26	0,4	0,1	0,1	0,3	0,1	0,0	0,3			
ISEQ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14,1	14,1	11,3
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,55	0,55	0,64	0,29	0,29	0,4	0,1	0,1	0,3	0,1	0,1	0,3			
NIKK EI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15,0	15,6	9,40
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,52	0,50	0,70	0,30	0,26	0,5	0,1	0,1	0,5	0,1	0,1	0,4			
PSI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,6	13,8	10,3
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,56	0,55	0,67	0,30	0,28	0,5	0,1	0,1	0,4	0,1	0,1	0,4			
SENS EX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12,4	13,2	7,73
	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0	(0,0
	0,60	0,57	0,75	0,35	0,30	0,6	0,2	0,1	0,5	0,1	0,0	0,5			

O PAPEL DO OURO NA COBERTURA DO RISCO DA TAXA DE CÂMBIO EURO-DÓLAR

GOLD AS A HEDGE AGAINST THE EURO-DOLLAR EXCHANGE RATE
EL PAPEL DEL ORO EN LA COBERTURA DEL RIESGO DE CAMBIO
EURO-DÓLAR

Júlio Lobão (jlobao@fep.up.pt)*

Juliana Teixeira

RESUMO:

Neste artigo é investigado o papel desempenhado pelo ouro na cobertura do risco da taxa de câmbio euro-dólar no período 1999-2011. Para isso, recorreu-se a um modelo EGARCH (2,1,1) aplicado a dados diários. Os resultados mostram que o ouro se revelou útil para a cobertura do risco cambial dos investimentos em dólares levados a cabo pelos habitantes da zona-euro. Durante todo o período considerado, a cotação do ouro mostrou-se inelástica em relação à taxa de câmbio euro-dólar tanto no curto como no longo prazo.

Palavras-chave: cobertura de risco, ouro, taxa de câmbio.

ABSTRACT:

In this article we investigate the role of gold as hedge of the euro-dollar exchange rate during the period 1999-2011. For this, it was used an EGARCH (2,1,1) model applied to daily data. The results show that gold has served as an useful hedge against the exchange rate risk of the investments in dollar-denominated assets carried out by the inhabitants of the euro-zone. During the period of the sample, gold was inelastic with respect to the euro-dollar exchange rate both in the short-run and in the long-run.

Keywords: exchange rate, gold, hedge.

RESUMEN:

En este trabajo se investigó el papel del oro en la cobertura del riesgo de tasa de cambio euro-dólar en el período 1999-2011. Para ello, se utilizó un modelo EGARCH (2,1,1) aplicado a datos diarios. Los resultados muestran que el oro ha demostrado ser útil para la cobertura del riesgo de cambio de las inversiones en dólares realizadas por los habitantes de la zona euro. A lo largo del período considerado, el precio del oro se ha mostrado inelástica en relación al cambio euro-dólar en el corto y largo plazo.

Palabras-clave: cobertura del riesgo, oro, tasa de cambio.

* Júlio Lobão. Professor Auxiliar na Faculdade de Economia, Universidade Porto. Mestre em Finanças

Submitted: 26th August 2012

Accepted: 9th October 2012

1. INTRODUÇÃO

Apesar dos metais preciosos terem sido usados como meio de troca e de reserva de valor durante milhares de anos, o interesse acerca do ouro enquanto ativo financeiro é relativamente recente. Esse interesse foi grandemente aumentado pela atual crise financeira. A maior volatilidade do mercado acionista e os receios associados à dívida soberana fizeram com que os investidores encarassem o metal amarelo como mais um ativo financeiro, suscetível de ser incluído nas carteiras de investimento.

O aumento na procura de ouro repercutiu-se numa fortíssima subida do seu preço, ao mesmo tempo que os instrumentos tradicionais de investimento registavam perdas. No período de três anos que se seguiu à falência do banco Lehman Brothers, o preço de mercado do ouro foi multiplicado por um fator de seis, passando de pouco menos de 300 dólares a onça em Setembro de 2008 para quase 1800 dólares a onça nos finais do ano de 2011.

O grande interesse nos investimentos em ouro trouxe o metal para a ordem do dia tendo passado a ser referido frequentemente nos meios de comunicação social. No entanto, apesar da sua popularidade, uma pesquisa na literatura acerca do papel do ouro enquanto investimento financeiro revela um escasso número de estudos quando comparado com a investigação realizada acerca do mercado acionista ou obrigacionista, por exemplo.

O presente artigo pretende contribuir para o estudo do ouro enquanto ativo financeiro. Mais concretamente, o objetivo é o de investigar empiricamente os resultados do investimento em ouro com o propósito da cobertura do risco da taxa de câmbio do euro contra o dólar. Para isso, recorre-se à aplicação de um modelo EGARCH (2,1,1) a dados de frequência diária referentes ao período que vai desde a introdução da moeda europeia (em 1999) até ao ano de 2011. Os resultados sugerem que, nesse período, o ouro se mostrou como um ativo capaz de cobrir o risco cambial inerente ao investimento em ativos denominados em dólares por parte dos agentes residentes na zona-euro.

Esta contribuição afigura-se relevante uma vez que, tanto quanto é do nosso conhecimento, trata-se do primeiro estudo em que se testa a utilidade do ouro para a cobertura do risco da taxa de câmbio euro-dólar.

O artigo está organizado da seguinte forma: na secção seguinte apresenta-se a revisão da literatura relevante. A terceira secção é dedicada à análise dos dados e dos resultados do estudo empírico. Na

secção final resume-se o artigo e referem-se sugestões para investigação futura.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Diversos autores têm estudado o ouro enquanto ativo financeiro capaz de contribuir para a cobertura do risco dos investimentos. Um primeiro conjunto de estudos debruça-se sobre o papel do ouro na cobertura do risco de inflação. Ghosh, Levin, MacMillan e Wright (2004) aplicam testes de cointegração a dados mensais de preços do ouro entre 1976 e 1999. Como sublinham os autores, apesar da volatilidade do ouro no curto prazo poder levantar dificuldades à cobertura do risco de inflação, a relação estável entre o preço do metal e a inflação em prazos longos torna o ouro um ativo eficaz na cobertura desse risco. Worthington e Pahlavani (2007), através da análise às relações de cointegração do metal precioso com a inflação nos EUA entre os anos de 1946 e de 2006, corroboram a conclusão de Ghosh et al. (2004). Estes resultados são também confirmados por McCown e Zimmerman (2006), com um método semelhante, para uma amostra mais limitada (de 1970 a 2003).

Um segundo grupo de autores investiga a relação entre os preços do ouro e das ações. As conclusões apontam para a utilidade do ouro na cobertura do risco de variação do preço desses ativos. Para Sherman (1983), por exemplo, um investimento em ouro numa proporção de 5% a 10% da carteira é suficiente para diminuir a volatilidade e aumentar a rentabilidade obtida. Jaffe (1989) mostra que a correlação entre o ouro (representado pelos derivados do metal) e as ações é muito baixa. Por isso, embora o metal comporte um risco assinalável enquanto investimento isolado, pode desempenhar um papel importante na diversificação das carteiras de ações. Para Chua, Stick e Woodward (1990), o peso dos investimentos em ouro deve ser maior. O autor conclui que é necessário um investimento em ouro equivalente a 25% da carteira para se reduzir o risco (e aumentar a rentabilidade) com significado. Lucey, Tully e Poti (2006) mostram que o preço do ouro apresentou uma correlação negativa com os índices acionistas NYSE, NASDAQ e FTSE no período 1988-2003. Os autores defendem que a diversificação pela detenção de ouro é particularmente útil em alturas de crise (caracterizadas por instabilidade política, colapso dos mercados de ações ou fraudes corporativas, por exemplo). Outros autores chegam a conclusões semelhantes. Por exemplo, Baur e McDermott (2010) utilizam uma amostra de 30 anos (1979-2009) relativa aos índices acionistas de 13 países desenvolvidos e

emergentes para concluir que o investimento em ouro não só permite cobrir o risco de variação dos preços das ações na generalidade dos países desenvolvidos, como se revela um ativo de refúgio particularmente útil em períodos de crise. Draper, Faff e Hillier (2006) e Faugere e Erlach (2005) são outros autores que realçam a utilidade do ouro na cobertura do risco inerente ao investimento em ações.

Uma terceira óptica de análise diz respeito à utilização do ouro para cobertura do risco cambial. Capie, Mills e Wood (2005) utilizam um modelo EGARCH para concluir que o investimento em ouro permite cobrir o risco de depreciação do dólar face à libra esterlina e ao iene embora essa capacidade de cobertura do risco tenha variado ao longo do tempo com o papel desempenhado pelo ouro. A principal distinção é estabelecida entre o período em que o ouro esteve na base da emissão monetária (ou seja, até o ano de 1971) e o período que se lhe seguiu.

3. DADOS E ESTUDO EMPÍRICO

A amostra utilizada é constituída pelos dados com frequência diária do preço do ouro e da taxa de câmbio euro-dólar. Ambas as séries estatísticas foram retiradas da base de dados Datastream. O período da amostra está compreendido entre o dia 4 de Janeiro de 1999 (data de introdução do euro como moeda escritural) e o dia 24 de Outubro de 2011 totalizando 3341 observações.

A taxa de câmbio euro-dólar apresenta-se com a forma de cotação ao certo para o euro, ou seja, exprime o número de dólares por cada euro. O preço do ouro encontra-se cotado em dólares por onça troy.

As duas séries encontram-se representadas no gráfico seguinte:

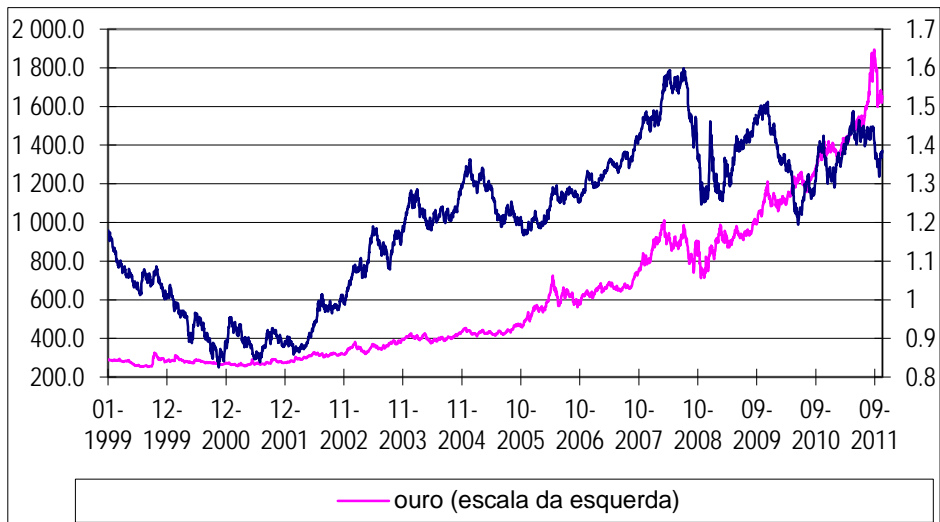


Figura 1 – Evolução do preço do ouro e da taxa de câmbio euro-dólar entre 1/01/1999 e 24/10/2011;
Fonte dos dados: DataStream

Como se pode constatar, registou-se uma subida muito significativa no preço do ouro durante o período da amostra. Na primeira sessão de 1999 o ouro encontrava-se cotado a 287,2 dólares por onça enquanto que o preço no dia 24 de Outubro de 2011 era de 1652 dólares o que representa um incremento de cerca de 475% em pouco menos de 13 anos. O aumento dos preços foi particularmente acentuado no período entre Novembro de 2008 e Setembro de 2011. Nesses 22 meses, o preço do ouro passou dos 725 dólares para um máximo histórico de quase 1900 dólares (aumento de cerca de 160%). Deve também ser assinalada a correção dos preços em relação a esse máximo: a cotação desceu quase 300 dólares (cerca de 14%) em cerca de um mês.

A evolução da taxa de câmbio euro-dólar está também representada na figura 1. O comportamento tem sido, na globalidade do período, de apreciação do euro face ao dólar mas com importantes períodos de depreciação do euro (apreciação do dólar) como nos primeiros seis meses após a introdução da moeda única, no final do ano de 2008 e na primeira metade do ano de 2010. O valor máximo do euro contra a moeda dos EUA verificou-se em Abril de 2008 e o valor mínimo no mês de Outubro de 2010. Comparando os valores iniciais e final da taxa de câmbio verificamos que a apreciação do euro se situou nos 17,53%.

Dada a elevada variação de cada uma das séries, utilizaram-se as rendibilidades logarítmicas para o preço do ouro e para a cotação euro-dólar. Assim, a análise econométrica foi levada a cabo com a

primeira diferença nos logaritmos do preço do ouro, adiante representada por Δg_t , e pela primeira diferença nos logaritmos da taxa de câmbio, adiante designada por Δs_t .

Seguindo a prática corrente na literatura, como por exemplo em Capie et al. (2005) e em Baur e McDermott (2010), pressupomos que os erros de previsão são, no caso de preços como a cotação do ouro ou taxas de câmbio, altamente variáveis em diferentes períodos de tempo. A variação dos erros de previsão de variáveis de mercado aconselha a utilização de modelos heterocedásticos do tipo Autoregressive Conditional Heterocedasticity (ARCH). Para determinar a variante do modelo ARCH mais adequada para o caso consideramos o modelo ARCH generalizado (GARCH) proposto por Bollerslev (1986), o modelo GARCH exponencial (EGARCH) desenvolvido por Nelson (1991) e o modelo GJR criado por Glosten, Jagannathan e Runkle (1993). Entre os modelos GARCH, EGARCH e GJR e as distribuições normal e t-student foram projetados 47 hipóteses de modelos considerando no máximo três defasamentos (ver anexo). Seguidamente, das 47 hipóteses de modelos foram selecionados quatro modelos de acordo com os critérios de informação de Akaike e de Schwarz.¹⁸ Este procedimento conduziu à escolha dos modelos EGARCH (1,1,1), EGARCH (2,1,1), EGARCH (1,2,2) e EGARCH (3,3,3), todos com uma distribuição t-student. Os dois primeiros são os que apresentam um menor valor no critério de Schwarz e os dois últimos apresentam os menores valores no critério de informação de Akaike.¹⁹

O teste de Engle à heterocedasticidade residual foi utilizado como critério de desempate entre os quatro modelos.²⁰ O teste conduziu à selecção do modelo EGARCH (2,1,1) uma vez que é o único em que não se rejeita, a 10% de significância estatística, a hipótese de inexistência de heterocedasticidade condicional (efeitos ARCH). Como termo de comparação refira-se que Capie et al. (2005)

¹⁸ Os critérios de Akaike e de Schwarz medem a qualidade relativa do modelo estatístico, estando definida a amostra de dados. Permitem seleccionar um modelo entre diversas alternativas tendo em atenção a complexidade do modelo, nomeadamente o número de parâmetros do mesmo, e a qualidade de ajustamento aos dados da amostra.

¹⁹ Para averiguar das qualidades estatísticas dos quatro modelos foram ainda efectuados testes de autocorrelação dos resíduos e de autocorrelação dos resíduos quadrados. Em ambos os testes os resultados sugerem a ausência de efeitos ARCH em todos os modelos.

²⁰ O teste de Engle à heterocedasticidade residual tem como objetivo aferir se os modelos evidenciam efeitos ARCH. Para isso, testa-se a hipótese nula de que a série de resíduos r_t não apresentam heterocedasticidade condicional (efeitos ARCH) contra a hipótese alternativa de que um modelo ARCH (L) representado por $r_t^2 = \alpha_0 + \alpha_1 r_{t-1}^2 + \dots + \alpha_L r_{t-L}^2 + e_t$ descreva a série com pelo menos um α_k não nulo para $k = 0, \dots, L$. Acerca deste teste, ver Engle (1988).

selecionaram um modelo EGARCH (1,2,1) enquanto que Baur e McDermott (2010) utilizaram um modelo GARCH (1, 1).

Para um modelo EGARCH, as expressões da média e da variância são, respectivamente, as seguintes:

$$\Delta g_t = \beta_0 + \beta_1 \Delta s_t + \beta_2 \Delta g_{t-1} + \mu_t \quad (1)$$

$$\log(\sigma_t^2) = \alpha_0 + \alpha_1 \frac{\mu_{t-1}}{\sigma_{t-1}} + \alpha_2 \log(\sigma_{t-1}^2) + \alpha_3 \frac{|\mu_{t-1}|}{\sigma_{t-1}} + \alpha_4 \log(\sigma_{t-2}^2) \quad (2)$$

A estimativa dos coeficientes do modelo EGARCH (2,1,1) com os dados da amostra referida conduziu aos seguintes resultados:

$$\Delta g_t = 0,000636 + 0,276962 \Delta s_t - 0,082719 \Delta g_{t-1} \quad (3)$$

(0,000143)
(0,020512)
(0,016810)

$$\log(\sigma_t^2) = -0,151787 + 0,062970 \frac{\mu_{t-1}}{\sigma_{t-1}} + 0,991293 \log(\sigma_{t-1}^2) + 0,147059 \frac{|\mu_{t-1}|}{\sigma_{t-1}} - 0,047941 \frac{|\mu_{t-2}|}{\sigma_{t-2}} \quad (4)$$

(0,027873)
(0,009717)
(0,002513)
(0,038304)
(0,039625)

Todas as estimativas se mostraram significativas a 1% de significância com exceção de α_4 (p-value de 0,2263).

Relativamente à variação da volatilidade ao longo do tempo, temos que o modelo será estacionário em média se $0 < |\beta_2| < 1$ e será estacionário em variância se $\alpha_2 < 1$. No caso, o modelo EGARCH (2,1,1) com distribuição t-student estimado revela-se estacionário em ambas as situações uma vez que $\beta_2 = -0,082719$ e que $\alpha_2 = 0,991293$.

Os resultados obtidos permitem extrair diversas conclusões. Em primeiro lugar, verifica-se que a estimativa de β_1 é positiva o que nos leva a concluir que o ouro permitiu a cobertura do risco cambial dos investimentos em dólares levados a cabo pelo habitantes da zona-euro. De facto, a variação da taxa de câmbio euro-dólar dá-se no mesmo sentido do preço do ouro. Isso significa, por exemplo, que um aumento dessa taxa de câmbio, o que implica a uma depreciação dos investimentos em dólares quando convertidos em euros, é compensada pela variação favorável (ou seja, positiva) da cotação do ouro.

Em segundo lugar, como β_1 corresponde à elasticidade de curto prazo, pode-se afirmar que a cotação do ouro se tem mostrado inelástica no período em análise relativamente à taxa de câmbio euro-dólar. Relativamente à estimativa da elasticidade de longo prazo temos que:

$$\text{Elasticidade de longo prazo (5)} = \frac{\beta_1}{1 - \beta_2} = \frac{0,276962}{1 - (-0,082719)} = 0,255802$$

Verifica-se que a estimativa do efeito de curto prazo é ligeiramente superior à estimativa de efeito de longo prazo indicando que a resposta instantânea da cotação do ouro a uma variação da taxa de câmbio euro-dólar é superior à variação verificada no metal precioso a longo prazo.

Em terceiro lugar, temos os resultados da análise aos efeitos de assimetria na volatilidade face a variações não esperadas do preço do ouro. Nessa análise não foi considerado o valor de α_4 por não ser, como se referiu acima, estatisticamente significativo. Ora, quando $\mu_{t-1} > 0$, a volatilidade do preço do ouro é dada por $\alpha_1 + \alpha_3 = 0,210029$. Já quando $\mu_{t-1} < 0$, essa volatilidade é dada por $-\alpha_1 + \alpha_3 = 0,084089$. A existência de uma assimetria positiva leva-nos a concluir, portanto, que uma subida do preço do ouro superior à esperada ($\mu_{t-1} > 0$), é acompanhada de maior volatilidade do que uma descida do ouro superior à esperada ($\mu_{t-1} < 0$).

Por último, podemos observar que, pelo facto de $\alpha_2 = 0,991293$, ou seja, muito próximo da unidade, os efeitos dos choques não antecipados na taxa de variação do preço do ouro são bastantes persistentes, implicando a manutenção de uma volatilidade acrescida durante um período de tempo considerável.

Dado o comportamento do preço do ouro ser muito diferenciado durante o período da amostra, foi analisada a dispersão dos logaritmos do preço do ouro contra o logaritmo da taxa de câmbio euro/dólar. Tal como fizeram Capie et al. (2005), procedemos à identificação de diferentes estratos correspondentes aos diversos subperíodos da amostra. A primeira série temporal representa o período inicial do euro que vai desde 4 de Janeiro de 1999 até 30 de Dezembro de 2005. A segunda série coincide com a fase durante a qual o ouro registou o primeiro período de aumento significativo no seu preço, ou seja, desde 2 de Janeiro de 2006, até 29 de Agosto de 2008. A terceira e última série diz respeito à crise financeira,

abrangendo o período desde 1 de Setembro de 2008 até ao final da amostra.

Foi realizada uma análise para cada um destes subperíodos tendo uma vez mais sido testados os vários modelos referidos em anexo. Considerando o critério de informação de Akaike foram selecionados os melhores modelos. A tabela 1 reúne os resultados obtidos para cada um dos subperíodos e para toda a amostra.

Tabela 1 – Resumo dos resultados obtidos na amostra total e nos três sub-períodos sob análise

Período da amostra	Modelo	Distribuição do erro	Elasticidade de curto prazo	Elasticidade de longo prazo
04/01/1999 - 24/10/2011	EGARCH (2,1,1)	† (4,8869)	0,2770	0,2558
04/01/1999 - 30/12/2005	EGARCH (1,1,1)	† (4,3056)	0,2417	0,2220
02/01/2006 - 29/08/2008	EGARCH (1,1,2)	† (10,2629)	0,8678	0,7536
01/09/2008 - 24/10/2011	EGARCH (1,3,1)	† (5,9536)	0,1912	0,1787

As estimativas das elasticidades do ouro face a variações da taxa de câmbio em cada um dos subperíodos bem como as características dos processos de variância condicional e a distribuição dos erros são indicadas na tabela 1. As estimativas das elasticidades da amostra completa, mencionadas na primeira linha da tabela, são efetivamente médias ponderadas das estimativas relativas aos subperíodos. Com exceção do período compreendido entre Janeiro de 2006 e o final de Agosto de 2008, a reação do preço do ouro à taxa de câmbio é rápida. E com exceção do subperíodo referido, as elasticidades de curto prazo e de longo prazo apresentam valores próximos. As estimativas dos efeitos de longo prazo são ligeiramente superiores às do curto prazo o que indica que a reação do preço do ouro a variações da taxa de câmbio euro-dólar se atenua (ainda que ligeiramente) a longo prazo.

4. CONCLUSÕES E SUGESTÕES DE INVESTIGAÇÃO FUTURA

Este artigo analisa o papel do ouro na cobertura do risco da taxa de câmbio euro-dólar. Através da aplicação de um modelo EGARCH (2,1,1) foi possível concluir que o metal precioso permitiu cobrir o risco de variação dessa taxa de câmbio no período entre 1999 e 2011. Um investidor europeu que tivesse investido em ativos denominados em

dólares teria beneficiado com a detenção de ouro uma vez que tal teria permitido a cobertura do risco de depreciação do dólar à moeda europeia. Este estudo sugere, assim, que o ouro pode desempenhar um papel importante na constituição das carteiras de investimento.

Os resultados do presente estudo corroboram os obtidos por Capie et al. (2005) que concluíram pela existência de efeitos benéficos do ouro na cobertura do risco cambial inerentes a investimentos denominados em libras e em ienes levados a cabo pelos investidores dos EUA:

Ao longo das últimas décadas algumas commodities têm vindo a adquirir os atributos dos ativos financeiros. A investigação do papel de outras commodities na gestão de carteiras, e mais especificamente na gestão do risco cambial, encontra-se ainda no seu início. Assim, sugere-se que estudos semelhantes incidindo sobre commodities como a prata ou a platina sejam desenvolvidos para aferir do seu papel na gestão de carteiras.

BIBLIOGRAFIA

- Baur, D.; McDermott, T. (2010) Is Gold a Safe Haven? International Evidence, *Journal of Banking & Finance*, 34, 1886-1898.
- Bollerslev, T. (1986) Generalized Autoregressive Conditional Heteroskedasticity, *Journal of Econometrics*, 31, 307-327.
- Capie, F.; Mills, T. C.; Wood, G. (2005) Gold as a Hedge against the Dollar, *Journal of International Financial Markets, Institutions and Money*, 15, 343-352.
- Chua, J.; Stick, G.; Woodward, R. (1990) Diversifying with Gold Stocks, *Financial Analysts Journal*, 46, 76-79.
- Draper, P.; Faff, R.; Hillier, D. (2006) Do Precious Metals Shine? An Investment Perspective, *Financial Analysts Journal*, 62, 98-106.
- Engle, R. (1988) Autoregressive Conditional Heteroskedasticity with Estimates of the Variance of United Kingdom Inflation." *Econometrica*, 96, 893-920.
- Faugere, C.; Ertach, J. (2005) The Price of Gold: a Global Required Yield Theory, *Journal of Investing*, 14, 99-111.
- Ghosh, D.; Levin, E.J.; MacMillan, D.; Wright, R.E. (2004) Gold as an Inflation Hedge?, *Studies in Economics and Finance*, 22, 1-25.
- Glosten, R.; Jagannathan, R.; Runkle, D. (1993) On the Relation Between Expected Value and Volatility of the Nominal Excess Returns on Stocks, *Journal of Finance*, 48, 1779-1801.
- Jaffe, J. (1989) Gold and Gold Stocks as Investments for Institutional Portfolios, *Financial Analysts Journal*, 45, 53-59.
- Lucey, B.; Tully, E.; Poti, V. (2006) International Portfolio Formation, Skewness and the Role of Gold, *Frontiers in Finance and Economics*, 3, 49-68.
- McCown, J. R.; Zimmerman, J.R. (2006) Is Gold a Zero-beta Asset? Analysis of the Investment Potential of Precious Metals, Working paper, Social Science Research Network, acessível em http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=920496
- Nelson, D.B. (1991) Conditional Heteroskedasticity in Asset Returns: A New Approach, *Econometrica*, 59, 347-370.
- Sherman, E. (1983) A Gold Pricing Model, *The Journal of Portfolio Management*, Spring, 68-70.
- Worthington, A.C.; Pahlavani, M. (2007) Gold Investment as an Inflationary Hedge: Cointegration Evidence with Allowance for Endogenous Structural Breaks, *Applied Financial Economics Letters*, 3, 259-262.

Anexo

Tabela 2 – Modelos heterocedásticos considerados para o estudo empírico

Modelo	Distribuição	R2	Estatística Durbin-Watson	Critério de Akaike	Critério de Schwarz
GARCH (1,1)	Normal	0,035143	1,974066	-6,306027	-6,295041
GARCH (1,1)	T-student	0,033486	1,933208	-6,418176	-6,405359
GARCH (1,2)	Normal	0,035204	1,974181	-6,307567	-6,294750
GARCH (1,2)	T-student	0,033478	1,933614	-6,417604	-6,402957
GARCH (2,1)	Normal	0,035127	1,966609	-6,309657	-6,296841
GARCH (2,1)	T-student	0,033483	1,933388	-6,417588	-6,402941
GARCH (2,2)	Normal	0,034949	1,965081	-6,313009	-6,298361
GARCH (2,2)	T-student	0,033493	1,933246	-6,416983	-6,400505
EGARCH (1,1,1)	Normal	0,034681	1,964180	-6,315812	-6,302996
EGARCH (1,1,1)	T-student	0,032956	1,929354	-6,429362	-6,414715
EGARCH (1,1,2)	Normal	0,034681	1,964180	-6,315812	-6,302996
EGARCH (1,1,2)	T-student	0,034192	1,938378	-6,416466	-6,399988
EGARCH (1,2,1)	Normal	0,034680	1,963466	-6,317124	-6,302477
EGARCH (1,2,1)	T-student	0,032963	1,928658	-6,428799	-6,412321
EGARCH (2,1,1)	Normal	0,034864	1,966846	-6,321790	-6,307142
EGARCH (2,1,1)	T-student	0,033134	1,930143	-6,429143	-6,412665
EGARCH (2,2,2)	Normal	0,034947	1,975929	-6,322589	-6,304279
EGARCH (2,2,2)	T-student	0,033118	1,928357	-6,429970	-6,409830
EGARCH (2,2,1)	Normal	0,034870	1,966502	-6,321266	-6,304787
EGARCH (2,2,1)	T-student	0,033093	1,929906	-6,429214	-6,410905
EGARCH (2,1,2)	Normal	0,034978	1,968930	-6,321805	-6,305327
EGARCH (2,1,2)	T-student	0,033082	1,927538	-6,430057	-6,411748
EGARCH (1,2,2)	Normal	0,034785	1,970513	-6,321707	-6,305229
EGARCH (1,2,2)	T-student	0,033094	1,928295	-6,430532	-6,412223
EGARCH (3,1,1)	T-student	0,033161	1,930547	-6,428862	-6,410552
EGARCH (1,3,1)	T-student	0,032956	1,929601	-6,428280	-6,409971
EGARCH (1,1,3)	T-student	0,032886	1,926740	-6,429439	-6,411130
EGARCH (3,3,3)	T-student	0,033327	1,935544	-6,430248	-6,404616
EGARCH (3,3,1)	T-student	0,033148	1,929981	-6,428018	-6,406047
EGARCH (3,1,3)	T-student	0,033107	1,927678	-6,429281	-6,407310
EGARCH (1,3,3)	T-student	0,033112	1,928758	-6,429509	-6,407538
EGARCH (3,2,1)	T-student	0,033111	1,930307	-6,427896	-6,407756
EGARCH (3,1,2)	T-student	0,033112	1,927772	-6,429878	-6,409738
EGARCH (1,2,3)	T-student	0,033116	1,928760	-6,430106	-6,409966

EGARCH (1,3,2)	T-student	0,033073	1,928279	-6,429972	-6,409831
EGARCH (2,3,1)	T-student	0,033148	1,930928	-6,428680	-6,408540
EGARCH (2,1,3)	T-student	0,033952	1,935426	-6,419562	-6,399422
EGARCH (3,2,2)	T-student	0,033117	1,928778	-6,429483	-6,407512
EGARCH (2,3,2)	T-student	0,033135	1,928890	-6,429565	-6,407594
EGARCH (2,3,3)	T-student	0,033130	1,928844	-6,428966	-6,405164
GJR (1,1,1)	Normal	0,034851	1,965154	-6,314916	-6,302100
GJR (1,1,1)	T-student	0,033162	1,927181	-6,424715	-6,410067
GJR (1,1,2)	T-student	0,033148	1,925378	-6,424639	-6,408161
GJR (1,2,1)	T-student	0,033064	1,927419	-6,425576	-6,409098
GJR (2,1,1)	T-student	0,033160	1,927572	-6,424149	-6,407670
GJR (2,2,2)	T-student	0,033094	1,926311	-6,424810	-6,404670
GJR (1,2,2)	T-student	0,033099	1,926805	-6,425367	-6,407058

EMPREENDEDORISMO E ENSINO SUPERIOR POLITÉCNICO: CONTORNOS DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA POLIEMPREENDE

ENTREPRENEURSHIP AND POLYTECHNIC HIGHER EDUCATION:
OUTLINES OF THE POLIEMPREENDE PROGRAM IMPLEMENTATION
EMPREENDEDURISMO Y ENSEÑANZA SUPERIOR POLITÉCNICA:
CONTORNOS DE IMPLEMENTACIÓN DEL PROGRAMA
POLIEMPREENDE

Luis Sousa (luissousa@esev.ipv.pt)*

RESUMO:

A aparente inadequação das qualificações obtidas pelo número crescente de licenciados e as exigências do mercado de trabalho, vêm mudando a direção e a proeminência do fenómeno do desemprego, resultando numa reestruturação da desclassificação do emprego jovem. A crescente falta de linearidade entre o sistema de ensino superior e o mercado de trabalho tem vindo, assim, a aumentar em Portugal, revelando novas lacunas, tomando o processo de transição de diplomados do ensino superior para o mercado de trabalho e para a vida adulta, num processo complexo e instável. Esta situação é representada pelo aumento da concorrência no mercado de trabalho, pelas taxas de desemprego e pela crescente falta de ligação entre as qualificações, competências pessoais e profissionais, oportunidades de carreira e expectativas profissionais. Este movimento vem ganhando, nos últimos anos, vitalidade crescente e, atualmente, representa uma grande preocupação para as várias instituições que estão diretas e indiretamente envolvidas neste processo. Promover o empreendedorismo constitui hoje um dos principais aspetos na formação de graduados e, simultaneamente, um apoio à transição para o processo de trabalho. O PoliempREENDE (9^a edição em 2013) representa os esforços do Ensino Superior Politécnico neste movimento, e nós pretendemos aqui contextualizá-lo no cenário nacional, assim como verificar, de uma forma exploratória, os seus contornos de aplicação, até ao momento.

Palavras-chave: Ensino Superior; Politécnico; Empreendedorismo; Transição para o trabalho.

ABSTRACT:

The apparent inadequacy of qualifications obtained by the growing number of graduates that stays, nevertheless, and the demands of the labour market, has been changing the direction and prominence of the unemployment phenomenon, resulting also in the restructuring concept of disqualified employment affecting the younger population. The growing lack of linearity between the higher education system and the labour market has been increasing in Portugal, revealing new gaps, making the transition process from higher education graduates to work and to the adulthood, into a complex and unstable process. This situation is actually represented in the increased competition in the labor market, unemployment rates and the growing mismatch between qualifications, skill's, career opportunities and personal and professional expectations. This movement has been gaining, in recent years, an increasing vitality and, nowadays, it is a great concern for the various institutions that are directly and indirectly involved in this process. Promote the entrepreneurship represent one of the main aspects in the graduates training and simultaneously a support the transition to work process. Poliempreende (9th Edition in 2013) represented the Polytechnic's higher education efforts in this movement, and we pretend here, contextualize it on the national scene, ad check, in an exploratory ways, its applications outlines.

KeyWords: Polytechnic`s, Entrepreneurship, Transition to Work, Higher education.

RESUMEN:

La aparente insuficiencia de las competencias adquiridas por el creciente número de graduados y las demandas del mercado de trabajo ha cambiando la dirección y el protagonismo del fenómeno del desempleo, lo que resulta en una reestructuración e descalificación del empleo juvenil. La creciente falta de linealidad entre el sistema de educación superior y el mercado laboral se ha incrementando en Portugal, revelando nuevas brechas, haciendo la transición para el mercado laboral y lo acceso à la vida adulta en un proceso complejo e inestable. Esta situación está representada por una mayor concurrencia en el mercado laboral, pelo aumento de la tasa de desempleo y por la creciente falta de conexión entre las habilidades, competencias personales y profesionales, las oportunidades de carrera y las expectativas profesionales. Este movimiento ha ganado en los últimos años, el aumento de la vitalidad y en la actualidad representa una gran preocupación para las diversas instituciones que están directa o indirectamente involucrados en este proceso. Promover el espíritu empresarial es hoy uno de los temas clave en la formación de postgrado y apoyar la transición al proceso de trabajo al mismo tiempo. El Poliempreende (9^a edición en 2013) representa el esfuerzo de la Politécnica en este movimiento, y tenemos la intención aquí, para contextualizarlo en el escenario nacional, de forma exploratoria, su aplicación esbozo hasta la fecha.

Palabras clave: Educación Superior; Politécnico; Emprendimiento; Transición al trabajo.

*Luís Nuno Figueiredo e Sousa. Sociólogo PhD – Professor-Adjunto ESEV/IPV, onde exerce docência desde 2000 na área disciplinar de Ciências Sociais/Departamento de Arte e Comunicação; Investigador Integrado do Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde do IPV desde 2011; Investigador Associado do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, desde 2008.

Submitted: 11th February 2014

Accepted: 26th March 2014

1 - EMPREENDEDORISMO E ENSINO SUPERIOR POLITÉCNICO

Desde os anos 90 do séc. XX, que se verifica uma reestruturação profunda dos modelos de transição para o mercado de trabalho (Rose, 1998), distribuindo os jovens diplomados por diferentes itinerários profissionais, onde predominam dimensões de incerteza, flexibilidade e reversibilidade (Galland, 1991), integrando-se num movimento mais vasto de “crise de identidades” (Dubar, 2001).

Perante estes impasses, as “gerações de fronteira”/ “gerações sanduíche”/ “jovens adultos” (Pais, 2005) vêem-se confrontados com modelos atuais de transição, que implicam processos de “individualização” ou “modernização flexível” (Beck, Giddens e Lasch, 1994), em (des)articulação com processos de institucionalização, que caracterizam as estruturas de oportunidades propostas por políticas públicas ou mesmo por lógicas de mercado. As recentes orientações das políticas públicas de ensino, no âmbito europeu, apresentam recomendações concernentes à “educação empreendedora”²¹, através de iniciativas dedicadas ao desenvolvimento de atributos e competências empreendedoras. Tais competências são consideradas essenciais, tanto para a aprendizagem ao longo da vida, como para a empregabilidade, como forma de fomentar a satisfação pessoal e profissional, a inclusão social e a cidadania ativa. O que se encontra aqui em questão não é somente o facto de os jovens evidenciarem cada vez maior dificuldade em aceder ao emprego; eles denotam, simultaneamente, uma crescente dificuldade em encontrar empregos enquadrados, na área da formação académica obtida, o que levanta a questão do equilíbrio entre oferta formativa, oportunidades e exigências ao nível laboral.

A criação do próprio negócio ou empresa afigura-se, cada vez mais, como uma forma de criação do próprio emprego, para muitos jovens diplomados. São diversos os fatores e agentes que interagem neste processo. Desde logo, o Estado, através das políticas ativas de emprego, da promoção do empreendedorismo ou das políticas de fomento à criação e desenvolvimento de PME's, mas igualmente outros atores (sistema de ensino, a família ou as redes sociais). A inovação deve ser vista como um processo socialmente construído (também pelos seus atores), assim como com as relações entre eles, pelo que adquire relevo a “teoria do ator-rede” (Oliveira, 2008).

21 <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ.L:2006:394:0010:0018:pt:PDF>
<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ.C:2011:070:0001:0003:PT:PDF>
<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2009:0640:FIN:PT:PDF>

Para Giret (2000), o diploma representa simplesmente uma característica individual, perante fatores mais discriminatórios, como são as características pessoais (o género, a origem social), as políticas de gestão de pessoal (a duração dos primeiros empregos, a utilização de diferentes tipos de contratos, os períodos experimentais, as medidas de apoio aos mais jovens), as estratégias de procura de emprego e a utilização de certos canais de informação sobre o mercado de trabalho e o espaço (o território é central, até porque a mobilidade geográfica é um fator cada vez mais ligado a este processo). Martínez, Mora e Vila (2007) salientam, ainda, os aspetos sociodemográficos (país/região), a experiência educacional, o número de anos de educação superior, a educação/formação contínua, os modos de aprendizagem e de ensino, as competências e timing da graduação, defendendo que estes elementos influenciam a decisão ocupacional, depois da obtenção do diploma de ensino superior.

Consequentemente, a questão do património individual detém particular pertinência, neste processo. Por conseguinte, segundo Lahire (2005), a captação das realidades mais individuais não remete, nem para uma singularidade inquestionável dos contornos individuais, nem para a “liberdade de escolha” de indivíduos “autónomos” (e imunes a todos os determinantes sociais), remete, sim, para a estrutura de conjunto das sociedades que as construíram, para a pluralidade de grupos (ou de instituições) e para a multiplicidade dos quadros de vida social que cada indivíduo é suscetível de frequentar, simultânea ou sucessivamente, estando ligadas à forte diferenciação social das funções características das sociedades. A questão da origem social influencia as aspirações escolares dos jovens, como assinala Boudon (1977), e reflete, simultaneamente, a imagem social que a família possui de si própria. Bourdieu (1980b) avança, neste contexto, com o conceito de capital social, conceptualizando a teoria da dominação, que surge como um mecanismo social alicerçado nos recursos sociais do ator, nas relações de conhecimento e reconhecimento. Na atualidade, a necessidade de conhecimento representa um fator de extrema importância, no que respeita ao movimento de integração social que, invariavelmente, se encontra ligado ao exercício do trabalho (OCDE, 2007). Assiste-se, assim, a uma transposição de modelo de ensino superior “() from elite to a mass system has had a fundamental impact on the labour supply and occupational structure, challenging employers’ and graduates’ perceptions of the relationship between Higher Education and employment.” (Purcell et al, 2007: 57/58).

Em Portugal, este papel tem sido feito fundamentalmente com a implementação e desenvolvimento do ensino superior politécnico. Não podemos esquecer que, na linha da perspectiva de Rose (1998), o

grande tutor do mercado de trabalho dos jovens e o responsável pela política estrutural de transição profissional é, inquestionavelmente, o Estado, isto porque“() les politiques d’emploi sont des constructions sociales qui demandent la participation, l’engagement et la coopération d’acteurs sociaux et des personnes. L’État est l’un des acteurs, l’union européenne aussi. Mais la dimension locale des actions est essentielle.” (Barbier, 1997: 66).

Nos países do Sul da Europa, as intervenções de financiamento europeu destinadas a inverter sistemas apresentam-se pouco capazes e sem tradição na ação pública. Assim,“() para compreender a produção do bem-estar na Europa do Sul importa olhar para a forma como proteção social, mercado de trabalho e agregados familiares interagem, bem como para a forma como neste processo instituições à partida semelhantes se encastram em realidades sociais distintas.” (Mozzicafreddo, 1992: 38).

É neste âmbito que se enquadra o programa Poliempreende, tendo como objetivo máximo inculcar e estimular o empreendedorismo, bem como proporcionar possíveis saídas profissionais, de preferência através da criação do próprio emprego. É um projeto concebido para promover a mudança de atitudes dos atores académicos participantes, induzindo-os a incorporar, nas suas atividades regulares, o desenvolvimento e a aplicação de métodos para a valorização do conhecimento gerado, no sentido da assimilação do empreender, contribuindo, paralelamente, para o enriquecimento curricular dos seus participantes. Está orientado para dar à sociedade e à economia um forte e sério contributo, através da constituição de empresas de cariz inovador e de implantação regional, que possam ser levadas à prática e, ainda, para o fomento do empreendedorismo, nas regiões de influência das instituições de ensino politécnico.

Pretende-se, neste contexto, contribuir para uma discussão crítica dos movimentos de empreendedorismo e criação de empresas, no ensino superior politécnico em Portugal, assentes na promoção de novas formas de contacto entre politécnicos, (ex)alunos e mercado de trabalho e nos novos desafios institucionais de promoção do desenvolvimento económico e social, a nível regional/nacional. Neste âmbito, o programa Poliempreende apresenta-se como um instrumento de dinamização institucional do empreendedorismo e emprego e de desenvolvimento regional e nacional. O concurso²² destina-se a

²² Os prémios do Concurso Poliempreende compreendem duas tipologias: Prémios, pecuniários, Nacionais e Regionais. Prémios Complementares Nacionais ou Regionais.

Prémios Nacionais: 1º - 10 000 € 2º - 5 000 € 3º - 3 000 €

Prémios Regionais: 1º - 2 000 € 2º - 1 500 € 3º - 1 000 €

Prémios Complementares: Prémio de Empreendedorismo, que pretende premiar a equipa que se revelar ao júri como a mais empreendedora, patrocinado pelo Patrono do Concurso, o Comendador

estudantes e diplomados de Escolas Superiores dos Institutos Politécnicos de qualquer grau, a docentes dos politécnicos ou outros indivíduos (os quais, por este facto, ficam impedidos de pertencer ao júri responsável pela apreciação das propostas), desde que integrando equipas constituídas por alunos e/ou diplomados.

2 - EMPREENDEDORISMO NO ENSINO SUPERIOR E TRANSIÇÃO PARA O TRABALHO

Nas últimas décadas, no quadro global da reflexão sobre as relações entre a educação e o mundo do trabalho, as investigações científicas, no campo da sociologia e da economia, relativas à problemática do desemprego dos diplomados do ensino superior, complexificam-se em termos de quadros teóricos e empíricos de referência. Esta evolução conceptual comprova, por um lado, uma dificuldade crescente de acesso ao mercado laboral, por parte dos diplomados do ensino superior, uma multiplicidade evidente nas formas de acesso à vida ativa, por parte do fluxo crescente de jovens diplomados, e, paralelamente, uma dificuldade progressiva na relação entre sistema de ensino e mercado de trabalho, que tem exigido uma crescente intervenção estatal face ao desemprego. As linhas de orientação da organização da transição para o trabalho segundo Rose (1998) circunscrevem a sua efetiva organização (estado/empresas/indivíduos), estruturam todo tipo de mercados, implicam uma diversidade de situações de trabalho, dependem da transformação das condições de aquisição de saberes e saberes-fazer e contribuem para a regulação sociopolítica das populações desempregadas ou inativas. Apresenta-se, assim, progressivamente, como um processo cada vez mais longo e complexo, acarretando a assunção de estatutos instáveis, com percursos e modos de transição diferenciados, fortemente estruturados pelas empresas e poderes públicos, além do inevitável contexto formativo e familiar. Face a isto, encontra-se fortemente ligada aos movimentos económicos e à representatividade e incidência do desemprego, bem como às questões relativas ao mercado de trabalho local e nacional. Desta forma, diversos atores e intervenientes diretos entrecruzam-se neste movimento, delimitam informação, oportunidades, acesso, trajetos e hipotéticas carreiras profissionais, ultrapassando as questões

Rui Nabeiro, através do Grupo Delta, no valor de 2500€ Prémio de plano de Negócio, patrocinado pelo IAPMEI, que pretende valorizar a equipa concorrente que tenha construído o melhor plano de criação de negócio (valor a definir).

económicas e revelando-se, cada vez mais, como um fator de estratificação social e de integração ou exclusão social. Existem, assim, diversas vantagens em articular as questões de volume, repartição e formas de emprego, até porque a organização da transição profissional gera fluxos de mão-de-obra, contribui para a categorização das populações e participa na emergência de formas precárias de emprego.

Na primeira década do século XXI, acentua-se o interesse no relacionamento entre o ensino superior e o mundo do trabalho, sobretudo ao nível das condições que os alunos possuem, no ensino superior, e de que modo as suas opções, durante este período, afetam as suas trajetórias profissionais. Apesar da obtenção de um diploma de ensino superior proteger, ainda hoje, os jovens do desemprego, o período do emprego imediato terminou há muito, para os diplomados do ensino superior e a realidade laboral apresenta desafios de crescente complexidade, pelo que o simples acesso ao estatuto de diplomado já não resolve, per si, o problema do acesso à vida ativa e, conseqüentemente, à vida adulta. Gangl (2002) refere mesmo que a ação individual (antes, durante e após a formação académica) se revela fundamental, quando o que está em causa é uma efetiva transição para o trabalho, no âmbito da obtenção do primeiro emprego regular.

As questões ligadas ao percurso educacional dos indivíduos, à já referida experiência profissional e redes sociais às quais os mesmos têm acesso, apresentam-se como fundamentais para o sucesso deste processo. Os recursos aos quais os jovens têm acesso, bem como as suas trajetórias e posturas individuais têm que ser tidas, inquestionavelmente, em conta, sob pena da transição se reter em questões puramente institucionais e formais, que nada se aproximam do enquadramento social atual. Isto implica, para Rose (1998), que o jovem tenha que ser considerado, não somente como sujeito, mas, paralelamente, como ator. Para Lefresne (2003) esta posição dicotómica reflete dois polos: um individualista, ao considerar os jovens agentes operativos arbitrários dos custos/benefícios das decisões, e um outro holístico, pelo facto da posição dos mesmos ser subdeterminada às estruturas económicas e sociais, nas quais se inscrevem, existindo o risco de fazer desaparecer o ator. Para Teichler (2005), o processo de transição para o trabalho complexifica-se progressivamente, o sentimento de inquietude generaliza-se e agoniza-se, verificando-se, em muitos países, um desfasamento, cada vez maior, entre a formação académica e a necessidade e especificidade de perfis laborais, por parte do mercado de trabalho. Conseqüentemente, multiplica-se o número de diplomados do ensino superior que afirmam exercer postos de trabalho desadequados, no

que respeita ao estatuto socioeconómico usufruído e à possibilidade de aplicação dos seus conhecimentos às funções e tarefas efetivamente desempenhadas (os conceitos de sobre formação e subemprego utilizam-se, com frequência, para caracterizar este processo), num contexto de crescente instabilidade no emprego.

Atualmente, o empreendedorismo assume-se, assim, como uma das formas de acesso ao mercado de trabalho, como podemos verificar pelas diretivas comunitárias e pelas políticas nacionais (QREN 2007-2013). Em termos práticos, esta questão coloca novos e importantes desafios às instituições de ensino superior, relacionados com a sua capacidade de, juntamente com outros atores (económicos, sociais, políticos, entre outros), desenvolver o espírito e uma cultura empreendedora e de inovação. Entende-se, a esse respeito, que o contexto académico constitua uma parte importante do ambiente dos estudantes e, como tal, está numa posição central para mudar e incentivar o empreendedorismo. Ao promover, nos seus currículos e atividades, os estágios curriculares, a mobilidade estudantil (nacional e internacional), as atividades extracurriculares, o desenvolvimento de competências transversais, a formação contínua e o empreendedorismo (nas vertentes educativa e organizativa), as instituições de ensino superior representam, hoje, um fator de extrema importância, no processo de transição para o trabalho por parte dos seus diplomados. É neste âmbito que podemos enquadrar o programa Poliemprende.

McDaniel (2006) refere-se mesmo ao autoemprego, afirmando que este se apresenta como um reflexo dos recursos (educação, estatuto ocupacional, experiência laboral e apoio familiar), variando, porém, consoante a vida laboral e experiências sociais. A questão que pode ser colocada é se, efetivamente, o capital social é fator de desigualdade social, face à complexidade do processo de transição, bem como os diferentes atores implicados neste processo. O facto é que a pesquisa e o acesso ao emprego revelam lógicas diferenciadas, consoante os casos, até porque a mobilidade profissional não é, necessariamente, precedida por um período de procura de emprego. Quanto maior for o número de contactos bem colocados o indivíduo for capaz de instituir, durante a sua experiência profissional, mais oportunidades reais de encontrar bons empregos terá; paralelamente, existe, atualmente, uma progressiva formatação das procuras e ofertas de emprego e uma informatização, impulsionada pelo movimento de globalização, colocando novos parâmetros ao processo e instituindo novos contornos espaço-temporais, cada vez mais imediatistas.

3 - QUESTÕES METODOLÓGICAS

Esta análise tem como base um inquérito por questionário²³ (Sousa, 2003, 2011), disponibilizado on-line, entre o dia 15 de Julho e o dia 15 de Setembro de 2013, que pretendia abarcar a totalidade dos participantes das nove edições do programa Poliemprende. Na abordagem, exploratória foi possível verificar que a única fonte que nos permitiria uma abordagem semelhante seria a utilização da plataforma gerida pelo Instituto Politécnico de Viseu²⁴. Esta plataforma, criada em 2012, durante a coordenação nacional IPV, não englobava, consequentemente, a totalidade dos projetos concorrentes das nove edições deste programa²⁵, sendo que, e de uma forma previsível, as últimas edições eram as mais representativas²⁶. Para Ghiglione e Matalon (1993), esta técnica tem como objetivo estimar grandezas “absolutas”, estimar grandezas “relativas”, descrever uma população ou subpopulação, na medida em que se pretende recolher informações de natureza mais factual (embora sejam sempre representações sobre o passado) e opiniões sobre o trajeto no mercado de trabalho (emprego e desemprego) do próprio inquirido, após a conclusão da licenciatura.

Quadro 1 – Participantes no programa Poliemprende

	N	% total	% das
Projetos inseridos na plataforma IPV	148		respostas
Participantes Inquiridos	98	62%	
Diplomados Inquiridos	54	36%	55,1%

Dos 148 projetos²⁷ inseridos nesta plataforma, foram obtidas 98 respostas válidas, o que constitui uma taxa de resposta de 62%. Contudo, consideramos que este programa constitui um canal privilegiado de contacto entre Politécnicos, (ex)alunos e mercado de trabalho, o que representa, na atualidade, sobretudo num ensino de índole profissionalizante, um dos maiores desafios institucionais do

²³ <http://udi-ipp.limequery.com/index.php/survey/index/sid/615291/newtest/Y/lang/pt>

Os dados resultantes da aplicação do mesmo foram tratados em SPSS versão 20.0.

²⁴ <http://www.Poliemprende.pt/>

²⁵ Consequentemente, as conclusões desta pesquisa, tendo presente a dimensão da amostra, não podem ser extrapoladas para a totalidade do projeto.

²⁶ Esta questão possui particular importância, já que, do ponto de vista prático, originou uma elevada percentagem de inquiridos que ainda não tinham terminado a sua formação académica, o que, do ponto de vista empírico, constitui uma limitação para esta análise, denotando, paralelamente, a impossibilidade deste mesmo programa constituir uma forma de apoio direto aos diplomados, no processo de transição ao trabalho.

²⁷ Alguns dos projetos inseridos não possuíam informação completa, nomeadamente os contatos completos, pelo que foi decidido excluí-los de imediato desta análise, por impossibilidade de estabelecer contacto com os (ex) alunos.

ensino superior politécnico, na promoção do desenvolvimento económico e social a nível nacional e regional.

Neste contexto, esta análise pretende enquadrar socio geograficamente os participantes no Poliempreeende, tendo presente o contexto do ensino superior em Portugal, e, de forma mais específica, evidenciar os contornos de aplicação dos projetos, por parte dos que já obtiveram o seu diploma, de forma a verificar até que ponto a sua situação profissional se poderia relacionar com este processo. Tendo presente a informação disponível de que, até ao momento, não se tinha verificado qualquer projeto aplicado, seria importante enquadrar, nesta análise, a situação profissional atual dos diplomados. Assim, dos 98 inquiridos, 54 já tinham obtido o seu diploma, o que corresponde a 36% do total do projetos inseridos na respetiva plataforma, correspondendo a 55,1% das respostas recebidas.

Consequentemente, apresentamos, aqui, um primeiro momento de análise, centrado na análise do papel do programa Poliempreeende como dinamizador institucional do empreendedorismo dos diplomados do ensino superior politécnico e na sua função de promoção de desenvolvimento regional e nacional, tendo presente o contexto socioeconómico dos participantes. Num segundo momento, caracterizamos os contornos de aplicação dos projetos, por parte dos diplomados, bem como a sua perspetiva sobre o empreendedorismo e sobre o papel da participação neste programa, no seu percurso profissional, até ao momento.

4 - CONTEXTOS SOCIOGEOGRÁFICOS E FORMATIVOS

O ensino superior em Portugal apresenta-se, até à década de 70 do século XX, como um sistema de elites, caracterizado por baixos níveis de participação, apesar de algumas tentativas de alargar a sua abrangência, destacando-se a incorporação de uma população cuja representatividade, neste nível de ensino, é, até aí, pouco expressiva, a população feminina (Amaral e Teixeira, 2000).

Para Simão e Costa (2000), a criação do ensino politécnico surge como forma de procurar responder às expectativas do mercado de trabalho, em termos de recursos humanos, numa perspetiva desenvolvimentista, reforçar as condições de igualdade no acesso ao ensino superior, adequar os conteúdos e práticas aos diferentes grupos populacionais e estimular a formação contínua e educação recorrente. Assim, podemos afirmar que o grande objetivo político da criação deste ensino foi o de contribuir para uma melhor distribuição da oferta do

ensino superior, cujas instituições se assumissem como “(...) centros promotores de racionalidade e de apoio ao desenvolvimento, quer no âmbito nacional, quer sobretudo no âmbito das regiões e das localidades em que cada uma destas instituições se encontra instalada.” (CNE, 1990: 642).

Verifica-se, a nível europeu, nas últimas décadas, um aumento significativo da frequência do ensino superior, como comprovam os mais recentes indicadores da OCDE (2007; 2009), consequência direta “() d’une évolution concomitante des politiques éducatives et des comportements des jeunes et des familles, a eu des conséquences majeures pour l’université. Il convient donc d’en préciser l’ampleur et les formes.” (Rose, 2003: 11).

Este movimento tem, contudo, ocorrido a diferentes velocidades, exteriorizando níveis evolutivos diferenciados entre os países ocidentais, potenciado, segundo Davies, Gottsche e Bansel (2006), pela emergência de um sistema de ensino superior neoliberal, que transformou o estado administrativo, responsável pelo bem-estar do ser humano, numa economia onde o poder está concentrado nas corporações globais e assente em conhecimentos que podem ser reconfigurados segundo necessidades económicas.

Assiste-se, assim, a uma transposição do modelo de ensino superior “() from elite to a mass system has had a fundamental impact on the labour supply and occupational structure, challenging employers’ and graduates’ perceptions of the relationship between Higher Education and employment.” (Purcell et al, 2007: 57/58).

A evolução ocorrida no ensino superior reflete um período de aumento exponencial da taxa de frequência deste nível de ensino, que não foi causado pelo crescimento das taxas de natalidade, mas, sobretudo, pela atratividade de novos públicos, de diferentes faixas etárias, que (re)ingressam no sistema de ensino superior. Simultaneamente, transparece um movimento de globalização da frequência deste nível de ensino e o surgimento de diferentes usos dos diplomas, instituindo novos desafios pedagógicos e funcionais e comprovando a efetiva inflação escolar e desvalorização dos diplomas.

Verifica-se, assim, uma “(...) diversificación importante de la enseñanza superior permitiendo satisfacer mejor la creciente diversidad de talentos y de motivaciones de los estudiantes, en el proceso de expansión educativa, así como la gama cada vez más amplia de perspectivas profesionales que existen para los titulados superiores.” (Teichler, 2005: 49).

Quadro 2 – Caracterização sociogeográfica dos participantes do programa Poliemprende (%)

Género	Masculino	33,7
	Feminino	66,3
Idade	Menos de 20 anos	5,1
	20-25 anos	55,1
	26-30 anos	15,3
	31-40 anos	15,3
	41-50 anos	7,2
Estado civil	Solteiro	80,6
	Casado	16,4
Residência ²⁸	Leiria	37,8
	Lisboa	14,3
	Coimbra	14,3
	Braga	5,1
	Aveiro	5,1
Vive	Com os Pais	58,1
	Com o conjugue	18,4
	Sozinho	13,3
	Com Colegas/Amigos	8,2
N		98

Os dados do quadro 2 corroboram o movimento verificado nas últimas décadas, em Portugal, a feminização do ensino superior (Amaral; Teixeira, 2000). Assim, verifica-se que existe uma maior representatividade feminina, com 66,7%, sendo que destes, 55,1% situam-se na faixa etária dos 20-25 anos. Consequentemente, e face a estes dados, cerca de 80% dos inquiridos afirmam serem solteiros, salientando-se que 58,1% ainda vivem com os seus pais. Com trajetórias académicas cada vez mais longas, os jovens obtêm autonomia residencial cada vez mais tardiamente, aumentando a idade média de acesso ao emprego, diminuindo as entradas precoces no mercado de trabalho e arrastando temporalmente o acesso a um emprego estável, adiando a sua entrada na vida adulta. Esta situação origina uma " () multiplication, au cours de la période récente, de situations intermédiaires entre l'installation des jeunes dans un autre logement que celui des parents (la décohabitation), et leur accession à une réelle indépendance résidentielle (les parents n'assurant plus le

²⁸ Com baixa representatividade, temos diversas cidades, em que se salientam Caldas da Rainha, Évora, Beja, Guarda, Castelo Branco (1%), Viseu, Porto, Viana do Castelo, Setúbal, Estrangeiro (2%) e Santarém com (3.1%). Saliente-se a preponderância dos Politécnicos do litoral do país nesta amostra.

financement de ce logement), complique l'analyse de leur accès à l'autonomie résidentielle ()". (Villeneuve-Gokalp, 2000: 62).

Iannelli e Soro-Bonmati (2006) referem-se ao modelo mediterrânico da juventude, onde os jovens apresentam trajetórias escolares longas, revelam dificuldades ao nível do primeiro emprego, vivem com os pais (mesmo após o acesso à vida ativa), de onde só saem, genericamente, quando casam (redes paternas), verificando-se, conseqüentemente, uma diminuição da percentagem dos jovens a viver sozinhos ou em coabitação. Este movimento enquadra-se no modelo de proteção continental, onde a família é central no processo de acesso ao emprego, compensando limitações das políticas de apoio aos jovens desempregados, ao nível do emprego e habitação. É nesta perspetiva que se enquadra o caso nacional, onde a família surge, assim, como uma compensação da falta de apoio estatal aos jovens, como podemos comprovar em Galland (1995b) e Villeneuve-Gokalp (1997). No atual contexto económico, esta questão ganha nova pertinência e representatividade, em Portugal.

Paralelamente, esta situação permite que se equacione a manutenção de uma procura regional do ensino superior²⁹, mas também a tendência para fixação profissional a nível regional, após a obtenção do diploma de ensino superior (vejamos, a título de exemplo, os casos dos diplomados do IP Leiria - 37,6%; IP Coimbra - 14,3% e IP Lisboa - 14,3%, que se encontram nesta situação). Verifica-se, assim, uma correlação entre a instituição superior frequentada e a residência atual, o que pode indicar uma procura e/ou fixação, na região, após a obtenção do diploma, com já se verificara, por exemplo, em Cruz e Cruzeiro (1995) ou em Sousa (2003; 2011).

Contudo, como verificarmos em Cabrito (1997), de uma forma mais evidente, e em Balsa et al (2001); Machado et al (2003), de uma forma mais moderada, perduram evidentes desigualdades sociais no acesso ao ensino superior, materializando uma diferenciação social de origem, e confirmando uma lógica reprodutora e de seleção social. Balsa et al (idem) demonstra, mesmo, que o ensino politécnico continua a ser frequentado, principalmente, por jovens oriundos de famílias desprovidas de elevados recursos económicos e socioeducativos, o que implica que o nível sociocultural e económico de origem continua a influenciar o tipo de ensino superior frequentado, não constituindo um

²⁹ Contudo assume-se que a preponderância de participantes dos Politécnicos do litoral, nesta análise poderá explicar a incidência deste fenómeno de fixação profissional nessas regiões que são tendencialmente mais desenvolvidas e conseqüentemente com maior oferta de oportunidades de emprego.

fenómeno novo, comprovando-se o facto de, ainda hoje, se verificar uma regionalização³⁰, na procura do ensino superior em Portugal.

Confirma-se que o “() assinalável esforço feito para levar ao ensino superior o maior número possível de jovens não provocou uma expansão harmónica em termos do espaço nacional, nem em função dos estratos sociais e económicos de que os alunos são originários, assim mantendo, ou reforçando, assimetrias indesejáveis (...)” (Barreto, 1996: 463).

Quadro 3 – Lugares de classe de origem dos participantes no Poliempreeende (%)

EDL - Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais	13,2
PTE - Profissionais Técnicos e de Enquadramento	15,8
TI - Trabalhadores-Independentes	3,9
TIPL - Trabalhadores Independentes Pluriativos	7,9
AI - Agricultores Independentes	1,3
EE - Empregados Executantes	13,2
O – Operários	21,1
AEPL - Assalariados Executantes Pluriativos	23,7
Total	100

Partimos da tipologia apresentada por Costa, Machado e Almeida (2007), que demonstra que a maioria das propostas teóricas e de investigações empíricas vinculadas na atual sociologia das classes sociais convergem para a atribuição de uma importância central aos indicadores sócio educacionais e socioprofissionais. Estes autores falam em estrutura de classes, definindo as respetivas categorias ou lugares de classe. Neste caso específico, verifica-se, no quadro 3, a maior representatividade dos Assalariados Executantes Pluriativos (23,7%) e Operários (21,1%), representando quase metade dos inquiridos. Este contexto social reflete-se, paralelamente, na representatividade que os trabalhadores estudantes possuem, hoje, no ensino superior politécnico.

O exercício de um trabalho, regular ou não, ao longo do curso, corresponde, em certas situações, a desejos de construção de competências individuais, mas sobretudo a necessidades financeiras. Apesar disso, representa sempre um sinal de motivação e dinamismo, reforçando a empregabilidade dos jovens, adquirindo competências e

³⁰ Segundo Leandro (1985), é visível, durante a segunda metade da década de 80 do século XX, uma evidente procura regional de educação superior, Cruz e Cruzeiro (1995) confirmam esta tendência, na década seguinte.

saberes complementares à formação académica. Para Lefresne (2003), a questão da primeira experiência de trabalho, ao longo do percurso escolar, permite uma socialização laboral e constitui um processo cognitivo de interação entre conhecimentos escolares e experiência de trabalho, bem como um processo de constituição de um recurso de acesso a informação, que lhes permite situar-se melhor perante o mercado laboral. Béduwé e Giret (2004) avançam, mesmo, com o conceito de pré-inseridos³¹, correspondendo aos que exercem uma profissão estável, inerente à formação frequentada.

A dificuldade reside na heterogeneidade de ocupações que geralmente os alunos vivenciam, impossibilitando traçar linearidades fenomenológicas. Este movimento de pré-inserção é particularmente pertinente no enquadramento do caso dos trabalhadores-estudantes, população cada vez mais representativa, na frequência do ensino superior, comprovando a diversificação da população estudantil, neste nível de ensino. Nesta análise, 18,4% dos diplomados afirmam que, durante o seu percurso académico, exerciam uma atividade profissional regular a tempo inteiro. Não representando uma taxa elevada, considerando dados anteriores (Sousa, 2003; 2011), é, contudo, representativa, se tivermos em consideração que a média de idade dos inquiridos se situa, preferencialmente, abaixo dos 25 anos. Quanto à avaliação do curso/instituição frequentada, os diplomados afirmam que “O politécnico deveria apoiar mais a criação de empresas por parte dos estudantes” (média de 3,9³²), o que nos permite equacionar se o programa Poliempreende não deveria objetivamente constituir um programa de apoio à transição para a vida ativa e apoiar diretamente a aplicabilidade de projetos, sobretudo os vencedores que usufruem de um prémio monetário. Os restantes dois indicadores (O curso incentiva a criação de empresas - média de 2,7; O curso prepara para a criação de empresa – média 2,6) denotam que, a nível formativo, esta questão não é ainda suficientemente valorizada³³. Importa, igualmente referir que

³¹ O estar pré-inserido implica possuir profissão estável, que corresponde à formação que está a realizar, o que pode constituir um movimento de potenciar as competências individuais, uma forma de financiamento dos estudos, um processo de melhoria das condições de vida, um reflexo e um sinal de motivação, uma forma de pesquisa e adaptação ao mercado e pode transparecer um contexto geográfico (dimensão de espaço urbano e a relação com a probabilidade de trabalhar) - “() *students are involved in two types of extracurricular activities while studying at university: employment to sustain academic life, and leisure or social activities. () These students' jobs may influence their future access to the labor market. (...) extra-curricular activity may influence a graduate's transition process to the labor market, for instance, by speeding up or slowing down access to employment.*” (Tchibozo, 2007: 37-38).

³² Escala de 1 a 5, onde o 1 corresponde a “discordo completamente” e o 5 a “concordo completamente”.

³³ Refira-se, somente, o surgimento progressivo de unidades curriculares de empreendedorismo, em várias formações académicas, o que denota o reconhecimento da importância desta vertente na formação académica dos alunos.

esta tendência é mais evidente nos diplomados que afirmam estar, atualmente, a exercer o 1º emprego regular e nos que se encontram desempregados, o que poderá, igualmente, justificar estas tomadas de posição. Acrescenta-se ainda, que os inquiridos revelam uma baixa participação em programas de mobilidade académica. Podemos então concluir que, apesar de facultar uma formação mais profissionalizante (Arroteia, 2002), os diplomados do ensino superior politécnico evidenciam uma posição generalizadamente negativa, no que respeita ao apoio e incentivo à criação de empresas facultado pela instituição.

Contudo, temos que referir que se verifica uma evidente heterogeneidade nas suas formações académicas e respetivas estruturas curriculares (áreas de engenharia, gestão, saúde, etc) em análise, impossibilitando que esta questão possa ser objetivamente explorada. Porém, tendo presente que a participação no programa Poliempreende pretende dinamizar a vertente empreendedora dos alunos, não deixa de se revelar curioso o facto de os diplomados não refletirem positivamente nas respostas esta situação, o que permite equacionar se identificam este programa como elemento integrante de uma política institucional de apoio à criação empresarial, no ensino superior politécnico. Esta questão encontra resposta no facto de, durante o trabalho exploratório que antecedeu esta análise, termos verificado a inexistência de projetos³⁴ aplicados, o que tornava mais pertinente analisar o processo de implementação do Poliempreende.

5 - CONTORNOS DE IMPLEMENTAÇÃO DO POLIEMPREENDE

Quadro 4 – Contornos de implementação do projeto dos diplomados segundo a sua

		Situação profissional atual								
			1	2	3	4	5	6	7	Total
CAUSAS DE NÃO APLICAÇÃO DO PROJETO	Sem problemas de aplicação	%	33,3	0	37,5	30,8	66,7	28,6	0	30,8
	Ausência de recursos financeiros	%	0	0	50	15,4	33,3	14,3	25	23,1
	Acesso restrito ao crédito	%	0	0	0	23,1	0	28,6	0	12,8
	Pouca recetividade empresarial	%	66,7	100	0	0	0	0	25	10,3
	Competitividade do mercado	%	0	0	12,5	15,4	0	0	0	7,7
	Falta de apoio do Politécnico	%	0	0	0	7,7	0	0	25	5,1
	Falta de apoio	%	0	0	0	0	0	14,3	0	2,6

³⁴ Recorde-se que os vencedores da cada edição recebem um prémio monetário.

	público de financiamento									
	Legislação	%	0	0	0	0	0	0	25	2,6
	Não responde	%	0	0	0	7,7	0	0	0	2,6
	Já possuía emprego	%	0	0	0	0	0	14,3	0	2,6
OBSTÁCULOS DE IMPLEMENTAÇÃO	Dificuldades de financiamento	%	25	0	37,5	23,1	66,7	71,4	25	37,5
	Risco financeiro (perder dinheiro)	%	75	100	0	30,8	0	28,6	25	27,5
	Situação económica e política	%	0	0	35	7,7	0	0	25	10
	Falta de capacidade empresarial	%	0	0	0	15,4	0	0	25	7,5
	Falta de conhecimento do negócio e dos clientes	%	0	0	25	0	0	0	0	5
	Carga fiscal	%	0	0	12,5	7,7	0	0	0	5
	Falta da ideia certa de negócio	%	0	0	0	7,7	33,3	0	0	5
	Outra	%	0	0	0	7,7	0	0	0	2,5
	MOTIVAÇÕES DE PARTICIPAÇÃO	Desenvolvimento Profissional	%	25	0	12,5	30,8	0	14,3	50
Autonomia profissional		%	25	0	12,5	23,1	33,3	14,3	0	17,5
Realizar um sonho profissional		%	50	0	25	15,4	0	0	0	15
Ganhar dinheiro		%	0	0	12,5	7,7	0	0	50	10
Criar próprio emprego		%	0	0	0	7,7	33,3	28,6	0	10
Ambição/poder		%	0	100	12,5	0	0	14,3	0	7,5
Independência pessoal		%	0	0	12,5	7,7	0	0	0	5
Criar algo		%	0	0	0	7,7	0	14,3	0	5
Reconhecimento Social		%	0	0	12,5	0	0	14,3	0	5
IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO NO PERCURSO PROFISSIONAL	Obter estatuto e prestígio social	%	0	0	0	0	33,3	0	0	2,5
	Muito importante	%	33,3	100	25	30,8	33,3	16,7	75	34,2
	Importante	%	66,7	0	75	30,8	0	66,7	25	44,7
	Nada importante	%	0	0	0	7,7	0	0	0	2,6
LIGAÇÃO COM O POLITÉCNICO	Não responde	%	0	0	0	30,8	66,7	16,7	0	18,4
	Sim	%	50	0	12,5	23,1	66,7	57,1	0	30
TIPO DE LIGAÇÃO	Não	%	50	100	87,5	76,9	33,3	42,9	100	70
	Continua a estudar	%	50	0	0	0	100	100	0	58,3
	Projetos de I/D	%	50	100	0	33,3	0	0	0	25
	Recrutamento	%	0	0	0	33,3	0	0	0	8,3
	Recurso a prestação de serviços	%	0	0	0	33,3	0	0	0	8,3
TOTAL									100	

Legenda: 1- Possui um novo emprego; 2- Encontro-me desempregado e não exerci qualquer tipo de emprego regular após o desempenhado no último ano do curso; 3 - Procuo 1º emprego regular; 4- Mantive o emprego detido e a situação profissional (funções, categoria profissional e/ou condições de trabalho); 5- Mantive o emprego detido, mas alterei situação profissional (funções, categoria profissional e/ou condições de trabalho); 6- Encontro-me desempregado; 7- Exerço o 1º emprego regular.

Importa analisar, seguidamente, os contornos e dificuldades de implementação dos projetos, as motivações de participação e sua importância nos percursos profissionais e na manutenção da ligação com a instituição de ensino superior frequentada.

Na análise do quadro 4, verifica-se que, quando questionados relativamente às causas de não aplicação do projetos, 30,8% dos diplomados afirmam não ter tido problemas na sua aplicação. Esta questão é, obviamente, curiosa, só podendo ser explicada pelo facto de considerarmos que, os diplomados não equacionaram efetivamente aplicar os seus projetos. Relativamente aos restantes, 23,1% indicam que a razão da não aplicação do projeto foi a falta de recursos financeiros, o acesso restrito ao crédito (12,8%) e a pouca receptividade empresarial (10,3%).

Esta tendência é reforçada quando os diplomados são questionados sobre os obstáculos de implementação dos projetos. Assim, verifica-se que 37,5% referem-se às dificuldades de financiamento (destes, 71% estão desempregados), 27,5% referem-se ao risco financeiro inerente (destes, 75% afirmam possuírem novo emprego, sendo que mais de 80% se situam entre os 26-40 anos) e 10% à situação económica e política. Podemos, desta forma, concluir que são os fatores de carácter económico³⁵ os principais limitadores na aplicação dos projetos, situação reforçada pela análise do contexto profissional dos diplomados, o que nos permite equacionar se a situação profissional atual não terá uma relação direta e condicionadora na possibilidade de aplicação dos projetos, com os quais os diplomados concorreram ao programa Poliempreeende.

Quanto às motivações de participação, 22,5% dos diplomados referem-se ao desenvolvimento profissional (dos quais 50% exercem o 1º emprego, 39,1% são mulheres e 40% encontram-se entre os 41 e os 50 anos), 17,5% à autonomia profissional (dos quais 23,1% mantiveram o emprego e a situação profissional detida ainda durante o curso e 33,3% mantiveram emprego mas alteraram situação profissional). Relativamente às motivações de participação no programa

³⁵ Veja-se a título de exemplo os resultados do Amway Global Enterpreneurship Report, onde se verificam que os portugueses, além de uma aversão evidente ao risco, inerente ao processo do empreendedorismo, evidenciam as questões económicas como o grande obstáculo ao empreendedorismo em Portugal. Relatório disponível em: <http://www.amwayentrepreneurshipreport.tum.de/>.

Poliempreende são, sobretudo, questões como a autonomia profissional, a realização e desenvolvimento profissional e pessoal as mais referidas, o que confirma que o intuito de participação, por parte dos diplomados, é sobretudo de índole profissional.

No que respeita à importância que atribuem à participação neste programa no seu percurso profissional, 34,5% dos diplomados afirmam que foi muito importante (saliente-se que, destes, 75% exercem o 1º emprego), 44,7% indicam ter sido importante (destes, 66,7% estão desempregados e 66,7% encontram-se à procura do 1º emprego, encontrando-se numa situação de desemprego de inserção).

Podemos afirmar que a participação no Poliempreende não teve, até ao momento, uma influência evidente nas trajetórias profissionais dos diplomados, isto porque, além da não implementação dos projetos, a situação profissional precária de alguns dos diplomados e o imobilismo profissional que evidenciam as suas trajetórias profissionais, refletem que a participação neste programa não influenciou, diretamente, o movimento de transição para o trabalho dos diplomados ou, indiretamente, a situação laboral já detida pelos que desempenhavam uma atividade profissional regular e a tempo inteiro, antes de terminarem o seu curso superior. Paralelamente e no que respeita à ligação dos diplomados com o Politécnico, 30% afirmam que mantêm esta ligação, sendo que, destes, 57,1% estão desempregados, verificando-se que é sobretudo ao nível da continuidade das trajetórias académicas que os diplomados mantêm esta ligação.

Esta situação comprova uma continuidade no investimento na educação, que poderá ser o reflexo, sobretudo, das contingências vividas, do mercado de trabalho e da inflação dos diplomas, isto porque se verifica que a maior parte encontram-se, de momento, desempregados. Esta situação reflete o papel que o ensino superior pode representar, como um “parque de estacionamento” (Pais, 2005), até os jovens conseguirem aceder a um emprego regular e a tempo inteiro. Podemos, então, concluir que existe, apesar de tudo, uma ténue ligação dos diplomados com a instituição frequentada, mesmo por parte dos que participam em programas referenciais, no que respeita ao empreendedorismo no ensino superior, durante o seu percurso académico. Resta-nos verificar quais constituem, para os diplomados, as características que associam ao empreendedorismo.

Quadro 5 – Características associadas ao empreendedorismo segundo a sua situação profissional atual (% de referências)

	1	2	3	4	5	6	7	Total
Líder	50	11,1	0	30,8	20	37,5	33,3	27,9
Inovador	25	22,2	100	23,1	40	12,5	33,3	25,6
Dinâmico/Proativo	0	33,3	0	30,8	60	0	33,3	25,6
Ambicioso/Audaz	25	33,3	100	15,4	0	37,5	0	23,3
Criativo	0	22,2	0	23,1	20	12,5	33,3	18,6
Persistente	25	11,1	100	15,4	20	12,5	0	16,3
Determinado	0	11,1	0	15,4	20	37,5	0	16,3
Eficiente	25	0	0	23,1	0	12,5	0	11,6
Responsável	0	11,1	0	15,4	0	0	0	7
Corajoso	0	11,1	0	0	0	25	0	7
Autónomo	25	11,1	0	0	0	0	0	4,7

Legenda: 1- Posso um novo emprego; 2- Encontro-me desempregado e não exerci qualquer tipo de emprego regular após o desempenhado no último ano do curso; 3 - Procuo 1º emprego regular; 4- Mantive o emprego detido e a situação profissional (funções, categoria profissional e/ou condições de trabalho); 5- Mantive o emprego detido, mas alterei situação profissional (funções, categoria profissional e/ou condições de trabalho); 6- Encontro-me desempregado; 7- Exerço o 1º emprego regular.

As características associadas pelos diplomados ao empreendedorismo são: liderança, com 27,9% de referência (destaque para o facto de 50% se encontrarem entre os 41-50 anos); Inovação com 25,6%, dinamismo/proactividade com 25,6% e ambição/audácia com 23,3%.

Os diplomados revelam uma representação alargada sobre as características que são associadas ao empreendedorismo, situação particularmente evidente nas faixas etárias mais elevadas, o que poderá ser uma consequência direta de uma maior experiência e consciência profissional.

Genericamente, os diplomados evidenciam uma perspetiva que denota esclarecimento sobre o empreendedorismo, contudo não se torna evidente que a participação neste programa tenha contribuído para esta situação, já que são os que se encontram inseridos no mercado de trabalho há mais tempo, os que evidenciam posturas de maior clarividência. Consequentemente, não podemos confirmar objetivamente a ligação direta entre a participação neste programa e a construção de uma perspetiva mais alargada de que representa, na atualidade, o empreendedorismo.

CONCLUSÕES

Tendo presente o contexto económico e social atual, jovens e instituições de ensino superior vivem novos desafios face ao fenómeno do (des)emprego em Portugal. Consequentemente, a importância e o papel do empreendedorismo no ensino superior, intensificam-se. Programas como o Poliemprende possuem, atualmente, particular

pertinência, face ao atual contexto económico e social, não só para reafirmar a pertinência desta temática, mas, sobretudo, para enquadrar estas novas políticas nos desafios futuros do ensino superior politécnico em Portugal. Os desafios face ao emprego vividos, atualmente, pelos jovens diplomados do ensino superior, transformaram-se numa das maiores preocupações dos mais diversos intervenientes da sociedade. O surgimento e proliferação de programas de apoio ao empreendedorismo, no ensino superior, constituem, atualmente, uma das estratégias adotadas, como forma de promoção do empreendedorismo e emprego, durante a formação, nas universidades e politécnicos.

Este movimento materializa uma necessidade crescente e evidente de melhorar a interligação entre ensino superior e mercado de trabalho e potenciar parcerias assentes na transferência de saberes, competências e tecnologia. Só assim o ensino superior poderá responder às novas exigências colocadas pelos novos contornos de emprego e pela reestruturação inerente à aplicação do processo de Bolonha em Portugal. Neste processo, o ensino politécnico possui particular responsabilidade, por um lado, por razões históricas e de conceção (Arroteia, 2002) e, por outro lado, porque enfrenta, na 1ª década do século XXI, novos desafios, alicerçados nos atuais contornos demográficos do país e no conseqüente aumento da competitividade, no ensino superior, a nível nacional e internacional.

Importa salientar, novamente, que as seguintes conclusões reportam-se aos inquiridos que constituem este objeto empírico específico. A questão da contextualização sociogeográfica dos mesmos, revela-se, neste contexto, particularmente pertinente, enquadrando-se no já verificado em outras situações (Sousa 2003; 2011), que os jovens, no acesso ao ensino superior, continuam a evidenciar uma procura regional de educação e, que, após a conclusão das licenciaturas, denotam uma tendência para se fixarem profissionalmente nas suas áreas de residência. Esta situação poderá ser reflexo do contexto económico e social dos alunos, já que muitos dos diplomados inquiridos pertence a uma classe de origem com baixos recursos socioeconómicos.

A procura regional da educação superior, nomeadamente o acesso e frequência dos politécnicos, reflete, ainda hoje, persistentes dicotomias nacionais e regionais, materializadas numa evidente diferenciação institucional, dentro do sistema de ensino superior binário (Arroteia, 2002; Teixeira, 2000; Alves, 2007). Quando se analisam os contextos sociais de origem dos alunos dos politécnicos e se recorda que este subsistema procurou materializar uma efetiva democratização do ensino superior, assente na diversificação e dispersão geográfica da

oferta formativa a nível nacional (Simão e Costa, 2000), verificamos que esse objetivo se encontra, ainda hoje, inacabado, ganhando, no atual contexto económico e social, uma nova pertinência.

No que respeita à avaliação da formação superior obtida, os inquiridos referem que o ensino politécnico não privilegia, durante os cursos, de uma forma direta e curricular, o empreendedorismo. Esta situação é evidente quando os mesmos referem a pouca formação/apoio facultado, mesmo aos mais empreendedores, na criação de empresas, isto no âmbito de um ensino tendencialmente profissionalizante. Contudo, esta questão tem que ser enquadrada tendo presente a heterogeneidade de cursos superiores representados nesta análise; a título de exemplo, verifica-se uma grande discrepância na inclusão de estágios curriculares nas respetivas estruturas curriculares, durante o funcionamento dos diversos cursos dos 1ºs ciclos aqui representados.

A pertinência da existência de um mecanismo formal e integrante do Poliempree, que pudesse funcionar como canal de apoio direto à aplicação dos projetos, sobretudo no caso específico dos projetos vencedores/apoiados financeiramente, recorde-se que as razões/obstáculos mais apontadas pelos diplomados para a não aplicação do projeto são de índole económica, torna-se assim evidente. Esta questão ganha novas dimensões quando se constata que as principais motivações de participação neste programa referidas, são de índole profissional, conseqüentemente, a não aplicação dos projetos limita significativamente este processo, quer como forma de potenciar o processo de transição para o trabalho e/ou respetivo percurso profissional já instituído.

Porém, e apesar deste contexto, os inquiridos assumem que a participação se revelou importante para o seu percurso profissional, ainda que do ponto de vista prático se verifique que esta questão não teve efetiva aplicabilidade. Atendendo a situação profissional vivida, os diplomados evidenciam trajetórias profissionais que denotam um imobilismo profissional evidente, apesar da obtenção do diploma superior (no caso dos trabalhadores-estudantes) ou dificuldades no processo de transição para o trabalho (no caso dos estudantes a tempo inteiro).

Paralelamente observa-se uma ténue ligação dos mesmos com as instituições de ensino superior frequentadas, alicerçada, sobretudo, numa continuidade das trajetórias académicas. Mais uma vez se poderá equacionar se o programa Poliempree deveria ou não incluir formalmente um período de aplicação estruturada dos projetos, de forma a maximizar todo este processo, e potenciar, paralelamente, o (re)investimento académico dos seus (ex)alunos.

Ao nível das representações sobre empreendedorismo, os inquiridos identificam sobretudo aspetos como liderança, inovação e proactividade. Porém, verifica-se que estas posturas são mais evidentes nos diplomados de faixas etárias mais elevadas e que possuem uma maior experiência profissional.

Tendo presente não aplicação dos projetos participantes/vencedores e a situação de imobilismo/precariedade laboral vivida por parte dos diplomados inquiridos, podemos concluir que, até ao momento, a participação no Poliemprende não constituiu, para estes, um elemento integrador do processo de transição para o trabalho ou um apoio direto à criação do próprio emprego.

Este contexto denota que a problemática da transição para o trabalho, bem como a satisfação relativamente à situação profissional vivida à data de aplicação do inquérito por questionário, por parte destes diplomados, constituem elementos fundamentais na melhor compreensão deste processo, questões que nos ocuparão em análises posteriores.

Bibliografia

- Amaral, A; Teixeira P., (2000). "The rise and fall of the private sector in Portuguese higher education", *Higher Education Policy*. Nº 13, P. 245-266.
- Arroteia, J. C., (2002). *O Ensino Superior Politécnico em Portugal*. Aveiro: UA.
- Balsa, C. et al, (2001). *Perfil dos estudantes do ensino superior - Desigualdades e Diferenciação*. Lisboa: Colibri/CEOS.
- Barbier, J. C., (1997). *Les Politiques de l'emploi en Europe*. Paris: Flammarion.
- Beck, Ulrich, Giddens, Anthony, LASH, Scott (1994). *Reflexive Modernization. Politics, Tradition and Aesthetics in the Modern Social Order*. Stanford: Stanford University.
- Bédoué, C; Giret, J. F., (2004). "Le travail en cours d'études a-t-il une valeur professionnelle?". *Économie et Statistique*, Nº 378-379, P. 55-79.
- Boudon, R., (1977). *L'inégalité des chances. La mobilité dans les sociétés industrielles*. Paris: Armand Colin.
- Bourdieu, P., (1980b). "Le Capital Social: Notes provisoires". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Nº 31.
- C.N.E., (1990). *Pareceres e Recomendações: 88-89*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Costa, A. F., Machado, F. L., Almeida, J. F., (2007). "Classes sociais e recursos educativos: uma análise transnacional". In: Costa, A. F., Machado, F. L., Ávila, P., *Portugal no Contexto Europeu. Sociedade e Conhecimento*. Lisboa: Celta. p. 5-20.
- Cruz, M. B; Cruzeiro, M. E., (1995). *O Desenvolvimento do Ensino Superior em Portugal – Situação e problemas de acesso*. Lisboa: ME.
- Dubar, C., (2001). "La construction sociale de l'insertion professionnelle". *Education et Sociétés*. Vol. 7, nº 1, P. 23-36.
- Galland, O., (1991). *Sociologie de la Jeunesse. L'entrée dans la vie*. Paris: Armand Colin.
- Ghiglione, R; Matalon, B., (1993). *O Inquirito – Teoria e Prática*. Lisboa: Celta.
- Giret, J. F., (2000). *Pour une économie de l'insertion professionnelle des jeunes*. Paris: CNRS Éditions.
- Iannelli C; Soro-Bonmatí, A., (2006). "Transition Pathways in Italy and Spain: Different Patterns, Similar Vulnerability?". In: Müller; Gangl, (ed.). (2006). *Transitions from Education to Work in Europe - The Integration of Youth into EU Labour Markets*. Oxford: Oxford University Press, P. 212-250.
- Lahire, Bernard, (2005). "Patrimónios Individuais de Disposições - Para uma sociologia à escala individual". *Sociologia, Problemas e Práticas*. Nº 49, P. 11-42.
- Lefresne; Florence, (2003). *Les jeunes et l'emploi*. Paris: La Découverte.
- Machado, Fernando et al, (2003). "Classes sociais e estudantes universitários: origens, oportunidades, e orientações", *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Nº 66, P. 45-80.
- Martínez, D; Mora, J; Vila, L., (2007). "Entrepreneurs, the Self-employed and Employees amongst Young European Higher Education Graduates", *European Journal of Education*. Vol. 42, Nº . 1, P. 99-117.
- McDaniel, S. A., (2006). "Self-Employment: How Individual Choices Interact with Market Economies". *International Sociology*. Nº 21, P. 796-805.
- Mozzicafreddo, J., (1992). "O estado-providência em Portugal: estratégias contraditórias". *Sociologia, Problemas e Práticas*, Nº 12, P. 57-89.
- Müller; Gangl, (ed.), (2006). *Transitions from Education to Work in Europe – The Integration of Youth into EU Labour Markets*. Oxford: Oxford University Press.
- OCDE, (2007). *Education at a Glance - OCDE Indicators*. Paris: OECD Publications.
- Oliveira, Luísa, (2008). *Sociologia da Inovação - A Construção Social das Técnicas e dos Mercados*, Lisboa, Celta Editora.
- Pais, J. M., (2005). *Ganchos, tachos e biscates*. Lisboa: Ambar.
- Parreira; Pereira; Vieira e Brito, (2011). *Empreendedorismo e Motivações Empresariais no Ensino Superior*. Lisboa: Sílabo.

- Purcell, K; Wilton, N; Elias, P., (2007). "Hard Lessons for Lifelong Learners? Age and Experience in the Graduate Labour Market". Higher Education Quarterly. Vol. 61, Nº 1, P. 57-82.
- Rose, J., (1998). Les jeunes face à l'emploi. Paris: Desclée de Brouwer.
- Simão, José Veiga; Costa, António de Almeida, (2000). O Ensino Politécnico em Portugal. Braga: Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos.
- Sousa, Luís, (2003). Processos de Transição ao trabalho: o caso dos alunos de comunicação social da ESEV. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISCTE.
- Sousa, Luís (2011). Diplomas e (Des)Emprego: um estudo de caso. Dissertação de Doutoramento. Porto: FLUP.
- Tchibozo, G., (2007). "Extra-Curricular Activity and the Transition from Higher Education to Work: A Survey of Graduates in the United Kingdom", Higher Education Quarterly, Volume 61, Nº 1, P. 37-56.
- Teichler, Ulrich, (2005). Graduados y empleo: investigación, metodología y resultados – Los casos de Europa, Japón, Argentina e Uruguay. Buenos Aires. Niño y Dávila Editores.
- Walther et al, (Eds), (2002). Misleading Trajectories – Integration Policies for Young Adults in Europe?. Opladen: Leske Budrich.
- Villeneuve-Gokalp, C., (1997). "Le départ de chez les parents: définitions d'un processus complexe". Économie et Statistique. Nº 304-305, P. 149-162.
- Villeneuve-Gokalp, C., (2000). "Les jeunes partent toujours au même âge de chez leurs parents". Économie et Statistique. Nº 337-338, P. 61-80.

RECOMENDAÇÕES DIETÉTICAS NA DIABETES: RIGOR DA INFORMAÇÃO E QUALIDADE DOS SITES PORTUGUESES

DIETARY RECOMMENDATIONS IN DIABETES: INFORMATION
ACCURACY AND QUALITY OF PORTUGUESE WEBSITES
RECOMENDACIONES DIETÉTICAS EN LA DIABETES: EL RIGOR DE LA
INFORMACIÓN Y CALIDAD DE LOS SITIOS WEB PORTUGUESES

António José Gonçalves Fernandes (toze@ipb.pt)*

Jandira Paula Mandinga Menezes

Sara Patrícia Ferreira de Sá

Vanessa Duarte Vidal

Véronique de Jesus Alves da Silva

Vera Alexandra Ferro Lebres

RESUMO:

Avaliar a fiabilidade da informação nutricional contida em websites portugueses sobre a diabetes é o principal objetivo deste estudo. Simultaneamente, pretende-se avaliar a qualidade desses websites. Para esse efeito, foi conduzido um estudo transversal, observacional e analítico que envolveu a realização de 4 pesquisas separadas no Google usando a ferramenta de busca avançada. Foi selecionada a língua portuguesa e região de Portugal. Foram utilizadas combinações de palavras-chave como: diabetes e alimentação, nutrição e diabetes, diabetes e dietética, diabetes e dieta. Após a aplicação dos critérios de exclusão, restaram 167 websites que foram avaliados com recurso a uma checklist que tinha por base as diretrizes da American Diabetes Association relativamente a critérios relacionados com a informação nutricional para a diabetes e critérios de avaliação da qualidade de websites.

Quanto ao rigor da informação nutricional, verificou-se que os websites portugueses obtiveram um score médio de 24,77 num total de 57 pontos possíveis. A qualidade dos websites registou um score médio de 4,96 pontos num total de 11 pontos possíveis. A escassa fiabilidade da informação nutricional para a diabetes dos websites portugueses coloca em evidência a importância da supervisão e regulamentação legal, bem como a necessidade de campanhas de saúde pública para aconselhar os pacientes a procurarem profissionais de saúde para um atendimento adequado e, neste caso particular, a procurarem dietistas para obterem as recomendações nutricionais na DM.

Palavras-Chave: Diabetes Mellitus, internet, informação sobre saúde, dieta.

ABSTRACT:

To assess the diabetes nutritional information accuracy and quality in Portuguese websites are the objectives of this study.

A cross-sectional, observational and analytical study was conducted. Four independent searches were performed on Google using the Advanced Search tool, selecting the Portuguese language and the Portugal region with combinations of keywords like: diabetes and nutrition; diabetes and food; diabetes and dietetics; diabetes and diet. After applying the exclusion criteria, there were 167 remaining search results, which were assessed using a checklist containing criteria related to nutritional information for diabetes, based on the American Diabetes Association Guidelines and criteria related to websites quality assessment.

Considering the accuracy of the nutritional information, it was found that Portuguese websites reached an average score of 24.77 points out of 57. Websites' quality achieved an average score of 4.96 points out of 11. The poor accuracy on nutritional information for Diabetes of Portuguese websites, highlights the importance of supervision and legal regulation, as well as a public health campaign to advise patients to search out to health professionals for an adequate care, in particular to a dietitian for DM dietary recommendations.

Keywords: *Diabetes Mellitus*, internet, health information, diet.

RESUMEN:

El propósito de este estudio es evaluar la exactitud de la información nutricional sobre la diabetes y la calidad de los sitios web portugueses que contienen información sobre la Diabetes Mellitus (DM).

Un estudio transversal, observacional y analítico se llevó a cabo. Cuatro búsquedas independientes se realizaron en Google utilizando la herramienta de búsqueda avanzada, seleccionando la lengua portuguesa y la región de Portugal. Se utilizaron combinaciones de palabras clave como: diabetes y la nutrición, la diabetes y los alimentos, la diabetes y la dietética, la diabetes y la dieta. Después de aplicar los criterios de exclusión, resultaron 167 que fueron evaluados utilizando una lista de verificación con criterios relacionados con la información nutricional para la diabetes, basado en las directrices de la Asociación Americana de Diabetes, y criterios para evaluar la calidad de los sitios web.

Cuanto al rigor de la información nutricional, se descubrió que los sitios web portugueses alcanzaron una puntuación media de 24,77 puntos en 57. La calidad de los sitios web ha registrado una puntuación media de 4,96 puntos en 11. La fiabilidad limitada de información nutricional para la diabetes de los sitios web portugueses pone de relieve la importancia de la supervisión y de las normas legales, así como la necesidad de campañas de salud pública para advertir a los pacientes a buscar atención médica adecuada y, en este

caso particular, para buscar dietistas que faciliten las recomendaciones nutricionales para la DM.

Palabras-clave: *Diabetes Mellitus*, internet, información sobre salud, dieta.

António José Gonçalves Fernandes. Concluiu Gestão pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 2006. É Professor Adjunto no Instituto Politécnico de Bragança.

Submitted: 7th December 2012

Accepted: 30th September 2013

1. INTRODUÇÃO

O fato da *Internet* estar em constante mudança justifica a necessidade de proceder a avaliações frequentes dos *websites* que contêm informação relacionada com a saúde, em geral e, em particular, aqueles que contêm informação sobre a terapia nutricional para *Diabetes Mellitus* (DM).

Dada a importância da *Internet* como fonte de informação capaz de promover estilos de vida saudáveis, a falta de supervisão dos *websites* é uma preocupação, pois eles podem fornecer informações incorretas, o que pode levar a consequências de saúde diversos (Schneider *et al.*, 2012). Também a qualidade dos *websites* deve ser levada em conta ao criar uma página *web*, como forma de sinalizar o rigor da informação (Silva *et al.*, 2008; Guardiola-Wanden-Berghe *et al.*, 2011).

Portanto, este estudo foi realizado com o objetivo de avaliar o rigor da informação nutricional acerca da DM e a qualidade dos *websites* portugueses que contêm informação acerca da DM. Para isso, foi conduzido um estudo transversal, observacional e analítico. Quatro pesquisas independentes foram realizadas no *Google* usando a ferramenta de busca avançada, a seleção do idioma Português e a região de Portugal com as seguintes combinações de palavras-chave: diabetes e nutrição, diabetes e alimentos, diabetes e dietética, diabetes e dieta. Após a aplicação dos critérios de exclusão, restaram 167 resultados da pesquisa. Posteriormente, estes *websites* foram avaliados através de uma *checklist* baseada em critérios relacionados com a informação nutricional para a diabetes que podem ver-se no Anexo 1. Para além disso, recorreu-se ao uso de critérios gerais relacionados com a avaliação da qualidade de *websites*.

Os dados sobre o rigor da informação acerca da DM e sobre a qualidade dos *websites* foram processados usando o IBM SPSS 19,0 (*Statistical Package for Social Sciences*), assumindo um nível de significância de 5%. A análise estatística envolveu o uso do teste de *Kruskal-Wallis* para comparar o índice de qualidade dos websites tendo em consideração as qualificações educacionais dos autores e as entidades responsáveis (k amostras independentes). Quando foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, o teste de *Mann-Whitney* foi utilizado para determinar quais, dos pares possíveis, registaram as diferenças referidas (duas amostras independentes). O teste de correlação de *Spearman* foi utilizado para analisar a correlação entre o índice de qualidade e a pontuação acerca do rigor da informação sobre a DM.

Este artigo está estruturado em seis secções, a saber, a introdução, revisão de literatura, metodologia, resultados, discussão, e, finalmente, a conclusão. Na segunda secção, é realizada a revisão da literatura, a fim de se enquadrar, teoricamente, o tema em estudo. A terceira secção descreve a metodologia utilizada para realizar esta investigação, ou seja, os participantes, os materiais e os procedimentos. A quarta secção apresenta os resultados da análise estatística. Na quinta secção discutem-se os resultados apresentados. E, finalmente, na sexta secção, tecem-se as considerações finais.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Hoje em dia, o acesso à *Internet* está a crescer exponencialmente em todo o mundo e tornou-se uma fonte muito popular para obter informações relacionadas à saúde (Kaicker *et al.*, 2010; Chang *et al.*, 2010; Takahashi *et al.*, 2011; Smith *et al.*, 2011; Guardiola-Wanden-Berghe *et al.*, 2011). Globalmente, estima-se que cerca de 7 milhões de pesquisas relacionadas com este tema são realizadas diariamente (Schneider *et al.*, 2012). Em 2007, um estudo realizado em Portugal por Santana (2009) constatou que, aproximadamente, 38,3% da população tinha, já, procurado a *internet* para obter informações relacionadas com a saúde.

A *Diabetes Mellitus* (DM) tem vindo a crescer e a tornar-se uma epidemia global causada pelo sedentarismo e pela obesidade revelando uma prevalência de cerca de 6,4% em adultos em todo o mundo em 2010, e 12,4% em Portugal, com uma tendência para aumentar (Qiu *et al.*, 2012; Balasubramaniam *et al.*, 2012; Boavida *et al.*, 2012). A DM é, de acordo com Balasubramaniam *et al.* (2012) e Camen *et al.* (2012), a desordem endócrina mais comum crónica, caracterizada por hiperglicemia e alterações metabólicas ao nível das proteínas e lípidos, resultando em irregularidades da secreção de insulina, a sua ação, ou ambos. Existem dois tipos principais de DM: DM tipo 1 e tipo 2 DM. A DM tipo 1 é uma doença auto-imune, caracterizada pela deficiência de insulina total. A DM tipo 2, o tipo mais predominante, é caracterizada pela resistência à insulina, e está associada a uma dieta desequilibrada com uma ingestão calórica elevada, assim como um estilo de vida sedentário (Balasubramaniam *et al.*, 2012; Rhee e Plutzky, 2012).

É fundamental a implementação de estratégias de prevenção, incluindo uma dieta adequada, manutenção ou perda de peso e exercício físico regular e, portanto, é essencial informar as populações

de risco (Ershow *et al*, 2011;. Post *et al*, 2012;. Mechanick *et al*, 2012).

3. METODOLOGIA

Um estudo transversal, observacional e analítico foi conduzido. Em 4 de maio de 2012, quatro pesquisas independentes foram realizadas no *Google*. Na ferramenta de pesquisa avançada, foi usada a seleção do idioma Português, a região de Portugal. Na secção "todas estas palavras", foram utilizadas as seguintes combinações de palavras-chave: diabetes e nutrição, diabetes e dieta, diabetes e alimentos, diabetes e dietética. 2143 resultados foram obtidos. Na primeira análise a estes resultados foram eliminados 300 *links* duplicados, bem como 447 ligações diferentes para o mesmo *website*.

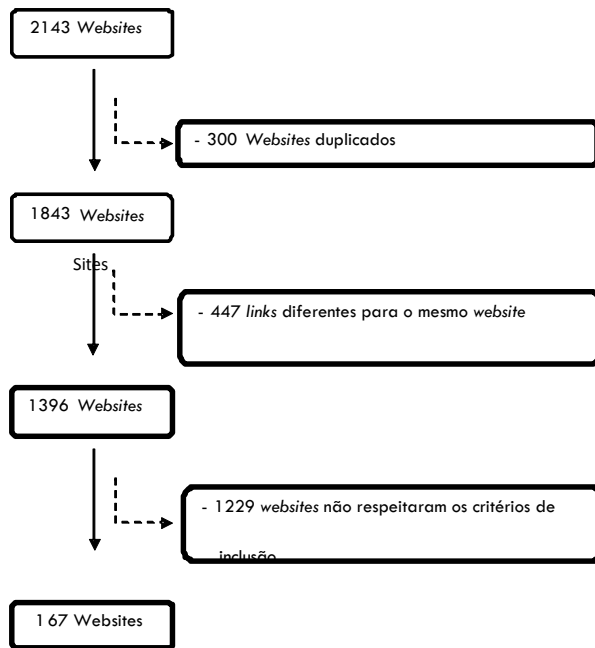


Figura 1 – Aplicação dos critérios de exclusão

Os 1396 *sites* restantes foram analisados considerando-se os critérios de exclusão, ou seja, ligações que encaminhavam para

documentos do *PowerPoint*, PDF e *Word*; *sites* dedicados à diabetes em crianças, animais e diabetes gestacional; sites dedicados à publicidade de produtos e livros; necessidade de registo ou de pagamento para ter acesso à informação; ligado a outro *sites*; trabalhos científicos, artigos, notícias, fóruns da *Internet* e quaisquer outros sites que não continham informação nutricional para DM. (Shon e Musen, 1999; Lopes, 2004; Sales e Almeida, 2007; Powers *et al.*, 2008; Silva *et al.*, 2008). Nesta fase do estudo, 1229 sites foram excluídos, como pode ver-se na Figura 1. Da pesquisa inicial, restaram 167 *websites* depois de aplicados os critérios de exclusão. Estes *sites* foram avaliados através de uma *checklist* contendo critérios relacionados com a informação nutricional para a DM (Anexo 1), tais como, necessidade de procurar um nutricionista para uma terapia nutricional individualizada, recomendações de nutrientes, bebidas de consumo, a contagem de hidratos de carbono e suplementação (American Diabetes Association, 2012; Bantel, 2008) e também critérios para a avaliação da qualidade de *websites*, designadamente, autor, entidade responsável, objetivo e referências (Shon e Musen, 1999; Lopes, 2004; Sales e Almeida, 2007; Powers *et al.*, 2008; Silva *et al.*, 2008). Com base nas informações recolhidas foram calculados dois *scores*, respetivamente, o *score* acerca do rigor da informação sobre a DM e o *score* acerca da qualidade dos *websites*.

O teste de *Kruskal-Wallis* foi utilizado para comparar o *score* da qualidade dos *websites* tendo em consideração as qualificações educacionais dos autores e as entidades responsáveis pelo *site*. O teste de *Mann-Whitney* foi utilizado para implementar a comparação múltipla de medianas em amostras independentes. Para esse efeito, formam-se todos os pares possíveis (Tabelas 2 e 3) com o objetivo de identificar as diferenças, significativamente diferentes que, entretanto, se sabia existirem devido á rejeição da hipótese nula aquando da aplicação do teste de *Kruskal-Wallis*. O teste de correlação de *Spearman* foi utilizado para analisar a correlação entre a qualidade dos *websites* e o rigor da informação sobre a DM. Todos os dados foram processados utilizando o IBM SPSS 19.0 (*Statistical Package for Social Sciences*). Na execução dos testes estatísticos foi utilizado o nível de significância (α) de 5% por, em investigação científica, ser razoável a implementação de testes com um grau de confiança de 95%. Nesta situação, o Erro do Tipo I (rejeitar a hipótese nula quando esta é verdadeira) é de 5%.

4. RESULTADOS

Como pode ver-se na Tabela 1, dos 167 *sites* analisados, a maioria estava destinada ao público em geral (87,4%) e para 71,9% o objetivo principal era, meramente, informativo. Em 61% dos casos, as qualificações educacionais dos autores não foram mencionadas. Em 12% dos casos tratava-se de dietistas/nutricionistas.

Tabela 1 – Características dos *websites*

Variável	Categoria	%
Objetivo	Informativo	71.9
	Comercial	25.1
	Ausente	3.0
Qualificações educacionais	Dietista/nutricionista	12.0
	Outro profissional de saúde	15.0
	Autores sem formação na área da saúde	12.0
	Ausente	61.0
Público-alvo	Geral	87.4
	Diabéticos	9.0
	Crianças	1.2
	Comunidade científica	1.2
	Idosos	1.2
Entidade responsável	Sociedades/associações	14.4
	Clínicas médicas	4.8
	Hospitais	1.2
	Indústria farmacêutica	8.4
	Outras entidades	16.8
	Privados	28.1
	Ausente	12.6
	Jornal/revistas	13.8

Data da publicação	Antes de 2008	21.6
	Depois de 2008	78.4
Data da última atualização	Antes de 2008	9.0
	Depois de 2008	91.0
Rigor da informação nutricional	Muito baixo (0 a 13)	0.0
	Baixo (14 a 27)	80.2
	Moderado (28 a 42)	19.2
	Bom (43 a 57)	0.6
Qualidade dos <i>sites</i>	Muito baixa (0 to 2)	21.0
	Baixa (3 a 5)	40.7
	Moderada (6 a 8)	34.7
	Boa (9 a 11)	3.6

Quanto à entidade responsável pelos *websites*, verificou-se que 28,1% eram da responsabilidade de entidades privadas. Quanto à data de publicação, apenas 74 *sites* a mencionaram e destes, 21,6% eram anteriores a 2008 (data de publicação das orientações da *American Diabetes Association*). A data da última atualização estava presente em 46,7% dos *sites*, dos quais 9% antes de 2008 e 91% após 2008. A Tabela 1 revela, ainda, que a maioria (80,2%) dos *sites* portugueses são pouco rigorosos no que diz respeito à informação nutricional (entre 14 e 27), 19,2% apresentaram um rigor moderado (entre 28 e 42) e, finalmente, apenas 0,6% revelaram serem rigorosos (entre 43 e 57). Para além disso, considerando o *score* da qualidade, 21% dos *sites* portugueses obtiveram uma classificação muito baixa (pontuação entre 0 e 2), 40,7% registaram uma baixa qualidade (entre 3 e 5), 34,7% tinham uma qualidade moderada (entre 6 e 8) e 3,6% mostraram possuir alta qualidade (entre 9 e 11).

A Figura 2 mostra que, na maioria dos *sites*, as diretrizes de A a S de informação nutricional para diabéticos (Anexo 1) estavam ausentes, embora o número de *sites* com informação errada fosse reduzido.

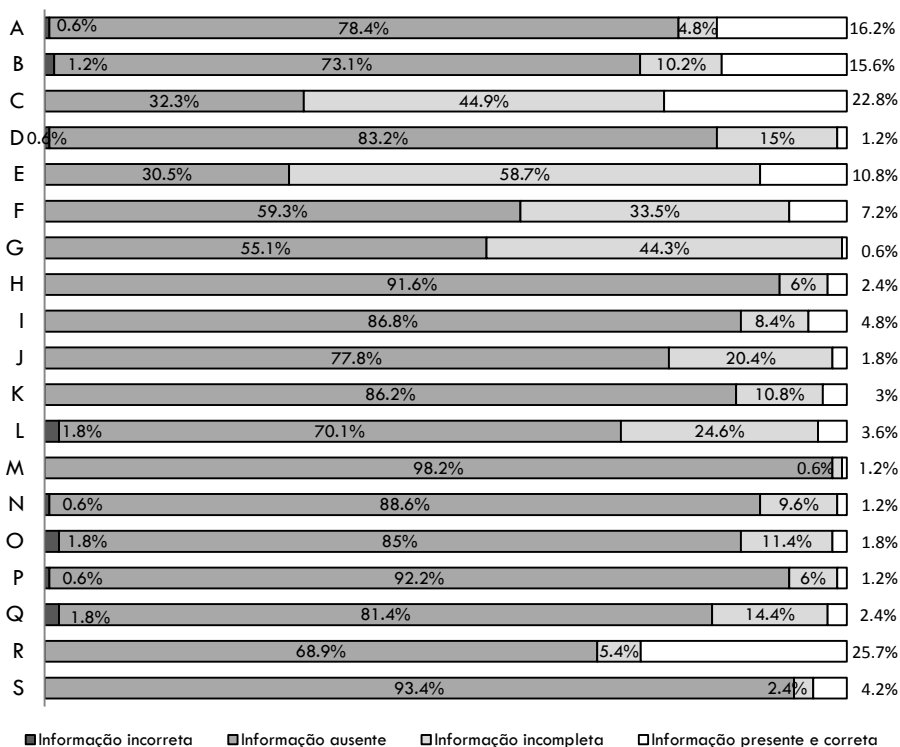


Figura 2 - Análise da informação nutricional

Os *websites* estudados conseguiram um *score* médio de 24,8 pontos ($\pm 3,86$) em 57 possíveis. Os testes de *Kruskal-Wallis* e *Mann-Whitney* não revelaram diferenças significativas no que diz respeito ao *score* que media o rigor da informação nutricional contida nestes sites quando eram tidas em consideração as seguintes variáveis: qualificações educacionais dos autores ($p\text{-value} = 0,135$), entidade responsável ($p\text{-value} = 0,994$), data da publicação ($p\text{-value} = 0,240$), objetivo ($p\text{-value} = 0,667$), e público-alvo ($p\text{-value} = 0,245$).

A maioria dos *sites* fazia menção ao autor, entidade responsável, objetivo e possuía uma ferramenta de busca interna. Por outro lado, itens como qualificação educacional dos autores, a data da última atualização, referências, links externos, patrocinador e revisão editorial não foram, frequentemente, encontrados (Figura 3).

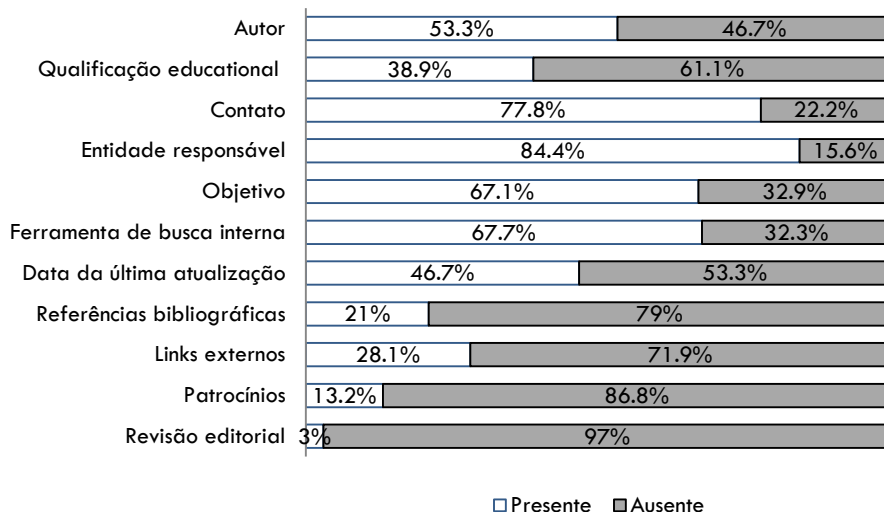


Figura 3 – Análise dos critérios para avaliação da qualidade dos websites

O teste de *Kruskal-Wallis* mostrou existirem diferenças, estatisticamente, significativas no score que media a qualidade dos sites quando eram tidas em consideração algumas variáveis, nomeadamente, a qualificação educacional do autor ($p\text{-value} = 0,000$) e a entidade responsável pelo *site* ($p\text{-value} = 0,000$). Com o objetivo de verificar que grupos apresentaram diferenças, estatisticamente, significativas, utilizou-se o teste de *Mann-Whitney* para realizar a comparação múltipla medianas de amostras independentes. Os resultados mostraram que, entre as entidades responsáveis, os privados eram aqueles que apresentavam uma qualidade, significativamente, melhor (Tabela 2).

Tabela 2 – Comparação múltipla de medianas relativa ao score da qualidade dos sites tendo em conta a entidade responsável (Output do teste de Mann-Whitney)

Pares testados				p-value
Amostra	Mean Rank	Amostra	Mean Rank	
Sociedades/associações	22.79	Indústria farmacêutica	13.86	0.016
	30.50	Ausente	14.43	0.000
	31.44	Outras entidades	22.27	0.026
Privados	29.81	Clínicas medicas	17.38	0.042
	34.37	Indústria farmacêutica	19.68	0.005
	43.55	Outras entidades	28.68	0.003
	39.24	Jornal/revista	27,85	0.024
	42.06	Ausente	17.57	0.000
Hospitais	21.00		11.14	0.047
Indústria farmacêutica	22.25		15.17	0.044
Outras entidades	30.25		18.00	0.003
Jornal/revista	28.17		16.29	0.002

Quanto às qualificações educacionais dos autores, foi confirmado que, quando esta informação estava ausente, a qualidade do site era, significativamente, menor (Tabela 3).

Tabela 3 – Comparação múltipla de medianas relativa ao score da qualidade dos sites tendo em conta qualificação educacional do autor (Output do teste de Mann-Whitney)

Pares testados				p-value
Amostra	Mean Rank	Amostra	Mean Rank	
Dietista/ Nutricionista	95.63	Ausente	54.81	0.000
Outros profissionais de saúde	88.08		58.10	0.000
Autores sem formação na área da saúde	85.98		56.70	0.001

Finalmente, quando se estudou a correlação entre o score que media o rigor da informação nutricional e o score que media a qualidade dos sites, o teste de Spearman revelou a existência de uma

correlação significativa (p -value = 0,370). A correlação encontrada é positiva, podendo-se afirmar que à medida que o rigor da informação nutricional aumenta, melhor será a qualidade do *site*. Contudo, a correlação encontrada é fraca porque o coeficiente de correlação registou um valor próximo de zero (0,162).

5. DISCUSSÃO

Este estudo mostrou que existem, em Portugal, inúmeros *sites* disponíveis com informações sobre diabetes, no entanto, a maioria apresentava baixo rigor da informação disponibilizada - não pelo fato dos *sites* conterem informações erradas, mas por devido à ausência de informação pertinente. O mesmo problema foi apontado por outras investigações sobre *sites* dedicados a pacientes que sofrem de doenças gastrointestinais (Tangri e Chande, 2011), a pacientes asplénicos (Downing *et al.*, 2011) e a diabéticos (Post e Mainous, 2010).

A maioria dos *sites* analisados eram da responsabilidade de pessoas individuais (privados), que à partida se suspeitaria seriam de qualidade inferior. Tal não se veio a verificar, uma vez que estes foram os que obtiveram resultados, significativamente, melhores. Independentemente da entidade responsável, a linguagem revelou ser simples e acessível, o que significa que qualquer utilizador pode, facilmente, aceder a esses sites e fazer uso das informações nele contidas. Para além disso, quando se considera a qualificação educacional dos autores - presente em apenas 39% dos *sites* - verificou-se que, quando não foi este critério estava ausente, o *score* da qualidade foi, significativamente, menor. A identificação do autor e sua qualificação educacional são critérios de qualidade essenciais. De fato, permitem ao leitor a possibilidade de verificar se o autor tem experiência na área sobre a qual escreve, ou seja, se a informação é credível (Silva *et al.*, 2008). Efetivamente, tem vindo a ser demonstrado que o reconhecimento do autor associado a uma entidade respeitável é essencial para que os leitores possam avaliar os *sites* (Guardiola-Wanden-Berghe *et al.*, 2011). Assim, é recomendável que os gestores dos *sites* estejam atentos para a necessidade de inclusão da identificação completa de todos os indivíduos ou instituições que contribuem com conteúdos para o *site*.

Tal como num estudo recente sobre o rigor da informação contida em *sites* dedicados à fibromialgia (Daraz *et al.*, 2011), estabeleceu-se que a data de publicação e da última atualização do

conteúdo, bem como as fontes utilizadas em *websites*, não estão sempre presentes. A data de publicação e a data da última atualização são de interesse para o utilizador pois permitem-lhe verificar se as informações disponíveis incluem o conhecimento científico mais atual. Para além disso, a citação das referências utilizadas autentica os conteúdos apresentados e dá aos leitores o acesso à informação original (Silva *et al.*, 2008).

Quando comparado a classificação média do score que media o rigor da informação nutricional considerando as datas de publicação e as datas de atualização (antes e depois de 2008), não se registaram diferenças, estatisticamente, significativas. Como em estudos anteriores sobre outros assuntos e países (Silva *et al.*, 2008), os resultados do presente estudo mostram que a informação sobre a intervenção dietética na diabetes a partir de *sites* portugueses está desatualizada. Por essa razão, os autores recomendam às entidades oficiais, nomeadamente, ao Ministério da Saúde e às autoridades de supervisão a necessidade de implementar estratégias de controle eficientes em *sites* relacionados com a saúde.

Estes resultados reforçam a necessidade de definir critérios-padrão para avaliar *sites*. A confiabilidade mínima de seu conteúdo deve ser garantida, como sugerido anteriormente (Ferguson, 2002; Guardiola-Wanden-Berghe *et al.*, 2011).

Finalmente, quando se estudou a correlação entre o *score* que media o rigor da informação nutricional e o *score* da qualidade dos *sites*, verificou-se a existência de uma correlação positiva. Por isso, pode-se afirmar que quanto maior o rigor da informação nutricional, melhor será a qualidade de *site*. Este resultado era expectável, no entanto, ficou aquém das expectativas uma vez que a correlação encontrada é fraca, contrariamente, aos resultados do estudo de Guardiola-Wanden-Berghe (2011) no qual a correlação encontrada era mais forte.

6. CONCLUSÃO

A *internet* mudou a forma como pacientes, familiares e público em geral procuram informação relacionada com a saúde. A elevada prevalência de DM em Portugal e a sua forte associação com a nutrição e obesidade, justifica o fato de existirem muitos *sites* com informação nutricional para prevenir, tratar ou ajudar os doentes com DM a terem uma vida normal. Este estudo mostrou que a informação disponível é muitas vezes incompleta e que a qualidade dos websites é baixa. Apesar dessa realidade, estes *sites* são utilizados como fonte de

informações técnicas. Os resultados obtidos reforçam a necessidade de estabelecer critérios-padrão para avaliar a qualidade destes *websites*, tal como Rocha (2012) propõe; e, proceder a avaliações periódicas dada a volatilidade da informação que se pode encontrar na *internet*.

Em conclusão, ficou evidente o baixo rigor da informação nutricional para a diabetes contida nos *sites* portugueses. Pelo fato, torna-se evidente a importância da supervisão e regulamentação legal. Para além disso, os resultados justificam a realização de campanhas de saúde pública no sentido de aconselhar os pacientes a procurar profissionais de saúde e cuidados de saúde adequada. Neste caso particular justifica-se o recurso a dietistas/nutricionistas para a obtenção de recomendações dietéticas adequadas na DM.

BIBLIOGRAFIA

- American Diabetes Association (2012); Standards of Medical Care in Diabetes – 2012; *Diabetes Care*, 35: 1; 11-63.
- Balasubramaniam, K. *et al.* (2012); Increased atherothrombotic burden in patients with diabetes mellitus and acute coronary syndrome: a review of antiplatelet therapy; *Cardiology Research Practice*, 2012; 1-18.
- Bantel, J. *et al.* (2008), "Nutrition Recommendations and Interventions for Diabetes: a position statement of the American Diabetes association", *Diabetes Care*, Vol. 31 No. 1, pp. 61-78.
- Boavida, J. *et al.* (2012); *Diabetes: Factos e Números 2011 – Relatório Anual do Observatório Nacional da Diabetes*; Lisboa: Sociedade Portuguesa de Diabetologia.
- Camen, G. *et al.* (2012); Inflammatory reaction in chronic periodontopathies in patients with diabetes mellitus. Histological and immunohistochemical study; *Romanian Journal of Morphology and Embryology*, 53: 1; 55-60.
- Chang, M. *et al.* (2010); Assessment of Allergic Rhinitis Websites in Korea; *Clinical and Experimental Otorhinolaryngology*, 3: 1; 32-36.
- Daraz, L. *et al.* (2011); The quality of websites addressing fibromyalgia: an assessment of quality and readability using standardised tools; *BMJ Open*, 1: 1; 1-8.
- Downing, M. *et al.* (2011); "Information on the Internet for asplenic patients: a systematic review", *Canadian Journal of Surgery*, 54: 4; 232-236.
- Ershow, A. *et al.* (2011); Virtual reality technologies for research and education in obesity and diabetes: research needs and opportunities; *Journal of Diabetes Science and Technology*, 5: 2; 212-224.
- Ferguson, T. (2002); From patients to end users; *British Medical Journal*, 324; 555-556.
- Guardiola-Wanden-Berghe, R. *et al.* (2011); Evaluating the quality of websites relating to diet and eating disorders; *Health Information e Libraries Journal*, 28: 4; 294-301.
- Kaicker, J. *et al.* (2010); Assessment of the quality and variability of health information on chronic pain websites using the DISCERN instrument; *BMC Medicine*, 8; 1-8.
- Lopes, I. (2004); Novos paradigmas para avaliação da qualidade da informação em saúde recuperada na Web; *Ciência da Informação*, 33: 1; 81-90.
- Mechanick, J. *et al.* (2012); Diabetes-specific nutrition algorithm: a transcultural program to optimize diabetes and prediabetes care; *Current Diabetes Report*, 12: 2; 180-194.

- Post, R. e Mainous, A. 3rd. (2010); The accuracy of nutrition information on the Internet for type 2 diabetes; *Archives of Internal Medicine*; 170: 16; 1504-1506.
- Post, R. *et al.* (2012); Dietary fiber for the treatment of type 2 diabetes mellitus: a meta-analysis; *Journal of the American Board of Family Medicine*; 25: 1; 16-23.
- Powers M., *et al.* (2008), "Use of Internet technology to support nutrition and diabetes self-management care", *Diabetes spectrum*, Vol. 21 No. 2, pp. 91-99.
- Qiu, S. *et al.* (2012); Improving patients' adherence to physical activity in diabetes mellitus: A review; *Diabetes e Metabolism Journal*; 36: 1; 1-5.
- Rhee, E. e Plutzky, J. (2012); Retinoid metabolism and diabetes mellitus; *Diabetes e Metabolism Journal*; 36: 3; 167-80.
- Rocha, A. (2012); Framework for a global quality evaluation of a website; *Online Information Review*; 36: 3; 374 - 382.
- Sales, R. e Almeida, P. (2007); Avaliação de fontes de informação na internet: avaliando o site do NUPILL/UFSC; *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*; 4: 2; 67-87.
- Santana, S. (2009); Tendências na utilização da internet para questões de saúde e doença em Portugal 2005-2007; *Acta Médica Portuguesa*, 22; 5-14.
- Schneider, F. *et al.* (2012); Identifying Factors for Optimal Development of Health-Related Websites: A Delphi Study Among Experts and Potential Future Users", *Journal of Medical Internet Research*; 14: 1; 18.
- Shon, J. e Musen, M. (1999); The Low Availability of metadata elements for evaluating the quality of medical information on the World Wide Web; *Proceedings of the AMIA Symposium*, 945-949.
- Silva, E. *et al.* (2008); Tratamento farmacológico da obesidade em páginas da Internet brasileira: análise dos Critérios Técnicos de Qualidade; *Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada*; 29: 2; 159-165.
- Smith, A. *et al.* (2011); Quality of eating disorders websites: what adolescents and their families need to know; *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 21: 1; 33-37.
- Takahashi, Y. *et al.* (2011); Internet Use for Health-Related Information via Personal Computers and Cell Phones in Japan: A Cross-Sectional Population-Based Survey", *Journal of Medical Internet Research*; 13: 4; 110.
- Tangri, V. e Chande, N. (2011); Quality of Internet-based information on gastrointestinal diseases", *Canadian Journal of Gastroenterology*; 25: 2; 93-96.

Anexo 1 – Critérios para avaliação do rigor da informação nutricional na Diabetes

A.	As pessoas que têm diabetes ou pré-diabetes devem procurar um dietista/nutricionista.
B.	As pessoas que têm diabetes ou pré-diabetes deve fazer planeamento de refeições individualizado (terapia de nutrição médica).
C.	Os indivíduos que têm ou estão em risco para a diabetes deve perder peso quando têm excesso de peso ou são obesos.
D.	Para a perda de peso, tanto as dietas pobres em hidratos de carbono, com restrição de calorias e gorduras, ou Mediterrânica podem ser eficazes no curto prazo (até 2 anos).
E.	A atividade física regular é importante para a perda de peso e manutenção (150min/semana).
F.	Entre os indivíduos com alto risco de desenvolver diabetes tipo 2, é importante reduzir a ingestão de calorias e de gordura.
G.	Indivíduos em risco para diabetes tipo 2 devem ser encorajados a atingir a recomendação de fibra alimentar (14g/1.000 kcal) e alimentos que contenham cereais integrais.
H.	A monitorização dos hidratos de carbono deve ser feita através de contagem de hidratos de carbono, escolhas, ou estimativa baseada na experiência.
I.	O uso do índice glicémico e da carga deve ser tido em conta.
J.	Ingestão de gorduras saturadas deve ser < 7% do total de calorias.
K.	Ingestão de gorduras insaturadas deve ser minimizada.
L.	Adultos com diabetes, que optam por ingerir álcool, deve limitar a ingestão de quantidades moderadas (um bebida por dia ou menos para mulheres adultas e duas bebidas por dia ou menos para homens adultos).
M.	Suplementação de rotina com antioxidantes, como as vitaminas E e C e caroteno, não é aconselhável.
N.	Pessoas com diabetes devem reduzir o colesterol dietético para < 200 mg/dia.
O.	Duas ou mais porções de peixe por semana.
P.	Para indivíduos com diabetes, recomenda-se a ingestão de proteína normal (15-20% de energia).
Q.	Diabéticos devem reduzir a ingestão de sódio (2,300mg/dia).
R.	Indivíduos em risco para a diabetes tipo 2 devem limitar a ingestão de bebidas adoçadas com açúcar.
S.	A dose diária recomendada de hidratos de carbono é de 130 g/dia.

Fonte: American Diabetes Association, 2012.

POSTERGAMENTO E TRANSVASAMENTO NAS TRADUÇÕES ITALIANAS DE *A RELÍQUIA* DE EÇA DE QUEIRÓS: EM CAUSA UMA ESTÉTICA DA IRONIA.

NEGLECTION AND TRANSFERENCE IN THE ITALIAN TRANSLATIONS OF *THE RELIC* BY EÇA DE QUEIRÓS: AN AESTHETIC OF IRONY IN QUESTION.

POSTERGAMIENTO Y TRASVASE EN LAS TRADUCCIONES ITALIANAS DE *A RELIQUIA* DE EÇA DE QUEIRÓS: EN CAUSA UNA ESTÉTICA DE LA IRONÍA.

Duarte Pinheiro (dpinheiro@instituto-camoes.mne.pt)*

RESUMO:

Os neologismos da linguagem queirosiana são o ponto de partida para uma análise cuidada das traduções italianas de *A Relíquia*. Paolo Silenziario e Amina di Munno são os autores dessas traduções, que, apesar de divergirem entre si no tempo, são surpreendentemente convergentes sob o ponto de vista ideológico-morfológico. Veremos, entre outros aspetos linguísticos, como a igual opção dos tradutores em não traduzir os neologismos da prosa de Eça pode colocar em causa o total entendimento da obra, sobretudo no que toca às personagens Topsisius e Filomena Raposo, e tornar diluída toda uma estética da ironia, imagem de marca do grande mestre do Realismo português.

Palavras-chave: traduções italianas de *A Relíquia*, neologismo, Eça de Queirós, postergamento, transvasamento.

ABSTRACT:

The neologisms in the language of Eça de Queirós represent the starting point for a careful analysis of the Italian translations of *The Relic*. Paolo Silenziario and Amina di Munno are the authors of these translations, which, despite diverging from each other in time, are surprisingly convergent from an ideological and morphological point of view. We will see, among other aspects of language, that the option of not translating the neologisms in the prose of Eça may call into question the entire understanding of the author's work, especially as regards the characters of Topsisius and Filomena Raposo, and

dilute the whole aesthetic of irony, trademark of this great master of Portuguese Realism.

Keywords: italian translations of *The Relic*, neologism, Eça de Queirós, neglection, transference.

RESUMEN:

Los neologismos de lengua queirosiana son el punto de partida de un análisis cuidadoso de las traducciones italianas de *La Reliquia*. Paolo di Munno Silenziario y Amina son los autores de estas traducciones, que, aunque diferentes entre sí en el tiempo, son sorprendentemente convergentes ideológica e morfológicamente. Observaremos entre otros aspectos lingüísticos, como la misma opción del traductor no traducir los neologismos de la prosa de Eca puede poner en peligro toda la comprensión de la obra, sobre todo por lo que se refiere a los personajes Topsisus y Filomena Raposo, y diluir toda una estética de ironía, señal de identidad del gran maestro del realismo portugués.

Palabras clave: Traducciones italianas de *La Reliquia*, neologismo Eça de Queirós, postergación, decantación.

* Duarte Pinheiro é atualmente tradutor e foi docente do Instituto Camões nas Universidades de Áquila e de Salerno e colaborador do Instituto Português de Santo António (Ministério dos Negócios Estrangeiros) em Roma. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas variante Estudos Portugueses e Ingleses pela Universidade de Coimbra e doutorou-se pela Universidade Fernando Pessoa em Teoria da Literatura com uma tese sobre Ana Teresa Pereira. Português, Inglês e Italiano são o seu objeto de trabalho e estudo.

Submitted: 4th July 2013

Accepted: 20th February 2014

"Language is the dress of thought"

Samuel Johnson

1. DO POSTERGAMENTO AO TRANSVASAMENTO, DESVIOS MORFOLÓGICOS NAS TRADUÇÕES ITALIANAS DE *A RELÍQUIA* RELATIVAMENTE AO ORIGINAL QUEIROSIANO.

A omissão nas traduções italianas de *A Relíquia* dos vários neologismos da linguagem de Eça foi o que me motivou a escrever o presente artigo. Diga-se que foi esse o ponto de partida para uma análise mais ampla e dissecada quer do romance queirosiano em si, quer das traduções italianas desse elaboradas.

"Publicada em folhetins na Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, entre 24-4-1887 e 10-6-1887" (Matos 1988, p. 552), e em volume ainda nesse mesmo ano, *A Relíquia* conheceu, em língua italiana e editorialmente, três traduções. A primeira, editada em dois volumes em 1913, é da autoria de Paolo Silenziario e contém uma nota introdutória de Luigi Siciliani. É, aliás, nas palavras de Maria Grazia Russo, a primeira, porém tardia, de todas as traduções italianas da obra de Eça: "as traduções queirosianas, se se excluir a carta de 1895 (Luigi de Camoens / Poemetto con una Lettera di Eça de Queiroz), Tip. Dell'Istituto Sordomuti, Genova 1895, tradução do literato, jornalista e poeta calabrês Giuseppe Zuppone-Strani), traduzida quando o autor era ainda vivo, são efetuadas a partir de 1913, ou seja, 13 anos apenas após a sua morte³⁶" (Russo 2007, p. 128). Esta primeira tradução teve quatro edições - a última das quais em 1944 - e é a única que possui o "Prólogo de Teodorico Raposo", narrador e protagonista da história. É preciso avançar então até 1955 para ler uma segunda tradução parcial d'*A Relíquia*, aquela de P. A. Jannini³⁷. Trata-se, na verdade, da tradução de um pequeno fragmento do romance queirosiano, que, quando comparada com as restantes traduções, se afigura irrelevante, não pela qualidade mas pela extensão. Serão precisos mais trinta e três anos para que *A Relíquia* volte a ser traduzida em língua italiana

³⁶ No original: "le traduzioni queirosiane, se si escluse la lettera del 1895 (*Luigi de Camoens / Poemetto con una Lettera di Eça de Queiroz*, Tip. Dell'Istituto Sordomuti, Genova 1895, traduzione del letterato, giornalista e poeta calabro Giuseppe Zuppone-Strani), tradotta quando l'autore era ancora in vita, vengono effettuate a partire dal 1913, ossia solo 13 anni dopo la sua morte." (Russo, 2007: 128).

³⁷ Eça de Queirós, *La reliquia*, (a cura di P. A. Jannini) in *Pagine della Letteratura Portoghese*, Nuova Accademia Editrice, Milano 1955, pp. 285-289.

pela mão de Amina di Munno³⁸. Sob o ponto de vista editorial, é de notar antes de mais que esta tradução tem algumas particularidades relativamente às anteriores. Cinjo-me, por enquanto, àquelas mais evidentes. Faz parte de uma coletânea intitulada “Classici del Ridere”; foi, ao contrário das demais, elaborada por uma falante de língua materna portuguesa; foi publicada num volume apenas; e é a mais recente que o leitor tem à sua disposição, não obstante um quarto de século de existência. À semelhança da de Paolo Silenziario, contém uma nota introdutória redigida pela própria tradutora, mas por outro lado é elítica no que diz respeito ao ‘Prólogo de Teodorico Raposo’, provavelmente por questões ou escolhas editoriais. Não existe qualquer texto da personagem protagonista que explique o porquê de “...compor, nos vagares deste Verão, na minha quinta do mosteiro (antigo solar dos condes de Lindoso), as memórias da minha vida” (Queiroz 1980, V), omissão indesculpável sobretudo se o destinatário do texto, o leitor, estiver interessado na mudança material e moral desta personagem. Todavia, a famosa epígrafe queirosiana de *A Reliquia* (“Sobre a nudez forte da verdade – o manto diáfano da fantasia”), que dá o mote à leitura, foi traduzida quer por Amina di Munno (“Sulla nudità intensa del reale, il manto diáfano della fantasia”), quer por Paolo Silenziario (“Sopra la nudezza forte della Verità – il velo diáfano della Fantasia”).

De facto, comecei este artigo com a palavra ‘omissão’, referindo-me então à estilística do escritor poveiro, em concreto, aos neologismos presentes no original, mas ausentes nas traduções italianas do mesmo. A título de exemplo, veja-se a irónica descrição do douto Topsisius – companheiro de viagem de Raposo à Terra Santa – aquando da visita a Jericó:

“Cedo, ao outro domingo, o incansável Topsisius partiu, bem *enlapisado* e bem *enguarda-solado*³⁹, a estudar as ruínas de Jericó, essa velha cidade das palmeiras que Herodes cobrira de termas, de templos, de jardins, de estátuas, e onde passaram os seus tortuosos amores com Cleópatra...” (Queiroz 1980, p. 120)

E “A respeito do neologismo queiroziano há que dizer que sempre se mantém dentro da genética e da fisiologia potencial do idioma”, [sendo] “inovações morfológicas (...) [que] tendem a suscitar efeitos cómicos ou de expressivo pitoresco, que revitalizam formas já gastas de dizer; outras servem para veicular matizes de percepção difíceis de traduzir nos termos existentes.” (Guerra da Cal 1981, p.

³⁸ Eça de Queirós, *La reliquia*, (a cura di Amina di Munno), Classici del Ridere., Lucarini Editore, Roma 1988.

³⁹ Marcação em itálico e negrito minha.

110). A nível da formação morfológica, Guerra da Cal afirma que o “O neologismo morfológico de Eça manifesta-se em todas as categorias gramaticais que convencionamos chamar palavras-ideias” (Guerra da Cal 1981, p. 111), podendo a sua formação assentar fundamentalmente em dois processos: na “transposição de um conceito comumente empregue numa dessas categorias gramaticais para outra, cujo uso relativamente a esse conceito não está sancionado pelos hábitos do idioma”, ou “na aplicação de certos prefixos e sufixos a vocábulos que pelo seu próprio sentido não os toleram, em busca de um efeito de contraste, pela associação mental com palavras de significação muito diversa às que correntemente esses prefixos se ligam.” (Guerra da Cal 1981, p. 111).

Os neologismos evidenciados no excerto acima transcrito seguem o segundo processo de formação identificado por Ernesto Guerra da Cal. A palavra “enlapisado”, adjetivo formado por derivação a partir do substantivo ‘lápiz’, transmite a ideia de um Tópsius inutilmente apetrechado com lápis, de um intelectual carregado com uma parafernália de material de estudo; por sua vez, “enguarda-solado”, adjetivo formado por idêntico processo, tendo por base a palavra composta ‘guarda-sol’, demonstra a exagerada preocupação de Tópsius em se proteger do sol, a fragilidade de um germânico de tez clara que se fazia acompanhar sempre de um guarda-sol, como documenta Teodorico Raposo: “Quando me voltei, Tópsius, à sombra do seu guarda-sol, conversava com o homem prestante que foi nosso guia através das terras da Escritura” (Queirós 1980, p. 90). A ironia na descrição humorística e pitoresca desta personagem secundária é enfatizada pelo advérbio ‘bem’, que precede os adjetivos.

Ora, quer na tradução de Amina di Munno, quer na de Paolo Silenziario, a descrição caricatural de Tópsius é pouco acentuada, plana, pois a dupla adjetivação ou adjetivação binária da frase original é dissolvida, dando lugar a uma frase carregada de substantivos, perifrástica, quando a intenção de Eça na criação de neologismos seria precisamente a contrária, “a redução de perifrases, que de outro modo seriam inevitáveis” (Guerra da Cal 1981, p. 111):

“Il giorno seguente, domenica, l’infaticabile Tópsius partì presto, *munito di matite e di parasole* per andare a studiare le rovine di Gerico, la vecchia città delle Palme che Erode aveva riempito di terme, di templi, di giardini, di statue, e dove s’erano svolti i suoi tortuosi amori con Cleopatra...” (Queirós 1913, Vol. I, p. 128)

“L’indomani, domenica, di prima mattina, l’infaticabile Tópsius partì, *con il suo parasole e una scorta di matite*, per andare a studiare le rovine di Gerico, quella vecchia città ricca di palme che Erode aveva fatto riempire di terme, di templi, di giardini, di

statue, e dove visse i suoi travagliati amori con Cleopatra.”
(Queirós 1988, p. 93)

Relativamente ao texto original, poderia talvez falar-se numa menor quantidade de resíduo verbal na tradução de *Silenzioso*, na qual “munito” dá ideia de uma certa militarização e rigidez inerentes à personagem. Todavia, perde-se em ambas as traduções o tom judicativo e cómico adotado pelo narrador da história e, como tal, o leitor de língua italiana não desfruta de uma das características essenciais da estilística queirosiana, a ironia. Sob esta perspetiva, o confronto temático⁴⁰ que Teodorico Raposo e Topsisius veiculam poderá não ser inteiramente percecionado: portugalidade versus germanicidade, decadência versus progresso. Destarte, não se tem o total acesso, nas palavras de Carlos Reis, à “ironia como visão do mundo, ela funciona como elemento representacional estruturante que tempera a agressividade do realismo (v.) crítico e instaura o cenário de uma dualidade.” (Reis 2009, p. 215).

2. EM CAUSA UMA “ESTÉTICA DA IRONIA”

Efetivamente, em *A Relíquia*, a função representacional da realidade atribuída à ironia é por demais expressiva, sobretudo quando estão em causa descrições das diferentes personagens. A recorrência à adjetivação é então, como vimos, o artifício estilístico queirosiano usado. Veja-se, por exemplo, como nos é descrita a avó paterna de Teodorico, Filomena Raposo, pelo próprio:

“Meu avô foi o padre *Rufino da Conceição*, licenciado em Teologia, autor de uma devota Vida de Santa Filomena, e prior da Amendoeirinha. Meu pai, afillhado de Nossa Senhora da Assunção, chamava-se Rufino da Assunção Raposo – e vivia em Évora com minha avó, Filomena Raposo, por alcunha a “*Repolhuda*”, doceira na Rua do Lagar dos Dízimos. O papá

⁴⁰ Além do confronto temático protagonizado por estas duas personagens, Topsisius e Teodorico colocam também em evidência, nas palavras de Maria Helena Santana, diferentes realidades temporais da história: “Ao longo da narração, passado e presente implicam-se formal e semanticamente, num processo de múltiplos efeitos humorísticos. Desde logo a coexistência de personagens de épocas diferentes dá lugar ao jogo irónico, hoje vulgarizado, do anacronismo. Teodorico e Topsisius, seu companheiro de jornada, vivem literalmente em dois tempos – o tempo de Cristo e o da sua existência “real”; as constantes alusões a episódios vividos pelo narrador introduzem contrastes violentos numa peregrinação já por si burlesca e profanatória: no cenário histórico da Paixão, Teodorico fuma o controverso cigarro do cepticismo moderno e Topsisius comenta os factos com a erudição dum sábio oitocentista.” (Maria Helena Santana, “Topsisius, Teodorico e Fradique: os usos modernos da religião”, ‘Colóquios Internacionais de Tormes’ *Os Estudos Queirosianos – Desafios Actuais*, Fundação Eça de Queirós, Tormes, 3-5 de Dezembro de 2009).

tinha um emprego no correio, e escrevia *por gosto* no Farol do Alentejo. Em 1853, um eclesiástico lustre, *D. Gaspar de Lorena*, bispo de Corazim (que é em Galileia), veio passar o São João a Évora, a casa do Cónego Pita, onde o papá muitas vezes à noite costumava ir tocar *violão*⁴¹.” (Queiroz 1980, p. 1)

“Repolhuda”, adjetivo que sugere as formas redondas de Filomena Raposo e se insere numa linguagem pitoresca, foi cunhado nas traduções de *A Relíquia* em diversas formas. Por exemplo, Aubrey F. G. Bell, autor da primeira tradução inglesa do romance publicada nos Estados Unidos e que foi recentemente reeditada e prefaciada por Harold Bloom, opta por deixar em maiúsculas o étimo português – “Filomena Raposo, nicknamed the Repolhuda, a confectioner in the street of the Lagar dos Dizimos” (Queirós 2012, p. 5) – enquanto Margaret Jull Costa, autora da última tradução inglesa de *A Relíquia* publicada no Reino Unido, prefere traduzir “a Repolhuda” por um sugestivo “the Dumpling”⁴² (bolinho de massa cozido). E se desde as primeiras edições castelhanas do romance⁴³ “repolhuda” foi traduzida pela correspondente “repolluda”, o adjetivo parece ter fortunas diferentes nas traduções de Amina di Munno, que à semelhança de Aubrey F. G. Bell deixa em itálico o étimo português, e de Paolo Silenziario, que simplesmente a omite. Senão veja-se:

“Mio nonno fu *il padre Rufino della Concezione*, dottore in teologia, autore di una devota vita di Santa Filomena, e priore di Amendoeirinha. Mio padre, affigliato della Madonna dell'Assunzione, si chiamava Rufino Raposo, e viveva in Evora con *mia nonna, Filomena Raposo*. Aveva un impiego, e scriveva *per suo gusto* nel Faro dell'Alentejo. Nel 1853 un ecclesiastico illustre, *D. Gaspare di Lorena*, vescovo di Chorazin in Galilea, venne a passare la festa di S. Giovanni ad Evora, in casa del canonico Pitta, dove mio padre molte volte andava la sera a sonare il *violino*. (Queiroz 1913, p. 25)

“Mio nonno era *padre Rufino da Conceição*, laureato in teologia, autore di una pia Vita di santa Filomena e priore di Amendoeirinha. Mio padre, figlioccio di Nostra Signora dell'Assunzione, si chiamava Rufino da Assunção Raposo e

⁴¹ Marcação em itálico e negrito minha.

⁴² No original: “Filomena Raposo, nicknamed ‘the Dumpling’, a confectioner who lived in Rua do Lagar dos Dizimos.” Eça de Queiroz, *The Relic*, (translated by Margaret Jull Costa), Dedalus Ltd., United Kingdom, 1994: 11.

⁴³ Sobre as primeiras traduções queirozianas em solo espanhol consultar o artigo de Eduardo Mayone Dias, “De como Eça foi assassinado em Espanha: as primeiras traduções queirozianas”, *Revista Colóquio/Letras*, n.º 121/122, Jul. 1991, pp. 131-141, e ainda o de Vera Maria Monteiro de Souza Rios, “Traduções da Obra de Eça de Queirós na Espanha”, *Interação*, Revista Científica da Faculdade das Américas, Ano III, número 1, 2009 (disponível em: <http://www.fam2011.com.br/site/revista/pdf/Ed4/art1.pdf>).

abitava a Évora com mia nonna, Filomena Raposo, soprannominata *Repolhuda*, pasticciera in Rua do Lagar dos Dízimos. Mio padre era impiegato all'ufficio postale e *scriveva per hobby* sul Farol do Alentejo.

Nel 1853, un prelado illustre, *Don Gaspar de Lorena*, vescovo di Corazin (che è in Galilea), era venuto a passare il San Giovanni a Évora, in casa del canonico Pita, dove mio padre spesso la sera andava a suonare *la chitarra*." (Queirós 1988, p. 13)

Com efeito, e no que diz respeito ao original e à tradução de Amina di Munno, o texto traduzido por Paolo Silenziario possui variadas lacunas linguísticas. A omissão de "Repolhuda" é apenas uma entre as muitas que os excertos acima transcritos ilustram, e essa revela-se decapante na reprodução de uma estética queirosiana da ironia. Em causa, e tal como já acontecera com a personagem Topsius, está a descrição de uma personagem pitoresca, modelada e baseada numa certa ruralidade. Esta descrição de Filomena Raposo ganha maior relevância aos olhos do leitor, sobretudo quando as primeiras páginas de *A Relíquia* narram a história genealógica da família Raposo, que, e por conseguinte, se apresenta como possível explicação ilibatória do comportamento 'futuro' de Teodorico Raposo. Esta ideia está bem patente na paradoxal e cómica narração que Teodorico faz acerca da morte dos pais, colocando em confronto a religiosidade da família Godinho e o ateísmo da família Raposo:

"Eu nasci numa tarde de Sexta-Feira de Paixão; e a mamã morreu, ao estalarem, na manhã alegre, os foguetes da Aleluia. (...)

Depois, numa noite de Entrudo, o papá morreu de repente, com uma apoplexia, ao descer a escadaria de pedra da nossa casa, mascarado de urso, para ir ao baile das senhoras Macedos." (Queiroz 1980, p. 3)

Filomena Raposo é parte integrante desta explicação e, se no texto de Amina di Munno o leitor fica a saber quem é esta personagem, na tradução de Silenziario a referência a essa limita-se ao nome.

Porém, nem só de omissões é feita a tradução de Paolo Silenziario. Há, como havia dito, lacunas linguísticas que os excertos evidenciam, por si só, bem exemplificadores do trabalho tradutológico levado a cabo por ambos os tradutores de língua italiana. E não me refiro, por exemplo, à opção de Amina di Munno em deixar em português os nomes próprios ou à de Paolo Silenziario os traduzir – "Rufino della Concezione", "D. Gaspare di Lorena" –, o que denuncia de certa forma o 'envelhecimento' da própria tradução, na medida em que

era ainda prática comum no início do século passado a italianização de nomes estrangeiros nas traduções. Estou a referir-me aos inúmeros decalques sintáticos e lexicais que Paolo Silenziario faz da Língua Portuguesa, constantes em todo o texto. “Mio nonno fu il padre Rufino della Concezione” (Queiroz 1913, p. 25) é paradigmático de um decalque sintático, pela construção frásica semelhante ao original português, evidenciada mormente pela colocação do artigo definido antes do substantivo⁴⁴. Em “...scriveva per suo gusto nel Faro dell’Alemtejo” (Queiroz 1913, p. 25), ‘gusto’ é um decalque lexical de “gosto”, como se Paolo Silenziario tivesse vertido ou tivesse transvasado diretamente do português. Nem mesmo Amina di Munno consegue evitar decalques lexicais como “il San Giovanni” – mais natural a solução encontrada por Silenziario, “la festa di S. Giovanni” – nem de utilizar certos anacronismos linguísticos. Se ‘gusto’ é decalque de ‘gosto’, então ‘hobby’ (anglicismo) revela-se anacrónico, sobretudo se tivermos em conta que estamos na presença de um texto e linguagem oitocentistas. “... scriveva per diletto” poderia constituir uma alternativa válida na tradução de “...escrevia por gosto”. Uma vez mais, o que está em causa é a descrição irónica de uma personagem, Rufino da Assunção Raposo, no contexto de um dos romances queirosianos mais irónicos de sempre e que Mário Sacramento não hesita de incluir no, por si apelidado, “ciclo da ironia” e numa fase madura de Eça em que já tinha cessado no escritor “todo o movimento de evolução psico-estética” (Sacramento 1945, p. 227). Mário Sacramento sublinha que é esta a fase em que Eça coloca em prática, e na primeira pessoa, o máximo esplendor de uma estética da ironia:

“A Ironia, que se furtara, noutros tempos, ao serviço da Política (Farpas) e da Moral (Primo Basílio), vai confirmar o seu carácter de independência não servindo definitivamente ninguém – e servindo-se de todos e de tudo.

Três dos livros desta fase – *O Mandarim*, *A Relíquia*, *A Cidade e as Serras* (poderíamos incluir a introdução à Correspondência de Fradique Mendes) – são escritos na primeira pessoa.” (Sacramento 1945, p. 230)

Neste âmbito, a linguagem sugestiva de Eça, potenciada pelos diferentes usos do adjetivo, “uma das pedras mestras do estilo queiroziano” (Guerra da Cal 1981, p. 111), e o recurso a elementos de construção narrativa, fazem da prosa de Eça um manual de retórica e

⁴⁴ A respeito da função e do emprego do artigo definido em português Celso Cunha e Lindley Cintra especificam: “Na língua dos nossos dias, o artigo é, em geral, um mero designativo. Anteposto a um substantivo comum, serve para determiná-lo, ou seja, para apresentá-lo isolado dos outros indivíduos ou objetos da espécie.” (Cunha, Celso et Lindley 1989, p. 214).

estética da ironia de consulta obrigatória, da qual *A Relíquia* é um exemplo extremo:

“Eça propõe-se, como é propósito à ironia, sugerir – e deixar-se-á elevar, nesse propósito, ao extremismo do sonho da Relíquia. Este sonho é, afinal, o centro de gravidade da obra, pela grotesca antinomia que estabelece com o restante corpo do livro.” (Sacramento 1945, p. 230)

Manter essa linguagem sugestiva queirosiana é tarefa extremamente difícil por parte de qualquer tradutor, pois Eça é um autor de excessiva complexidade e riqueza linguística na sua originalidade. A dificuldade tornar-se-á acrescida se a língua para a qual se traduzir o texto for a italiana, sensível do ponto de vista fonético-fonológico⁴⁵, pese embora o facto de ser igualmente uma língua românica. Por exemplo, traduzir ‘enlapisado’ e ‘enguarda-solado’ respetivamente por ‘inmatitato’ e ‘imparasolato’ causaria nos ouvidos do leitor italiano uma certa cacofonia, para não falar nas implicações morfológicas que esses neologismos poderiam levantar. Portanto, e nas palavras de Eco, ocorre durante o processo tradutivo uma negociação – posterior à leitura e interpretação do texto de partida – que o próprio tradutor tem de desempenhar entre a cultura e a língua do prototexto e as do metatexto, de modo a atingir uma determinada fidelidade em todo o sistema comunicativo:

“Traduzir significa sempre ‘limar’ algumas das conseqüências que o termo original implicava. Neste sentido, ao traduzir, nunca se diz a mesma coisa. A interpretação que antecede todas as traduções tem de estabelecer quantas e quais das possíveis conseqüências ilativas que o termo sugere poderão ser limadas. Sem nunca se ter completamente a certeza de não ter perdido um reflexo ultravioleta, ou uma ilusão infravermelha⁴⁶” (Eco 2005, p. 95)

Sob uma perspetiva geral, essa negociação teorizada por Eco obteve melhores resultados na tradução d’*A Relíquia* de Amina di Munno do que na de Silenziario. Nestas traduções foram inevitáveis

⁴⁵ Consulte-se a este propósito, e ainda sobre a problemática da ‘criatividade na tradução’ relativa à dificuldade em se traduzir alguns jogos de palavras possíveis entre o português e o italiano, o ilustrativo artigo de José Colaço Barreiros “*Para traduzir, não basta...*” (*Gianni Rodari e a Gramática da Fantasia, Babilónia* (n.º 4), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2006, pp. 151: 163.

⁴⁶ “Tradurre significa sempre ‘limare via’ alcune delle conseguenze che il termine originale implicava. In questo senso, traducendo, *non si dice mai la stessa cosa*. L’interpretazione che precede ogni traduzione deve stabilire quante e qual delle possibili conseguenze illative che il termine suggerisce possano essere limate via. Senza mai essere del tutto certi di non aver perduto un riverbero ultravioletto, un’allusione infrarossa.” (Eco 2010, pp. 93-94)

alguns resíduos verbais, frutos dessa mesma negociação; teriam sido evitáveis, porém, algumas omissões e decalques que colocam em causa não só a interpretação do romance, mas também o deleite de toda uma estética queirosiana. Porque Topsisus e Filomena Raposo são muito mais do que meros companheiros de viagem e colegas de trama de Teodorico Raposo.

BIBLIOGRAFIA

- Aiken, Alison (1998). Eça in English Translation: some treasures and some travesties. *Portuguese Studies*. 14, pp. 92-103
- Barreiros, José Colaço (2006). Para traduzir, não basta... (Gianni Rodari e a Gramática da Fantasia). *Babilónia*. n.º 4, 151-163. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Cunha, Celso. Cintra, Lindley (1989), Nova Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa: Edições João Sá da Costa. pp. 207-245.
- De Marchis, Giorgio 2011, La cugina – um romance diabólico de Eça de Queirós, Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração. n.º 18/19/20. 29-39.
- Dias, Eduardo Mayone (1991, Jul). De como Eça foi assassinado em Espanha: as primeiras traduções queirosianas. *Revista Colóquio/Letras*. n.º 121/122. 131-141.
- Eco, Umberto (2005). Dizer quase a mesma coisa. Algés: Difel, Algés.
- Eco, Umberto (2010). Dire quasi la stessa cosa. Milano: Bompiani.
- Guerra da Cal, Ernesto (1981). Língua e estilo de Eça de Queiroz : elementos básicos. (4ª ed.) Coimbra: Almedina..
- Luzes, Pedro (2000), A Relíquia: do Realismo/Naturalismo a uma estética da imperfeição". Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz, Lisboa: Caminho, Lisboa, 561-573.
- Matos, A. Campos 1988, Dicionário de Eça de Queiroz. Lisboa: Editorial Caminho.
- Munno, Amina di (Dez. 94/Julho de 1995). A fortuna de Eça de Queirós em Itália no decorrer de um século. Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração. Número 7/8, 23-29.
- Queirós, José Maria Eça de (1955). La reliquia, (a cura di P. A. Jannini) in *Pagine della Letteratura Portoghese*, Milano: Nuova Accademia Editrice, Milano. 285-289.
- Queirós, José Maria Eça de (1988), La reliquia (a cura di Amina di Munno). *Classici del Ridere*. Roma: Lucarini Editore.
- Queirós, José Maria Eça de (2012), The Relic: A Novel. (translated by Aubrey F. G. Bell). University of Massachusetts-Dartmouth: Tagus Press.
- Queiroz, Eça de (1980). A Relíquia. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Queiroz, Eça de 1913, La reliquia. (prima traduzione italiana di Paolo Silenziario; con una notizia di Luigi Siciliani). Lanciano: Editore Rocco Carabba. 2 voll., I: 150 pp., II: 144 pp.
- Queiroz, Eça de (1994), The Relic. (translated by Margaret Jull Costa), United Kingdom: Dedalus Ltd.
- Reis, Carlos (2009). Eça de Queirós. Lisboa: Edições 70.
- Ríos, Vera Maria Monteiro de Souza (2009, Ano III). Traduções da Obra de Eça de Queirós na Espanha, Interação, Revista Científica da Faculdade das Américas, número 1, (disponível em: <http://www.fam2011.com.br/site/revista/pdf/Ed4/art1.pdf>) .
- Rio-Torto, Graça (1998). Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral", Morfologia derivacional: teoria e aplicação no português, Porto: Porto Editora. 109-132.

- Russo, Mariagrazia (2007). Note traduttologiche queirosiane. Tra Centro e Periferia, In-torno alla lingua portoghese: problemi di diffusione e traduzione, Viterbo: Sette Città. 127-145.
- Sacramento, Mário 1945, Eça de Queirós: uma estética da ironia, Coimbra Editora, Lta., Coimbra.
- Santana, Maria Helena (2009, 3-5 de Dezembro). Topsius, Teodorico e Fradique: os usos modernos da religião. Colóquios Internacionais de Tormes: Os Estudos Queirosianos – Desafios Actuais. Tormes: Fundação Eça de Queirós.

COMPETÊNCIA PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA - AUTOPERCEÇÃO DOS PROFESSORES DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO DO CONCELHO DE VISEU

PROFESSIONAL COMPETENCE IN PHYSICAL EDUCATION. THE SELF-PERCEPTION OF ELEMENTARY AND SECONDARY LEVEL TEACHERS FROM THE DISTRICT OF VISEU

COMPETENCIA PROFESIONAL EN EDUCACIÓN FÍSICA AUTO PERCEPCIÓN DE LOS PROFESORES DE LA ENSEÑANZA BÁSICA Y SECUNDARIA DE LA PROVINCIA DE VISEU.

Cláudio Queiroga (claudio.queiroga@gmail.com)*

Carlos Manuel Francisco (cmfrancisco@sapo.pt)**

RESUMO:

O presente estudo tem como objetivo identificar a autoperceção das competências profissionais dos professores de Educação Física do concelho de Viseu. Concebemos o nosso estudo baseado na investigação quantitativa, em que utilizamos um plano não experimental descritivo por inquérito. Após o levantamento do número total de professores que lecionam nas escolas deste concelho, foi aplicado um questionário de Nascimento (1999) e Feitosa (2002), adaptado para Portugal por Batista (2008), denominado “Escala de Autoperceção de Competência Profissional em Educação Física e Desportos”, a partir da qual foi constituída a nossa amostra de 69 professores. Para analisarmos os resultados, utilizámos técnicas de estatística descritiva, médias, frequências e desvios padrão, e a técnica de estatística comparativa T-Teste. Os resultados indicam que existe diferenças estatisticamente significativas entre as habilitações académicas dos professores de Educação Física e a autoperceção de competência profissional, nas dimensões conhecimentos, habilidades e atitudes. Por sua vez, os resultados apontam no sentido da existência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de docência 260/620 e a autoperceção de competência profissional, na dimensão conhecimentos.

Palavras-Chave: Autoperceção; Competência Profissional e Professores de Educação Física

ABSTRACT:

The goal of the present study is to identify the self-perception of Physical Education teachers from the district of Viseu regarding professional competences. Our study is based on quantitative methods of research, in which we employed a non-experimental descriptive plan, with the use of inquiry. We established the total number of existing teachers in all the school of the district, and they were asked to answer a questionnaire by (Nascimento, 1999; Feitosa 2002), adapted to Portugal by (Batista, 2008), titled "Professional Competence Self-perception Scale for Physical Education and Sports", after which we built a sample comprising 69 teachers. To analyze results, we employed descriptive statistics methods, means, frequencies and standard deviation, and comparative statistics, T-Test. The results indicate that there are statistically significant differences between academic abilities of Physical Education teachers and professional competence self-perception in the dimensions of knowledge, skills and attitudes. The data also suggest the existence of statistically significant differences between teaching group (260/620) and professional competence self-perception in the dimension of knowledge.

Key-words: Self-perception, Professional Competence, Physical Education teachers.

RESUMEN:

El presente estudio tiene como objetivo identificar la autopercepción de las competencias profesionales de los profesores de educación física de la provincia de Viseu. Basamos nuestro estudio en la investigación cuantitativa, en que utilizamos un plano no experimental descriptivo a través de cuestionario. Después del levantamiento del número total de profesores que leccionan en las escuelas de esta provincia se aplicó un cuestionario de (Nascimento, 1999; Feitosa 2002), adaptado para Portugal por (Batista, 2008), denominado "Escala de Autoperceção de Competência Profissional em Educação Física e Desportos" a partir del cual se constituyó nuestra muestra de 69 profesores.

Para analizar los resultados utilizamos técnicas de estadística descriptiva, medias, frecuencias y desvíos padrón así como, la técnica de estadística comparativa T-Test. Los resultados indican que existen diferencias estadísticamente significativas entre las cualificaciones académicas de los profesores de Educación Física y la autopercepción de competencia profesional, en las dimensiones conocimientos, habilidades y actitudes. A su vez, los resultados apuntan en el sentido de la existencia de diferencias estadísticamente significativas entre los grupos de docencia (260/620) y la autopercepción de competencia profesional, en la dimensión conocimientos.

Palabras-Llave : Autopercepción; Competencia Profesional Y Profesores de Educación Física.

*Luiz Cláudio Almeida Queiroga Mestrado em Supervisão Pedagógica. Orientador de estágios da Licenciatura em Motricidade Humana do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares.** Carlos Manuel Francisco Doutor em Ciências da Educação, Mestre supervisão pedagógica em educação física escolar, Prof. Adjunto convidado na escola Superior de Educação Comunicação e Desporto do Instituto Politecnico da Guarda .

Submitted: 29th January 2013

Accepted: 23th July 2013

INTRODUÇÃO

Para a profissão professor, a formação inicial surge como uma necessidade primordial, já que é através dela que o futuro profissional adquire um conjunto de conhecimentos e competências que se julgam indispensáveis ao desempenho da sua atividade profissional. É também consensual a ideia de que as competências adquiridas na formação inicial de professores acabam por ser insuficientes e, como sublinha Sacristán (1995) a componente prática constante na formação inicial de professores é muito limitada, não respondendo às verdadeiras necessidades dos futuros docentes. As mudanças ocorridas nos últimos anos na sociedade provocaram alterações significativas no contexto escolar que obrigam os professores a refletirem as suas atuações nos quadros normativos organizacionais, enquanto docentes.

Exige-se hoje, acima de tudo, um profissional competente, que possua conhecimentos abrangentes da área científica e do contexto no qual atua. Desta forma, torna-se evidente a necessidade de reconstruir e atualizar a perspetiva que os professores têm sobre as competências profissionais de forma a serem capazes de responder aos novos desafios. Segundo Le Boterf (2005), possuir um diploma profissional não é sinónimo de conseguir agir com competência nos contextos de trabalho, é necessário, também, conseguir mobilizar os saberes. Deste ponto de vista, o professor tem que ser capaz de articular os conhecimentos teóricos e a prática profissional, utilizando, como mais-valia, as suas experiências profissionais e pessoais. Ao professor, é exigido um vasto repertório de competências, que vão desde a implementação do ensino em sala de aula, passando pelas abordagens que estão sujeitos através das tarefas burocráticas e administrativas com que são sobrecarregados. Para Perrenoud (2001), o professor não é um conjunto de competências, tem que ser equacionado como um profissional em constante evolução. Os processos de profissionalização, e principalmente o da profissionalidade, devem ser orientados no sentido da procura de soluções que possibilitem ao docente, no seu local de trabalho, conseguir dar resposta, de forma competente, às exigências solicitadas, elevando o nível da qualidade de ensino e conseqüentemente da aprendizagem dos alunos. Estas ideologias direcionam-nos para a capacidade dos profissionais, através de um perfil reflexivo, identificar problemas perante uma Auto consciencialização comportamental, mais especificamente profissional, dos seus verdadeiros construtos de competência profissional. Segundo Novick, Cauce e Grove (1996, citados por Batista, Matos & Graça, 2011, p. 119), a “autoperceção da competência profissional é a forma como o professor interpreta a sua capacidade de desempenho”. Numa

disciplina e, como refere Carreiro da Costa, Carvalho, Onofre, Diniz e Pestana (1996), em que o ensino se caracteriza pela sua complexidade e incerteza constante, exigindo por parte do professor capacidade de resolução de problemas, de refletir sobre os seus fins, os objetivos e o resultado do seu trabalho, a autoperceção do domínio dos conhecimentos, habilidades e atitudes é deveras importante, sendo mesmo crucial para que o processo de ensino aprendizagem seja coroado pelo êxito pedagógico. Por outro lado, a própria heterogeneidade da formação inicial de professores em Portugal, pode acarretar algumas nuances nas competências profissionais dos docentes, com impactos na prática letiva.

Estudos centrados na competência do professor revelam um conjunto de dimensões que retratam o perfil do profissional e conseqüentemente, as suas competências. Atualmente, o sistema educativo exige um profissional qualificado, que possua conhecimentos abrangentes da área e do contexto no qual atua. Desta forma, torna-se evidente a necessidade de reconstruir e atualizar a perspectiva que os professores têm sobre as competências profissionais de forma a serem capazes de responder aos novos desafios. Segundo Perrenoud (1999), um professor possuir conhecimentos ou capacidades não significa ser competente. Pode-se conhecer técnicas ou regras, contudo o docente pode não saber aplicá-las no momento oportuno. Deste ponto de vista, o professor tem que ser capaz de articular os conhecimentos teóricos e a prática profissional, utilizando, como acréscimo, as suas experiências profissionais e pessoais. O professor atua como um profissional competente e que deve desempenhar as suas práticas de forma a atender as reais necessidades dos alunos.

Neste âmbito, a autoperceção de competência profissional em Educação Física emerge como a necessidade de aprofundar o estudo sobre o papel exercido pela componente emocional no trabalho profissional nessa área. Dessa forma, Nascimento (1999, citado por Batista, Matos & Graça, 2011) reconhece inicialmente que o sucesso profissional depende tanto da utilização adequada de conhecimentos e procedimentos quanto do sentimento de domínio manifestado em relação aos conhecimentos e habilidades inerentes ao desempenho profissional da área.

Assim, perspectivamos o nosso problema a partir do levantamento da autoperceção da competência profissional, em que a população da investigação serão os professores de Educação Física do 2º/3º ciclos e secundário do concelho de Viseu. Na formulação do problema tivemos também em conta a praticabilidade da recolha de dados, verificando da possibilidade concreta do problema ser “testado através de métodos empíricos” (Tuckman, 2000, p. 37). Sendo assim,

e visto este estudo ser de natureza quantitativa, vamos formular o nosso problema em forma de pergunta (Coutinho, 2011) e que passamos a referir:

Qual é a autoperceção das competências profissionais dos professores de Educação Física do 2º/3º ciclos e secundário do concelho de Viseu?

COMPETÊNCIA PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Os perfis de competências do professor exigidos para o desempenho de funções docente estão consagrados no Decreto-Lei nº 240/2001, que define claramente que estas devem estar alicerçadas nas dimensões profissional, social e ética, de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, de participação na escola e de relação com a comunidade e de desenvolvimento profissional ao longo da vida. Neste âmbito, as competências fundamentais e necessárias para o exercício da profissão docente, estão agrupadas em quatro áreas, procurando desta forma que a formação inicial oriente o futuro professor para um perfil profissional desejado, capacitando-o para um trabalho eficaz com os alunos na intervenção educativa, e um bom relacionamento com os colegas em atividades colaborativas, que proporcione o conhecimento do sistema educativo e de formas de intervenção pedagógica adequadas, promovendo o domínio dos conteúdos e matérias de ensino, mais propriamente as didática específicas e que desenvolva nos futuros professores a capacidade de reflexão sobre valores, contextos e práticas educativas, perspetivando o professor prático reflexivo.

Um professor competente e eficaz é aquele que consegue de forma adequada, dominar e aplicar as suas competências em determinado momento do processo de aprendizagem (Francisco, 2006), a fim de responder às solicitações e nuances interativas que decore no seu âmbito profissional, independentemente da instituição de formação. Neste sentido, Hadji (2010) define dois tipos de competência, a didática e a pedagógica. A competência didática engloba, a estruturação e gestão dos conteúdos de ensino e a competência pedagógica, e compreende a gestão dos acontecimentos na sala de aula. Santaella (1998) pormenoriza ainda mais os aspetos e características da competência pedagógica, sendo que para a autora, esta desenvolve-se sobretudo através de uma conduta operativa assente no paradigma da indagação, encontrando-se o professor recetível às mudanças. Por outro lado, deve conjugar o

desenvolvimento do conhecimento da matéria, conhecimento didático do conteúdo, associado ao conhecimento do contexto educacional, mais propriamente a escola, orientar-se no sentido de desenvolver estratégias de resolução de problemas dentro do modelo orientado para a indagação e investigação. O desenvolvimento da competência pedagógica deve permitir considerar o professor como indagador e investigador no que concerne a prática pedagógica, bem como desenvolver uma compreensão situacional como elemento fundamental para o desenvolvimento profissional do professor. Nesta índole e, face ao conceito de “ser um bom professor”, Costa e Nascimento (2009), realizaram um estudo com o objetivo de analisar a percepção dos professores de Educação Física do estado de Maringá, Brasil, e os resultados dessa investigação aludiram que as características que os docentes apontam para serem considerados de “um bom professor” são: a investigação da própria prática pedagógica, estar aberto às mudanças, trocar experiências com os pares, planejar adequadamente, entre outras.

A competência profissional em Educação Física é definida como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes para uma adequada e coerente atuação profissional (Nascimento, 2008), segundo o qual, o nível de competência é influenciado pelo comportamento profissional do professor. No que concerne à disciplina de Educação Física os docentes têm que possuir um referencial de competência específico, sendo que Obrador e Nogueira (2009) abordam esta temática, referindo quais são as competências profissionais do professor de Educação Física. Estes autores sugerem 20 categorias de competências, associando-as ao conceito de um bom professor, contudo iremos mencionar apenas as seguintes: motiva os alunos; conduz e lidera os alunos de forma atenta; planifica de forma reflexiva; avalia com base em critérios; consegue que os seus alunos aprendam e melhorem; utiliza um variado repertório de recursos; cria um bom clima de aula; transmite conhecimento teórico; investiga sobre a sua ação; focaliza a educação em valores e implicado na orgânica da escola. No campo das habilidades de ensino, Carreiro da Costa et al. (1996), mencionam que estas não se desenvolvem espontaneamente, e que a investigação sobre a eficácia pedagógica permitiu verificar que os professores mais eficazes possuem um repertório muito variado de habilidades de ensino. Por outro lado, Brophy e Everson (1976; Carreiro da Costa 1988, citados por Carreiro da Costa et al., 1996) sublinham que o sucesso pedagógico em Educação Física exige do professor a capacidade de articular habilidades de diagnóstico, de instrução, de gestão e de remediação, adaptando a sua ação em função das necessidades situacionais e dos alunos, almejando desta forma os

objetivos e os fins da disciplina. Num estudo realizado por Batista (2008), dirigido a professores de Educação Física, treinadores e a professores/instrutores de fitness, em que tinha como objetivo examinar os níveis de autoperceção da competência em profissionais do desporto, os professores de Educação Física foram aqueles que se perceberam mais competentes na dimensão habilidades.

Os professores em geral e os de Educação Física em específico, não se encontram todos no mesmo patamar de domínio das competências, o que origina variações ao nível de desempenho docente, repercutindo-se na qualidade do ensino. Um professor competente procura ao longo do seu trajeto profissional aprimorar o seu conhecimento e dominar as várias áreas de intervenção na organização escolar. Siedentop e Elbar (1989, citados por Rebelo, 2009), ao analisarem alguns estudos sobre competência, concluíram que: a competência está ligada ao contexto e à matéria; os professores competentes não conseguem explicar a sua competência, mas sim fazê-la emergir no seu local de trabalho; a experiência é uma das condições da competência, mas está associada a outros fatores; todos os professores podem ser eficazes no processo ensino aprendizagem, as habilidades, que o capacitem para a aplicação, o desenvolvimento de propostas pedagógicas, podem ser melhoradas através do exercício e reflexão sobre a própria prática.

METODOLOGIA

Para a implementação do estudo optámos por utilizar o plano de investigação não experimental, apesar de não possibilitar a manipulação da variável independente. Coutinho (2011, p. 231) refere que os planos não experimentais são aqueles “que o investigador recorre quando procura descrever condições existentes num dado contexto, ou então, quando procura averiguar a forma como se relacionam as variáveis do estudo sem pretensão de causalidade”. Dentro desta conceção metodológica, enveredamos, por um lado, pelo plano descritivo, e por outro, pelo inquérito, em que os dados vão ser usados para mencionar as características da população que estamos a estudar e tentar, desta forma, encontrar respostas para o nosso problema: Qual é a autoperceção das competências profissionais dos professores de Educação Física do 2º/3º ciclos e secundário do concelho de Viseu?

Sendo assim, e tendo como plano de estudo esta problemática, os objetivos que pretendemos alcançar prendem-se com: 1- Recolher a opinião dos professores de Educação Física acerca da perceção que têm da sua competência profissional, face as habilitações académicas

que possuem; 2- Verificar se a autopercepção de competência profissional difere relativamente à variável grupo disciplinar;

Perante o exposto, concebemos o nosso estudo baseado na investigação quantitativa⁴⁷, em que utilizamos um plano não experimental descritivo. Tentaremos dentro do possível, esmiuçar ao máximo todas as decisões que tomámos durante o processo, bem como os passos dados, no intuito de realizar com o máximo de precisão um estudo que dê consistência e veracidade aos resultados encontrados.

HIPÓTESES

Estamos perante uma investigação de carácter quantitativa, que pretende explicar o fenómeno que está adjacente ao problema a investigar através do método dedutivo, no âmbito do qual Fortin (2000, p. 102), considera que o investigador elabora suposições teóricas ou hipóteses baseadas em princípios científicos gerais. Para consumir com objetividade a formulação das hipóteses, o investigador tem que, por uma lado, basear-se na teoria pesquisada e identificada como relevante para o estudo, por outro, deve ter em atenção as investigações anteriores sobre o tema, os seus resultados, e também, pode perspetivar a sua própria experiência como uma mais-valia, sendo percebida como uma possível linha interpretativa das realidades existentes. Desta forma, e perante este quadro concetual, partimos para a definição da nossa hipótese de estudo.

Hipótese- Existe diferenças significativas entre as habilitações e o grupo de docência, e a autopercepção de competência profissional dos professores de Educação Física do concelho de Viseu.

AMOSTRA DO ESTUDO

A população deste estudo é constituída pelos professores de Educação Física dos 2º/3º ciclos e secundário, de 11 escolas públicas do concelho de Viseu, constituindo assim, os sujeitos a quem nós pretendemos generalizar os resultados obtidos da investigação. Para a definição da nossa amostra optámos por um método de amostragem não probabilístico, mais propriamente por conveniência, utilizando o grupo já formado de professores de Educação Física das

⁴⁷ A investigação quantitativa, para Lima, Vieira & Oliveira (2007) caracteriza-se por uma recolha de dados realizada de forma rigorosa, que garantam a fidelidade e validade da informação recolhida assumindo um papel relevante no planeamento da investigação.

escolas do 2º/3º ciclos e secundário do concelho de Viseu. A amostra final do nosso estudo ficou constituída por 69 professores de Educação Física do concelho de Viseu, em que 24 são do sexo feminino e 45 do sexo masculino, distribuídos da seguinte forma: 7 professores da EB 2,3 Azeredo Perdigão-Abraveses, 4 professores da EB 2,3 D. Duarte – Vil de Soito, 3 professores pertencem à EB 2,3 D. Luís de Loureiro-Silgueiros, 7 professores da EB 2,3 Grão Vasco, 7 professores da EB 2,3 Infante D. Henrique – Repeses, 7 professores da EB 2,3 Mundão, 6 professores da EB 2,3 Viso, 4 professores pertencem à EBI D. João de Barros – Marzovelos, 10 professores da Escola Secundária de Viriato, 8 professores da Escola Secundária Emídio Navarro, 6 professores da Escola Secundária Alves Martins.

INSTRUMENTO

Para a consecução da nossa investigação, aplicámos um questionário já existente e validado, denominado “Escala de Autoperceção de Competência Profissional em Educação Física e Desportos”, adaptado para Portugal pela investigadora (Batista, 2008) através da versão original de (Nascimento, 1999; Feitosa, 2002). Este questionário é um instrumento que consiste numa escala de medida de eficácia pessoal, por referir-se apenas às convicções dos professores sobre as suas próprias capacidades para desempenhar comportamentos específicos, inerentes à profissão docente. O questionário está dividido em duas partes, na primeira pretendemos recolher os dados sociodemográficos, a segunda inclui 33 itens de competências que se propõem avaliar três dimensões, a dos conhecimentos, das habilidades e das atitudes. A dimensão dos conhecimentos, está subdividida em duas categorias: conhecimento concetual e o conhecimento procedimental. Por sua vez, a dimensão habilidades, apresenta como categorias: o planeamento, comunicação, avaliação, motivação e gestão.

FIDELIDADE DO QUESTIONÁRIO

O questionário (Nascimento, 1999; Feitosa, 2002) adaptado para Portugal por Batista (2008), foi sujeito a um validação de consistência interna, apresenta valores de Alpha de Cronbach superiores a 0,82, sendo considerado de Bom, na escala de medida de fiabilidade de (Pestana & Gageiro, 2008; Hill & Hill, 2009). Como forma de complementar a fidelidade do instrumento, efetuámos uma

nova análise para o conjunto das 33 perguntas e para cada uma das dimensões, através do método de Alfa de Cronbach para averiguar da consistência interna dos seus itens. Para o total das questões, foi obtido um Alpha de Cronbach de 0,97, valor de consistência interna considerado por (Pestana & Gageiro, 2008; Hill & Hill, 2009) de muito boa.

PROCEDIMENTOS

Para a aplicação do questionário solicitamos a autorização da DGIDC, bem como dos diretores das escolas do concelho de Viseu. Recorremos a aplicadores em cada escola, para contactarem os inquiridos e solicitarem o preenchimento do questionário.

Os questionários foram analisados através do programa de tratamento estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 18.0, tendo sido para o efeito utilizada a técnica de estatística comparativa, T-Teste.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Efetuaremos a apresentação dos resultados obtidos através do questionário, e explicitaremos os passos seguidos para a testagem da hipótese de partida: Existe diferenças significativas entre os aspetos sociodemográficos habilitações, grupo disciplinar e a autoperceção de competência profissional dos professores de Educação Física.

HABILITAÇÕES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Como se pode observar no quadro abaixo ilustrado, os resultados indicam que existe diferenças estatisticamente significativas entre as habilitações dos professores de Educação Física e a autoperceção de competência profissional ao nível da dimensão conhecimentos $t(66) = -2,83$; $p = 0,008$; habilidades $t(66) = -2,42$; $p = 0,03$ e atitudes $t(66) = -2,47$; $p = 0,02$, ou seja, a variável independente afeta a autoperceção de competência profissional. Num visionamento mais detalhado dos dados, podemos inferir que os professores detentores de grau de mestre e doutor (2º e 3º ciclos de estudos) são os que apresentam maior autoperceção de competência profissional

nas dimensões conhecimentos, ($\bar{X} = 41,83$), habilidades ($\bar{X} = 78,08$) e atitudes ($\bar{X} = 20,67$).

Tabela 1 - Análise da auto percepção da competência profissional dos professores de Educação Física em função da variável habilitações

Dimensão	Habilitações	N	Média	Desvio Padrão	t	p
Conhecimentos	Licenciatura (1º ciclo)	44	38,30	4,996	-	0,008
	Outra (2º e 3º ciclos de estudos)	24	41,83	4,761		
Habilidades	Licenciatura (1º ciclo)	44	72,70	9,088	-	0,03
	Outra (2º e 3º ciclos de estudos)	24	78,08	8,038		
Atitudes	Licenciatura (1º ciclo)	44	18,98	2,672	-	0,02
	Outra (2º e 3º ciclos de estudos)	24	20,67	2,729		

Conhecimentos $t(66) = -2,83$; $p = 0,008$; Habilidades $t(66) = -2,42$; $p = 0,03$; Atitudes $t(66) = -2,47$; $p = 0,02$

A formação é um processo contínuo, prolonga-se além da formação inicial, em que os professores devem, perante quadros de reflexão e, conseqüentemente, auto percepção de défices de competência profissional, procurar a aquisição de novos saberes. Ideologicamente, apresentamos a perspectiva de um professor prático reflexivo que segundo Imbernón (1998), citado na literatura, perante as situações de incerteza e lacunas científicas, pedagógicas e didáticas, procura através da investigação, formas de decidir e intervir adequadamente. A problematização da construção de competências com ênfase em processos de reflexão, são para Santaella (1998), o reconhecimento claro de que o processo de aprendizagem para ensinar desenvolve-se ao longo da carreira profissional. Este facto ficou comprovado neste estudo em que através dos resultados, verificámos que existe diferenças estatisticamente significativas entre as habilitações académicas dos professores de Educação Física e a auto percepção de competência profissional, nas dimensões conhecimentos, habilidades e atitudes. Quer na investigação efetuada por Rebelo (2009), quer nesta, os professores detentores do 2º e 3º ciclo de estudos são aqueles que apresentam níveis de auto percepção de competência superiores nas dimensões conhecimentos, habilidades e atitudes, comparativamente aos licenciados. Portanto, a formação segundo Pacheco e Flores (1999) possibilita a aquisição de saberes que estão diretamente associados com a prática profissional.

GRUPO DISCIPLINAR

Os resultados apresentados patenteiam, que existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo disciplinar 620 e 260, na autopercção de competência profissional, na dimensão conhecimentos $t(67) = -2,62$; $p = 0,01$, apresentando um ($p < 0,05$). O mesmo não acontece nas dimensões habilidades $t(67) = -1,365$; $p = 0,177$ e atitudes $t(67) = -1,526$; $p = 0,132$, que não existem diferenças significativas na autopercção de competência profissional, entre os grupos disciplinares 260 e 620.

Numa interpretação mais cuidada dos resultados, salientamos que os professores do grupo disciplinar 620, possuem em média uma maior autopercção de competência profissional nas dimensões, conhecimentos ($\bar{X} = 40,68$) habilidades ($\bar{X} = 75,59$) e atitudes ($\bar{X} = 19,93$), relativamente aos seus colegas do grupo disciplinar 260.

Tabela 2- Análise da autopercção da competência profissional dos professores de Educação Física em função da variável grupo disciplinar

Dimensão	Grupo Disciplinar	N	Média	Desvio Padrão	t	p
Conhecimentos	260	25	37,44	4,204	-2,626	0,011
	620	44	40,68	5,291		
Habilidades	260	25	72,52	9,274	-1,365	0,177
	620	44	75,59	8,819		
Atitudes	260	25	18,88	2,315	-1,526	0,132
	620	44	19,93	2,968		

Conhecimentos $t(67) = -2,62$; $p = 0,01$; Habilidades $t(67) = -1,365$; $p = 0,177$; Atitudes $t(67) = -1,526$; $p = 0,132$

O programa de Educação Física para o ensino básico e secundário assenta no pressuposto de que nos primeiros anos de ensino, aos alunos serão ministrados uma panóplia diversificada de atividades, com o objetivo de uma formação, nesta fase, mais generalista. A partir de uma determinada fase, o programa passa a conceber uma pré-especialização, com índices elevados de competências atingíveis nas várias modalidades lecionadas. Portanto, e perante esta conceção, as competências dos professores de Educação Física, ao longo dos níveis de ensino a lecionar, tem tendência a aumentar e especificar, a fim de, dar resposta às

solicitações emergentes do processo ensino aprendizagem. A este respeito Rocha (1999) sublinha que o modelo universitário (vacionado para ministrar a formação para o grupo 620), procura formar um professor especialista. Neste contexto, os resultados desta investigação assumem particular importância, visto que demonstraram a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos 260 e 620, na auto percepção de competência profissional na dimensão conhecimentos. No estudo de Batista (2008), os resultados indicam que os professores de Educação Física em geral, se sentem menos competentes na dimensão conhecimentos. Numa interpretação mais cuidada dos resultados, salientamos que os professores do grupo disciplinar 620, possuem em média uma maior auto percepção de competência profissional, nas dimensões conhecimentos, habilidades e atitudes relativamente aos seus colegas do grupo disciplinar 260.

CONCLUSÕES

A habilitação académica dos profissionais de Educação Física do concelho de Viseu, foi outra variável estudada. Através dos resultados, chegamos à conclusão que existe diferenças estatisticamente significativas entre as habilitações académicas dos professores e a auto percepção de competência profissional, nas dimensões conhecimentos, habilidades e atitudes, porquanto, os professores com habilitações superiores têm a percepção de possuir mais capacidade de desempenho. Por outro lado, podemos também concluir, que os professores detentores de grau de mestre e doutor (2º e 3º ciclos de estudos) são os que apresentam maior sentimento de competência profissional nas dimensões conhecimentos, habilidades e atitudes.

Quando analisámos os resultados em relação à variável grupo disciplinar e a auto percepção da competência, concluímos que na dimensão conhecimentos existe diferenças estatisticamente significativas de consciência de desempenho profissional entre os grupos, isto é, os professores do grupo 620 têm uma percepção de competência superior aos docentes que lecionam a disciplina de Educação Física nos 5º e 6º anos de escolaridade. Outra conclusão a retirar dos resultados, é que nas dimensões habilidades e atitudes os professores do grupo 620, continuam a evidenciar possuir mais grau de percepção de competência profissional, relativamente aos do grupo 260.

BIBLIOGRAFIA

- Batista, P. (2008). Discursos sobre Competência Contributo para a (re) Construção de um Conceito Aplicável ao Profissional do Desporto. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto não publicada. Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.
- Batista, P., Matos, Z., & Graça, A. (2011). Auto- Perceção das Competências Profissionais em Profissionais do Desporto: Efeito da Área de Intervenção e da Experiência Profissional. *Revista de Ciencias del Deporte*. V. 7. Nº 2. . 117-131.
- Carreiro da Costa, Carvalho, L., Onofre, M., Diniz, J., & Pestana, C. (1996). Formação de Professores em Educação Física – conceções, investigação, prática. Faculdade de Motricidade Humana. Ciências do Desporto. Lisboa: Edições FMH.
- Costa, L., & Nascimento, J. (2009). O “Bom” Professor de Educação Física: Possibilidade para a Competência Profissional. *Revista da Educação Física/UEM*. V. 20. Nº 1. 17-24. Maringá.
- Coutinho, C. (2011). Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. Teoria e Prática. Coimbra: Edições Almedina
- Feitosa, W. (2002). Competências específicas do profissional de Educação Física: Um estudo Delphi. Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de mestrado apresentada à pós-graduação em Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina.
- Fortin, M. (2000). O Processo de Investigação. Da Conceção à realização. Loures: Edições Técnicas e Científicas.
- Francisco, C. M. (2006) Estágio pedagógico na formação inicial de professores: um problema para a saúde. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Aveiro. Não Publicada.
- Hadji, C. (2010). A Avaliação de professores em França. Da inspeção ao Acompanhamento Pedagógico? In. M^a. Flores. A Avaliação de Professores Numa Perspetiva Internacional. (114-139). Porto: Areal Editores.
- Hill, M., & Hill, A. (2009). Investigação por Questionário. Lisboa: Edições Sílabo.
- Imberón, F. (1998). La Formación y el Desarrollo Profesional del Profesorado. Hacia una Nueva Cultura Profesional. Barcelona: Editorial Graó.
- Le Boterf, G. (2005). Construir as Competências Individuais e Coletivas. Resposta a 80 questões. Lisboa: Edições Asa.
- Mesquita, E. (2011). Competências do Professor. Representações sobre a formação e a profissão. Lisboa: Edições Sílabo.
- Nascimento, J. (1999). Escala de Auto Perceção de Competência Profissional em Educação Física e Desporto. *Revista Paulista de Educação*. Nº 13. 5-21. janeiro/junho. São Paulo.
- Nascimento, J. (2008). Preparação Profissional em Educação Física: Novas Competências Profissionais. In. G. Tani, e J. Bento, & R. Peterson. *Pedagogia do Desporto*. (193-202). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- Obrador, E., & Noguera, M. (2009). Identificación y Formación de las Competencias del Profesorado de Educación Física. In. D. Blázquez, & E. Sebastiani. *Enseñar por Competencias en Educación Física*. Barcelona: Inde Publicaciones.
- Pacheco, J., & Flores, A. (1999). Formação e Avaliação de Professores. Porto: Porto Editora.
- Perrenoud, P. (2001). Dez Novas competências Para uma Nova Profissão. In. Pátio. *Revista pedagógica*. Nº 17. 8-12 maio-julho. Porto Alegre
- Perrenoud, P. (1999). Construir competências é virar as costas aos saberes? *Revista pedagógica*. Nº 11, novembro. pp. 15-19. Porto Alegre. Brasil.
- Pestana, M^a., & Gageiro, J. (2008). Análise de Dados para ciências Sociais. A Complementaridade do SPSS. Lisboa: Edições Sílabo.
- Rebelo, R. (2009). Autoperceção das Competências Profissionais. Estudo em Professores de Educação Física a Exercer Funções nos Concelhos de Resende, Cinfães e Baião.

Dissertação de Mestrado, não publicada. Faculdade de Desporto. Porto: Universidade do Porto.

Rocha, L. (1999). A Formação de Professores de Educação Física em Portugal: Algumas Reflexões. Revista interuniversitária de formación del profesorado. Nº 34. janeiro/abril. pp. 277-285.

Sacristán, J. (1995). Profissão Professor. In. A. Nóvoa. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. (63-92). Porto: Porto Editora.

Santaella, C. (1998). Formación para la Profesión Docente. Grupo Editorial Universitario.

Tuckman, B. (2000). Manual de Investigação em Educação. Como Conceber e realizar o Processo de Investigação em Educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Zarifian, P. (1999). Objectif compétence. Paris: Liaisons.

Legislação Consultada:

Decreto-Lei nº 240/2001, de 30 de agosto (Perfil geral de desempenho profissional do professor dos ensinos básico e secundário)

DISCOURSES THAT MATTER: WOLE SOYINKA'S THEATRE AS A FORM OF REPRESENTING AND READING THE WORLD

DISCURSOS DE REFERÊNCIA: REPRESENTAÇÃO E LEITURA DO MUNDO ATRAVÉS DO TEATRO DE WOLE SOYINKA

DISCURSOS DE REFERENCIA: REPRESENTACIÓN Y LECTURA DEL MUNDO A TRAVÉS DEL TEATRO DE WOLE SOYINKA

Rosa Branca Figueiredo (rbranca@ipg.pt)*

ABSTRACT:

Wole Soyinka is a most significant figure in contemporary world literature. From the perspectives of the politics of postcolonial writings, perhaps the ultimate challenge of the complexity of Soyinka's works and career lies in the fact that the metanarratives that imaginatively and discursively underwrote the great liberation movements of the twentieth century do not feature in his works in their conventional and familiar configurations. Overarching all the struggles waged by these movements is the struggle for self-representation as the existential and expressive roots of human freedom. The best examples of this structure in Soyinka's theatre are *A Dance of the Forests*, *Kongi's Harvest*, *Madmen and Specialists* and *From Zia With Love*. Soyinka's critical essays also operate in a great variety of social and intellectual contexts and cover an extraordinary range of topics, including literary criticism and aesthetic theory, theatre and cultural history, political power and ideology, and, more recently religious extremism and nuclear pollution. One "form of attention" which has been influential in the reception of Soyinka's works is that of professional critics, especially with regard to the institutionalisation of the academic study of Anglophone writings of the developing world in the second half of the twentieth century.

Key-words: Soyinka, postcolonial theatre/discourse, cultural identities, African literature.

RESUMO:

Wole Soyinka é uma figura proeminente na literatura mundial contemporânea. Partindo da perspectiva da política de escrita pós-colonial de expressão inglesa, o desafio da complexidade da vida e obra do dramaturgo reside no facto de as meta-narrativas, que de forma imaginativa e discursiva estiveram na base dos grandes movimentos de libertação do século XX, não se apresentarem na

escrita Soyinkiana de forma convencional. Acima de todas as lutas desencadeadas por estes movimentos está a luta pela auto-determinação, raiz existencial e expressiva da liberdade humana. Os melhores exemplos desta demanda no teatro Soyinkiano encontram-se em peças como *A Dance of the Forests*, *Kongi's Harvest*, *Madmen and Specialists* and *From Zia With Love*. Os ensaios críticos de Soyinka operam, de igual forma, em variadíssimos contextos sociais e intelectuais cobrindo um extraordinário leque de tópicos, que vão desde a crítica literária à teoria estética, do teatro à história cultural, do poder político à ideologia, e mais recentemente, do extremismo religioso à poluição nuclear. Um tipo de atenção que tem sido decisivo na receção da obra de Wole Soyinka é a dos críticos literários profissionais, particularmente no que diz respeito à institucionalização do estudo académico da escrita anglófona do mundo em desenvolvimento na segunda metade do século XX..

Palavras-chave: Soyinka, Teatro pós-colonial, identidades culturais, literatura africana.

RESUMEN:

Wole Soyinka es una figura prominente en la literatura del mundo contemporáneo. Partiendo de la perspectiva de la política de la escritura postcolonial de la expresión inglesa, el desafío de la complejidad de la vida y obra del dramaturgo está que las meta narrativas, que de manera imaginativa y discursiva estuvieron en la base de los grandes los movimientos de liberación del siglo XX, no se presentan en la escrita de Soyinka de modo convencional. Sobre todo las luchas empezadas por estos movimientos están la lucha por la autodeterminación, raíz existencial y expresiva de la libertad humana. Los mejores ejemplos de esta busca en el teatro Soyinkiano esta en obras como *Dance of the Forests*, *Kongi's Harvest*, *Madmen and Specialists* and *From Zia With Love*. Los ensayos críticos de Soyinka funcionan de igual manera, en numerosos contextos sociales e intelectuales cubriendo una extraordinaria gama de temas, que van desde la crítica literaria a la teoría estética, del teatro al la historia cultural, del poder político a la ideología, y más recientemente, del extremismo religioso a la contaminación nuclear. Una clase de atención que ha sido decisiva en la recepción de la obra de Wole Soyinka es la crítica literaria profesional, particularmente con respecto a la institucionalización del estudio académico de la escrita anglófona en el mundo en desarrollo en la segunda mitad del siglo XX.

Palabras clave: Soyinka, Teatro postcolonial, identidades culturales, literatura africanaPh

Ph.D. in Theatre Studies, University of Lisbon with a thesis on the Nigerian Laureate playwright Wole Soyinka. Researcher at the Research Unit for Inland Development of the Polytechnic Institute of Guarda., and a collaborator at the Centre for Theatre Studies at the University of Lisbon. Recent publications include essays on Multilingualism, Multiculturalism, Cultural Identities, Ritual and African Drama. Associate Professor / Erasmus Coordinator

Submitted: 18th February 2014

Accepted: 10th April 2014

Wole Soyinka, Nigeria's leading dramatist, is a most significant figure in contemporary world literature. From the perspectives of the politics of postcolonial writings and the progressive formations of the postcolonial discourse, perhaps the ultimate challenge of the complexity and difficulty of Soyinka's works and career lies in the fact that the metanarratives that imaginatively and discursively legitimated the great liberation movements of the twentieth century do not feature in his works in their conventional and familiar configurations. These movements include the anti-colonial revolutions which pitched colonies against empires; the class struggles of working people and the poor for better conditions of life and work; the struggles for gender equality in the home, in the workplace and for the control of bodies and reproductive rights. And overarching all the struggles waged by these movements is the struggle for self-representation as the existential and expressive roots of human freedom.

It is a remarkable feature of Soyinka's writings that the metanarratives that legitimated the struggles of these social movements – to which Soyinka has undoubted deep ideological allegiances – appear in his writings as fragments, and nearly always in ironic deformations. The best examples of this structure in Soyinka's theatre are *A Dance of the Forests*, *Kongi's Harvest*, *The Road*, *Madmen and Specialists* and *From Zia With Love*. In this matter Soyinka consistently subjects the metanarratives of the emancipation of colonized societies and subaltern groups to a severe and sceptical inspection which is sometimes playful, ludic, and funny but also often grimly sardonic and nihilistic.

Soyinka's critical essays also operate in a great variety of social and intellectual contexts and cover an extraordinary range of topics, including literary criticism and aesthetic theory, theatre and cultural history, political power and ideology, and, more recently religious extremism and nuclear pollution. They are an uneven achievement, at times crisp and incisive, at times couched in a lugubrious jargon and written in dense, intricately threaded sentences that are difficult to disentangle. In large measure, the disquiet often expressed about Soyinka's mode of artistic avant-gardism by critics and theorists closely identified with particular social movements, derives from this point.

The slipperiness of Soyinka's critical prose, for example is partly a matter of content, partly of context. The essays, many of them originally lectures, were written out of diverse situations over a period of thirty years and presented to widely different audiences. For example, the early essay "The Writer in a Modern African State" (1967), in which Soyinka uncharacteristically decries "mythology" in favour of urgent contemporary relevance, came out of the national "collapse of humanity"

in the Biafra crisis of (1966) (*Art, Dialogue and Outrage*, 17,20), and his 1975 redefinition of the special “strong breed” of his 1963 carrier drama as “just ordinary human beings like you and me” reflects a felt need for public altruism and sacrifice during the political megalomania of the Gowon years (Gates 1986, 60).

There are crucial contextual differences between a highly reflective, cerebral course of lectures on African culture delivered to unreceptive Cambridge academics and an address to a predominantly black American audience in search of authentic dramatic idioms compatible with the cause of black revolution. No doubt, also, the strong anti-European polemic and refusal to accommodate Western audiences that are such marked features of both the collection of essays *Myth, Literature, and the African World* and the tragedy *Death and the King's Horseman* were partly the fruit of Soyinka's experiences in an English cultural backwater that in 1975 had not heard of African Literature and forced the visiting fellow to give his lectures in the Anthropology Department.⁴⁸

Even though there is certainly a great deal of competent criticism of African literature, there still is something of a tendency to think uncritically in terms of these contrasting categorizations – especially “communalistic” vs. “individualistic” – without the necessary distinctions and caveats in mind. These categorizations encourage the misrepresentation of certain literary works, the underestimation of their human complexity and ambiguity, and the diminishing of their merit, when they are imposed on literature structured in different terms. I would like to examine the comment of a critic who serves as example of these tendencies: a social scientist commenting on Wole Soyinka's *The Lion and The Jewel*, among other African works.

In his article, “Behavior and Cultural Value in west African Stories: Literary Sources for the Study of Culture Contact”⁴⁹ Austin Shelton argues that Wole Soyinka's play, *The Lion and The Jewel* reasserts the value of traditional, communally-based society. Soyinka's comedy concerns the victory of a chief over a superficially Westernized schoolteacher in a rivalry for a village belle – whose head has been a bit swelled as a result of the appearance of her photograph in a glossy Lagos magazine. The play is assessed as follows: “The value most clearly approved is traditional communal responsibility, revealed partly in the condemnation of self-seeking individualism” (411). Now the play does mock “modern” ways, but particularly insofar as they are espoused superficially, naively, or hypocritically by Lakunle, the village

⁴⁸ See Preface to *Myth, Literature and the African World*, Cambridge, 1976

⁴⁹ In *Black Africa: Its People and their Cultures Today*, edited by John Middleton, London, 1970, 406-12

schoolteacher. In this sense, what is being exposed, as in comedies generally, is pretension. The categories of approved traditionalism involving positive qualities (“responsibility”) and disapproved modernism involving negative qualities (“self-seeking”) may derive from the literature that celebrates or seeks unique ethical values in African social institutions, but they are not the categories that structure this play. To come to the play with these preconceived notions in mind is to miss the *comedy*. The comic stance is a more objective one. As comedy, *The Lion and The Jewel* exposes self-seeking and inconsistency – beneath various guises – in *all* characters. It shows how people use the “traditional” for “modern” purposes, and the “modern” for “traditional” purposes, in accordance with universal human motivations of pride, power, and sex, rather than out of loyalty to an abstraction such as “tradition”, or even primarily out of religious or moral conviction. If “tradition”, as exemplified by chief Baroka, wins (in the sense that Sidi the belle becomes his youngest wife), it is mainly because he is willier than Lakunle, not because he has appealed to better values, which in themselves motivate behavior. Baroka and Lakunle may not be equally good choices as mates, for economic and other reasons, but the chief is equally subject to the penetrating comic glance that distinguishes the eloquent speech from the mundane motive.

“Traditional” and “modern”, especially as they are attached to positively-evaluated “communalism” and negatively-evaluated “individualism”, may be rather meaningless and indeed misleading ready-made categories to use in the analysis of modern African literature. One suspects that such categories would also be troublesome for the social scientist. Soyinka’s play seems very much related to the work of those anthropologists concerned with the selective adaptation to new institutions, and the incorporation of new ideas or practices into existing institutions, in situations involving rapid change, such as that of modernizing Africa. Soyinka’s characters would easily fit into a world where a practitioner of folk medicine may live in an urban community and be saving money to send his son to college, or where bride-price becomes a matter of cash and is raised exorbitantly by parents of daughters. One danger of the categories is the assumption that change is an all-or-nothing experience. Another is that people act out of loyalty to abstractions, rather than in accordance with their needs, upon which many complex factors operate, including their socialization into their own systems.

The tendency to use such concepts as “traditional” and “modern”, “communalistic” and “individualistic” too carelessly and abstractly, without sufficient content in mind, and without regard for their fit with the literature being examined, is undoubtedly encouraged by the critic’s

awareness of what African intellectuals themselves have said, often for political purposes. Shelton does begin with the assumption that the African writer, like his society is inherently communally-oriented, opposed to “any consideration of African literature as individualistic ‘art for art’s sake’”. He argues that the new African Literature is reasserting a “traditional” African attitude toward art as “socially functional rather than merely aesthetically pleasing” (406).

Soyinka rejects the simple formula that produces the kind of work that would fit Shelton’s reading of *The Lion and the Jewel*: “A society, an intrusion, an all too predictable conflict” (9). Even if the writer in the emerging African national states understandably felt that he had to “postpone that unique reflection on experience and events which is what makes a writer – and constitute himself into a part of that machinery that will actually shape events,” Soyinka suggests that the writer cannot be truly useful politically if, once again, he ignores the truth, becoming “blinded to the present by the resuscitated splendours of the past”⁵⁰. As he explains his attitudes about the political role of the writer in the essay “The Writer in a Modern African State”, Soyinka is undoubtedly thinking of the Nigerian Civil War, during which he was imprisoned for supporting the Biafran cause:

This was the beginning of the abdication of the African writer and the deception which he caused by fabricating a magnitude of unfelt abstractions . . . The black tin-god would degrade and dehumanise his victim as capably as Vorster or Governor Wallace . . . The romancer and the intellectual mythmaker has successfully deleted this black portion of a common human equation . . . The myth of irrational nobility, of a racial essence that must come to the rescue of the white depravity has run its full course.⁵¹

In accordance with these opinions, while some of Soyinka’s plays do comment on materialism, they do not make “humanity” an inherent possession of Africans, nor do they associate the ethical life exclusively with traditional ways. As satirist, Soyinka shows the potential for exploitation in the older societies as well as the new – that is, he portrays *humans*. In *Kongi’s Harvest*, both the traditional rulers and the new political leaders are clearly portrayed as subject to the same kinds of motivations. Furthermore, he may use the comparison of traditional and modern to touch on issues beyond it; in *The Swamp Dwellers*,

⁵⁰ In *Black Africa: Its People and their Cultures Today*, edited by John Middleton, London, 1970, 16, 18

⁵¹ *Ibidem*, 17

neither the old religion (which is exploited by the cult priest) nor the new life in the cities can guarantee that there will be no risk, no loss in life.⁵² Preconceptions about political or social attitudes and too hasty an attempt to generalize in terms of the “traditional” and the “modern”, the “communalistic” and the “individualistic” can result in serious misreading of sophisticated literature, particularly when written by an author of Soyinka’s cast of mind.

It is probably safe to say that we are still too close to these works and to their author to be able to make any definitive assessments of each work and of the entire *corpus*. Inevitably this leads to one of the most important, but so far largely unresolved issues of textual exegesis and socio-historical explanation in Soyinka criticism to date. This pertains to the great theoretical and practical investment of Soyinka’s writings and career, taken as a whole, in being representative of the capacity of the heritage of imagination and spirit in Africa to respond adequately and even powerfully to the challenges and dilemmas of modernity as African peoples and societies have experienced them through colonial capitalism and the ravages of neo-colonial marginalization in the global order of “late”, transnational capitalism. In inscriptions interpreted by Biodun Jeyifo in his recent book on Wole Soyinka, as homologies of the self and the social, Soyinka has in nearly all his major works approached these challenges and dilemmas through the imaginative prism of what he deems inextricable dualities in nature and human existence in general, but with particular regard to the phenomenon of violence: destruction and creation, reactionary terror and restorative, cleansing bloodletting. There is a metaphysical dimension to this conception of violence and Soyinka’s theoretical essays and imaginative writings are topheavy with images and tropes from nature and from what he calls “nuomenal forces” to shore up this metaphysics. But there is a pragmatic, even revolutionary sociology involved as well, for Soyinka has never abandoned his consuming need to expose and debunk the reactionary, sel-serving terror and violence of corrupt, tyrannical despots, even if he has steadfastly refused to romanticize and idealize the counter-hegemonic violence of his great protagonist characters and their followers. This is indeed why these protagonist characters of Soyinka’s most ambitious works are men of violence who carry within themselves part of the evil which they oppose and try to confront by violently jolting complacencies of custom and thought in their societies. Jeyifo further asserts that at the bottom of Soyinka’s artistic sensibilities and political activism is a profound and unflinching preoccupation with the place of violence in human affairs.

⁵² See Gerald Moore, Wole Soyinka, New York, 1971, 16-19.

Soyinka's aesthetic philosophy, as formulated in a densely symbolic essay like "The Fourth Stage" or essays of great clarity and eloquence like "The Writer in a Modern African State" and "Climates of Art" is one founded on the *generativity* and the contradictoriness of violence. According to Jeyifo, violence in this conception is both productive and destructive, both potentially reactionary and revolutionary, depending on matters of circumstance, interests and will. If anything gives coherence to the extraordinary range of our author's activist involvements and interventions in the political life of his country in the last four decades, it is this utter preparedness not to flinch from the seeming central place of violence in human affairs, either in consolidating the reign of terror and repression in Africa and other regions of the world or, conversely in mobilizing effective opposition to the violence of the rulers as sedimented in the instruments of force and coercion.

In the dominant strains of Soyinka criticism, the Nigerian author's metaphysics and pragmatics of violence and evil as forms of representing and reading the world have been more or less accepted on their own terms and based on this, much has been written that is useful for the light that it sheds on the sources of the symbolic and imaginative richness of Soyinka's most important works of fiction, drama and poetry.

I would like to finish this paper by quoting Biodun Jeyifo again and emphasise my total agreement with this critic when he says that:

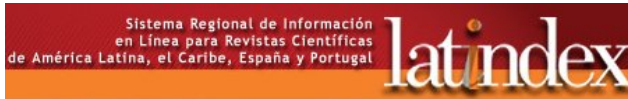
It is time to go with Soyinka's most ambitious and challenging works like *A Dance of the Forests*, *The Road*, *Madmen and Specialists*, *Death and the King's Horseman*, *A Shuttle in the Crypt*, *The Bacchae of Euripides*, *Isara*, and *Outsiders* and read them complexly and comparatively as appertaining both to Africa and the developing world and the whole of humanity. This radical hermeneutic act can be helped if we secularise and historicize the significations of these "worlds": the ancestors, living generations and unborn denizens of the world are co-extensive in the ways that the defeats, victories, energies and capacities of the precolonial and colonial pasts are still residually with us in the postcolonial present and future, just as "structures of feeling" of the epochs of precapitalism and capitalism still haunt the present of late capitalism, with important intimations and portents for our future postcapitalist world. (Jeyifo 2004, 288)

BIBLIOGRAPHY:

- Agetua, John (1973). *Interviews with Six Nigerian Writers*, Benin City, Bendel Newspaper Corporation.
- Asagba, Austin O. (1986). Roots of African Drama: Critical approaches and Elements of Continuity. *Kunapipi* 3 (3) : 84-99.
- Duerden, D. and C. Pieterse, eds. (1972). *African Writers Talking*, London, Heinemann Educational.
- Gates, H. Louis Jr. ed. (1986). *"Race", Writing and Difference*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Gibbs, J. and B. Lindfors, eds. (1993). *Research on Wole Soyinka*, Trenton, Africa World Press, Inc..
- Gilbert, H. and J. Tompkins (1996). *Post Colonial Drama: theory, practice, politics*, London, Routledge.
- Griffiths, Gareth (2000). *African Literatures in English*, Harlow, Longman.
- Jeyifo, Biodun (1988). *Perspectives on Wole Soyinka: Freedom and Complexity*, Mississippi, University Press of Mississippi.
- (2004). *Wole Soyinka: Politics, Poetics and Postcolonialism*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Jones, Eldred D. (1983). *The Writing of Wole Soyinka*, London, Heinemann.
- Katrak, Ketu H. (1986). *Wole Soyinka and Modern Tragedy: A Study of Dramatic Theory and Practice*, Westport, Conn. Greenwood Press.
- Maja-Pearce, Adewale, ed. (1994). *Wole Soyinka: An Appraisal*, Oxford, Heinemann.
- Moore, Gerald (1971). *Wole Soyinka*, New York.
- Msiska, Mpalive-Hangson (1988). *Wole Soyinka*, Plymouth, Northcote House Publishers Ltd.
- Shelton, Austin. (1970). Behavior and Cultural Value in West African Stories: Literary Sources for the Study of Culture Contact. In *Black Africa: Its People and their Cultures Today*, edited by John Middleton, London, 406-12.
- Soyinka, Wole (1973). *Collected Plays* (vol.1), Oxford, Oxford University Press.
- (1974). *Collected Plays* (vol.2), Oxford, Oxford University Press.
- (1975). *Death and the King's Horseman*. London: Methuen Drama.
- (1976). *Myth, Literature and the African World*, Cambridge, Cambridge University Press.
- (1988). *Art, Dialogue and Outrage: Essays on Literature and Culture*, Ibadan, Nigeria, New Horn Press (distributed in England by Hans Zell, Oxford).
- (1999). *The Burden of Memory, The Muse of Forgiveness*, Oxford, Oxford University Press.
- (1999). *Wole Soyinka: Plays 2*, London, Methuen Drama.
- Wright, Derek (1993). *Wole Soyinka Revisited*, New York, Twayne Publishers.

Indexação da Revista

Latindex



Copernicus



Base de Dados em que consta a revista

Proquest



EBSCO



Egitania
s c i e n c i a

IPG
Instituto
Politécnico
da Guarda